

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS:
PERCEPÇÕES E CRÍTICAS

Yasmine Mazzoni Jalmusny

Porto Alegre, julho de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS:
PERCEPÇÕES E CRÍTICAS

Yasmine Mazzoni Jalmusny

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Paula Ramos, como requisito parcial e final à obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte.

Porto Alegre, julho de 2010.

A banca examinadora, reunida para avaliação no dia 14 de julho de 2010, foi constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Alexandre Ricardo dos Santos

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Albani de Carvalho

Profa. Dra. Paula Viviane Ramos (Orientadora)

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à contribuição de todos entrevistados para esta pesquisa, por dedicarem seu tempo à minha investigação sobre o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Agradeço à minha orientadora, Paula Ramos, minha grade “guru” na trajetória dos estudos em Artes Visuais, sempre dando seus conselhos sábios, e por ter se dedicado comigo a este projeto. Agradeço também aos membros da banca, Alexandre Ricardo dos Santos e Ana Maria Albani de Carvalho, por serem referências tão fortes para mim dentro do Instituto de Artes. Agradeço aos meus pais, por me incentivarem em todas as minhas escolhas. Aos meus avós, Silvia e Luiz Arthur, por estarem sempre tão presentes na minha vida. Agradeço à minha grande amiga Alice Souza, preciosidade que conheci dentro do Instituto de Artes, com quem pude compartilhar experiências e conhecimentos. Agradeço a Paulo Crochemore, pela sua presença neste momento da minha vida, compartilhando comigo anseios e risadas.

Sumário

Resumo.....	6
Introdução.....	8
1. Prêmio Açorianos de Artes Plásticas: Edital e Limites.....	14
2. Prêmio Açorianos de Artes Plásticas: Percepções, Polêmicas e Críticas.....	22
Apontamentos Finais.....	43
Referências Bibliográficas.....	47

Resumo

O presente trabalho tem como foco o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, criado em 2006 pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Em suas quatro edições, o prêmio provocou muitas alegrias e também polêmicas. O texto parte desta premiação para discutir questões de reconhecimento, legitimidade e funcionamento do campo artístico na cidade de Porto Alegre. Em sua constituição, a pesquisa se estrutura no levantamento de dados relativos ao prêmio, na análise dos editais e na realização de diversas entrevistas com agentes do campo artístico sulino, a partir das quais percepções sobre a situação do próprio campo se manifestam.

Palavras-chave: campo artístico em Porto Alegre; Prêmio Açorianos de Artes Plásticas; legitimidade.

Ao longo trabalho, serão usadas algumas siglas, a fim de evitar repetição de expressões e nomenclaturas. São elas:

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

SMC – Secretaria Municipal de Cultura (da Prefeitura Municipal de Porto Alegre)

CAP – Coordenação de Artes Plásticas (da Secretaria Municipal de Cultura)

PAAP – Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (criado pela Coordenação de Artes Plásticas)

Introdução

Sempre me interessei em compreender o funcionamento daquilo que chamamos de “campo artístico”, sobretudo em termos de Brasil e, em especial, Porto Alegre. Ao longo de minha formação em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte, também tentava (tento!) assimilar qual seria o meu papel neste campo. Intrigam-me as relações estabelecidas entre os agentes do campo; sempre quis entender o que faz com que um artista exponha em um museu ou em uma galeria, o que faz com que ele tenha textos escritos por um determinado crítico e o que faz com que ele receba uma determinada distinção.

Em 2006, surgiu em Porto Alegre o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (PAAP), criado pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC), o único voltado às artes visuais em Porto Alegre e um dos poucos em nível estadual. Quando surgiu, provocou um sentimento geral de euforia e satisfação junto ao meio artístico; afinal de contas, as pessoas gostam de receber homenagens e distinções. Entretanto, ao longo das suas quatro edições, o prêmio suscitou diversas discussões e polêmicas, calcadas em questões como os indicados e os vencedores, passando pela composição dos júris, das restrições do edital criado pela Prefeitura e, até mesmo, sobre a necessidade de uma premiação desse tipo. Instigada a pensar na importância (ou não) do prêmio, nos seus objetivos e implicações, decidi pesquisar e refletir sobre o mesmo, apesar de seu curto período de existência. Acerca disso, aliás, considero fundamental comentar que, embora se trate de um tema muito próximo – tanto geográfica, como temporalmente –, ele é

também importante, inclusive para tentar compreender algumas engrenagens que movimentam o citado campo artístico porto-alegrense.

Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), o campo “[...] é um espaço das relações de força entre agentes ou instituições” (BOURDIEU, 1996, p. 244). Para ele, o campo é um âmbito de disputas entre estes agentes, podendo também ser visto como uma esfera de luta pela consagração. Segundo Bourdieu, qualquer pesquisa que discuta questões do campo deve operar em três níveis: (1) análise do campo artístico e sua relação com o campo de poder; (2) análise da estrutura interna deste campo, ou seja, da estrutura das relações objetivas entre as posições que os indivíduos e grupos ocupam em situação de concorrência pela legitimidade; (3) o exame da gênese dos *habitus* dos ocupantes dessas posições, isto é, os sistemas de disposições adquiridos em uma trajetória e posições determinadas no interior do campo em questão. Como se pode perceber, a partir dos pressupostos de Bourdieu, trata-se de uma tarefa complexa analisar e discutir as relações estabelecidas no campo. E eu não farei, nos limites deste trabalho, uma análise do campo artístico de Porto Alegre, mas discutirei questões que tangenciam, sim, suas estruturas.

O conceito de *habitus* é fundamental para Bourdieu; o autor o entende como a interiorização de normas e valores; é ele que possibilita que o agente se situe e oriente sua ação. Através do *habitus* se constituiria uma espécie de “sentido” do jogo no qual o agente não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira reflexiva no espaço social, funcionando como uma matriz de percepções e ações. Portanto, a noção de *habitus* pode ser entendida:

[...] como sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático como categorias de percepção e apreciação, [...] como princípios organizadores da ação, significava construir o agente social na sua verdade de operador prático de instrução de objetos. (BOURDIEU, 1990, p.26)

Já o sociólogo da corrente do *interacionismo simbólico*, Howard Becker (1928), pensa as relações estabelecidas no campo artístico a partir da idéia do conceito de “mundo das artes”. Para ele, este mundo seria composto pelas pessoas envolvidas desde a criação da matéria-prima da obra de arte, passando pelos artistas, críticos, produtores e vendedores. Todos estes agentes estariam igualmente presentes no processo e seriam igualmente importantes na composição da rede da arte; ou, como resume a socióloga Nathalie Heinich, “[...] ressalta as interdependências e as interações efetivas, concorrendo para a formação e ‘labelização’, a etiquetagem material e mental de um objeto como obra de arte” (HEINICH, 2008, p.118).

A existência de mundos da arte, assim como a maneira que sua existência afeta tanto a produção, quanto o consumo de trabalhos artísticos, sugere uma abordagem sociológica da arte. [...] Ela produz, ao

contrário, uma compreensão da complexidade das redes de cooperação através do qual a arte acontece. (BECKER, 1982, p.1)¹

Apesar das especificidades das definições de Bourdieu e de Becker, ambos orbitam em torno de um pensamento mais ou menos unânime, ou seja, que se trata de uma relação de poder estabelecida no plano simbólico.

Existem hoje, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo inteiro, várias formas e expressões ligadas a essa compreensão de campo artístico: há artistas, críticos, instituições e eventos identificados com o “grande campo”, de âmbito mais internacional e, de certa forma, “oficial”, assim como há os campos “periféricos”, articulados, por exemplo, a partir de grupos de jovens artistas e de iniciativas que, embora ainda não tenham sido legitimados pelo “grande campo”, também dão as suas contribuições importantes para o funcionamento deste.

A partir do recorte “Porto Alegre”, discutindo o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas e compreendendo esse simbólico jogo de forças estabelecido no interior do campo artístico, interessa-me abrir uma reflexão acerca das qualidades e limites do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Quero discutir as categorias contempladas pelo prêmio, buscar compreender o que ele, de certa forma, legitima.

Entendo que um prêmio é uma forma de distinção, valorização e estímulo. No caso de Porto Alegre, historicamente poucos são os prêmios voltados à área de artes plásticas. Isso talvez se deva, inclusive, ao fato de a própria história da arte na capital sul-rio-grandense ser relativamente recente. Pesquisadores como Maria Lúcia Kern, Susana Gastal, Maria Amélia Bulhões, Neiva Bohns e Flávio Krawczyk, entre outros, desenvolveram uma séria de estudos sobre a formação do campo artístico no Rio Grande do Sul e, em especial, na capital (KERN, 2007; GASTAL, 2007; BULHÕES, 2007; BOHNS, 2005; KRAWCZYK, 1997). E todos apontam que esse campo só começa, efetivamente, a se constituir, a partir de 1908, quando surge a EBA, a Escola de Belas Artes, atual Instituto de Artes da UFRGS. Antes disso, as pessoas que quisessem trabalhar com artes tinham basicamente duas opções: ou buscavam a Escola Nacional de Belas Artes, antiga Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, ou se dedicavam a desenvolver uma trajetória autodidata, muitas vezes com auxílio de um professor particular, geralmente também ele de formação autônoma. O mercado de arte igualmente era bastante limitado; para sobreviver, muitos artistas precisaram trabalhar como ilustradores, como aconteceu com nomes como João Fahrion (1898-1970) e Edgar Koetz (1913-1969), que

¹ The existence of art worlds, as well as the way their existence affects both the production and the consumption of art works, suggests a sociological approach to the arts. [...] It produces, instead, an understanding of the complexity of the cooperative networks through which art happens (BECKER, 1982, p.1).

integraram a antiga Seção de Desenho da Editora Globo (RAMOS, 2007). Já os que tinham encomendas, precisavam, geralmente, atender a uma demanda de retratos ou pinturas de paisagem de gosto mais naturalista e viés acadêmico, imagens essas compradas por ricos fazendeiros ou políticos (KERN, 2007; GASTAL, 2007).

Antes do surgimento do MARGS, em 1954, criado pelo pintor paulista Ado Malagoli (1906-1994), também não havia galerias ou espaços expositivos; as obras eram exibidas em saguões de lojas, sendo que a mais famosa, na primeira metade do século XX, foi a Casa Jamardo (BOHNS, 2005).

Foi no início do século passado que também despontaram os primeiros salões de arte, nos quais havia um tipo de premiação. O mais importante na época foi o Salão de Outono, que aconteceu em 1925, em Porto Alegre. Conforme aponta Krawczyk (1997), dele participaram 39 pintores com 158 obras, entre os quais estavam Pedro Weingärtner (1853-1959), Oscar Boeira (1883-1943), João Fahrion e o tcheco Francis Pelichek (1896-1937). Desde aquela época – como, aliás, era comum no próprio Salão Nacional de Belas Artes, organizado pela Escola Nacional de Belas Artes –, os artistas com os “melhores trabalhos”, a partir do julgamento de um júri (geralmente formado por professores da instituição), recebiam algum tipo de distinção ou de premiação. Outros salões importantes que davam prêmios foram o Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, criado pelo Instituto de Belas Artes, que durou de 1939 a 1943, sendo retomado apenas em 1953; o Salão da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisbôa, que começou em 1942, estendendo-se até 1960; o Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre, que começou em 1953, tendo diversas pausas para só ser retomado em 1988; e o Salão Panamericano, que aconteceu unicamente em 1958 (KRAWCZYK, 1997). Mais recentemente, um evento que tem dado este tipo de distinção é o Salão do Jovem Artista, organizado pelo Grupo RBS, que existe desde 1972 e retomou com frequência desde 1996.

O fato é que prêmios não têm feito parte da recente história das artes visuais em Porto Alegre. Eles não são comuns e, portanto, foi com entusiasmo que muitas pessoas receberam o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, em 2006. Ele não tem um perfil semelhante aos prêmios ligados a salões, como os citados no parágrafo acima. Nesses, os artistas inscreviam seus trabalhos sabendo que haveria um júri, e o vencedor sairia daquele conjunto de trabalhos inscritos. A situação do Açorianos é distinta: nesse caso, o prêmio é dado através ou da inscrição do artista, ou da indicação do júri. Trata-se, portanto, de um tipo diferenciado de legitimação. São agraciadas exposições realizadas no ano anterior, na cidade de Porto Alegre, e que tenham tido um prazo de exibição não inferior a 20 (vinte) dias. Os limites do edital, como veremos em breve, são maiores; mas, de forma sumária, essa é a idéia base.

O objetivo geral do meu trabalho é compreender os caminhos para a legitimação no campo artístico de Porto Alegre, tomando o caso do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. A partir desse mote, pergunto-me: um prêmio é importante no processo de legitimação e reconhecimento? E o Prêmio Açorianos, em particular, é importante? Quero também entender o que acontece com os artistas após esta distinção, ou, mais especialmente, se a premiação ajuda a alavancar uma carreira ou é apenas reconhecimento de uma trajetória. Também me proponho a pensar como se estabelecem as relações entre agentes do campo, artistas, críticos, membros do júri, a partir desse exemplo.

Para tanto, realizei um amplo levantamento de dados sobre a premiação, envolvendo desde a lei que o criou, passando pelos editais anuais (que foram modificados ano a ano), recortes de reportagens jornalísticas e os catálogos produzidos pela Prefeitura, após as premiações: documentos, anteriormente nunca reunidos e agora sistematizados, que facilitarão próximas pesquisas sobre o assunto. Entretanto, acredito que a principal contribuição do meu trabalho está no conjunto de entrevistas que realizei, com diversas pessoas envolvidas, de alguma forma, com o campo artístico ou, em especial, com o Prêmio Açorianos. Ao todo, foram 18 entrevistas, sendo que a grande maioria delas foi feita presencialmente. E embora tenha feito um roteiro de perguntas, as entrevistas não seguem, exatamente, esse roteiro, tendo sido ajustadas à medida que os entrevistados discorriam sobre um ou outro tema. Creio que esses depoimentos podem fornecer um rico panorama das percepções de agentes do campo artístico porto-alegrense não somente sobre a relevância, ou não, do Prêmio Açorianos, mas sobre o próprio funcionamento e as carências do campo artístico local. Nesse sentido, percebo a importância do meu trabalho, inclusive para investigações futuras.

Estruturalmente, o texto está dividido em duas partes: no primeiro capítulo, trago informações sobre o Prêmio Açorianos em si, seu edital e suas regras, apresentando e discutindo as propostas do Prêmio, a partir da comparação com os editais dos Açorianos mais antigos, das áreas de Teatro, Música e Literatura. Neste capítulo, também levanto problemáticas do próprio campo artístico no qual o Prêmio está inserido, e estratégias de legitimação deste para reconhecer e ser reconhecido. Já o segundo capítulo traz uma discussão mais profunda sobre a premiação, estabelecida fundamentalmente a partir dos depoimentos dos entrevistados. Nele, desenvolvo questionamentos sobre a premiação, contrapondo com as entrevistas e os conceitos levantados ao longo da pesquisa. Esta etapa, que aborda diretamente o meu objeto de estudo, enfatiza as polêmicas e críticas da premiação.

1. Prêmio Açorianos de Artes Plásticas: Edital e Limites

O Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (PAAP), concedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), homenageia, no seu nome, os açorianos, portugueses da Ilha dos Açores que fizeram o povoamento de Porto Alegre a partir da metade do século XVIII. A data tradicional da entrega do prêmio, 8 de maio, é também aquela na qual se comemora o dia do artista plástico no Brasil. Nesse dia, uma parcela da comunidade artística local se reúne no Teatro Renascença, localizado junto ao Centro Municipal de Cultura, para assistir à entrega das estatuetas originalmente criadas pelo escultor Xico Stockinger (1919-2009) e que são os “troféus” para quem se destaca ao longo do ano no meio artístico porto-alegrense, pelo menos aos olhos dos jurados do PAAP.

O Prêmio Açorianos existe em quatro categorias: Teatro e Dança, Música, Literatura e Artes Plásticas. O mais antigo deles é o de Artes Dramáticas², instituído por lei no dia 24 de março de 1977. Naquele momento, o prêmio foi criado para reconhecer a produção teatral na cidade, visto que Porto Alegre estava se tornando um palco de produção relevante no cenário teatral no país. Depois foi a vez do Açorianos de Música, datado de 1988, e do de Literatura, de 1994. Apenas em 2006, ou seja, 29 anos depois do surgimento do Açorianos de Teatro, é que

² Nos decretos de lei, o Prêmio Açorianos de Teatro está como Prêmio Açorianos de Artes Dramáticas.

despontava o Açorianos de Artes Plásticas. A partir dessa constatação, a pergunta que rapidamente surge é: por que tão depois? Este fator, por si só, já nos instiga a pensar nas deficiências do campo artístico de Porto Alegre, uma vez que o prêmio voltado às Artes Visuais surgiu muito tardiamente, quando comparado com os outros. E por que isso aconteceu? Seria um problema de organização da classe? A classe artística porto-alegrense não considerava o prêmio importante, para nunca ter se questionado? Ou, ainda: por que o PAAP só surgiu em 2006, num momento que, como sabemos, algumas das principais instituições voltadas às artes, administradas, inclusive, pelo governo municipal e pelo governo estadual, estavam (estão!) em descrédito? Se pensarmos no que aconteceu com a Casa de Cultura Mário Quintana, espaço referencial surgido nos anos 1990 e que hoje encontra-se em constrangedor abandono; se pensarmos no que aconteceu com o Museu de Arte Contemporânea, fundado em 1992, que durante pelo menos dez anos foi uma referência e que hoje encontra-se fechado; se pensarmos no que acontece com a Galeria Iberê Camargo, administrada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e localizada na Usina do Gasômetro, que teve várias obras de artistas em exposição danificadas ou mesmo roubadas; se pensarmos no número exíguo de galerias hoje funcionando em Porto Alegre... e isso tudo apesar de Porto Alegre sediar uma bienal internacional de artes visuais e de sediar um museu de nível internacional, como o Museu Iberê Camargo...

A partir dessas reflexões iniciais, podemos afirmar que há uma crise institucional, sobretudo ligada aos espaços de exposição públicos. Ao mesmo tempo, porém, existem iniciativas importantes, que têm buscado o revigoramento do campo e que não estão atreladas a governos. É o caso do Torreão, fechado no ano passado, mas que teve uma atuação fundamental, estabelecendo um circuito de Porto Alegre com outras cidades e artistas do Brasil e mesmo do exterior. Também é o caso do Atelier Subterrânea, que nos últimos anos assumiu um papel de protagonismo no cenário local e que, inclusive, foi recentemente contemplado com a Bolsa Funarte Artes Visuais. Outro exemplo de iniciativa na área é a da Fundação Vera Chaves Barcellos, que inaugurou no último mês de maio um novo espaço expositivo, a Sala dos Pomares, na cidade de Viamão. Tais exemplos são inegavelmente importantes, mas não devemos nos esquecer de que, infelizmente, muitas das instituições públicas sulinas e, em especial, porto-alegrenses, cuja natureza e objetivos estão na preservação e exibição das artes visuais, encontram-se em situação de abandono, ou sem uma clara política cultural. E é nesse cenário que uma instância do governo cria um prêmio para as artes visuais. Contradição?

Analisando o funcionamento desse campo e os problemas urgentes, sobretudo detectados nos últimos dez anos, pergunto-me: o surgimento do prêmio, nesse momento, não estaria tentando, justamente, amenizar as deficiências do campo? Não estaria tentando fazer

com que as pessoas do campo vivessem uma falsa idéia de que tudo está bem? Para responder a essas perguntas, coloco o próprio PAAP em questão, como reflexo de “uma fatia” deste campo. Para tanto, trago um pouco de sua própria história.

A gestação do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas se deu em 2001, em um momento em que a Coordenação de Artes Plásticas (CAP) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA) estava em transição. Depois de dez meses à frente da citada Coordenação e tendo proposto o prêmio, a produtora cultural Marisa Veeck deixava o posto, passando-o à artista Regina Ohlweiler e, em seguida, à também artista Ana Pettini, que decidiu dar continuidade à proposta de Veeck. Segundo a produtora cultural Marisa Veeck, mentora do PAAP, este foi pensado muito antes; mas, devido às burocracias, demorou para ser aprovado:

[...] [Começou] Em 2001, quando eu era coordenadora de Artes Plásticas. A gente começou as primeiras reuniões para estudar o regulamento, a partir dos regulamentos que já existiam dos outros Prêmios Açorianos. Então eu convidei a Clara Pechansky, o Alfredo Nicolaiewsky, a Anete Peres... não lembro se tinha mais alguém... Pra estudarem aqueles regulamentos pros editais e criar o nosso, de Artes Plásticas. Como eu fiquei só 10 meses na Coordenação, quando eu saí este processo estava na Prefeitura, praticamente aprovado, só faltava a publicação e, quando eu saí, parou e quem levou adiante isto foi a Ana Pettini. Foi a Ana Pettini quem pegou este material que só faltava publicar em Diário Oficial.³

Ana Pettini só conseguiu efetivar a idéia do Prêmio realmente em 2006, quando a lei foi divulgada, criando finalmente a premiação na área de Artes Plásticas:

[...] Daí, então, em 2006 eu retomo o processo de leitura, reorganização do edital e ali realmente ele foi criado, naquele momento que ele foi assinado. Aquela assinatura lá tinha sido só mídia, mas consta lá a assinatura. Mas ele foi criado em setembro de 2006. Na regulamentação do primeiro edital, a gente fez inscrições e indicações revendo 2006. Por quê? O que eu pensei foi: se eu lançar 2006, daí vai sair só 2007 e nós vamos entregar o Prêmio só lá em 2008. Em 2009 acabou a gestão; já está entrando outro governo e aí eu achei que o Prêmio ia ficar muito frágil, muito começando ainda, correndo o risco de um próximo prefeito cortar, achar que é bobagem. Então, desde 2006 com isso, ele se fortalece, em vez de ter acontecido uma, já era três... já estava pronto. Eu acho que essa foi a grande sacada de recuperar, vamos dizer assim, esses destaques de 2006.⁴

O PAAP, na sua primeira edição, em 2007 (premiando atividades de 2006), contemplou os seguintes destaques:

Destaque em Pintura

Destaque em Escultura

Destaque em Desenho

Destaque em Cerâmica

³ Marisa Veeck, em entrevista à autora no dia 25 de março de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Destaque em Gravura
Destaque em Mídias Tecnológicas
Melhor Exposição Individual
Melhor Exposição Coletiva
Artista Revelação
Destaque em Projeto Alternativo de Produção Artística
Destaque em Curadoria de Exposição
Destaque em Produção de Textos Publicados sobre Artes Plásticas
Apoio/Patrocínio
Destaque Espaço Institucional

Nessa primeira edição, como vemos, os destaques estão atrelados a categorias mais tradicionais das artes. Não há, por exemplo, uma indicação para instalação, um tipo de produção tão marcante na contemporaneidade; não há também indicação para performance ou para *site-specific*, entre tantos outros. Aliás, é de se perguntar sobre a divisão em categorias, se partirmos do pressuposto de que, na arte contemporânea, não existem mais essas divisões de linguagens tão estanques. Percebe-se, nessa configuração, um olhar ainda marcado por categorias mais tradicionais.

Na segunda edição do prêmio, foi incluída a categoria de *Destaque em Fotografia*. Também foi feita uma sutil modificação: a categoria *Destaque em Produção de Textos Publicados sobre Artes Plásticas* cedeu lugar para *Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados*. Essa última mudança se deu, segundo a própria CAP, pela falta de produção de publicações na área, abrindo mais o leque de possibilidades, com o objetivo de premiar de livros a folders de exposição, o que provavelmente gerou um certo desconforto aos concorrentes e ao próprio júri.

Outra especificação limitadora do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas se refere à questão do tempo de duração das exposições indicadas. Nos seus primeiros editais, a Coordenação de Artes Plásticas ressalta o fato de que as exposições devem ter no mínimo 20 (vinte) dias de duração, para que concorram à premiação.

[...] Parágrafo 1º - Os artistas que tiverem participado de mostras individuais, coletivas, ou propostas alternativas, abertas ao público pelo período mínimo de 20 dias, por exposição e eventos realizados em Porto Alegre. ⁵

⁵ O edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas encontra-se nos Anexos deste trabalho.

Essa especificação também desponta no edital do Prêmio Açorianos de Teatro e Dança:

[...] Os espetáculos de Teatro e Teatro Infantil deverão cumprir, no mínimo, uma temporada de 4 semanas (perfazendo no mínimo 08 apresentações) e os de Dança, um mínimo de 03 apresentações. Estes últimos, caso se apresentem em teatros ou espaços de grande porte, a critério da Comissão Julgadora de Dança, poderão concorrer mesmo com um número menor de apresentações.

Espetáculos de teatro de rua obrigatoriamente têm que cumprir uma temporada de, no mínimo, 06 apresentações, divulgadas previamente, para concorrerem ao Prêmio.⁶

Tal configuração nos leva a perguntas como: quais são os conceitos que a SMC tem em relação à possível efemeridade de uma exposição, ou mesmo da obra de arte? Sendo assim, diversos trabalhos de qualidade são excluídos de uma possível premiação por questões muitas vezes burocráticas, ou por não terem necessariamente um local de exposição, por serem uma *intervenção urbana*. Esse tipo de pensamento nega o próprio conceito de arte contemporânea, fazendo com que a premiação da Prefeitura se mostre “atrasada” em muitas de suas instâncias, não incentivando trabalhos e pesquisas artísticas que aconteçam fora dos muros dos locais de exposição tradicionais.

Em praticamente todos os editais, mudanças ocorrem. Já foi divulgada no edital da quinta edição do PAAP (2011), a criação da categoria de *Acervos e Memória*. Isso nos remete ao problema da própria Prefeitura, em relação ao espaço dado aos seus acervos. Como sabemos, a Pinacoteca Ruben Berta está sem espaço definido, dividindo área com a Pinacoteca Aldo Locatelli. Essa auto-afirmação da Prefeitura pôde ser claramente percebida na edição de número três, quando, na categoria *Apoio e Patrocínio*, os premiados foram a Companhia Zaffari de Supermercados e a Tramontina, justamente pelo apoio ao projeto de revitalização do Acervo Artístico da Prefeitura de Porto Alegre...

Como o prêmio é concedido por um júri escolhido pela Prefeitura, um júri dividido em duas instâncias, um de seleção e um de premiação, espera-se que eles façam, no mínimo, um acompanhamento das exposições anuais. Isso acontece no Prêmio Açorianos de Teatro, quando o júri é escolhido no final do ano para acompanhar as produções do próximo ano, inteiramente. O jurado dessa área tem obrigação de acompanhar praticamente tudo que é encenado na capital. Aliás, está indicado no próprio edital da área os compromissos que os membros do júri devem seguir à risca:

[...] Cada jurado deverá fornecer seus dados pessoais para um cadastro da Coordenação de Artes Cênicas, inclusive seu fone de contato e email, para ser avisado das estréias e das temporadas dos espetáculos concorrentes ao Prêmio e se comprometerá a assistir a todos os espetáculos previamente inscritos. Os jurados deverão, ainda, comparecer a reuniões de avaliação quando convocados.⁷

⁶ O edital do Prêmio Açorianos de Teatro encontra-se nos Anexos deste trabalho.

⁷ O edital do Prêmio Açorianos de Teatro encontra-se nos Anexos deste trabalho.

Para cumprir com a agenda teatral do ano para a cidade, cada membro do júri recebe um cachê de acordo com de acordo com a disponibilidade orçamentária desta Coordenação, assim como também é indefinido no edital de Música. No caso do Prêmio Açorianos de Literatura, o júri é constituído por oito Júris Específicos, tendo, cada qual, três integrantes, que recebem os livros quatro meses antes da entrega do prêmio, para poder julgá-los, recebendo, para tanto, um cachê simbólico de R\$ 500,00 (quinhentos reais). Trata-se de uma situação diversa da que encontramos no PAAP, no qual o júri, em sua maioria, é convidado alguns meses antes da premiação. Até a sua terceira edição, inclusive, o “pagamento” do cachê dos membros do júri do PAAP se dava pelo recebimento de um “mimo” da PMPA: uma gravura. Tanto no edital do Açorianos de Música, como no de Teatro e de Artes, há a indicação acerca do pagamento de honorários aos jurados; no entanto, ao contrário do edital de Literatura, estes não especificam o quanto cada jurado irá receber. No edital relacionado ao PAAP, o texto diz o seguinte:

[...] Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da SMC.⁸

Neste ano de 2010, foi a primeira vez que os membros do júri do PAAP receberam cachê: R\$ 500,00 (quinhentos reais) por participação em cada júri, de seleção ou de premiação.

Excetuando as questões financeiras, pouco muda nos editais dos Prêmios Açorianos, apesar de ampliarem suas categorias todos os anos. Além disso, somente os editais de Música e de Literatura não apresentam, em seus regulamentos, a obrigatoriedade dos concorrentes quanto ao fato de residirem em Porto Alegre. Essa distinção de editais provoca um embate nas outras áreas. O PAAP, assim como o de Teatro, não aceita concorrentes que residam em outras cidades; só podem participar os que vivam em Porto Alegre ou na região metropolitana:

[...] Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, com inscrições e as indicações dos membros da comissão de seleção, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos.⁹

Já como mostra o edital do Prêmio Açorianos de Literatura, as especificações em relação à questão da residência dos concorrentes são um pouco mais complexas, porém menos restritas, quando comparadas ao edital do PAAP:

[...] 1.3 - Os concorrentes deverão ter algum vínculo com a cidade de Porto Alegre: (a) sendo nascidos ou residentes em Porto Alegre; (b) sendo publicados por editora porto-alegrense.

⁸ Idem.

⁹ O edital do Prêmio Açorianos de Teatro encontra-se nos Anexos deste trabalho.

1.3.1 - Compreende-se por editora porto-alegrense a empresa responsável por edição de livros que esteja situada na cidade de Porto Alegre.

1.3.2 – No caso das categorias não-literárias de Capa e Projeto Gráfico/Design, o profissional responsável por essas atividades não precisará ter o vínculo descrito no item 1.3 se a obra estiver inscrita em categoria literária, mantendo, portanto, o vínculo necessário, através de seu autor.¹⁰

A pergunta que fica é: por que essa diferença entre os prêmios? Sobre essa questão, Ana Pettini rebate:

[...] Se a gente começa a abrir muito, “artistas gaúchos que expõem em Porto Alegre”, a gente começa a ampliar de tal forma que tu não tens... [...] Isso é importante porque é um prêmio da cidade de Porto Alegre, para os artistas que trabalham e expõem, um incentivo para a área; não impede que venham ótimas exposições, que tenha a Bienal do Mercosul, mas é para os artistas produtores e expositores da cidade.¹¹

Sobre isso, e introduzindo os debates, que são o centro do próximo capítulo, o artista plástico, curador independente e professor do Instituto de Artes da UFRGS, Paulo Gomes, indica que esta limitação do edital parece “bairrista”, excluindo boas exposições da possibilidade de serem agraciadas com o Prêmio.

[...] Tem um critério de bairrismo no Prêmio que eu acho lamentável; por exemplo, artistas que não moram em Porto Alegre, mas que são do Rio Grande do Sul, não concorrem a prêmios, o que eu acho, de uma certa maneira, injusto. A gente não pode colocar Porto Alegre como um centro, mas como é um Prêmio do município, a justificativa é que é um prêmio do município, então até aí eu aceito. Só que houve duas exposições este ano que foram excepcionais e que não concorreram ao Prêmio: a exposição da Nara Amélia, de gravura, lá na Usina do Gasômetro, e a exposição de pintura da Lenir de Miranda, que é de Pelotas, no MARGS. Elas não concorreram ao prêmio, o que eu acho injustiça. A Lenir fez a melhor exposição de pintura nos últimos dez anos em Porto Alegre. Então, são os problemas dos limites municipais do Prêmio.¹²

Acerca do exemplo levantado por Gomes, vale comentar que, na noite de premiação do quarto Açorianos, no dia 8 de maio de 2010, a artista plástica Maria Tomaselli, agraciada com o *Destaque de Melhor Exposição Individual* pela mostra *Magia da Semelhança*, junto ao Margs Ado Malagoli, também se manifestou, sugerindo, na sua breve fala, uma certa “injustiça”, pelo fato de que nem Lenir de Miranda, nem Heloisa Schneiders (exposição póstuma também no Margs), haviam sido indicadas na categoria Pintura (as três artistas haviam exposto no Margs no mesmo período, entre dezembro de 2009 e janeiro de 2010). Tomaselli provavelmente se manifestou dessa forma, inclusive, por desconhecer o edital; o fato é que a maioria dos artistas,

¹⁰ O edital do Prêmio Açorianos de Literatura encontra-se nos Anexos deste trabalho.

¹¹ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

¹² Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

agraciados ou não, desconhecem as “normas” do Açorianos, bem como os critérios dos membros do júri. Sobre isso, vale comentar que, em vários momentos das entrevistas concedidas à autora, tanto a ex-coordenadora de Artes Plásticas, Ana Pettini, como a atual coordenadora, Anete Abarno, manifestaram a soberania do júri, dentro, é claro, dos limites do edital. O júri, convidado pela CAP, teria total autonomia para indicar e premiar. E a escolha dos premiados partiria, portanto, do júri, e não da SMC. Isso significa que a Prefeitura apenas organizaria e concederia os troféus e os poucos prêmios em dinheiro, também assumindo a responsabilidade pela visibilidade e divulgação do Açorianos. Mas o prêmio em si, pelo menos em tese, seria da “comunidade artística”, uma vez que o júri escolhido a representaria. Não é bem isso que acontece. A observação das manifestações dos agraciados durante a entrega do último prêmio, em maio deste ano, sugere que a grande maioria, ao receber o prêmio, o vê como um “prêmio da Prefeitura”, um reconhecimento da Prefeitura. Foi o que se percebeu, por exemplo, quando os artistas Dirnei Prates e Nelton Pellenz, contemplados com o *Destaque em Mídias Tecnológicas* pelo projeto *Infiltração*, subiram ao palco para receber a estatueta. Na ocasião, Pellenz disse algo parecido com isso: “[...] Quero agradecer à Prefeitura por esse prêmio, pelo reconhecimento da Prefeitura ao nosso trabalho”. Na verdade, como já indiquei, não se trata de um “prêmio da Prefeitura”...

O quarto Prêmio Açorianos, o último até então, foi visto pela CAP como o mais maduro. O evento recebeu uma verba especial da SMC para sua realização e lotou o Teatro Renascença, com capacidade para 300 pessoas. O “espetáculo”, como é chamado pela ex-coordenadora de Artes Plásticas, Ana Pettini, recebeu a classe artística e curiosos com um duvidoso tapete vermelho e gigantescas réplicas, em papelão, do troféu criado por Xico Stockinger. No fundo do palco, em um telão, víamos projetados fotos dos indicados e de seus trabalhos, graças a uma apresentação em *powerpoint* de linguagem visual um tanto quanto antiquada.

Uma equipe de gravação em vídeo aguardava os presentes na entrada do teatro. À medida que os mesmos entravam, suas imagens eram projetadas em dois telões laterais, ao lado do palco. “Celebidades” do campo artístico eram flagradas por mais tempo, dando uma atmosfera de “Oscar” ao evento porto-alegrense. Quatro atores foram contratados para comandar a premiação. Vestidos (pretensamente) de gala, eles eram os responsáveis por dar seguimento ao evento. Além de apresentarem os indicados e lerem os textos previamente escritos num bizarro jogral, os “mestres de cerimônia” também alertavam a platéia, a todo instante, de que, na saída, haveria pizza (!), um apoio da Companhia das Pizzas...

Em entrevista concedida à autora, o jornalista Eduardo Veras, ex-editor do *Caderno de Cultura* do jornal *Zero Hora*, comenta sobre a relação do prêmio com a “cultura de premiações” que consumimos:

[...] Na verdade, acho que um prêmio tem um sentido simbólico, sempre. A cultura ocidental tende a valorizar muito os prêmios, dada, por exemplo, toda importância que a mídia dá ao Oscar, que é a matriz dos prêmios midiáticos, como também é o Prêmio Nobel. Então, quer dizer que as premiações têm um papel importante na nossa cultura. Agora, que relevância, de fato, elas têm? Elas são um reconhecimento? Sim, são, mas são reconhecimentos de uma trajetória ou têm outros ingredientes em jogo?¹³

Em sua fala, Veras também remete ao simbólico, explicitado por Bourdieu. Esse campo de produção suscita, em sua origem, a força de relação entre os agentes; essas relações e suas implicações seriam “os ingredientes do jogo” que Veras cita. Esses sistemas simbólicos são instrumentos de legitimação de todo campo e, ao que parece, é o objetivo principal desta premiação.

Na noite do último dia 8 de maio, entre as pessoas que entregaram o PAAP, estavam os jurados, artistas agraciados em outras edições e, sobretudo, membros da própria CAP. No final da cerimônia, para entregar a estatueta ao *Destaque Especial do Ano*, subiu ao palco o Secretário Municipal da Cultura, Sérgio Gonzaga, que comentou acreditar que a CAP havia feito um evento dentro dos custos imaginados e que ele estava muito feliz com isso...

A entrega do *Destaque Especial do Ano* é a mais aguardada. Afinal, trata-se, inclusive, do “grande prêmio” em dinheiro. Entretanto, neste ano de 2010, aconteceu algo no mínimo curioso, que nos permite pensar, inclusive, em *como* a classe artística percebe o prêmio. O artista “destaque”, Flávio Gonçalves, enviou uma foto sua de costas para fazer parte da projeção do evento e como se não bastasse, Flávio não estava presente no dia da entrega do troféu. As atitudes do artista não seriam um descaso em relação à premiação? E, também, este não seria um reflexo da classe artística que dá pouco caso ao prêmio?

Além disso, muitos agraciados, em seus discursos na hora de receberem as estatuetas, agradeceram à Prefeitura pela premiação, sendo que o prêmio, em tese, é escolhido pelos júris que não são membros da CAP e, sim, de outras instituições da cidade. Essa confusão parece se dar por diversos motivos, tanto pela classe não se apropriar da premiação, quanto pela própria Coordenação de Artes Plásticas que, insiste se mostrar presente na escolha dos premiados. Sobre isso, Ana Pettini, defende o discurso “politicamente correto” a favor da classe, mas que é contraditório às ações da Prefeitura:

¹³ Eduardo Veras, em entrevista à autora no dia 09 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

[...] Ficava sobre nossa responsabilidade, nossa, eu digo Prefeitura, computar tudo o que aconteceu de artes plásticas na cidade e a nossa equipe é micro e nos últimos anos a gente sentiu que era muito peso. Isso eu até usei na cerimônia o ano passado, dizendo que é um compromisso da classe, que a classe tem que se apropriar do prêmio, nós somos os executores dele, mas a classe ela tem que se envolver, estar participando, se inscrevendo, indicando, estar ativa e não passiva, que ela esteja mais envolvida. Exatamente até para que ele ganhe força, para que ele ganhe responsabilidade, para que não corra o risco de daqui há alguns anos acabarem com isso porque acham bobagem.¹⁴

Um exemplo do autoritarismo da CAP, foi homenagear a Bolsa de Arte neste último Açorianos, que conversando com membros do júri após a premiação, fiquei sabendo que nem um deles sabia desta homenagem. No entanto, a forma com que esta homenagem foi colocada para o público parecia que se tratava uma premiação especial do júri, como aconteceu nos anos anteriores, porém, desta vez se tratava um prêmio da Prefeitura, mesmo. Todas essas questões abertas são como um “calcanhar de Aquiles” do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, que tem levantado várias discussões e percepções, como discutiremos no próximo capítulo.

¹⁴ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

2. Prêmio Açorianos de Artes Plásticas: Percepções, Polêmicas e Críticas

No conceito, o PAAP surgiu com a intenção de reconhecer obras e, notadamente, os artistas que expuseram ao longo do ano nas galerias e espaços de arte de Porto Alegre. Trata-se, portanto, de um tipo de legitimação. Segundo Pierre Bourdieu, salões e premiações funcionam, no campo, como atestados de qualidade artística; assim, possuindo uma premiação simbólica, o artista é reconhecido pelo seu campo mais facilmente (BOURDIEU, 2009).

Através do Prêmio concedido pela Prefeitura Municipal, foram reconhecidas produções de vários artistas da cidade, alguns com trajetória mais longa e expressiva, outros mais jovens e, inclusive, aqueles de “meio de carreira”. Para a crítica de arte Maria Amélia Bulhões, falta, de um modo geral, no ambiente artístico brasileiro, um reconhecimento a esses artistas; entretanto, ela também percebe que o Açorianos contempla esses casos.

Eu acho que existem poucas instâncias de legitimação do que a gente chama de “meio de carreira”, para um artista que já está com um trabalho... Acho que existe muita coisa para jovens, mas o trabalho que já está um pouco consolidado fica num patamar meio vazio, num buraco. [...] Tem muito prêmio, muito estímulo, bolsas para artistas em início de carreira. Depois tu tens os artistas que já estão consolidados, que estão no mercado, então que já tem aquela consolidação, mas que já são de segunda metade de carreira, ou seja, estão no fim de carreira já. E tem esse vazio no meio, que é aquele artista que deixou de

ser jovem e não chegou a ser totalmente consolidado. Então, [...] eu acho que o Prêmio Açorianos atende também à esta problemática.¹⁵

Entre os artistas de “meio de carreira” e contemplados pelo Açorianos estão, por exemplo, Carlos Pasquetti, que, na primeira edição do prêmio, recebeu o Destaque em Desenho e Mostra Individual; Teresa Poester, premiada na segunda edição na mesma categoria; Karin Lambrecht e Elaine Tedesco, premiadas no terceiro Açorianos, e mesmo Flávio Gonçalves, agraciado na última edição.

O depoimento de Maria Amélia Bulhões, praticamente abrindo este capítulo, dá o tom do mesmo: nesta segunda parte do trabalho, contrapondo idéias e percepções de vários agentes do campo artístico de Porto Alegre, aponto virtudes e polêmicas surgidas com o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Parece-me que essas questões ainda não foram problematizadas de um modo mais enfático justamente devido à pouca idade do prêmio. E se escrever sobre isso constitui desafio para qualquer pessoa, inclusive devido à proximidade temporal e geográfica entre o autor (no caso, eu) e os personagens (artistas e membros do júri) e instituições envolvidas (principalmente a Prefeitura), optei por construir essa reflexão a partir de observações e depoimentos de agentes do campo. A escolha dos entrevistados se deu pela sua atuação no meio artístico e/ou pela relação com as quatro edições do prêmio. Ao todo, entrevistei 18 pessoas; são elas:

– Alfredo Nicolaiewsky, artista plástico. Professor e atual diretor do Instituto de Artes da UFRGS, fez parte do júri de seleção e premiação do II Açorianos (2008) e concorreu, nesta mesma edição (2008), na categoria Exposição Coletiva e, na terceira (2009), na categoria Textos, Catálogos e Livros;

– Ana Pettini, artista plástica. Foi ex-coordenadora da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura e quem basicamente alavancou a criação do Prêmio. Ainda é membro da Secretaria e permanece dando aulas no Atelier Livre da Prefeitura;

– André Venzon, artista plástico. Atual diretor da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisbôa, foi indicado duas vezes ao Prêmio (2007 e 2010);

– Anete Abarno, artista plástica. É a atual coordenadora da Coordenação de Artes Plásticas e também trabalha como professora junto ao Atelier Livre;

– Bianca Knaak, crítica de arte. Professora do Instituto de Artes da UFRGS, pesquisadora da área de relações sistêmicas da arte, foi diretora do IEAV;

¹⁵ Maria Amélia Bulhões, em entrevista à autora no dia 30 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

– Blanca Brites, crítica de arte. Professora do Instituto de Artes da UFRGS e uma das fundadoras do Pós-Graduação em Artes da mesma instituição, foi membro do júri de premiação do I Açorianos (2007) e venceu na categoria Curadoria na segunda edição (2008);

– Décio Presser, jornalista e galerista. Importante nome do campo artístico sulino desde, pelo menos, a década de 1980, Décio é o diretor da Galeria Arte & Fato. Foi diretor do IEAV e homenageado no III Açorianos (2009);

– Eduardo Veras, jornalista. Foi ex-editor chefe do Segundo Caderno do jornal Zero Hora. Atualmente, finaliza seu doutorado em História, Teoria e Crítica de Arte no PPGAV/UFRGS e é professor da área de Comunicação junto à Unisinos;

– Leandro Selister, artista plástico. Concorreu duas vezes ao Prêmio, ganhando destaque concedido pelo júri no I Açorianos (2007), pelo site Art Web Brasil. Foi júri de seleção e premiação da quarta edição (2010);

– Mara Caruso, artista plástica. Professora do Atelier Livre, fez parte do júri de seleção e premiação do III Açorianos (2009);

– Maria Amélia Bulhões, crítica de arte. Professora do PPGAV/UFRGS, fez parte do júri de seleção do II Açorianos (2008) e concorreu, naquele mesmo ano, junto com vários artistas e críticos, pelo projeto *Interfaces Digitais*, na categoria Mídias Tecnológicas (2008);

– Marisa Veeck, produtora cultural. Em 2001, enquanto trabalhava na Coordenação de Artes Plásticas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, foi a mentora do Açorianos de Artes Plásticas; mais tarde, na terceira edição (2009), concorreu ao próprio prêmio, na categoria Textos, Catálogos e Livros Publicados; em 2010, o projeto *Gráfica Gaúcha III*, com curadoria de Anico Herskovits e sua produção, venceu na categoria Curadoria;

– Niúra Legramante Ribeiro, crítica de arte. Professora de História da Arte junto à Feevale e ao Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, foi membro dos júris de seleção e premiação da segunda edição (2008);

– Paulo Gomes, artista plástico e curador independente. Concorreu em três edições (2007, 2008, 2009), sendo indicado, nesses anos, em cinco categorias; venceu duas vezes (2007 e 2008). Foi diretor do IEAV e atualmente é professor do Instituto de Artes da UFRGS;

– Teresa Poester, artista plástica. Professora junto ao Instituto de Artes da UFRGS, foi agraciada na primeira edição (2007) na categoria Melhor Exposição Coletiva, com a exposição *Passos Perdidos*; na segunda edição, venceu na categoria Destaque em Desenho (2008); na quarta, foi júri de premiação (2010);

– Túlio Pinto, artista plástico. Vencedor da quarta edição do Açorianos na categoria Destaque em Escultura (2010). É um dos artistas ligados ao Atelier Subterrânea, premiado em 2009 como Projeto Alternativo;

– Walmor Corrêa, artista plástico. Venceu duas categorias no II Açorianos (2008), e foi júri de seleção e premiação da terceira edição (2009);

– Zoravia Bettiol, artista plástica. Foi membro do júri de seleção do I Açorianos (2007) e indicada a duas categorias no II Açorianos (2008).

Havia um roteiro básico para a realização das entrevistas¹⁶, ou seja, perguntas que eu procurava fazer a todos os entrevistados, tais como “Qual a sua percepção sobre o Prêmio Açorianos?”, ou “Quais problemas você percebe no Prêmio e o que acha das categorias contempladas?”. Realizei essas entrevistas, na grande maioria das vezes, pessoalmente; com isso, elas foram assumindo determinados caminhos à medida que a conversa fluía entre eu e o entrevistado. Apenas duas das 18 entrevistas foram realizadas via e-mail: com Leandro Selister e Niúra Ribeiro. As opiniões se mostraram sempre variadas, em relação ao grau de intimidade que as pessoas têm com os funcionários da Prefeitura, ou com os próprios vencedores ou, até mesmo, se já foram vencedores.

De um modo geral, as respostas foram positivas quanto à intenção de criar uma premiação na área de artes visuais, sobretudo em uma cidade como Porto Alegre, que carece de reconhecimentos na área e que tem vivido uma certa crise em suas mais importantes instituições públicas voltadas ao segmento. Muitos entrevistados apontaram a “demora”, inclusive, nessa iniciativa, atribuindo o problema à falta de união da classe artística, ou a uma falta de organização das instituições para o reconhecimento da classe, como defende a artista plástica Zoravia Bettiol, que já foi diretora da Associação Chico Lisboa:

Eu fui uma das pessoas que lutou demais para que a Chico Lisboa se manifestasse, pois como representa os artistas, ela deveria lutar. Então, eu acho que, muitas vezes, aqui em Porto Alegre, em relação às Artes Plásticas, nada acontece a contento porque os artistas não tem um sentido político de reivindicação, de crítica, de luta, de denúncia. Então, se fosse uma classe mais esclarecida, se tomaria posições.¹⁷

Maria Amélia Bulhões, que também já participou da diretoria da Chico Lisboa, relaciona esta demora à uma certa “tradição” da classe artística, que como um todo tem dificuldades na sua união e não poderia ser diferente na criação de um Prêmio municipal: “[...] Tu vês outras áreas, como o teatro e o cinema... elas têm suas premiações. Então, eu acho que corresponde

¹⁶ Esse “roteiro” encontra-se nos Apêndices do trabalho.

¹⁷ Zoravia Bettiol, em entrevista à autora no dia 26 de março de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

talvez a algo que eu localizo um pouco, que é esta falta de coesão de, digamos assim, sentido mais coletivo da prática de artes visuais”.¹⁸

Bianca Knaak, assim como Zoravia, especula que o surgimento do prêmio tenha ligação com pedidos da Associação Chico Lisboa. Ela também ressalta que a premiação veio em um momento em que a arte local estava precisando ser repensada:

Especulo que tenha sido a Chico Lisboa que encaminhou; eu não fiz esse levantamento, mas se não foi a Associação, foi possivelmente alguém muito próximo dela, ou muito vinculado, porque é um prêmio classista [...] e eu acho que vem dentro desta oportunidade de revitalizar, de repensar, de recontextualizar a importância, a relevância de uma produção artística, para a própria cidade. Por aqui tivemos momentos de muita dispersão, não de pouca produção, porque tem muita produção visual no Rio Grande do Sul. Os artistas (e os produtores culturais emergentes para o setor) se deram conta de que existe uma mídia e de que é preciso participar dela, então criaram este Prêmio para ter mais uma oportunidade de inserção nesta mídia, potencializando patrocínios e, por extensão, hoje, visibilidade.¹⁹

O que estas percepções iniciais indicam é que existia e ainda existe um descontentamento com o reconhecimento da arte local pela própria cidade, e que o Açorianos de Artes Plásticas, de certa forma, veio assumir este espaço. Mas várias outras perguntas surgem aqui: estaria este Prêmio correspondendo às demandas da arte contemporânea ou mesmo sendo pertinente ao momento que estamos vivendo no âmbito da arte? Quanto a isso, as respostas são um pouco confusas. Para a grande maioria de entrevistados, a premiação se mostra conservadora no pensamento sobre a arte, visto que suas categorias permanecem em uma visão mais tradicional da arte. No entanto, para os membros da Coordenação de Artes Plásticas, esta seria a única maneira mais “democrática” de organizar o evento. Mesmo assim, algumas linguagens artísticas ficam de fora nesta configuração, como podemos ver na polêmica levantada nas entrevistas sobre as categorias como vídeo, performance ou mesmo instalação. Sobre isso, Blanca Brites discorre:

Então, as categorias existem como tal e que merecem, não vou dizer mantidas, mas valorizadas. Talvez, o que é mais complicado neste momento, são as categorias como vídeo e meios eletrônicos, que precisem mais de visões e que talvez uma equipe dentro da área que pudesse ajudar. Mas isso é uma sugestão. Ou então terminar de vez com as categorias, mas eu acho que acompanhando bem as outras áreas, eu acho que estas categorias podem permanecer.²⁰

¹⁸ Maria Amélia Bulhões, em entrevista à autora no dia 30 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

¹⁹ Bianca Knaak, em entrevista à autora no dia 04 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

²⁰ Blanca Brites, em entrevista à autora no dia 08 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Acerca dessa questão, outras opiniões despontam, como as dos artistas André Venzon, Túlio Pinto e Teresa Poester:

[André Venzon] Eu acho que as categorias têm que ser atualizadas. Foi muito questionada, no início, a questão de pintura, escultura, cerâmica, gravura e a gente vê que essas categorias plásticas foram preservadas em detrimento de novas, que nem são mais tão experimentais. Tem uma lá que cabe tudo, que a gente foi indicado, mas não tem uma de arte digital, que é essa que se chama “novas mídias”, mas têm artistas que produzem muito especificamente em vídeo, em performance, instalação. [...] A própria comissão julgadora não consegue reunir tudo, e as coisas escapam pelas categorias plásticas e não se encaixam nesse vale tudo.²¹

[Túlio Pinto] Eu acho que as categorias podem ser um pouco mais abrangentes, porque as linguagens são muito multidisciplinares e acho que isso pode ser visto com um pouco mais de carinho. Não é mais escultura, gravura, desenho. Hoje em dia, as coisas são muito misturadas, as mídias se misturam, as linguagens se misturam. Poderia ter uma categoria de escultura e uma categoria de instalação. Eu considero aquele meu trabalho como um trabalho de instalação, que tem algumas características de escultura. Assim como outras características que, em outros trabalhos, devem existir, tipo: melhor montagem, melhor museografia.²²

[Teresa Poester] Eu acho difíceis essas categorias mas, ao mesmo tempo, falando com a Ana Pettini, ela deu uma explicação meio genérica que me convenceu parcialmente, porque eu não cheguei a conversar mais para poder entender melhor o porquê dessas categorias. Hoje, como a gente tem toda essa quebra de categorias, há trabalhos que não se encaixam em nenhuma. É complicado, como eles fariam isso no prêmio? Para teatro, tu podes premiar figurino, cenário, enfim, como seria no caso das artes plásticas? Teria que se pensar. Talvez um prêmio geral para dez exposições, não sei. Tem algumas exposições que foram indicadas como desenho, por exemplo, e que eram exposições completamente híbridas, que poderiam entrar como gravura ou como pintura, etc... Projeto alternativo, o que é bem isso? Instituição alternativa tem poucas aqui em Porto Alegre, então tu fazes o primeiro prêmio, segundo, terceiro e daqui a pouco todas já foram premiadas.²³

Zoravia Bettiol diz ter reivindicado logo na primeira edição da premiação por mais categorias, mas obteve resposta negativa da Coordenação:

Teria que ter mais! Eu até sugeri mais no primeiro ano que participei. Para mim, abriria um leque maior. Deveria ter para colecionador, para instalação! Eu não sei se é bom ou é ruim, mas sempre sou pelas coisas mais democráticas, mais abertas, mais amplas, apesar dos riscos, pois nada é perfeito. Prefiro que tenha mais categorias privilegiadas e isto seria um estímulo, principalmente para pessoas jovens, ou uma reafirmação de valor para uma pessoa que já tem uma carreira. Seria bom nos dois sentidos extremos. Logo na época, eu vi que deveria ter outras, mas a Ana Pettini disse que não poderíamos abrir tanto. Para mim, quanto mais amplo é melhor, pois estimula e divulga mais. E como há no mundo a multiplicidade de linguagens, de categorias artísticas e de materiais, então o Açorianos tem que responder à esta situação.²⁴

²¹ André Venzon, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

²² Túlio Pinto, em entrevista à autora no dia 14 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

²³ Teresa Poester, em entrevista à autora no dia 11 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

²⁴ Zoravia Bettiol, em entrevista à autora no dia 26 de março de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Porém, a resposta da ex-coordenadora de Artes Plásticas da Secretaria Municipal é um pouco mais severa em relação às categorias:

Eu acho importante que tenha essas categorias, porque tem essas linguagens que tangenciam mais a pintura, ou mais o desenho, e eu acho que isso vem qualificar. Acho que, se eu criasse um prêmio sem categorias, desenho, cerâmica e gravura nunca mais seriam premiadas! Seria só instalações, fotografia e acabou! Então, tem que ter abertura para encaixar e perceber...²⁵

Existem, também, muitas questões em torno do júri: (1) Quem o constitui? (2) Quando os membros do júri são convidados? (3) Os membros poderiam indicar projetos e/ou exposições das quais eles próprios participam? Entre tantas outras perguntas... Sem querer responder a essas indagações, mas refletindo sobre as mesmas, vale trazer alguns dados. Tomemos os membros do júri do Açorianos em suas quatro edições, com as respectivas instituições que representam:

1ª Edição (2007)

Júri de Seleção

Carlos Carrion de Britto Velho (Artista Plástico)

Círio Simon (Pesquisador e Professor Aposentado do Instituto de Artes/UFRGS)

José Francisco Alves (Pesquisador e Professor do Atelier Livre da PMPA)

Sandra Rey (Artista Plástica e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)

Zoravia Bettiol (Artista Plástica, representando a Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisboa)

1ª Edição (2007)

Júri de Premiação

Ana Luz Pettini (Artista Plástica e então Coordenadora de Artes Plásticas da PMPA)

Blanca Brites (Pesquisadora e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)

Gisela Waetge (Artista Plástica)

Justo Werlang (Colecionador e membro de diversas diretorias de fundações culturais)

Marilene Pietá (Pesquisadora)

2ª Edição (2008)

Júri de Seleção

²⁵ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Alfredo Nicolaiewsky (Artista Plástico e Professor do Instituto de Artes/UFRGS)
Anete Abarno (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Ângela Pohlmann (Artista Plástica e Professora da UFPEL)
Maria Amélia Bulhões (Pesquisadora e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)
Niura Legramante Ribeiro (Pesquisadora e Professora do Atelier Livre da PMPA)

2ª Edição (2008)

Júri de Premiação

Alfredo Nicolaiewsky (Artista Plástico e Professor do Instituto de Artes/UFRGS)
Ana Luz Pettini (Artista Plástica e então Coordenadora de Artes Plásticas da PMPA)
Eduardo Vieira da Cunha (Artista Plástico e Professor do Instituto de Artes/UFRGS)
Luciano Zanette (Artista Plástico)
Niura Legramante Ribeiro (Pesquisadora e Professora do Atelier Livre da PMPA)

3ª Edição (2009)

Júri de Seleção

Eleonora Fabre (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Eny Schuch (Artista Plástica e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)
Gaudêncio Fidélis (Curador Independente)
Mara Caruso (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Walmor Corrêa (Artista Plástico)

3ª Edição (2009)

Júri de Premiação

Ana Flávia Baldisserotto (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Gaudêncio Fidélis (Curador Independente)
Gisele Menezes (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Mara Caruso (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)
Walmor Corrêa (Artista Plástico)

4ª Edição (2010)

Júri de Seleção

Leandro Selister (Artista Plástico)
Miriam Tolpolar (Artista Plástica e Professora do Atelier Livre da PMPA)

Newton Silva (Jornalista/TVE)

Paula Ramos (Pesquisadora e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)

Renato Garcia (Artista Plástico e Professor do Atelier Livre da PMPA)

4ª Edição (2010)

Júri de Premiação

Leandro Selister (Artista Plástico)

Leopoldo Plentz (Artista Plástico)

Paula Ramos (Pesquisadora e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)

Renato Garcia (Artista Plástico e Professor do Atelier Livre da PMPA)

Teresa Poester (Artista Plástica e Professora do Instituto de Artes/UFRGS)

A lista dos membros do júri nos revela, portanto, que na primeira edição se optou por composições diferentes para os júris de seleção e de premiação; os nomes não se repetem e estes representam instituições variadas. Em 2007, também apareceram mais artistas plásticos como jurados, o que vai diminuindo nos outros anos. Em 2008, por exemplo, há mais nomes ligados ao Atelier Livre e ao Instituto de Artes que, aliás, são as instituições predominantes em todas as edições. Pode-se perceber, nestas duas primeiras edições, que um dos membros do júri é a então coordenadora da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura, Ana Pettini. Esse fato no mínimo sugere uma forte pressão da própria Prefeitura nas escolhas dos primeiros premiados. Segundo Ana Pettini, esta presença era uma questão estratégica:

[...] Nos dois primeiros anos a gente era parte do júri, até porque precisava explicar as regras e tudo, participamos do 1º e do 2º; do 3º e do 4º, a gente não participou. [...] Acho que a gente vem amadurecendo. Acho que é uma dificuldade; acho que o júri se expõe, e ele, mais do que nós, é questionado.²⁶

Na terceira edição, os membros do Atelier Livre ganharam importante espaço no júri: foram quatro nomes ligados à SMC e, portanto, à Prefeitura. Não estou sugerindo, aqui, que as pessoas, por trabalharem numa instituição, não possam ou não tenham voz e pensamento próprios; mas é de se pressupor que, de alguma forma, essa ligação apareça nas suas escolhas.

²⁶ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

A quarta edição parece ter sido, na constituição do júri, uma mescla equilibrada das duas instituições, com a presença também de artistas plásticos “independentes”, ou seja, não ligados diretamente a nenhuma delas.

Ana Pettini diz que, no começo, a coordenação enviava convites para instituições fazerem parte dos membros do júri. Ela também reclama da dificuldade de encontrar um grupo coeso para fazer as escolhas:

[...] No primeiro ano, a gente enviou cartas para as instituições pedindo representantes. O Instituto de Artes mandou um representante, a Chico Lisboa mandou um representante, acho que foram três representantes de instituições e os outros foram pessoas relacionadas a convites da Coordenação, e eu acho que tem que se manter o convite da Coordenação. Porque é a parte mais frágil do Prêmio. Infelizmente, ao longo de todos esses júris, eu vejo sempre uma tendência bairrista de todos os júris; fica numa coisa muito pessoal. [...] Então, ao escolher o júri, tu tens que ter uma abrangência de visões e de linguagens, porque se não, só vão ser premiados jovens e contemporâneos, e o nosso universo é muito maior que isso. [...] Então, este caminho ainda é um ponto muito frágil, porque eu vejo pessoas todas individualmente super competentes, mas sempre existe uma personalidade no júri que domina as demais, e isso é muito peculiar. [...] Para mim, a maior dificuldade é com o júri, sempre foram pessoas capazes. Podes ver pelos nomes. Isso me confirma mais que eu não posso ter só um júri, que eu tenho que ter dois júris e eu acho que a idéia do júri misto é ótima!²⁷

Outra questão bastante problemática em relação ao júri é quando este é chamado. Segundo Alfredo Nicolaiewsky, ele foi convidado a fazer parte do júri do segundo Açorianos em março do ano em que deveria visitar as exposições (2007). E mesmo sendo no início do ano, certamente se perde muita coisa neste meio tempo; muitas exposições não são vistas.

A gente é convidado mais ou menos no início do ano. Então eu PODERIA [ênfase do entrevistado] ter visto todas as exposições, teoricamente daria tempo. O certo seria, se o prêmio foi hoje, amanhã a gente é convidado, mesmo que seja em sigilo, mas não aconteceu bem assim, demorou alguns meses. As reuniões foram no início do ano (janeiro), e eu teria sabido (sic) em março, então tinha passado um período, mas eu sabia que eu deveria ver. Concorrente todo mundo é, então todas as exposições que acontecerem em Porto Alegre, em princípio, são concorrentes, e quem quiser ver, tem que ver tudo, por conta.²⁸

Ainda na noite de entrega do último Açorianos (8 de maio de 2010), chamou a atenção o fato de que, quando os membros do júri foram anunciados, houve uma reverência especial à artista plástica Teresa Poester. Na ocasião, a mestre de cerimônia disse algo como: “A Coordenação de Artes Plásticas agradece a participação de Teresa Poester, que abriu mão de concorrer ao Açorianos para participar do corpo de jurados desse prêmio. A você, Teresa, nosso muito obrigado!” Muitas pessoas ficaram se olhando após a fala. De fato, Teresa havia feito uma

²⁷ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

²⁸ Alfredo Nicolaiewsky, em entrevista à autora no dia 07 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

elogiada exposição de desenho no Museu do Trabalho, em outubro de 2009, poucos meses depois de voltar de um período na Europa. Sobre a sua participação como membro do júri de premiação, Teresa comenta:

Eu falei que aceitava se fosse assim, sem ser indicada, e que isso teria que ser claro, e a Anete Abarno ficou de ver com a Ana Pettini, na época coordenadora, que estava viajando. Depois a Ana Pettini me falou sobre isso, que havia me confirmado no momento que eu estava no vernissage de uma exposição minha, mas como nesses momentos fico atrapalhada com tanta gente, eu não computei. Então, para mim, não houve uma resposta oficial, se eu ia ser júri, e eu imaginei que não. Encontrei por acaso duas pessoas que eram do júri e que me disseram “Vamos nos encontrar no júri”, e eu falei “Mas como assim? Eu não estou sabendo”. Logo telefonei para saber e as coisas foram se esclarecendo aos poucos. Já tinha saído no Diário Oficial e eu fui do júri, como havíamos falado no início. Não me arrependo.²⁹

Essa aparente dificuldade que a Coordenação de Artes Plásticas tem para escolher o júri a tempo pode ser um problema de imaturidade da premiação. De qualquer forma, tal demora, somada aos tramites burocráticos, acabam comprometendo o próprio prêmio.

Muitas falhas relacionadas ao júri são toleradas, como o fato de, muitas vezes, membros do júri estarem comprometidos com algum projeto ou exposição. Isso aconteceu, por exemplo, na segunda edição, em 2008. Naquele ano, Maria Amélia Bulhões e Alfredo Nicolaiewsky, ambos integrantes do júri, também estavam competindo: ela em Mídias Tecnológicas, pela exposição *Interfaces Digitais*, e ele na categoria Melhor Exposição Coletiva, por *Mestiçagens na Arte Contemporânea*. Esta exposição, aliás, estava indicada em como melhor Exposição Coletiva e melhor Curadoria; Iceia Cattani, responsável pela curadoria, foi agraciada. Outro exemplo de júri comprometido aconteceu no ano de 2010. Um dos espaços indicados na categoria Espaço Institucional foi a Microgaleria Arte Acessível do StudioClio; e um dos membros do júri, nas categorias seleção e premiação, foi o artista plástico Leandro Selister, um dos curadores do espaço. Em tese, em qualquer prêmio ou processo de seleção, é intolerável que membros de júri participem, de alguma forma, dos projetos concorrentes. Nos editais de concursos e prêmios, geralmente aparece a seguinte informação: “[...] não poderão concorrer ao prêmio: seus julgadores e os integrantes das empresas [...] ou de instituições a ela vinculadas”.³⁰ Entretanto, esse tipo de indicação já não acontece no Açorianos. A pergunta que desponta aqui é: por que isso acontece e ninguém se manifesta? Na realidade, existem várias questões em torno desse problema, e que não estão apenas relacionados à Coordenação de Artes Plásticas e aos limites do edital.

²⁹ Teresa Poester, em entrevista à autora no dia 11 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³⁰ Fragmento extraído do edital de inscrição ao Prêmio Clarival do Prado Valladares (7ª edição, 2010).

Chegamos a uma percepção semelhante ao observarmos o premiado, em 2009, na categoria Apoio e Patrocínio; na verdade, “os premiados” e já citados Companhia Zaffari de Supermercados e Tramontina, que pagaram a climatização, iluminação e catálogo da Pinacoteca Aldo Locatelli, que faz parte da Prefeitura Municipal e que está localizada no Paço Municipal. Não seria um caso, de certa forma, de “auto-premiação”?

Outro ponto muito questionável é o relacionado às “cotas”, prática que parece ser adotada para poder premiar mais nomes e, em conseqüência, agradar mais gente. Esta pergunta foi feita a quase todos os entrevistados, e as respostas foram bem variadas. Mara Caruso, da SMC, acredita que existam cotas na premiação e complementa que a própria Coordenação define isso: “Eu acho que sim. Eu acredito que exista isso”.³¹ Já Ana Pettini se defende, dizendo que todas as escolhas são somente do júri. Anete Abarno, por sua vez, defende que não existem cotas, porém não define que isto será para sempre: “Não, não tem. Por enquanto ainda não aconteceu isso; o prêmio é recente, talvez no futuro...”.³²

Paulo Gomes, que concorreu várias vezes ao Açorianos e se sentiu injustiçado pela premiação na terceira edição, acredita que tem cota, sim. Na ocasião, ele concorria na categoria Texto, Catálogo e Publicação, pelo livro *Pedro Weingärtner: Obra Gráfica*. Quem levou o prêmio foi o artista Sandro Ka, por um trabalho que era, na verdade, um livro de artista, e não uma publicação *sobre* artes plásticas, que é o que se imagina contemplar na citada categoria. Sobre isso, Paulo Gomes comenta: “É assim: ‘Você já ganhou um aqui e não pode ganhar outro ali’. É cota, é visível a mentalidade do regime de cotas, que já aconteceu outras vezes”.³³

Tudo indica que a Coordenação de Artes Plásticas mantém este sistema de cotas na premiação; “por baixo dos panos”, naturalmente, fazendo com que uma maior quantidade de artistas seja premiada, mesmo que esta produção não tenha sido efetivamente a melhor do ano. O problema das cotas também remete aos problemas da premiação de nomes, em detrimento das exposições ou das obras expostas no ano em questão. Também sobre isso, Paulo Gomes tem um ponto de vista mais crítico. Por já ter feito parte do júri do Açorianos de Literatura, o artista tem a opinião convicta de que tanto o júri, quanto a instituição, premiam as “celebridades” de cada campo:

³¹ Mara Caruso, em entrevista à autora no dia 13 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³² Anete Abarno, em entrevista à autora no dia 19 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³³ Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

[...] As pessoas premiam nomes, elas não premiam obras. A mesma coisa nas Artes Plásticas. O Açorianos de Artes Plásticas está caindo neste erro; estão premiando nomes, e não premiando obras. O que não acontece nem no Teatro nem na Música, que eles premiam produções, e não pessoas.³⁴

Alfredo Nicolaiewsky, que fez parte do júri do segundo Açorianos (2008), divide a mesma opinião: “Se premia muito pelo nome, e não pela exposição”.³⁵ Contrapondo essas idéias, podemos perceber um ideal de premiação diferente de ambas as partes. Analisando a entrevista da ex-coordenadora de Artes Plásticas da SMC, percebe-se que ela vê o prêmio muito mais como reconhecimento de um todo, de uma trajetória; já os artistas esperam ser reconhecidos por suas produções durante o ano (se não fosse assim, muitos jovens ou artistas menos reconhecidos sairiam imediatamente em desvantagem).

E o que acontece com os artistas após a premiação? O Prêmio Açorianos seria uma possibilidade de entrada, para os artistas premiados, no campo artístico institucional de Porto Alegre? Seria o coroamento de uma trajetória? Túlio Pinto o define como uma premiação com ressonância apenas regional; mesmo assim, como um reconhecimento importantíssimo para pessoas do cenário artístico da cidade:

[...] É um prêmio local; é um prêmio que faz bastante sentido para a cidade; não é um prêmio que tenha uma ressonância nacional. Mais pros amigos, para as pessoas próximas, para os artistas, críticos e curadores que têm contato com a gente, foi uma data feliz para todos nós.³⁶

Walmor Corrêa, comentando os desdobramentos do prêmio na sua trajetória, afirma:

[...] No Estado do Rio Grande do Sul, o Prêmio Açorianos goza de boa reputação; sendo assim, receber este reconhecimento teve reflexo, sim, sobre a minha carreira. Porém, mudança não.³⁷

Já Teresa Poester atesta:

Mudar, não mudou nada. Na verdade, eu tenho um trabalho mais antigo e as duas vezes que recebi o prêmio, eu estava na França na época e, justamente, coincidiu com o primeiro e com o segundo; então, eu só assisti essa premiação, só vi como era feito, e só poderia te falar de alguma impressão em relação à isso dessa última vez, que foi agora, há uns dois meses atrás. Achei a apresentação excessivamente formal. A primeira vez que recebi foi com um grupo de jovens artistas; talvez para eles tenha representado

³⁴ Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³⁵ Alfredo Nicolaiewsky, em entrevista à autora no dia 07 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³⁶ Túlio Pinto, em entrevista à autora no dia 14 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³⁷ Walmor Corrêa, em entrevista à autora no dia 19 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

algo diferente, pois foi o início do Atelier Subterrânea, então isso pode ter dado algum tipo de incentivo. Isso tu terias que ver junto a eles. Penso que ajudou a dar uma certa visibilidade ao Atelier.³⁸

Comentando sobre o prêmio conferido ao Atelier Subterrânea (2009), Túlio Pinto diz que o reconhecimento foi positivo não somente no sentido de uma melhor recepção do espaço pelo campo artístico local, mas também para os próprios integrantes do coletivo.

[...] O Prêmio Açorianos que a Subterrânea ganhou em relação à Produção Alternativa, para o espaço, foi uma surpresa, em função dos concorrentes. Principalmente pensando no Torreão, que era um espaço que tinha uma história de alguns anos, que tinha uma consolidação, uma legitimação no sistema, tanto local, quanto nacional e, para nós, isso foi uma grata surpresa, pelo fato de a gente ter sido escolhido pelo júri de premiação naquela categoria. Para o espaço, na verdade, o que muda é no sentido de você perceber que está num caminho certo, ou que está num caminho acertado.³⁹

Túlio também fala sobre sua premiação este ano, pela exposição *Duas Grandezas*, ocorrida em 2009, na Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro. Ele estava concorrendo com artistas de ressonância nacional, como Lia Menna Barreto:

[...] Foi muito bom por isso, por saber que foi um trabalho que teve uma visibilidade e acredito que o júri de seleção tenha percebido uma potência. Dentro do meu histórico como artista, é muito recente para saber se aconteceu alguma mudança; na verdade não aconteceu; eu continuo trabalhando. [...] Já faz mais de um ano em relação à exposição, mas faz pouco tempo em relação à premiação e é uma premiação local, como eu falei, é mais para mostrar que tu estás indo num caminho; independente de certo ou errado, é um caminho que está sendo notado.⁴⁰

Mais revoltado, o galerista Décio Presser diz que a homenagem que recebeu na terceira edição não teve repercussão alguma em sua galeria. Segundo ele, aliás, a existência do Açorianos não acrescenta nada ao campo artístico local.

[...] Nada. É uma coisa que não adianta nada. [...] Não só esse, mas os outros prêmios também; não adianta ser o melhor artista do ano. As artes plásticas, aqui no Rio Grande do Sul, estão paradas, estagnadas, não tem o que fazer.⁴¹

Paulo Gomes, mais realista e prático em relação a sua premiação, diz que um prêmio, antes de tudo, é sempre muito importante para o reconhecimento nos espaços de trabalho.

³⁸ Teresa Poester, em entrevista à autora no dia 11 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

³⁹ Túlio Pinto, em entrevista à autora no dia 14 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴⁰ Túlio Pinto, em entrevista à autora no dia 14 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴¹ Décio Presser, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

[...] Acho que houve um reconhecimento mais institucional. O fato de ganhar um prêmio repercute dentro da universidade, também junto às instâncias que tu estás trabalhando, mas não cria mais trabalho e não cria aumento de cachê (até porque não tem cachê). Então, é realmente um reconhecimento, é o lado “ego” que fica legal com o prêmio.⁴²

A pesquisadora, professora e coordenadora do Acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, Blanca Brites, revela que não houve mudança alguma para a Pinacoteca após sua premiação, pela exposição coletiva *Total Presença – Desenho*, no ano de 2008. Porém, ressalta que o prêmio traz visibilidade para os locais premiados.

[...] Continua a mesma coisa fisicamente mas, evidentemente, quanto à idéia de visibilidade e reconhecimento, sobretudo visibilidade, sem dúvida. Mas as obras continuam com as mesmas precariedades, com as mesmas necessidades, nesse sentido continua igual. Agora, em termos de visibilidade, claro que sim.⁴³

Também foi positiva a opinião do atual diretor da Associação Chico Lisboa, André Venzon. O artista acredita que o prêmio tenha trazido mais fôlego para a instituição, ainda que não haja premiação em dinheiro. Venzon se refere ao capital simbólico, conceito de Bourdieu, que significa o reconhecimento que uma instituição possui sobre os outros elementos do campo.

[...] Eu acho que, em âmbito institucional, melhorou. Claro que não é uma estatueta de bronze que vai nos dar mais reconhecimento, mas é o nosso trabalho mesmo; aquilo é simbólico; o nosso trabalho continua na mesma intensidade e, nesse momento, até maior. Porque as exposições que fizemos em 2008 eram com curadores ex-presidentes e tivemos vários critérios de escolha: primeiro com galeristas, depois com instituições de artes, depois com os ex-presidentes.⁴⁴

Através destes depoimentos, podemos verificar que a resposta da premiação ainda não é perceptível devido a diversos fatores que ultrapassam a própria questão de “juventude do prêmio” e que são reflexos das fissuras em diversos pontos do campo artístico local. Entretanto, existe um lado positivo, que é perceptível em qualquer tipo de premiação, que é o reconhecimento imediato de um trabalho, de uma trajetória. Bianca Knaak o define mais ou menos como “um presente do campo para o campo”:

[...] Ele é um prêmio importante para a cidade dentro do circuito da maneira como ele se coloca; é um prêmio que, entre outras coisas, tem uma característica de confraternização, de conagração entre os pares. Já que tu trabalhas com Bourdieu, tu sabes que este tipo de premiação participa do que o Bourdieu classifica como ‘sociedade da admiração mútua’ e o Canclini depois atualiza, inclusive, para ‘sociedade do

⁴² Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010 A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴³ Blanca Brites, em entrevista à autora no dia 08 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴⁴ André Venzon, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

aplauso mútuo'; então, é uma forma de reconhecimento entre os pares, encaminhada, organizada, avaliada pelos pares e, portanto, é relevante neste contexto.⁴⁵

Outro ponto positivo em relação ao prêmio é a publicação de um catálogo elaborado pela própria Coordenação de Artes Plásticas da SMC, contendo os nomes dos membros do júri, os nomes dos indicados e destacando uma página para cada premiado das categorias, além dos homenageados. É perceptível para qualquer leitor o tom de orgulho e louvor que a própria Secretaria tem com seu evento. Para alguns entrevistados, este catálogo é o resultado de toda premiação, pois assim, através dele, poderá se visualizar uma parte da produção artística de Porto Alegre dos últimos anos. Sobre isso, Teresa Poester afirma:

[...] O que acontece em Porto Alegre é que, há quase vinte anos, não se tem uma exposição panorâmica do que se faz no Rio Grande do Sul; o que existe são alguns artistas que se reúnem, que fazem exposições individuais ou que, eventualmente, fazem exposições entre dois ou três; mas uma panorâmica, como existia o Arte Sul, ou aquela exposição de desenho contemporâneo que foi até [em nível] nacional, ou algumas exposições que aconteceram aqui na década de 80 e que abrangeram um número maior de jovens artistas e de artistas que tinham uma trajetória considerável... isso não existe mais. Então, se perde a identidade de conjunto, a idéia de conjunto. Nesse sentido, esse pequeno catálogo e essa possibilidade de ter a exposição depois do prêmio dão uma idéia mínima de conjunto na produção do ano.⁴⁶

Mesmo assim, como aponta André Venzon, a existência de um catálogo não é suficiente. Segundo ele, o catálogo acaba sendo produzido e consumido em um meio muito restrito e limitado, fazendo com que a comunidade não saiba o que está acontecendo no âmbito artístico, permanecendo assim quase que esquecido nos armários da Prefeitura.

[...] Ela faz aquele catálogo, ela faz aquele catálogo que é para consumo da própria prefeitura, para os próprios artistas e para própria classe; aquilo era para ser um álbum com mais substância mesmo, e deveria ser doado para escolas, para saberem o que é a produção artística como um todo em Porto Alegre.⁴⁷

A questão apontada por André tangencia a problemática da divulgação do prêmio, inclusive a relacionada aos meios de comunicação locais. Se analisarmos as reportagens sobre o assunto, essas são sempre muito sucintas; entretanto, ao longo dos anos de amadurecimento da premiação, os jornais foram dando, gradativamente, mais atenção ao prêmio. No dia da entrega das estatuetas, a TVCom, canal da RBS TV, passa o Prêmio Açorianos ao vivo para os telespectadores de casa. No entanto, o jornal *Zero Hora*, também do Grupo RBS, pouco destaca

⁴⁵ Bianca Knaak, em entrevista à autora no dia 04 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴⁶ Teresa Poester, em entrevista à autora no dia 11 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴⁷ André Venzon, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

a premiação em seu *Segundo Caderno*, mesmo nos dias próximos à data da premiação. Perguntei ao ex-editor do *Caderno Cultura* e ex-jornalista do *Segundo Caderno*, Eduardo Veras, o que ele achava da visibilidade que a *Zero Hora*, em especial, dá ao prêmio:

[...] Eu acho que ele tem, sim [visibilidade]. Se é maior ou menor, é menor que o de literatura, que tem uma tradição maior. O prêmio de literatura tem há bem mais tempo, então já está consolidado. Comparativamente, não está [o Açorianos de Artes Plásticas] tão consolidado como os outros. Talvez a gente não tenha que se perguntar se ele tem espaço na mídia, e sim o porquê do prêmio de artes plásticas existir há tão pouco tempo. Eu acho que estas perguntas estão vinculadas. Talvez seja porque as artes visuais ocupem espaço diferenciado do que o da literatura na vida das pessoas, mas esta é uma questão que vem desde a Antiguidade, esta tensão entre a palavra e o campo da imagem.⁴⁸

Há, sim, uma distinção no que tange ao tratamento dado pela mídia entre cada Prêmio Açorianos. Observando rapidamente um jornal como *Zero Hora*, percebe-se que o de Artes Plásticas, de longe, é o recebe menor espaço. Segundo Paulo Gomes, falta interesse dos próprios organizadores do prêmio em chamar atenção da mídia e destacar todos indicados, além de destacar apenas os vencedores:

[...] O que eu acho que poderia haver é um trabalho mais sistemático com o prêmio, no sentido dele ter mais repercussão. Por exemplo: no ano passado eu mandei uma carta reclamando para a Zero Hora, [quanto] ao mau tratamento que eles deram à premiação, porque eles fizeram uma matéria vagabunda no jornal com os premiados, e eu reclamei. Primeiro, eles não contemplaram a lista completa dos indicados e, segundo, não deram a lista completa dos premiados; eles pegaram um ou dois prêmios e deram todo destaque; isto é incorreto. Pois, se eles não trabalharem o prêmio como ele deve ser trabalhado, ele não tem nenhum valor, porque o grande mérito do prêmio é a repercussão que ele dá e este é o grande prêmio, o que ele poderia dar. Então, não há uma cobertura legal da mídia.⁴⁹

Veras comenta que existem vários fatores que levam o jornalista a contemplar um fato ou outro da premiação, e que isso também acontece com todas as outras informações dadas em uma edição, ou seja: são questões de interesses e critérios do jornal:

[...] Os jornais têm seus critérios e são equivocados muitas vezes. Então, há um prêmio, tem que sair a lista de todo mundo que ganhou? Tem que sair que teve um prêmio ontem e que teve resultado? Provavelmente sim, se supõe que é relevante. Tem um Oscar, tem que noticiar quem ganhou melhor filme e quem ganhou melhor roteiro? Sim. Quem ganha o prêmio de melhor diretor vai ter o mesmo peso de quem ganhou o prêmio de melhor fotografia ou de direção de arte? Não, não tem. A gente tem algo consensual, que está subentendido: vai ter foto da melhor atriz, mas não vai ter foto de quem ganhou o prêmio de melhor roteiro original, só se, por coincidência, for um Matt Damon que, além de ator, faz roteiros. Vai ter do lado a lista com todos os nomes, mas não vai ter o mesmo peso que os outros. Então, vamos considerar o Açorianos de Literatura: tem o melhor livro do ano e tem a melhor capa, que é o que eu julguei [Veras foi júri do Açorianos de Literatura], e vai ter o mesmo peso que o melhor romance ou o melhor livro de contos? Não. Vai ter a lista com todos os nomes. Se não for publicada esta lista é porque não tem espaço, ou por vários outros fatores. Se é certo ou errado... E por que isto tem que sair em um jornal? É para contentar as pessoas que ganharam o prêmio? Por que tem que sair a lista de quem

⁴⁸ Eduardo Veras, em entrevista à autora no dia 09 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁴⁹ Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

ganhou o Açorianos? É para dar um reconhecimento para a pessoa que ganhou, para informar a comunidade, para informar as gerações futuras ou por que o jornal tem espaço? Não tem uma resposta única. Tem interesses em jogo, pessoas que vão ficar magoadas. O ponto que eu acho que os critérios de um campo têm que ser entendidos dos olhos deste; não adianta eu querer pensar filosofia com os critérios da medicina.⁵⁰

Décio Presser, que também é jornalista, analisa os critérios da mídia de uma maneira um pouco diferente. Para ele, os jornais daqui não estão interessados na criação local e tampouco se prestam a ter uma boa crítica sobre isso:

[...] Uma coisa de cidade provinciana metida! Acho que não dão bola; acho que a nossa mídia está mais preocupada com coisas de fora daqui. Não dão aquela empurrada que às vezes precisa para fazer a coisa ficar mais prestigiada. Se vai ter a premiação, aparecem os nomes dos candidatos, uma semana depois [os nomes] dos premiados, e deu.⁵¹

São impressas, em média, duas reportagens por ano sobre o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas em cada um dos principais jornais da cidade.⁵² Nos jornais *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio* e *Zero Hora*, podemos perceber que, no dia da premiação, sai uma pequena nota avisando a comunidade sobre a entrega do prêmio à noite. No dia seguinte, a reportagem é normalmente maior, destacando os agraciados, mostrando imagens sobre suas obras.

Em 2007, por exemplo, o material sobre a premiação foi bastante relevante. Como era o primeiro Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, saíram algumas reportagens de caráter informativo, com boas imagens dos premiados. No ano de 2008, na segunda edição, foi quando o evento teve a menor visibilidade: apenas o jornal *Correio do Povo* divulgou o evento, e mesmo assim por meio de uma pequena nota, que circulou no dia da premiação, apontando alguns indicados. Em 2009, a produção de reportagens foi mais expressiva; no entanto, ainda sim, as matérias se mostram deficitárias; poucos nomes são citados e algumas imagens mais se aproximam do formato de “coluna social” do que do formato que “se espera” de uma premiação na área de artes. Já no ano de 2010, as reportagens foram mais cuidadosas, sobretudo no jornal *Zero Hora*, que ressaltou todos os nomes indicados, no dia da premiação, e todos nomes premiados, um dia depois.

⁵⁰ Eduardo Veras, em entrevista à autora no dia 09 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁵¹ Décio Presser, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁵² Todas as reportagens relativas ao Açorianos de Artes Plásticas e que circularam nos jornais *Zero Hora*, *Correio do Povo* e *Jornal do Comércio*, ao longo dos quatro anos de existência do prêmio, estão reproduzidas nos Anexos deste trabalho.

Assim, analisando ano a ano, portanto, temos a seguinte centimetragem⁵³:

	2007	2008	2009	2010
<i>Correio do Povo</i>	436,8 cm ²	105,7 cm ²	285,3 cm ²	348,7 cm ²
<i>Jornal do Comércio</i>	658,7 cm ²		161,5 cm ²	150,2 cm ²
<i>Zero Hora</i>	426,6 cm ²		110,5 cm ²	1048,9 cm ²

Também houve nesse período, naturalmente, divulgação em meios digitais, inclusive no próprio sítio digital do jornal *Correio do Povo*, que no ano de 2010 publicou informações que não se encontravam na versão impressa. Entretanto, para fazer essa comparação, foram consideradas apenas as reportagens publicadas no meio tradicional, em papel.

Uma outra questão interessante de se pensar sobre o Açorianos de Artes Plásticas é sobre a sua própria nomenclatura: Artes Plásticas. Por que não poderia ser de “Artes Visuais”? A ex-coordenadora, Ana Pettini, diz não se importar com a situação e diz não ser conservadora; para ela, o prêmio continua o mesmo, independente de seu nome.

[...] Para mim, artes plásticas e artes visuais *sont la même chose*. É só uma questão de nomenclatura ; eu não me incomodaria se a Coordenação se chamasse Coordenação de Belas Artes porque, para mim, não mudaria o meu conceito de arte. Então, quando tem destaque em escultura, eu sou professora de escultura, a minha disciplina se chama Disciplina de Escultura, e eu trabalho com toda abrangência de linguagens, desde macro-instalações a objetos, até pesquisas no micro-espço. Eu tenho um conceito aberto, talvez as pessoas não tenham!⁵⁴

Sabemos, no entanto, que existe uma diferença conceitual em relação às expressões Artes Plásticas, Artes Visuais e Belas Artes. O termo *Belas Artes* (citado por Ana Pettini) está relacionado a uma idéia mais tradicional de arte, quando se esperava dela, entre outros, que fosse justamente “bela”. Já o termo *Artes Plásticas* parece estar relacionado a produções que ocupem um lugar físico. As artes plásticas são geralmente divididas por linguagens, como desenho, gravura, escultura e pintura. Por fim, o termo *Artes Visuais* coloca-se como o mais abrangente, englobando toda produção visual, como vídeo, performance, instalações, arte digital, etc. Não estaria, então, o termo que define a premiação fora de uma proposta

⁵³ Centimetragem, em Comunicação, corresponde à área total (expressa em centímetros de colunas, ou seja, a largura) das matérias jornalísticas ou publicitárias publicadas na imprensa sobre determinado assunto durante certo período.

⁵⁴ Ana Pettini, em entrevista à autora no dia 13 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

contemporânea? Não estaria esta definição de *Artes Plásticas* relacionada ao ideal de categorias que a Coordenação tem para o prêmio? Percebo, nas entrelinhas abertas pela nomenclatura do prêmio, uma certa dificuldade dos membros da Coordenação de Artes Plásticas em entender o próprio ofício.

Apontamentos Finais

Caberia, depois dessa investigação, uma reflexão, mesmo que breve, sobre a política cultural da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Essa política existe, ou o que acontece na Secretaria de Cultura se assemelha mais a uma política de eventos? Tendo em mente a definição de política cultural como uma ação do poder público em incentivar e fomentar a arte local, com objetivo de conservar o patrimônio cultural, a partir da existência de um programa conciso (RIBEIRO, 2009), percebemos que não é realmente o que a Prefeitura nos apresenta através das edições do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Talvez por reconhecer e, conseqüentemente, valorizar os produtos culturais, essa política pareça presente; no entanto, não chega nem perto dos objetivos e mecanismos que um município deve ter para assegurar sua cultura. Por isso, a pergunta: não seria o prêmio um evento sem conexão alguma com qualquer função cultural da prefeitura? A pesquisadora Bianca Knaak, em sua entrevista, critica a falta de entendimento das ações de uma política cultural em todo Brasil:

[...] O que é uma política cultural para artes visuais, hoje? É preencher formulários de leis de incentivo? É concorrer com patrocínios, bolsas, para montar exposições, publicar livros? Isso é política cultural? Não. Isso são mecanismos, são estratégias, são possibilidades de atuação no campo. Política cultural é uma coisa bem mais complexa, interdisciplinar e que interfere em várias camadas, digamos assim, de constituição, de significação, de entendimento e de fomento do que se tem por cultura e por valor artístico dentro desta cultura. Eu acho que tem iniciativas que são pontuais, que tem melhores resultados em determinadas áreas para determinadas circunstâncias, e tem outras iniciativas que começaram muito bem

e que estão, há muito tempo, paradas. Não deram o segundo passo. Pelo que eu vejo da Prefeitura (de longe) é que ela está num momento em que ela tem que ultrapassar o que já conquistou.⁵⁵

Maria Amélia Bulhões cita Kennedy Piau, que, em sua Dissertação de Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte (PPGAV/UFRGS, 1999)⁵⁶, defende não existir uma política cultural na Prefeitura Municipal. A pesquisadora complementa que não será o prêmio que irá ajudar na ação cultural do Município; no entanto, ressalta que o prêmio não se trata de um simples evento, e sim de uma nova instância de legitimação para artistas de Porto Alegre.

[...] Eu não acho que haja uma política cultural na qual o prêmio se insira. Aliás, tive um orientando que se chama Kennedy Piau, que trabalhou sobre as políticas da Prefeitura na área de Artes Visuais e o que foi constatado é que, na verdade, não existe uma política definida; então, na medida em que não existe uma política, fica difícil o prêmio se inserir numa política que não existe. Por outro lado, o prêmio criar uma política também é pedir muito para ele. Agora, eu acho que ele vai além de um simples evento; ele marca uma tática de legitimação, de valorização, de qualificação da área, que eu acho importante.⁵⁷

Paulo Gomes defende o mesmo que Bulhões: não há uma política cultural nem no Município, nem no Estado, e que a premiação tampouco é assegurada por qualquer tipo de política a favor da cultura:

[...] Isto é uma coisa complicada, porque rigorosamente falando, a gente não tem uma política de cultura no Estado, nem no município. A gente tem iniciativas programadas, mas que não caracterizam realmente um prêmio. O prêmio talvez seja uma iniciativa de política de cultura, de reconhecer o valor e premiar os valores daquele período, mas não acredito que o prêmio tenha muito esta orientação; acho que não chega a caracterizar uma coisa ou outra; o prêmio é uma coisa meio “estação”, meio distante de um ano inteiro.⁵⁸

Sendo assim, o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas parece se atrelar mais a uma política de eventos, por ser um prêmio que trata de uma legitimação imediata, podendo ser chamado de um “espetáculo cultural” para a atenção pública, faltando principalmente um objetivo pós-prêmio, como bolsas e mais possibilidades de exposições para os premiados. Para Alfredo Nicolaiewsky,

[...] Tem essa coisa política que não adianta. A verba de cultura é pequena em todo país, sempre falta tudo, as coisas são empurradas. O problema é que as pessoas não acham importante cultura. Então, o problema da Prefeitura é o problema de política cultural do País, do Estado e do Município; é tudo igual. A

⁵⁵ Bianca Knaak, em entrevista à autora no dia 04 de maio de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁵⁶ PIAU, Kennedy. *Políticas Públicas e Sistema das Artes: Limites e Possibilidades de uma Ação Institucional Orientada para o Desenvolvimento das Artes Visuais como Crítica da Cultura*. 1999. 198 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

⁵⁷ Maria Amélia Bulhões, em entrevista à autora no dia 30 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁵⁸ Paulo Gomes, em entrevista à autora no dia 05 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Prefeitura tem algumas coisas legais... por exemplo, tem um FUMPROARTE, que é excelente, tem os Açorianos... é melhor que o Estado [...], mas ainda tem muito o que fazer.⁵⁹

Voltando à questão do “espetáculo”, Leandro Selister define que toda premiação, inevitavelmente, tem a característica de evento, e que isso não é um problema, mas falta de cuidado com a organização.

[...] Qualquer prêmio é um evento, não tem jeito. Que seja então cada vez um evento mais bem organizado, com prêmios em dinheiro, enfim, com incentivos reais, financeiros, aos premiados, e também aos indicados. É um prêmio importante, e pode, sim, abrir portas para os artistas indicados e também para os premiados, basta apenas uma coisa: continuar trabalhando e honrando o prêmio recebido; afinal, o artista que ganha, foi selecionado, julgado e considerado dentro de um universo de um ano, o destaque em sua categoria. Que honre isso e saiba aproveitar, e não apenas colocar o prêmio na prateleira em casa e esquecer que uma carreira se constrói com muito trabalho e que os prêmios só virão na medida em que a dedicação acontecer.⁶⁰

Apesar de todos os pontos negativos sobre o Prêmio Açorianos levantados neste trabalho, sabemos que devemos considerar as poucas edições que a premiação teve até agora e a força de iniciativa da Coordenação de Artes Plásticas que, mesmo com as dificuldades de uma instituição pública, trouxe novamente uma premiação a Porto Alegre. Teresa Poester, realista e, de certa forma, otimista em relação ao prêmio, defende que é necessário esperar o amadurecimento da premiação para se fazer uma análise mais concreta da situação.

[...] É uma empreitada difícil esse Prêmio Açorianos! [...] Nesse primeiro momento, acho que foi importante ter um catálogo e uma exposição, é sempre a tentativa de se fazer alguma coisa. Não podem ser só críticas, tem que se valorizar o que existe e procurar melhorar a partir disso.⁶¹

Muitos dos outros entrevistados apontam, em seus depoimentos, os aspectos positivos do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Vejamos os depoimentos de André Venzon, Maria Amélia Bulhões e Leandro Selister:

[André Venzon] Eu acho uma grande conquista. Apesar de ter demorado tanto para ser criado, porque nas outras áreas tem e sempre foi um prêmio que ajudou a reconhecer a importância das produções locais, acho que ele ainda é muito local, poderia ter uma categoria de reconhecimento de produções de artistas que vêm realizar na cidade para estimular a realizações de exposições de fora. Acho também que a divulgação do prêmio para fora, depois de entregue, poderia ser melhor.⁶²

⁵⁹ Alfredo Nicolaiewsky, em entrevista à autora no dia 07 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁶⁰ Leandro Selister, em entrevista à autora por e-mail no dia 22 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho

⁶¹ Teresa Poester, em entrevista à autora no dia 11 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁶² André Venzon, em entrevista à autora no dia 12 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

[Maria Amélia Bulhões] Eu acho um Prêmio bem importante, considerando que nós temos poucas premiações na área de artes visuais; nós não temos uma tradição que existe em outros países [...], onde existem premiações importantes para os artistas. [...] Os prêmios que existem [no Brasil] são muito alocados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Então, eu acho fundamental que haja algum tipo de premiação local que, de certa forma, concorra para a legitimação desses profissionais da área aqui no Rio Grande do Sul.⁶³

[Leandro Selister] Há muito tempo se falava na necessidade de um prêmio para as Artes Plásticas em Porto Alegre, pois era a única classe que não tinha ainda esse tipo de premiação, assim como existem Açorianos para a Música, Teatro e Literatura. Acho que é muito importante um prêmio como esse, principalmente para que tenhamos um incentivo aos artistas, instituições e também uma maior profissionalização de todos.⁶⁴

Através destes relatos, é possível compreender que as pessoas, ao atribuírem importância ao prêmio, legitimam esse enquanto instância de legitimação para os artistas e intelectuais do meio. Como se fosse um círculo que se fecha em si mesmo. Este processo legitima uma instância, que legitima os agentes relacionados à premiação, levando-nos a deduzir que o prêmio, no futuro, possivelmente se coloque com mais força perante a classe.

Muitas foram as questões que despontaram ao longo da pesquisa, algumas delas só brevemente discutidas. Sobre isso, aliás, quero registrar que todas as idéias e perguntas levantadas neste trabalho, mesmo com a contribuição dos entrevistados, são de total responsabilidade minha. E, como creio ter sido possível demonstrar, trata-se de um assunto polêmico, com muitas arestas. Apesar disso, penso que este trabalho, dentro de suas limitações, pode se constituir em fonte de pesquisa não somente sobre o assunto específico (o Prêmio Açorianos), como também sobre algumas engrenagens do campo artístico sulino e, em especial, porto-alegrense.

⁶³ Maria Amélia Bulhões, em entrevista à autora no dia 30 de abril de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

⁶⁴ Leandro Selister, em entrevista por e-mail à autora no dia 22 de junho de 2010. A entrevista completa encontra-se nos Apêndices deste trabalho.

Referências Bibliográficas

Obras de Referência

- BECKER, Howard Saul. *Art worlds*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- HEINICH, Natalie. *A sociologia da Arte*. São Paulo: EDUSC, 2008.
- GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2007.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Sobre Arte no Rio Grande do Sul

- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX*. 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Década de 50: Sopram os novos ares*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2007.

- BRITES, Blanca. *Breve olhar sobre os anos oitenta*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- BULHÕES, Maria Amélia. *A roda da fortuna: o modernismo se consolida e emergem seus primeiros questionamentos*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- CARVALHO, Ana Maria Albani de. *Anos noventa: comentário sobre o circuito e a produção artística em Porto Alegre no final do milênio*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- FERREIRA, Kennedy Piau. *Políticas públicas e sistema das artes: limites e possibilidades de uma ação institucional orientada para o desenvolvimento das artes visuais como crítica da cultura*. 1999. 198 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- GASTAL, Susana. *Arte no século XIX*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- KERN, Maria Lúcia Bastos. *A Emergência da Arte Modernista no Rio Grande do Sul*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- KRAWCZYK, Flávio. *O espetáculo da legitimidade: os salões de artes plásticas em Porto Alegre-1875/1995*. 1997. 416 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- RAMOS, Paula. *A modernidade impressa*. In: GOMES, Paulo (Org.) *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica*. Porto Alegre: Lahtu Sensu, 2007.
- RIBEIRO, Denise Velloso Fernandes. *Políticas culturais públicas para as artes visuais: o caso do Frumpoarte em Porto Alegre*. 2009. 104 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS:
PERCEPÇÕES E CRÍTICAS

ANEXOS E APÊNDICES

Yasmine Mazzoni Jalmusny

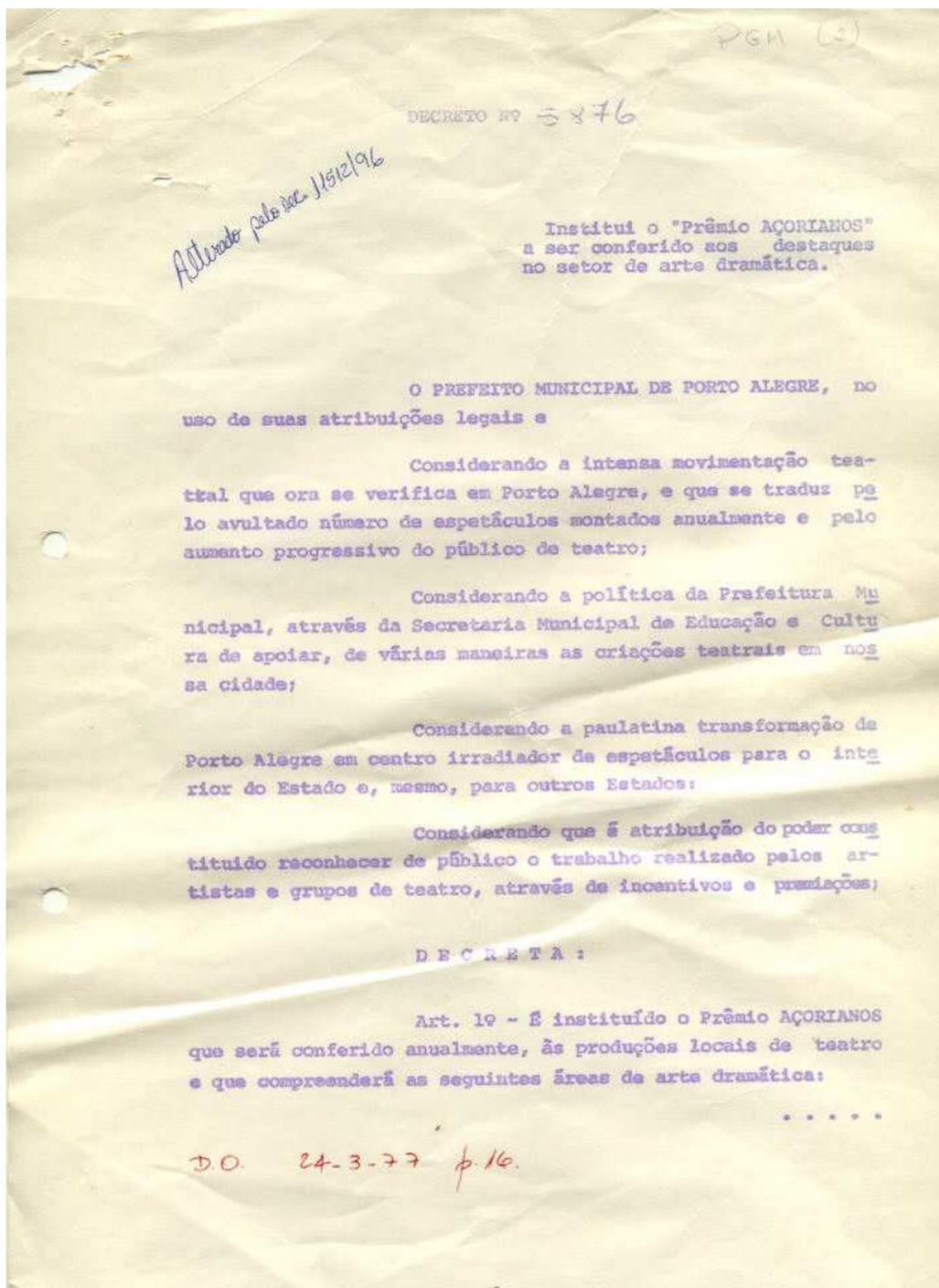
Porto Alegre, julho de 2010.

Sumário dos Anexos

1. Decretos.....	3
2. Editais.....	17
3. Catálogos.....	58
4. Reportagens Jornalísticas.....	59

1. Decretos

1.1 Decreto Municipal que institui o Prêmio Açorianos de Teatro (22 de março de 1977)



- a) melhor diretor;
- b) melhor ator;
- c) melhor atriz;
- d) ator revelação;
- e) atriz revelação;
- f) melhor espetáculo;
- g) melhor figurino

Art. 29 - Fica a Secretaria Municipal de Educação e Cultura com a atribuição de elaborar, no prazo de sessenta (60) dias, o Regulamento necessário ao cumprimento das disposições contidas no artigo anterior.

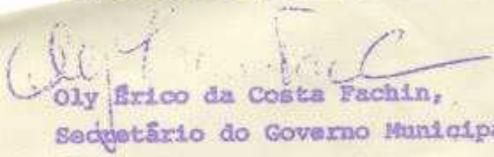
Art. 39 - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 22
de março de 1977.

Guilherme Socias Villala,
Prefeito.

Attila Sã d'Oliveira,
Secretário Municipal de Educação e Cultura.

Registre-se e publique-se


Oly Erico da Costa Fachin,
Secretário do Governo Municipal.

/nfb

1.2 Decreto Municipal que altera o Prêmio Açorianos de Teatro (28 de dezembro de 1978)

062

 PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA DO GOVERNO MUNICIPAL

Setor de Divulgação e Controle S.G.M. DECRETO Nº 6530
Publicado no D. Oficial de 29
de dezembro de 1978
N.º 11

Altera a redação do Art. 1º
do Decreto nº 5876, de 22 de
março de 1977.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO Alegre, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando que o "Prêmio Açorianos" para os destaques em arte dramática constitui-se em extraordinário sucesso, sendo a iniciativa louvada por órgãos da imprensa local e por todas as pessoas ligadas à arte teatral em nosso meio;

Considerando que, em virtude dessa mesma acolhida, o "Prêmio Açorianos", captou a simpatia da coletividade, com manifestações as mais diversas, que incluem sadias observações para seu aperfeiçoamento;

Considerando que as denominações "ator revelação" e "atriz revelação" podem dar margens a dúvidas e interpretações errôneas e que, por sua vez, é importante também a premiação daqueles que, não sendo os principais atores de um elenco, demonstrem excepcionais pendores para a arte cênica;

Considerando que também é de justiça que se confira um prêmio para aqueles que colaboram para o espetáculo em seu aspecto visual e cênico,

D E C R E T A :

Art. 1º - O art. 1º do Decreto nº 5876, de 22 de março de 1977 passa a vigorar com a seguinte redação:

" Art. 1º - É instituído o Prêmio AÇORIANOS que será conferido anualmente, às produções locais de teatro e que compreenderá as seguintes áreas da arte dramática:

- a) melhor diretor;
- b) melhor ator;

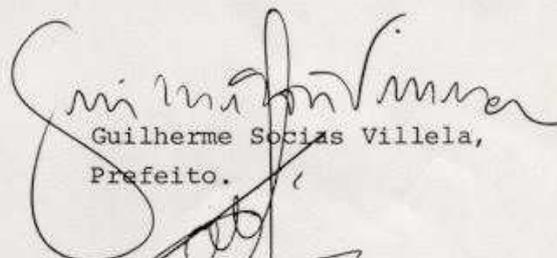
.....



- c) melhor atriz;
- d) melhor ator coadjuvante;
- e) melhor atriz coadjuvante;
- f) melhor espetáculo;
- g) melhor figurino;
- h) melhor cenário. "

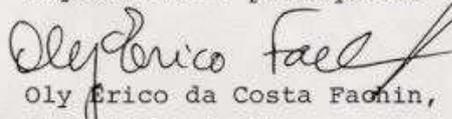
Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data -
de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre 28 de dezembro
de 1978.


Guilherme Socias Villela,
Prefeito.


Attila Sã D'Oliveira,
Secretário Municipal de Educação e Cultura.

Registre-se e publique-se


Oly Erico da Costa Pachin,
Secretário do Governo Municipal.

DECRETO Nº 9365

Altera o Decreto nº 5876, de 22 de março de 1977 que institui o "PRÊMIO AÇORIANOS" e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições legais e

considerando a intensa e dinâmica movimentação dos setores de Música e Dança em Porto Alegre, que durante o ano normalmente levam grande público às casas de espetáculos da cidade;

considerando a política da Secretaria Municipal da Cultura, de apoiar e promover, de várias maneiras, o desenvolvimento desses setores;

considerando que Porto Alegre já se tornou um centro irradiador de espetáculos de Música e Dança para o interior do Rio Grande do Sul, outros estados da Federação e mesmo para o exterior;

considerando que se constitui em uma das atribuições do Poder Público reconhecer o trabalho realizado por artistas e grupos de Música e Dança, através de incentivos e premiações;

considerando que o "PRÊMIO AÇORIANOS", para teatro, instituído pelo Decreto nº 5876/77, já se constitui em marco referencial para a área do teatro e que o desenvolvimento e popularização das áreas de Música e Dança pedem igual reconhecimento,

D E C R E T A :

Art. 1º - O "PRÊMIO AÇORIANOS" de que trata o Decreto nº 5876/77, será conferido anualmente aos destaques e produções locais de Música e Dança.

Art. 2º - Na área da Música, serão premiados com troféu:

- a) melhor espetáculo;
- b) melhor disco;
- c) melhor compositor;
- d) melhor cantor;
- e) melhor cantora;
- f) melhor instrumentista;
- g) melhor grupo e
- h) melhor arranjador.

PUBLICAÇÃO			REPUBLICAÇÃO			PROCESSO	E	F	RUBRICA
FONTE	DATA	PAG	FONTE	DATA	PAG				
XXE	30-12-80	44				01562.89.7			M/v



de:

Parágrafo único - Poderão ser conferidos diplomas

I - "Menção Especial" para:

- a) artista revelação;
- b) letrista;
- c) produção e
- d) iluminação

em:

II - "Destaque Individuais", para instrumentistas

- a) cordas
- b) teclados
- c) sopros e
- d) bateria e percussão

troféu:

Art. 3º - Na área de Dança, serão premiados com

- a) melhor grupo;
- b) melhor espetáculo de escola;
- c) melhor coreografia;
- d) melhor direção;
- e) melhor coreografia;
- f) melhor bailarino e
- g) melhor bailarina

Parágrafo único - Poderão ser conferidos diplomas de "Menção Especial" para:

- a) revelação;
- b) figurino;
- c) produção e
- d) iluminação

Art. 4º - Fica a Secretaria Municipal da Cultura com a atribuição de elaborar, no prazo de 60 (sessenta) dias, a

...



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

...

3

contar desta data, o Regulamento necessário ao cumprimento das disposições contidas neste Decreto.

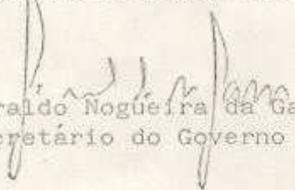
Art. 5º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 29 de dezembro de 1988.


Alceu Collares,
Prefeito.

Joaquim Felizardo,
Secretário Municipal da Cultura.

Registre-se e publique-se.


Geraldo Nogueira da Gama,
Secretário do Governo Municipal.

1.4 Decreto Municipal que institui o Prêmio Açorianos de Literatura (5 de maio de 1994)



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

DECRETO Nº 10.982

Estende o "Prêmio Açorianos" de que trata o Decreto nº 5876/77, às produções locais de Literatura.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso das atribuições que lhe confere o inciso IV do artigo 94 da Lei Orgânica do Município,

considerando a grande produção editorial na área da Literatura em Porto Alegre e a busca de nossos escritores pelo reconhecimento de seus valores literários, que se traduz pelo número crescente de publicações de cunho institucional e privado na área da Literatura;

considerando o alto grau de mobilização e participação da comunidade porto-alegrense em eventos ligados à Literatura;

considerando a política da Secretaria Municipal da Cultura de apoiar e promover, de várias maneiras, o desenvolvimento da Literatura na cidade de Porto Alegre;

considerando que se constitui em uma das atribuições do Poder Público reconhecer o trabalho realizado por escritores de nossa comunidade através de incentivos e premiações;

considerando que o "Prêmio Açorianos", para Teatro, Música e Dança, instituído inicialmente pelo Decreto nº 5876/77 e posteriormente alterado pelos Decretos nºs 9365/88 e 10.486/92, já se constitui em marco referencial para as áreas de Artes Cênicas, Dança e Música, e que o desenvolvimento e popularização da área da Literatura pede igual reconhecimento,

DECRETA :

Art. 1º - O "Prêmio Açorianos" de que trata o Decreto nº 5876/77, alterado pelos Decretos nºs 9365/88 e 10.486/92, será conferido anualmente também às produções locais de Literatura.

[Handwritten signature]

PUBLICAÇÃO			REPUBLICAÇÃO			PROCESSO	PRE	PL	RUBRICA
FONTE	DATA	PAG	FONTE	DATA	PAG				
DOE	09-05-94	45							<i>[Handwritten initials]</i>



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

.....

2

Art. 2º - Será escolhido anualmente no mínimo um estilo literário a ser premiado com troféu e/ou dinheiro e/ou edição.

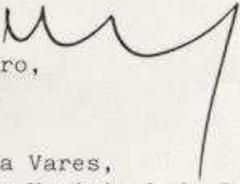
Parágrafo único - A premiação em dinheiro e/ou com edição fica condicionada às disponibilidades da Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 3º - Fica a Secretaria Municipal da Cultura com a atribuição de definir os critérios e formas de seleção bem como de elaborar o Regulamento necessário ao cumprimento das disposições contidas neste Decreto.

Art. 4º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

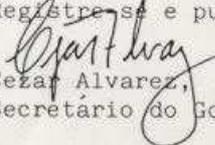
Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 05 de maio de 1994.


Tarso Genro,
Prefeito.

Luiz Pilla Vares,
Secretário Municipal da Cultura.

Registre-se e publique-se.


Cesar Alvarez,
Secretário do Governo Municipal.

1.5 Decreto Municipal que altera o Prêmio Açorianos de Música e Dança (27 de maio de 1996)

 PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

DECRETO Nº 11.512

Altera o Decreto nº 5876, de 22 de março de 1977, que institui o "PRÊMIO AÇORIANOS", criando o "PRÊMIO AÇORIANOS DE MÚSICA E DANÇA", e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições legais e

considerando a intensa e dinâmica movimentação dos setores de Música e Dança em Porto Alegre, que durante o ano normalmente levam grande público às casas de espetáculos da Cidade;

considerando a política da Secretaria Municipal da Cultura, de apoiar e promover, de várias maneiras, o desenvolvimento destes setores;

considerando que Porto Alegre já se tornou um centro irradiador de espetáculos de Música e Dança para o interior do Rio Grande do Sul, outros Estados da Federação e mesmo para o exterior;

considerando que se constitui em uma das atribuições do Poder Público reconhecer o trabalho realizado por artistas e grupos de Música e Dança, através de incentivos e premiações;

considerando que o "PRÊMIO AÇORIANOS", para teatro, instituído pelo Decreto nº 5876 de 22 de março de 1977, já se constitui em marco preferencial para a área do teatro e que o desenvolvimento e popularização das áreas de Música e Dança pedem igual reconhecimento,

[Handwritten signatures]

PUBLICAÇÃO			REPUBLICAÇÃO			PROCESSO	P/E	P/L	RUBRICA
FUNTE	DATA	PAG.	FUNTE	DATA	PAG.				
COOPA	03.06.96	04							<i>[Signature]</i>

A.C.M.A. MOD. GM - 28



DECRETA:

Art. 1º - O "PRÊMIO AÇORIANOS" de que trata o Decreto nº 5876 de 22 de março de 1977, é estendido aos destaques e produções locais de Música e Dança, devendo ser conferido anualmente, obedecidos os respectivos editais.

Art. 2º - Serão premiados com troféus, diplomas de Menção Especial, Destaques Individuais e/ou dinheiro, os destaques e as produções locais de música e dança, nos termos dos respectivos Regulamentos, a serem fixados através de instrução normativa pela Secretaria Municipal da Cultura.

Parágrafo único - A Comissão Julgadora poderá atribuir outros prêmios, em casos especiais ou que se caracterizem como homenagem, desde que não integrem as categorias descritas nos respectivos Regulamentos.

Art. 3º - A premiação em dinheiro de que trata o artigo 2º, deste Decreto, fica condicionada às disponibilidades da Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 4º - A Comissão Julgadora, nomeada pela Secretaria Municipal da Cultura, terá sua composição fixada em Regulamento.

Art. 5º - Fica a Secretaria Municipal da Cultura com a atribuição de elaborar, no prazo de 60 (sessenta) dias, o Regulamento, a ser estabelecido através de Instrução Normativa, necessário ao cumprimento das disposições contidas neste Decreto.

Art. 6º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário, em especial os Decretos nº 9365, de 29 de dezembro de 1988, e o Decreto nº 10.486, de 16 de dezembro de 1992.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE

.....

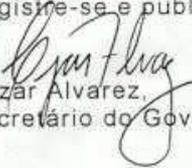
03

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 27 de
maio de 1996.


Tarso Genro,
Prefeito.

Margarete Costa Moraes,
Secretária Municipal da Cultura.

Registre-se e publique-se.


César Alvarez,
Secretário do Governo Municipal.

1.6 Decreto Municipal que institui o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (12 de setembro de 2006)



Prefeitura Municipal de Porto Alegre

DECRETO Nº 15.297, de 12 de setembro de 2006.

Altera o Decreto nº 5.876, de 22 de março de 1977, que institui o “Prêmio Açorianos”, criando o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, e dá outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições legais, e;

considerando o vigor com que o setor das Artes Plásticas desde há muito tempo vem desenvolvendo-se em Porto Alegre, de modo a atrair a atenção de público local, do Brasil e do exterior;

considerando que Porto Alegre é reconhecida como um dos principais pólos de produção de Artes Plásticas na América Latina, sediando instituições e eventos internacionalmente reconhecidos;

considerando a política da Secretaria Municipal da Cultura, de apoiar e promover os vários setores da cultura e das artes;

considerando que se constitui em uma das atribuições do Poder Público reconhecer o trabalho desenvolvido por artistas e profissionais ligados às artes, através de incentivos e premiações;

considerando que o Prêmio Açorianos já se constitui em marco referencial para os setores da Literatura, do Teatro e Dança, da Dança, e que o desenvolvimento das Artes Plásticas pede igual reconhecimento,

D E C R E T A:

Art. 1º O Prêmio Açorianos de que trata o Decreto nº 5.876, de 22 de março de 1977, é estendido aos destaques de produções locais de Artes Plásticas, devendo ser conferido anualmente.

Art. 2º Serão premiados, com troféus, diplomas de Destaque Especial e/ou dinheiro, os destaques de produções locais de Artes Plásticas, nos termos do Regulamento a ser fixado pela Secretaria Municipal da Cultura, através de instrução normativa.

Art. 3º A premiação em dinheiro que trata o art. 2º deste Decreto fica condicionada às disponibilidades da Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 4º A Comissão Julgadora, nomeada pela Secretaria Municipal da Cultura, terá sua composição fixada em Regulamento.

Art. 5º Fica a Secretaria Municipal da Cultura com a atribuição de elaborar, no prazo de 60 (sessenta) dias, o Regulamento necessário ao cumprimento das disposições contidas neste Decreto.

Art. 6º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 12 de setembro de 2006.

José Fogaça,

Prefeito.

Sérgius Gonzaga,

Secretário Municipal da Cultura.

Registre-se e publique-se.

Clóvis Magalhães,

Secretário Municipal de Gestão e

Acompanhamento Estratégico.

2. Editais

2.1 Primeiro Edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (3 de janeiro de 2007)

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS

Concurso 2/07

Processo 001.000325.07.04

REGULAMENTO

Regulamenta o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas criado pelo Decreto nº 15.297, de 12 de setembro de 2006.

PREÂMBULO

Considerando o crescente desenvolvimento cultural de nossa cidade, em destaque as artes plásticas, nossos artistas e entidades culturais têm realizado inúmeros ventos e exposições que vem contribuindo para o destaque cultural de Porto Alegre. Após quase trinta anos da instituição do Prêmio Açorianos pela PMPA, os artistas plásticos e entidades da área terão o reconhecimento do trabalho realizado.

Este prêmio tem como objetivo destacar e premiar as importantes produções locais em artes plásticas, e também será uma forma de registrar os inúmeros eventos e exposições no sistema das artes na cidade de Porto Alegre.

DOS CONCORRENTES E CATEGORIAS

Art. 1º – Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, sem qualquer tipo de inscrição, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos; as instituições e os espaços do sistema de arte de Porto Alegre, com atuação durante a temporada anual, que corresponderá de abril do ano anterior até março do ano da edição do prêmio, assim exemplificados:

Parágrafo 1º - Os artistas que tiverem participado de mostras individuais, coletivas, ou propostas alternativas, abertas ao público pelo período mínimo de 20 dias.

I - Não serão consideradas as exposições apresentadas em universidades, escolas, institutos e ateliês de arte que representem trabalho de conclusão de período letivo ou mostra de produção de oficinas públicas ou particulares;

Parágrafo 2º - Os espaços e instituições de arte, públicos ou privados, com programação ligada à atividade de artes plásticas, tais como: exposições abertas ao público, atividades artísticas educativas, museologia, seminários e congêneres.

Parágrafo 3º - Fica estabelecido o dia 3 de maio, Dia do Artista Plástico, como a data de solenidade de entrega dos Troféus e Prêmios:

I - Nesta primeira edição do PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS fica estabelecido o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2006, como período que os concorrentes devem ter realizado sua (s) exposição (ões) e eventos.

II - Excepcionalmente, nesta primeira edição os artistas e instituições concorrentes o deverão disponibilizar para a CAP na forma de portfólio sobre a (s) exposição (ões) e eventos realizada (os), como convites, folders, cartazes, fotos dos trabalhos expostos, fotos das exposições, matérias publicadas em jornais, e mais o que julgarem necessário para esclarecimento de seu evento ou exposição pra as comissões.

Este material deve ser entregue até 30 de março de 2007, na Coordenação de Artes Plásticas, na sala 605 da Usina do Gasômetro, Av. Presidente João Goulart, 551.

Este material será analisado pelas comissões de seleção e de premiação.

Art. 2º - A critério da comissão julgadora será concedido, como prêmio, um troféu, e conforme a disponibilidade da SMC acrescido de um prêmio em dinheiro, para cada vencedor, das seguintes categorias:

- a) Destaque em pintura;
- b) Destaque em escultura;
- c) Destaque em desenho;
- d) Destaque em cerâmica;
- e) Destaque em gravura;
- f) Destaque em mídias tecnológicas;
- g) Melhor exposição individual;
- h) Melhor exposição coletiva;
- i) Artista revelação;
- j) Destaque de espaço institucional, público e privado, de divulgação artística;
- k) Destaque em projeto alternativo de produção plástica;
- l) Curadoria de exposição;
- m) Destaque em produção de textos sobre artes plásticas publicados;
- n) Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas;

Parágrafo 1º – Será concedido, o prêmio “Artista – Destaque Especial do Ano”, ao qual concorrerão os artistas plásticos que receberam o prêmio de Destaque nas áreas acima citadas, além do troféu da categoria, o prêmio será em dinheiro, no valor de R\$ 6.000,00, descontados os impostos cabíveis. O vencedor deverá apresentar a documentação solicitada pela SMC, para receber o referido valor, no prazo de 30 dias da publicação do resultado.

Parágrafo 2º – A CAP/Secretaria Municipal da Cultura poderá criar categorias extraordinárias, por sugestão da comissão de seleção, em casos especiais que se caracterizem como homenagem ou similar, desde que não interfiram nas categorias descritas anteriormente.

DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 3º - A comissão de seleção será composta por cinco profissionais de reconhecida capacidade, ligados à área das artes plásticas e/ou representantes de entidades e instituições do setor, a serem indicados pela CAP/Secretaria Municipal da Cultura. A indicação para a comissão de seleção implicará às seguintes restrições:

- a) seus componentes não poderão ser individualmente indicados para o prêmio em nenhuma categoria;
- b) seus componentes não podem ser vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes, sob a forma de parentesco ou sociedade;
- c) seus componentes não poderão estar indicados para o prêmio em nenhuma categoria

Parágrafo 1º – Os integrantes da comissão de seleção serão nomeados por portaria da Secretaria Municipal Cultura publicada no Diário Oficial de Porto Alegre.

Parágrafo 2º – É vedado a qualquer pessoa representar mais de uma entidade ou instituição, bem como a qualquer funcionário lotado na SMC representar outra entidade ou instituição que não a própria SMC.

DAS ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 4º – Caberá à comissão julgadora analisar, avaliar, selecionar e indicar os concorrentes ao prêmio.

Parágrafo 1º – Para a avaliação dos concorrentes, durante o período anual estabelecido, os membros da comissão de seleção deverão, em separado, analisar as exposições, instituições e trabalhos concorrentes, observados os critérios do artigo 1 deste Regulamento e da qualidade artística.

Parágrafo 2º – Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão de Seleção deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela Secretaria Municipal da Cultura.

Nesta primeira edição, os membros da comissão farão análise e indicações dos concorrentes de forma coletiva.

Art. 5º – A coordenação dos trabalhos da Comissão de Seleção ficará a cargo da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura, que providenciará as planilhas oficiais para avaliação das categorias.

Parágrafo 1º - A divulgação dos indicados dar-se-á conforme calendário estabelecido pela CAP/ Secretaria Municipal da Cultura para cada edição.

Art. 6º – O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte, em cada categoria, de três a cinco indicados ao prêmio.

Parágrafo 1º - Pertence à comissão de seleção o direito de não atribuir indicação em qualquer categoria;

DA PREMIAÇÃO

Art. 7º – Caberá à comissão de premiação analisar, avaliar, os indicados pela comissão de seleção ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Parágrafo 1º - Em todas as etapas de julgamento, os membros da comissão deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 8º - A coordenação dos trabalhos da comissão de premiação ficará a cargo da CAP da Secretaria Municipal Cultura, que providenciará planilhas oficiais dos indicados em todas as categorias.

Parágrafo 1º - A composição da comissão de premiação obedecerá aos mesmos critérios do art. 3º.

Os integrantes só poderão participar de uma das comissões.

Parágrafo 2º - A divulgação dos indicados dar-se-á conforme calendário estabelecido pela CAP/Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 9º - O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte em um vencedor por categoria.

Parágrafo 1º - Pertence à Comissão de Seleção o direito de não atribuir prêmio em qualquer categoria.

Art. 10º - O Artista Destaque do Ano, será escolhido pela comissão de premiação a partir das listas dos artistas premiados.

Parágrafo 1º - Os resultados das premiações somente serão conhecidos no momento da entrega dos troféus.

Parágrafo 2º - Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da Secretaria Municipal da Cultura.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 11º - Os integrantes da comissão de seleção e os concorrentes estão sujeitos ao presente regulamento.

Art. 12º - Os casos omissos do presente regulamento serão resolvidos pela CAP/Secretaria Municipal da Cultura, respeitada a legislação pertinente, especialmente a lei 8666/93.

Art.13º - As reuniões das Comissões Julgadoras deverão ser registradas em atas, datadas e assinadas pelos respectivos membros.

Cronograma:

Janeiro de 2007 - publicação do edital

Janeiro/fevereiro/março divulgação

Março – Nomeação das Comissões

Recebimento dos portfólios

Abril – Reunião da Comissão de Seleção 2006 e 2007

Reunião da Comissão de Premiação 2006

Maió – Solenidade de entrega dos Troféus e Prêmios.

Porto Alegre, 3 de janeiro de 2007

SERGIUS GONZAGA
SECRETÁRIO MUNICIPAL DA CULTURA

2.2 Segundo Edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

II PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS 2007

REGULAMENTO

Regulamenta o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas criado pelo Decreto nº 15.297, de 12 de setembro de 2006.

PREÂMBULO

Considerando o crescente desenvolvimento cultural de nossa cidade, em destaque as artes plásticas, nossos artistas e entidades culturais têm realizado inúmeros ventos e exposições que vem contribuindo para o destaque cultural de Porto Alegre. Após quase trinta anos da instituição do Prêmio Açorianos pela PMPA, os artistas plásticos e entidades da área terão o reconhecimento do trabalho realizado.

Este prêmio tem como objetivo destacar e premiar as importantes produções locais em artes plásticas, e também será uma forma de registrar os inúmeros eventos e exposições no sistema das artes na cidade de Porto Alegre.

DOS CONCORRENTES E CATEGORIAS

Art. 1º – Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, sem qualquer tipo de inscrição, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos; as instituições e os espaços do sistema de arte de Porto Alegre, com atuação durante a temporada anual, que corresponderá de abril do ano anterior até março do ano da edição do prêmio, assim exemplificados:

Parágrafo 1º - Os artistas que tiverem participado de mostras individuais, coletivas, ou propostas alternativas, abertas ao público pelo período mínimo de 20 dias.

I- Não serão consideradas as exposições apresentadas em universidades, escolas, institutos e ateliês de arte que representem trabalho de conclusão de período letivo ou mostra de produção de oficinas públicas ou particulares;

Parágrafo 2º: - Os espaços e instituições de arte, públicos ou privados, com programação ligada à atividade de artes plásticas, tais como: exposições abertas ao público, atividades artísticas-educativas, museologia, seminários e congêneres.

Parágrafo 3º - Fica estabelecido o dia 8 de maio, Dia do Artista Plástico, como a data de solenidade de entrega dos Troféus e Prêmios:

Art. 2º - A critério da Comissão de seleção será concedido, como prêmio, um troféu, e conforme a disponibilidade orçamentária da SMC acrescido de prêmio em dinheiro, para cada vencedor, das seguintes categorias:

- o) Destaque em pintura;
- p) Destaque em escultura;
- q) Destaque em desenho;
- r) Destaque em cerâmica;
- s) Destaque em gravura;
- t) Destaque em mídias tecnológicas;
- u) Melhor exposição individual;
- v) Melhor exposição coletiva;
- w) Artista revelação;
- x) Destaque de espaço institucional, público e privado, de divulgação artística;
- y) Destaque em projeto alternativo de produção plástica;
- z) Curadoria de exposição;
- aa) Destaque em produção de textos sobre artes plásticas publicados;
- bb) Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas;

Parágrafo 1º – Será concedido, o prêmio “Artista – Destaque Especial do Ano”, ao qual concorrerão os artistas plásticos que receberam o prêmio de Destaque nas áreas acima citadas, além do troféu da categoria. O prêmio será em dinheiro, no valor de R\$ 6.000,00 (seis mil reais), descontados os impostos cabíveis. O vencedor deverá apresentar a documentação solicitada pela SMC, para receber o referido valor, no prazo de 30 dias da publicação do resultado.

Parágrafo 2º– A CAP/SMC poderá criar categorias extraordinárias, por sugestão da Comissão de Seleção, em casos especiais que se caracterizem como homenagem ou similar, desde que não interfiram nas categorias descritas anteriormente.

DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 3º - A Comissão de Seleção será composta por cinco profissionais de reconhecida capacidade, ligados à área das artes plásticas e/ou representantes de entidades e instituições do setor, a serem indicados pela CAP/SMC. A indicação para a Comissão de Seleção implicará às seguintes restrições:

- d) seus componentes não poderão ser individualmente indicados para o prêmio em nenhuma categoria;
- e) seus componentes não podem ser vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes, sob a forma de parentesco ou sociedade;
- f) seus componentes não poderão estar indicados para o prêmio em nenhuma categoria

Parágrafo 1º – Os integrantes da Comissão de Seleção serão nomeados por portaria da SMC, publicada no DOPA.

Parágrafo 2º – É vedado a qualquer pessoa representar mais de uma entidade ou instituição, bem como a qualquer funcionário lotado na SMC representar outra entidade ou instituição que não a própria SMC.

DAS ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 4º – Caberá à Comissão julgadora analisar, avaliar, selecionar e indicar os concorrentes ao prêmio.

Parágrafo 1º – Para a avaliação dos concorrentes, durante o período anual estabelecido, os membros da Comissão de Seleção deverão, em separado, analisar as exposições, instituições e trabalhos concorrentes, observados os critérios do art. 1º deste Regulamento e da qualidade artística.

Parágrafo 2º – Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão de Seleção deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC.

Art. 5º – A coordenação dos trabalhos da Comissão de Seleção ficará a cargo da Coordenação de Artes Plásticas da SMC, que providenciará as planilhas oficiais para avaliação das categorias.

Parágrafo 1º - A divulgação dos indicados dar-se-á conforme calendário estabelecido pela CAP/ SMC para cada edição.

Art. 6º – O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte, em cada categoria, de três a cinco indicados ao prêmio.

Parágrafo 1º - Pertence à Comissão de Seleção o direito de não atribuir indicação em qualquer categoria;

DA PREMIAÇÃO

Art. 7º – Caberá à Comissão de Premiação analisar, avaliar, os indicados pela Comissão de Seleção ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Parágrafo 1º - Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC.

Art. 8º - A coordenação dos trabalhos da Comissão de Premiação ficará a cargo da Coordenação de Artes Plásticas da SMC, que providenciará planilhas oficiais dos indicados em todas as categorias.

Parágrafo 1º - A composição da Comissão de Premiação obedecerá aos mesmos critérios do art. 3º.

Parte dos integrantes da Comissão de Seleção poderão integrar a Comissão de Premiação, num percentual de até 50%.

Parágrafo 2º - A divulgação dos indicados dar-se-á conforme calendário estabelecido pela CAP/SMC.

Art. 9º - O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte em um vencedor por categoria.

Parágrafo 1º - Pertence à Comissão de Seleção o direito de não atribuir prêmio em qualquer categoria.

Art. 10º - O Artista Destaque do Ano, será escolhido pela Comissão de Premiação a partir das listas dos artistas premiados.

Parágrafo 1º - Os resultados das premiações somente serão conhecidos no momento da entrega dos troféus.

Parágrafo 2º - Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da Secretaria Municipal da Cultura.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 11º - Os integrantes da Comissão de Seleção, de Premiação e os concorrentes estão sujeitos ao presente regulamento.

Art. 12º - Os casos omissos do presente regulamento serão resolvidos pela CAP/SMC, respeitada a legislação pertinente, especialmente a Lei 8666/93.

Art. 13º.As reuniões das Comissões Julgadoras deverão ser registradas em atas, datadas e assinadas pelos respectivos membros.

Cronograma

Maio/2007: publicação edital

Nomeação da comissões de seleção e premiação de 2007

Março/2008: Reunião do Júri de Seleção

Abril/2008: Reunião do Júri de Premiação de 2007

Maio/2008: Entrega dos Prêmios Açorianos de Artes Plásticas de 2007

Sergius Gonzaga
Secretário Municipal da Cultura

2.3 Terceiro Edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (31 de março de 2008)

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA
COORDENAÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS**

III PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS

Concurso 008 /08

Processo 001.002601.08.7

REGULAMENTO

Regulamenta o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas criado pelo Decreto nº 15.297, de 12 de setembro de 2006.

PREÂMBULO

Considerando o crescente desenvolvimento cultural de nossa cidade, em destaque as artes plásticas, nossos artistas e entidades culturais têm realizado inúmeros eventos e exposições que vem contribuindo para o destaque cultural de Porto Alegre.

Este prêmio tem como objetivo destacar e premiar as importantes produções locais em artes plásticas, e, também será uma forma de registrar os inúmeros eventos e exposições no sistema das artes na cidade de Porto Alegre.

DOS CONCORRENTES E CATEGORIAS

Art. 1º – Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, sem qualquer tipo de inscrição, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos; as instituições e os espaços do sistema de arte de Porto Alegre, com atuação durante a temporada anual, que corresponderá de abril à dezembro de 2008 assim exemplificados:

Parágrafo 1º - Os artistas que tiverem participado de mostras individuais, coletivas, ou propostas alternativas, abertas ao público pelo período mínimo de 20 dias.

I - Não serão consideradas as exposições apresentadas em universidades, escolas, institutos e ateliês de arte que representem trabalho de conclusão de período letivo ou mostra de produção de oficinas públicas ou particulares;

Parágrafo 2º - Os espaços e instituições de arte, públicos ou privados, com programação ligada à atividade de artes plásticas, tais como: exposições abertas ao público, atividades arte-educativas, museologia, seminários e congêneres.

Art. 2º - A critério da Comissão Julgadora será concedido, como prêmio, um troféu, e conforme a disponibilidade orçamentária da SMC, acrescido de prêmio em dinheiro, a ser definido posteriormente, para cada vencedor, das seguintes categorias:

- cc) Destaque em pintura;
 - dd) Destaque em escultura;
 - ee) Destaque em desenho;
 - ff) Destaque em cerâmica;
 - gg) Destaque em gravura;
 - hh) Destaque em fotografias;
 - ii) Destaque em mídias tecnológicas;
- Obs: Nas categorias acima poderão ser indicados exposições individuais e coletivas.

- jj) Melhor exposição individual;
- kk) Melhor exposição coletiva;
- ll) Artista revelação;
- mm) Destaque de espaço institucional, público ou privado, de divulgação artística;
- nn) Destaque em projeto alternativo de produção plástica;
- oo) Destaque em Curadoria de exposição;
- pp) Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados. Obs: Os exemplares deverão se disponibilizados aos integrantes do Juri de Seleção e Premiação
- qq) Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas;

Parágrafo 1º – Será concedido, o prêmio “Artista – Destaque Especial do Ano”, ao qual concorrerão os artistas plásticos que receberam o prêmio de Destaque nas áreas acima citadas, além do troféu da categoria, receberá um prêmio será em dinheiro, nesta edição, no valor de R\$ 6.000,00, (seis mil reais) descontados os impostos cabíveis. O vencedor deverá apresentar a documentação solicitada pela SMC, para receber o referido valor, no prazo de 30 dias da publicação do resultado.

Parágrafo 2º – A CAP/SMC poderá criar categorias extraordinárias, por sugestão da Comissão de Seleção, em casos especiais, que se caracterizem como homenagem ou similar, desde que não interfiram nas categorias descritas anteriormente.

DA COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 3º - A Comissão de Seleção será composta por cinco profissionais de reconhecida capacidade, ligados à área das artes plásticas e/ou representantes de entidades e instituições do setor, a serem indicados pela CAP/SMC. A indicação para a Comissão de Seleção implicará às seguintes restrições:

- g) seus componentes não poderão ser individualmente indicados para o prêmio em nenhuma categoria;
- h) seus componentes não podem ser vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes, sob a forma de parentesco ou sociedade;

Parágrafo 1º – Os integrantes da Comissão de Seleção serão nomeados por portaria da SMC, publicada no Diário Oficial de Porto Alegre.

Parágrafo 2º – É vedado a qualquer pessoa representar mais de uma entidade ou instituição, bem como a qualquer funcionário lotado na SMC representar outra entidade ou instituição que não a própria SMC.

DAS ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 4º – Caberá à comissão julgadora analisar, avaliar, selecionar e indicar os concorrentes ao prêmio.

Parágrafo 1º – Para a avaliação dos concorrentes, durante o período anual estabelecido, os membros da Comissão de Seleção deverão, em separado, analisar as exposições, instituições e trabalhos concorrentes, observados os critérios do artigo 1º deste Regulamento e da qualidade artística.

Parágrafo 2º – Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão de Seleção deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC.

Art. 5º – A coordenação dos trabalhos da Comissão de Seleção ficará a cargo da Coordenação de Artes Plásticas da SMC, que providenciará as planilhas oficiais para avaliação das categorias.

Art. 6º – O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte, em cada categoria, de três a cinco indicados ao prêmio.

Parágrafo Único - Pertence à Comissão de Seleção o direito de não atribuir indicação em qualquer categoria, na hipótese de os trabalhos não atenderem, de modo satisfatório os critérios de julgamento.

DA PREMIAÇÃO

Art. 7º – Caberá à Comissão de Premiação analisar, avaliar, os indicados pela Comissão de Seleção ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Parágrafo 1º - Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC.

Art. 8º - A coordenação dos trabalhos da Comissão de Premiação ficará a cargo da Coordenação das Artes Plásticas/SMC, que providenciará planilhas oficiais dos indicados em todas as categorias.

Parágrafo 1º - A composição da Comissão de Premiação obedecerá aos mesmos critérios do art. 3º.

Parágrafo 2º - Os integrantes só poderão participar de uma das Comissões..

Art. 9º - O Artista Destaque do Ano, será escolhido pela Comissão de Premiação a partir das listas dos artistas premiados.

Parágrafo 1º - Os resultados das premiações somente serão conhecidos no momento da entrega dos troféus.

Parágrafo 2º - Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da SMC.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 10º-A Administração Pública, os integrantes da Comissão de Seleção, de Premiação e os concorrentes estão sujeitos ao presente regulamento.

Art. 11º- Os casos omissos serão resolvidos pela CAP/SMC respeitada a legislação pertinente, especialmente a lei 8666/93.

Art.12º- As reuniões das Comissões Julgadoras deverão ser registradas em atas, datadas e assinadas pelos respectivos membros.

Parágrafo 1º - Os membros da Comissão justificarão seus votos individualmente, que serão registrado em ata.

Art. 13. É vedada a premiação de funcionários públicos municipais, ocupantes de Cargo em Comissão e Estagiários lotados na Secretaria Municipal da Cultura, bem como prestadores de serviços técnicos-e/ou artísticos, com contrato vigente na data da premiação.

Cronograma:

Abril de 2008 - Publicação do Edital, divulgação e nomeação dos integrantes das Comissões
Janeiro e Fevereiro de 2009 – Reuniões da Comissão de Seleção e divulgação dos indicados
Fevereiro e Março de 2009 – Reuniões da Comissão de Premiação
Abril/2009 – Reuniões da Comissão de Premiação
Maió/2009 – Solenidade de entrega dos Troféus e Prêmios –

Porto Alegre, 31 de março de 2008.

SERGIUS GONZAGA
SECRETÁRIO MUNICIPAL DA CULTURA

2.4 Quarto Edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

IV PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS SÍNTESE DO EDITAL REGULAMENTO

Considerando o crescente desenvolvimento cultural de nossa cidade, em destaque as artes plásticas, nossos artistas e entidades culturais têm realizado inúmeros eventos e exposições que vem contribuindo para o destaque cultural de Porto Alegre.

Este prêmio tem como objetivo destacar e premiar as importantes produções locais em artes plásticas, e, também será uma forma de registrar os inúmeros eventos e exposições no sistema das artes na cidade de Porto Alegre.

INSCRIÇÕES CONCORRENTES E CATEGORIAS

Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, com inscrições e as indicações dos membros da comissão de seleção, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos; as instituições e os espaços do sistema de arte de Porto Alegre, com atuação durante o ano de 2009.

As inscrições poderão ser efetuadas de abril até 31 dezembro 2009, na Av. Presidente João Goulart 551, sala 605, Coordenação de Artes Plásticas – CEP 90.010-120 – Porto Alegre/RS de segunda à sexta-feira das 9 às 12h e das 14 às 17h.

No ato da inscrição os interessados deverão preencher a ficha de inscrição, modelo em anexo, e entregar portfólio, material gráfico, clipagens, imagens das obras expostas e vista da mostra, currículo, e demais materiais que contribuam para avaliação das Comissões. O material poderá ser entregue em mídia digital.

A critério da Comissão Julgadora será concedido, como prêmio, um troféu, e conforme a disponibilidade orçamentária da SMC, acrescido de prêmio em dinheiro, a ser definido posteriormente, para cada vencedor, das seguintes categorias:

- rr) Destaque em pintura;
- ss) Destaque em escultura;
- tt) Destaque em desenho;

- uu) Destaque em cerâmica;
 - vv) Destaque em gravura;
 - ww) Destaque em fotografia;
 - xx) Destaque em mídias tecnológicas;
- Obs: Nas categorias acima poderão ser indicados exposições individuais e coletivas.

- yy) Melhor exposição individual;
 - zz) Melhor exposição coletiva;
 - aaa) Artista revelação;
 - bbb) Destaque de espaço institucional, público ou privado, de divulgação artística;
 - ccc) Destaque em projeto alternativo de produção plástica;
 - ddd) Destaque em Curadoria de exposição;
 - eee) Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados. Obs:
- Os exemplares deverão se disponibilizados aos integrantes do Juri de Seleção e Premiação
- fff) Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas;

Será concedido, o prêmio “Artista – Destaque Especial do Ano”, ao qual concorrerão os artistas plásticos que receberam o prêmio de Destaque nas áreas acima citadas, além do troféu da categoria, receberá um prêmio em dinheiro, nesta edição, no valor de R\$ 8.000,00, (oito mil reais) descontados os impostos cabíveis. O vencedor deverá apresentar a documentação solicitada pela SMC, para receber o referido valor, no prazo de 30 dias da publicação do resultado.

DA COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES

A Comissão de Seleção será composta de até cinco profissionais de reconhecida capacidade, ligados à área das artes plásticas e/ou representantes de entidades e instituições do setor, a serem indicados pela CAP/SMC, os profissionais poderão ser indicados para ambas Comissões. A indicação para a Comissão de Seleção implicará às seguintes restrições:

- i) seus componentes não poderão ser individualmente indicados para o prêmio em nenhuma categoria;
- j) seus componentes não podem ser vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes, sob a forma de parentesco ou sociedade;

DA PREMIAÇÃO

Caberá à Comissão de Premiação analisar, avaliar, os indicados pela Comissão de Seleção ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC..

A coordenação dos trabalhos da Comissão de Premiação ficará a cargo da Coordenação das Artes Plásticas/SMC, que providenciará planilhas oficiais dos indicados em todas as categorias.

A composição da Comissão de Premiação obedecerá aos mesmos critérios do art. 3º.

Os integrantes só poderão participar de uma das Comissões.

O Artista Destaque do Ano, será escolhido pela Comissão de Premiação a partir das listas dos artistas premiados.

Os resultados das premiações somente serão conhecidos no momento da entrega dos troféus.

Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da SMC.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

A Administração Pública, os integrantes da Comissão de Seleção, de Premiação e os concorrentes estão sujeitos ao presente regulamento.

Os casos omissos serão resolvidos pela CAP/SMC respeitada a legislação pertinente, especialmente a lei 8666/93.

As reuniões das Comissões Julgadoras deverão ser registradas em atas, datadas e assinadas pelos respectivos membros.

Parágrafo 1º - Os membros da Comissão justificarão seus votos individualmente, que serão registrado em ata.

É vedada a premiação de funcionários públicos municipais ocupantes de Cargo em Comissão e Estagiários lotados na Secretaria Municipal da Cultura, bem como prestadores de serviços técnicos-e/ou artísticos, com contrato vigente na data da premiação.

Das despesas decorrentes do presente concurso correrão à conta dotações próprias da Coordenação de Artes Plásticas/SMC. O edital completo encontra-se no site da prefeitura: <http://www.portoalegre.rs.gov.br/cultura>

2.5 Quinto Edital do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas (3 de janeiro de 2007)

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA COORDENAÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

V PRÊMIO AÇORIANOS DE ARTES PLÁSTICAS

Concurso 006/10

Processo 001.002203.10.3

REGULAMENTO

Regulamenta o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas criado pelo Decreto nº 15.297, de 12 de setembro de 2006.

PREÂMBULO

Considerando o crescente desenvolvimento cultural de nossa cidade, em destaque as artes plásticas, nossos artistas e entidades culturais têm realizado inúmeros eventos e exposições que vem contribuindo para o destaque cultural de Porto Alegre.

Este prêmio tem como objetivo destacar e premiar as importantes produções locais em artes plásticas, e, também será uma forma de registrar os inúmeros eventos e exposições no sistema das artes na cidade de Porto Alegre.

DOS CONCORRENTES E CATEGORIAS

Art. 1º – Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, instituído pelo Decreto nº 15.297 de 12 de setembro de 2006, **com inscrições e as indicações dos membros da comissão de seleção**, os profissionais que vivem e trabalham na Região Metropolitana de Porto Alegre há, no mínimo, dois anos; as instituições e os espaços do sistema de arte de Porto Alegre, com atuação durante **o ano de 2010** assim exemplificados:

Parágrafo 1º - Os artistas que tiverem participado de mostras individuais, coletivas, ou propostas alternativas, abertas ao público pelo período mínimo de 20 dias, por exposição e eventos realizados em Porto Alegre.

I - Não serão consideradas as exposições apresentadas em universidades, escolas, institutos e ateliês de arte que representem trabalho de conclusão de período letivo ou mostra de produção de oficinas públicas ou particulares;

Parágrafo 2º - Os espaços e instituições de arte, públicos ou privados, com programação ligada à atividade de artes plásticas, tais como: exposições abertas ao público, atividades arteeducativas, museologia, seminários e congêneres.

Parágrafo 3º - As inscrições poderão ser efetuadas de **abril até 29 dezembro 2010**, na Av. Presidente João Goulart 551, sala 605, Coordenação de Artes Plásticas – CEP 90.010-120 – Porto Alegre/RS de segunda à sexta-feira das 9 às 12h e das 14 às 17h.

I – No ato da inscrição os interessados deverão preencher a ficha de inscrição, modelo em anexo, e entregar portfólio, material gráfico, clipagens, imagens das obras expostas e vista da mostra, currículo, e demais materiais que contribuam para avaliação das Comissões. O material poderá ser entregue em mídia digital.

Art. 2º - A critério da Comissão Julgadora será concedido, como prêmio, um troféu, e conforme a disponibilidade orçamentária da SMC, acrescido de prêmio em dinheiro, a ser definido posteriormente, para cada vencedor, das seguintes categorias:

- ggg) Destaque em pintura;
- hhh) Destaque em escultura;
- iii) Destaque em desenho;
- jjj) Destaque em cerâmica;
- kkk) Destaque em gravura;
- lll) Destaque em fotografia;
- mmm) Destaque em mídias tecnológicas;

Obs: Nas categorias acima poderão ser indicados e inscritos exposições individuais e coletivas.

- nnn) Melhor exposição individual;
- ooo) Melhor exposição coletiva;
- ppp) Artista revelação;
- qqq) Destaque de espaço institucional, público ou privado, de divulgação artística;
- rrr) Destaque em projeto alternativo de produção plástica;
- sss) Destaque em Curadoria de exposição;
- ttt) Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados.
- uuu) Patrocínio e/ou apoio a eventos ligados às artes plásticas;
- vvv) Destaque em Acervo/ Memória

Obs: Os exemplares deverão se disponibilizados aos integrantes do Juri de Seleção e Premiação

Parágrafo 1º – Será concedido, o prêmio “**Artista – Destaque Especial do Ano**”, ao qual concorrerão os artistas plásticos que receberam o prêmio de Destaque nas áreas acima citadas, além do troféu da categoria, receberá um prêmio em dinheiro, nesta edição, no valor de R\$ 8.000,00, (oito mil reais) descontados os impostos cabíveis. O vencedor deverá apresentar a documentação solicitada pela SMC, para receber o referido valor, no prazo de 30 dias da publicação do resultado.

Parágrafo 2º – A CAP/SMC poderá criar categorias extraordinárias, por sugestão da Comissão de Seleção, em casos especiais, que se caracterizem como homenagem ou similar, desde que não interfiram nas categorias descritas anteriormente.

DA COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES

Art. 3º - A Comissão de Seleção será composta de até cinco profissionais de reconhecida capacidade, ligados à área das artes plásticas e/ou representantes de entidades e instituições do setor, a serem indicados pela CAP/SMC, os profissionais poderão ser indicados para ambas Comissões. A indicação para a Comissão de Seleção implicará às seguintes restrições:

- k) seus componentes não poderão ser individualmente indicados para o prêmio em nenhuma categoria;
- l) seus componentes não podem ser vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes, sob a forma de parentesco ou sociedade;

Parágrafo 1º – Os integrantes da Comissão de Seleção serão nomeados por portaria da SMC, publicada no Diário Oficial de Porto Alegre.

Parágrafo 2º – É vedado a qualquer pessoa representar mais de uma entidade ou instituição, bem como a qualquer funcionário lotado na SMC representar outra entidade ou instituição que não a própria SMC

DAS ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE SELEÇÃO

Art. 4º – Caberá à comissão julgadora analisar, avaliar, selecionar e indicar os concorrentes ao prêmio.

Parágrafo 1º – Para a avaliação dos concorrentes, durante o período anual estabelecido, os membros da Comissão de Seleção deverão, em separado, analisar as exposições, instituições e trabalhos concorrentes, observados os critérios do artigo 1º deste Regulamento e da qualidade artística.

Parágrafo 2º – Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão de Seleção deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC..

Art. 5º – A coordenação dos trabalhos da Comissão de Seleção ficará a cargo da Coordenação de Artes Plásticas da SMC, que providenciará as planilhas oficiais para avaliação das categorias.

Art. 6º – O sistema de votação dos indicados, deverá ser definido pela própria Comissão, de forma que resulte, em cada categoria, de três a cinco indicados ao prêmio.

Parágrafo Único - Pertence à Comissão de Seleção o direito de não atribuir indicação em qualquer categoria, na hipótese de os trabalhos não atenderem, de modo satisfatório os critérios de julgamento.

DA PREMIAÇÃO

Art. 7º – **Caberá à Comissão de Premiação** analisar, avaliar, os indicados pela Comissão de Seleção ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Parágrafo 1º - Em todas as etapas de julgamento, os membros da Comissão deverão manter sigilo absoluto sobre os indicados e premiados, até que estes sejam divulgados oficialmente pela SMC..

Art. 8º - A coordenação dos trabalhos da Comissão de Premiação ficará a cargo da Coordenação das Artes Plásticas/SMC, que providenciará planilhas oficiais dos indicados em todas as categorias.

Parágrafo 1º - A composição da Comissão de Premiação obedecerá aos mesmos critérios do art. 3º.

.Art. 9º - O Artista Destaque do Ano, será escolhido pela Comissão de Premiação a partir das listas dos artistas premiados.

Parágrafo 1º - Os resultados das premiações somente serão conhecidos no momento da entrega dos troféus.

Parágrafo 2º - Os integrantes das Comissões poderão receber honorários pela participação de acordo com a disponibilidade orçamentária da SMC.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 10-A Administração Pública, os integrantes da Comissão de Seleção, de Premiação e os concorrentes estão sujeitos ao presente regulamento.

Art. 11- Os casos omissos serão resolvidos pela CAP/SMC respeitada a legislação pertinente, especialmente a lei 8666/93.

Art.12 - As reuniões das Comissões Julgadoras deverão ser registradas em atas, datadas e assinadas pelos respectivos membros.

Parágrafo 1º - Os membros da Comissão justificarão seus votos individualmente, que serão registrado em ata.

Art. 13. É vedada a premiação de funcionários públicos municipais ocupantes de Cargo em Comissão e Estagiários lotados na Secretaria Municipal da Cultura, bem como prestadores de serviços técnicos-e/ou artísticos, com contrato vigente na data da premiação.

Cronograma:

Abril de 2010 – Publicação do Edital, divulgação e nomeação dos integrantes das Comissões

Janeiro e Fevereiro de 2011 – Reuniões da Comissão de Seleção e divulgação dos indicados

Fevereiro e Março de 2011 – Reuniões da Comissão de Premiação

Abril/2011 – Reuniões da Comissão de Premiação

Maió/2011 – Solenidade de entrega dos Troféus e Prêmios –

Porto Alegre, 22 de março de 2010.

SERGIUS GONZAGA

SECRETÁRIO MUNICIPAL DA CULTURA

2.6 Edital da 17ª Edição do Prêmio Açorianos de Literatura (31 de março de 2010)

CONCURSO Nº 07/10
PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº. 001.006324.10.0

PRÊMIO AÇORIANOS DE LITERATURA

ADULTA E INFANTIL

17ª EDIÇÃO – 2010

I. INSCRIÇÕES

1.1 - Podem concorrer ao Prêmio Açorianos de Literatura Adulta e Infantil, instituído pelo decreto número 10.982/1994, os livros publicados, em 1ª edição, de janeiro de 2009 (desde que não tenham sido inscritos na edição anterior do Prêmio) até o encerramento do período de inscrições, conforme data constante na ficha catalográfica impressa na obra. O presente Concurso será regido pela Lei nº 8.666/93, no que couber a esta modalidade de licitação.

1.2 – É vetada a participação, como concorrentes, dos funcionários públicos municipais de Porto Alegre, exceção feita aos funcionários aposentados, devido ao princípio da impessoalidade, bem como à obediência da Lei nº 136 (Estatuto do Funcionário Público do Município de Porto Alegre). Por funcionário público municipal entende-se, além dos funcionários contratados e estatutários da Administração Centralizada e Descentralizada, também os funcionários de autarquias e fundações municipais, os estagiários e os funcionários terceirizados.

1.3 - Os concorrentes deverão ter algum vínculo com a cidade de Porto Alegre: (a) sendo nascidos ou residentes em Porto Alegre; (b) sendo publicados por editora porto-alegrense.

1.3.1 - Compreende-se por editora porto-alegrense a empresa responsável por edição de livros que esteja situada na cidade de Porto Alegre.

1.3.2 – No caso das categorias não-literárias de Capa e Projeto Gráfico/Design, o profissional responsável por essas atividades não precisará ter o vínculo descrito no item 1.3 se a obra estiver inscrita em categoria literária, mantendo, portanto, o vínculo necessário, através de seu autor.

1.4 - Serão avaliados e premiados os melhores trabalhos inscritos em cada uma das seguintes categorias do Prêmio Açorianos:

- Narrativa Longa (ficção, romance ou novela);

- Especial;
- Conto;
- Crônica;
- Poesia;
- Ensaio de Literatura e Humanidades;
- Infantil;
- Infante-Juvenil;
- Capa;
- Projeto Gráfico/Design;
- Destaques Literários.

1.4.1 - Os livros vencedores nos diversos gêneros literários (Narrativa Longa, Especial, Conto, Crônica, Poesia, Ensaio de Literatura e Humanidades, Literatura Infantil e Literatura Infante-Juvenil), e ainda, Capa e Projeto Gráfico/Design farão jus ao PRÊMIO AÇORIANOS DE LITERATURA, em sua respectiva categoria. Os vencedores das categorias Narrativa Longa, Especial, Conto, Crônica, Poesia, Ensaio de Literatura e Humanidades, Literatura Infantil e Literatura Infante-Juvenil concorrerão ao prêmio de LIVRO DO ANO.

1.4.2 - Podem inscrever-se na categoria especial obras cujas particularidades não permitam seu enquadramento nas demais categorias do Prêmio, como novas mídias, literatura epistolar e biografias, por exemplo, excetuando-se obras de caráter técnico-científico.

1.4.3 – Nas categorias de capa e projeto gráfico/design é vetada a inscrição de livros de caráter técnico-científico, a menos que sejam tematicamente ligados à área de Literatura ou Humanidades.

1.4.4 - Nas categorias de livros de ensaio, concorrem obras não-ficcionais que resultem em esforço analítico de compreensão de tópico (s) da vida cultural, ficando sempre a cargo do Júri Específico respectivo à arbitragem de casos especiais.

1.4.5 – Não há inscrições para os prêmios de destaques literários. No entanto, os interessados poderão encaminhar à Coordenação do Livro e Literatura materiais de divulgação de suas entidades/instituições e/ou projetos de maneira a subsidiar o trabalho dos júris. A entrega desses materiais de divulgação obedecerá ao calendário de inscrição do Prêmio. São levados em consideração para esta premiação os trabalhos desenvolvidos entre janeiro de 2009 e o final do período de inscrições. Serão premiados dois destaques literários, independente da categoria, a saber: (a) Editora e/ou Livraria que estejam situadas em Porto Alegre e se destaquem pelo conjunto de sua produção, projetos de incentivo à leitura e evolução ou qualificação do trabalho da empresa no prazo estabelecido; (b) Mídia Impressa, Rádio e TV poderá ser atribuído a veículo ou profissional que tenha contribuído para a divulgação de livros da área de abrangência do Prêmio Açorianos, podendo também

ser premiada a melhor produção de lançamento de livros; (c) Projetos de Incentivo, Promoção e Divulgação da Literatura em Porto Alegre poderá ser atribuído ao melhor projeto dessa natureza desenvolvido na cidade, não vinculado à editoras, livrarias e bibliotecas.; (d) Mídia Digital poderá premiar o melhor blog ou sites que divulgue ou produza literatura.

1.4.6 - Podem concorrer livros editados pelo autor ou por organizações não-livreiras, desde que em acordo com o presente edital.

1.5 - Para efeitos de inscrição, a editora, o autor e/ou interessado deverão encaminhar à Coordenação do Livro e Literatura da Secretaria Municipal da Cultura (CLL/SMC):

a) 07 (sete) exemplares de cada obra concorrente, por categoria literária, e/ou 04 (quatro) exemplares por categoria não-literária (capa, projeto gráfico/design), indicando em quais categorias concorre;

b) Identificação completa do autor e/ou do capista e artista gráfico (nome, endereços, telefones, e-mail, local de nascimento) e da editora (endereço, telefones, e-mail, nome do responsável);

c) Termo de ciência de participação, que poderá ser assinado pelo editor ou pelo autor (anexos II e III do presente edital).

Sem esses procedimentos não serão realizadas as inscrições.

1.6 - Cada obra só poderá ser inscrita e, conseqüentemente, concorrer em uma única categoria literária, podendo, entretanto, concorrer concomitantemente nas outras categorias não-literárias (capa e projeto gráfico/design). Nesse caso é necessária a entrega de 11 (onze) exemplares do título inscrito.

1.7 - As inscrições serão realizadas no período de 01 a 30 de junho de 2010, de segundas a sextas-feiras, das 9h às 12h e das 14h às 18h, na Coordenação do Livro e Literatura – SMC (Av. Erico Verissimo, 307 – Bairro Menino Deus – POA), mediante preenchimento da ficha de inscrição e entrega dos exemplares citados no item 1.5.

1.7.1 – As inscrições enviadas pelo correio deverão cumprir todas as disposições presentes neste Edital, inclusive obedecer aos prazos estipulados. Neste caso, os comprovantes de inscrição serão enviados por e-mail ou pelo Correio.

1.7.2 – Todas as inscrições que não forem realizadas pelo próprio autor da obra ou pelo profissional autor do projeto (no caso de capa e projeto gráfico/design) deverão ser acompanhadas pelo Termo de Ciência, devidamente assinado (Anexo II deste Edital) por esses ou pelo editor responsável (Anexo III deste Edital).

1.7.3 – Não serão realizadas inscrições pela Internet.

1.8 – Após o encerramento das inscrições, a listagem de inscritos será publicada no Diário Oficial de Porto Alegre (DOPA).

1.9 – Os livros entregues no momento da inscrição não serão devolvidos, sendo destinados aos integrantes das Comissões Julgadoras e, os restantes, ao acervo da

Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães (BPMJG), da Coordenação do Livro e Literatura, da Secretaria Municipal da Cultura.

II. DOS JÚRIS

2.1 - A escolha dos vencedores do Prêmio Açorianos de Literatura far-se-á em três etapas: (a) através de uma reunião de avaliação dos Júris Específicos, que indicarão três finalistas em cada categoria, os quais serão divulgados na imprensa; (b) numa segunda reunião, os mesmos júris específicos, reunir-se-ão para indicar, entre os finalistas, o vencedor em cada categoria; (b) na terceira etapa, o Júri Final indicará, entre os vencedores de cada categoria literária, o Livro do Ano.

2.1.1 - A nominata dos Júris Específicos e do Júri Final será oficializada por Portaria da Secretaria Municipal da Cultura, publicada no Diário Oficial de Porto Alegre (DOPA).

2.2 - Haverá 08 (oito) Júris Específicos, formados por 03 (três) integrantes cada, para o Prêmio Açorianos de Literatura Adulta e Infantil, de acordo com as inscrições, a saber:

- 1) Narrativa Longa (ficção: romance ou novela);
- 2) Categoria Especial;
- 3) Conto;
- 4) Crônica;
- 5) Poesia;
- 6) Ensaio de Literatura e Humanidades;
- 7) Literatura Infantil e Literatura Infanto-Juvenil;
- 8) Capa e Projeto Gráfico/Design.

2.2.1 - A nominata dos Júris Específicos é de competência da CLL/SMC, obedecendo aos seguintes critérios: (a) os componentes do júri não podem estar inscritos ao Prêmio, seja qual for a categoria; (b) não podem estar vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes da categoria da qual é jurado, mas podem compor o júri nas demais categorias; (c) não podem ter participado como jurados na mesma categoria da edição anterior; (d) não podem ter nenhum grau de parentesco com os concorrentes da categoria da categoria da qual é jurado.

2.3 - Cabe aos Júris Específicos: (a) em separado, avaliar os livros inscritos e, na primeira reunião, indicar três finalistas para cada uma das seguintes categorias: narrativa longa, especial, conto, crônica, poesia, infantil, infanto-juvenil, ensaio de literatura e humanidades e capa e projeto gráfico/design; (b) numa segunda reunião, indicar o vencedor

para o Açorianos de Literatura na(s) respectiva(s) categoria(s) em que não houver ainda indicação; (c) indicar dois destaques literários; (d) observar sigilo absoluto até a divulgação dos selecionados para o Prêmio.

2.3.1 – Para cada componente dos Júris Específicos será destinado um cachê no valor de R\$ 500,00 (valor bruto, passível de impostos), pago mediante contratação.

2.4 - O Júri Final será composto por 03 (três) membros indicados pela Secretaria Municipal da Cultura obedecendo, também, aos seguintes critérios: (a) os componentes do júri não podem ser concorrentes, seja qual for a categoria; (b) não podem estar vinculados diretamente a nenhum dos concorrentes; (c) não podem ter participado do Júri Final na edição anterior do Prêmio.

2.5 - Cabe ao Júri Final: (a) avaliar os livros vencedores, indicados pelos Júris Específicos, nas seguintes categorias: narrativa longa, especial, conto, crônica, poesia, infantil, infanto-juvenil, ensaio de literatura e humanidades; (b) em reunião, entre estes, indicar o Livro do Ano; (c) observar sigilo absoluto até a divulgação dos resultados do Prêmio Açorianos de Literatura Adulta e Infantil.

2.5.1 - Para cada componente do Júri Final será destinado um cachê no valor de R\$ 500,00 (valor bruto, passível de impostos), pago mediante contratação.

2.6 – Funcionários da PMPA poderão, eventualmente, participar dos Júris desde que sem ônus para o município.

2.7 - A Coordenação dos trabalhos de todos os júris ficará a cargo do Coordenador do Livro e Literatura ou de um representante da CLL/SMC, por ele indicado.

III. DO FUNCIONAMENTO

3.1 - A CLL/SMC marcará as reuniões de avaliação, providenciará as atas e planilhas para registro dos votos, bem como proverá o acesso dos integrantes dos Júris aos trabalhos inscritos.

3.2 – A CLL/SMC compete a coordenação das reuniões dos júris, através do Coordenador ou de pessoa por ele indicada.

3.3 - Todas as despesas decorrentes da realização do Prêmio Açorianos de Literatura Adulta e Infantil – 17ª edição correrão por conta de Dotação Orçamentária própria da Coordenação do Livro e Literatura/SMC.

IV. DA AVALIAÇÃO, ESCOLHA E PREMIAÇÃO

4.1 - Após o encerramento das inscrições e do prazo de análise dos títulos inscritos, os Júris Específicos reunir-se-ão, em duas ou três ocasiões, conforme o júri, para indicar as obras finalistas e as obras vencedoras em cada categoria, se for o caso, conforme critério de qualidade literária.

4.2 - Após a indicação das obras vencedoras por categoria, essas serão avaliadas pelo Júri Final, que se reunirá para indicar o Livro do Ano, conforme critério de qualidade literária.

4.3 - A divulgação dos premiados se dará por ocasião da Noite do Livro, no mês de dezembro de 2010 e, após a premiação, a lista de vencedores será publicada no Diário Oficial de Porto Alegre (DOPA).

4.4 – As obras vencedoras em cada categoria receberão troféus criados pelo artista plástico Xico Stockinger, e o Livro do Ano receberá, além do troféu, um prêmio único de R\$ 10.000,00 (valor bruto, passível de impostos), não importando o número de autores da obra.

4.4.1 – Aos vencedores será disponibilizada a arte do Selo Prêmio Açorianos de Literatura, especialmente criado para uso nas obras premiadas ou em materiais de divulgação da empresa/veículo agraciado.

4.5 - Anualmente, o calendário do Prêmio será divulgado junto aos órgãos participantes e imprensa.

V. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

5.1 - Os integrantes dos Júris ficarão sujeitos ao presente edital.

5.2 - As decisões do júri são irrecorríveis e o mesmo é soberano, desde que em concordância com o presente Edital.

5.3 - O ato de inscrição implica conhecimento integral dos termos do presente Edital. Os casos omissos do presente edital serão resolvidos pela CLL/SMC, observada a legislação pertinente.

5.4 - Este edital será reavaliado anualmente pela comissão organizadora com base nas sugestões recebidas na edição anterior.

5.5 - Por se tratar de concurso público, qualquer pessoa interessada poderá pedir vistas ao processo de premiação do Prêmio Açorianos de Literatura através do acesso às atas das reuniões. Tal requerimento deverá ser encaminhado por escrito à Coordenação do Livro e Literatura, após a divulgação dos resultados finais.

5.6 - O presente Edital poderá ser impugnado nos termos do art. 41, parágrafo 1º, da Lei 8.666/93, até 05 (cinco) dias úteis antes da abertura das inscrições. Os pedidos de impugnação deverão ser protocolados no Protocolo Central da PMPA (Rua Sete de Setembro nº 1123 - 2º andar. Centro de Porto Alegre). Telefone: (51) 3227 5288. Perderá o direito de impugnar o presente edital quem não o fizer no prazo previsto.

5.7 - Da decisão da Organização do Concurso que inabilitar as inscrições apresentadas em desconformidade com o exigido, caberá recurso administrativo de 05 (cinco) dias úteis, a contar da publicação da listagem de inscritos no DOPA. O referido recurso deverá ser protocolado no Protocolo Central da PMPA (Rua Sete de Setembro, nº 1123 - 2º andar. Centro de Porto Alegre). Telefone: 051- 3227.5288, sendo julgado no prazo máximo de 05 (cinco) dias úteis.

5.8 - Os prazos do Prêmio Açorianos de Literatura Adulta e Infantil, 17ª edição, são os seguintes:

(a) Inscrições: de 01 a 30 de junho de 2010.

(b) Divulgação dos Finalistas: última quinzena do mês de outubro de 2010.

(c) Premiação: Noite do Livro - mês de dezembro de 2010.

(d) Endereço para inscrições: Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues - Coordenação do Livro e Literatura - Av. Érico Veríssimo, 307 - Porto Alegre – RS - CEP: 90160-181. Telefones: 32898072 e 32898073 - Fax: 32898077

Porto Alegre, 31 de março de 2010.

Sergius Gonzaga

Secretário Municipal da Cultura

2.6 Edital da 19ª Edição do Prêmio Açorianos de Música (10 de setembro de 2009)

REGULAMENTO DO PRÊMIO AÇORIANOS DE MÚSICA 2009

I. DOS CONCORRENTES

Art. 1º - Concorre ao prêmio Açorianos de Música, nas categorias previstas nos arts 2º e 3º deste Regulamento, e obedecendo ao Decreto nº 11.512, de 27 de maio de 1996, alterado pelo Decreto nº 5.876/77, toda a produção musical gaúcha dentro dos padrões de qualidade de produção industrial comprovadamente lançada e/ou divulgada em Porto Alegre, durante o ano de **2009**.

Art. 2º - Dentro dos gêneros Música Regional, Música Popular Brasileira, Música Erudita, Música Instrumental, Música Pop e Rock, Música Rap, Música blues e Jazz, Música Reggae, serão avaliadas e premiadas as seguintes categorias, seguindo os critérios de criatividade, abrangência e importância para Porto Alegre:

I - Compositor (a)

II – Intérprete

III – Instrumentista

IV – Disco

§ 1º - Independente de gêneros será concedido pela Secretaria Municipal da Cultura os prêmios nas categorias Destaque Especial, Espetáculo do Ano, DVD do Ano, Arranjador, Projeto Gráfico, Melhor Disco Infantil, Produtor Musical, Produtor Executivo, Disco do ano (que só poderá ser concedido aos discos vencedores de suas categorias específicas) e Revelação do ano, escolhido pelo conjunto da obra.

§ 2º - No gênero musical Rap, a categoria melhor instrumentista será substituída pelo melhor DJ.

§ 3º - Atendendo à especificidade da produção musical do ano em curso poderão ser concedidas, pela Secretaria Municipal da Cultura Menções Especiais a outras categorias que não as descritas acima.

§ 4º - Nos anos em que a qualidade e a quantidade da produção musical o justifiquem, a SMC poderá criar subcategorias ou subgêneros, atribuindo prêmios específicos.

§ 5º - A Comissão Julgadora reserva-se o direito de não conceder o Prêmio a uma ou mais categorias, a seu critério, quando constatar que não há número suficiente de inscritos para avaliação, ficando as produções inscritas para o ano subsequente.

II - DA COMISSÃO JULGADORA

Art. 3º - As avaliações e deliberações pertinentes serão realizadas por uma Comissão Julgadora composta por:

I - Artistas indicados ao prêmio nas últimas 5 (cinco) edições, contanto que manifestem expressamente a disposição de participar do processo, até o dia 31 de outubro de 2009, até o número de 10, por ordem de inscrição. O restante do corpo de jurados será completado por representantes de entidades a convite da SMC e os citados nos próximos dois parágrafos;

II - Representantes de veículos de comunicação do Município de Porto Alegre, por estes designados formalmente mediante solicitação da Secretaria Municipal da Cultura até 31 de outubro de 2009;

III – Representantes da Secretaria Municipal da Cultura;

§ 1º - O júri será subdividido em Pequenos Júris compostos por três jurados para cada uma das categorias, que terão a tarefa de selecionar os indicados de cada uma das categorias

específicas. A partir desta lista de indicados os Pequenos Júris passarão a compor o Grande Júri que definirá os vencedores de forma geral.

§ 2º - Cada grupo ou entidade indicada no inciso II terá direito a apenas um voto, devendo formalizar, junto à Secretaria Municipal da Cultura, a indicação de um representante.

Art. 4º - Os membros da Comissão Julgadora não poderão ser indicados ao Prêmio em qualquer categoria.

Parágrafo único - Não poderá ser indicado espetáculo ou disco no qual participe ou tenha participado membro da Comissão Julgadora.

Art. 5º - A Comissão Julgadora será presidida pelo representante da Secretaria Municipal da Cultura.

Art. 6º - São direitos da Comissão Julgadora:

I - Assistir gratuitamente aos espetáculos musicais, desde que inscritos formalmente;

II - Receber da Secretaria Municipal da Cultura todo o material necessário à execução de suas tarefas;

III - Receber honorários, a serem definidos posteriormente pela Secretaria Municipal da Cultura, no caso de haver disponibilidade orçamentária, observados os critérios de oportunidade e conveniência, mediante nota de empenho;

Art. 7º - São deveres da Comissão Julgadora, no âmbito de cada grupo de jurados:

I - Assistir e avaliar os espetáculos musicais apresentados, ouvir e avaliar os discos produzidos e a produção musical da cidade da forma mais ampla possível;

II - Registrar suas avaliações em cédula de votação própria, confeccionada pela Secretaria Municipal da Cultura para este fim, entregando-a dentro do prazo determinado no art. 15 deste Regulamento;

III - Atender às convocações da Secretaria Municipal da Cultura para as reuniões;

IV - Observar sigilo absoluto até a divulgação oficial dos resultados dos julgamentos.

Parágrafo único - Caso haja o descumprimento dos incisos deste artigo, o representante será excluído automaticamente da Comissão Julgadora.

III. DO FUNCIONAMENTO

Art. 8º - Cabe à Secretaria Municipal da Cultura:

I - Nomear e tornar pública mediante portaria, até o dia 30 de novembro de 2009 a relação dos integrantes da Comissão Julgadora;

II - Tornar público, em tempo hábil, através de Aviso de Edital, os prazos para inscrição e julgamento, relação de indicados e vencedores e demais informações sobre o Prêmio;

III - Receber as inscrições dos concorrentes que desejarem fazê-la, até o dia 30 de dezembro de 2009;

IV - Convocar, quando necessário, as reuniões da Comissão Julgadora, fornecendo a infra-estrutura mínima necessária para a execução dos trabalhos;

V - Computar e totalizar os votos entregues pela Comissão Julgadora;

VI - Promover a solenidade de entrega dos prêmios definidos no presente Regulamento.

Art. 9º - Cabe aos concorrentes, realizar a inscrição de seus trabalhos até a data indicada pela Comissão Julgadora.

Art. 10º - Os discos serão inscritos mediante entrega, à Secretaria Municipal da Cultura, de:

I - Preenchimento da ficha de inscrição, que pode ser retirada em qualquer tempo na Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura onde deve também escolher o gênero ao qual tem preferência de ser avaliado e as categorias a que está se candidatando;

II - 3 (três) exemplares do disco, os quais não serão devolvidos, passando a integrar o acervo da Secretaria Municipal da Cultura, para a primeira fase de seleção. Caso o disco seja indicado, caberá ao inscrito fornecer por empréstimo à comissão julgadora tantos discos quanto

sejam seus componentes (a SMC caberá proceder à devolução destes discos ao inscrito após o julgamento, até 30 dias da realização da Cerimônia de entrega do Prêmio Açorianos);

III - Material impresso e/ou registro audiovisual relativo à produção inscrita de divulgação que o interessado julgar conveniente;

IV - Os inscritos na categoria de Espetáculo do Ano e DVD do Ano deverão necessariamente disponibilizar por empréstimo, no ato da inscrição, a quantidade suficiente ao número de jurados, 24 cópias, do registro audiovisual do show, assim como na categoria DVD. Salientamos que serão devolvidas 21 cópias ficando o restante para acervo da Coordenação de Música.

V - A ficha de inscrição e os CDs/DVDs devem ser entregues na Coordenação de Música da SMC, Usina do Gasômetro (Avenida Presidente João Goulart, 551 sala 606) de segunda à sexta, das 9h às 12h e das 14h às 18h. Informações podem ser obtidas pelo fone: 51-3289.8119.

Art. 11º – No ato da inscrição, os concorrentes preencherão ficha de inscrição e assinarão termo de compromisso, concordando com os termos do presente regulamento, ressalvadas as hipóteses de impugnação previstos no art. 41 de lei 8666/93.

IV. DO JULGAMENTO E PREMIAÇÃO

Art. 12º – Até 30 de novembro de 2009, as pessoas e representantes de grupos ou entidades habilitadas conforme o art. 5º deverão comparecer à Secretaria Municipal da Cultura, a fim de declararem efetivo interesse em participar da Comissão Julgadora.

Parágrafo único - Nessa ocasião, os integrantes da Comissão Julgadora serão cadastrados pela Secretaria Municipal da Cultura, recebendo a cédula de votação e cópia do regulamento em vigor.

Art. 13º - Até o dia 12 de março de 2010, os integrantes da Comissão Julgadora deverão devolver à Secretaria Municipal da Cultura as cédulas de votação preenchidas e assinadas.

Parágrafos únicos – Até a data mencionada no caput deste artigo, serão realizados tantas reuniões quantas forem necessárias, a critério da comissão Julgadora, para a avaliação dos trabalhos inscritos e discussão dos critérios.

Art. 14º- Poderão ser indicados ao Prêmio até 5 (cinco) candidatos mais votados em cada categoria, sendo sua nominata divulgada e publicada no Diário Oficial de Porto Alegre (DOPA) pela Secretaria Municipal da Cultura, após a confirmação do indicado em participar da premiação. Caso não haja esta confirmação, o indicado será substituído pelo mais votado subsequente.

Art. 15º – A Comissão Julgadora reunir-se-á, na data estabelecida pela Secretaria Municipal da Cultura para a entrega do Prêmio, para a etapa final das votações, quando escolherá os vencedores dentre os indicados conforme a votação prévia.

Parágrafo único - Em caso de empate, caberá o voto decisivo ao presidente da Comissão Julgadora.

Art. 16º – Aos vencedores do Prêmio Açorianos de Música serão concedidos prêmios em troféu, podendo ainda ser concedidos, a critério da Secretaria Municipal da Cultura, prêmios em dinheiro ou de outra espécie.

V – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 17º – As decisões da Comissão Julgadora são soberanas.

Art. 18º – É vedada a premiação de funcionários públicos municipais, ocupantes de Cargo em Comissão e Estagiários, lotados na Secretaria Municipal da Cultura.

Parágrafo Único:

I - A vedação do caput deste artigo, importará exceção, quando indicado trabalho realizado, com excepcional qualidade artística, com reconhecimento da crítica especializada, ou da opinião pública.

II - Ocorrendo à hipótese do inc.I deste parágrafo, a premiação será decidida pelo Senhor Secretário Municipal da Cultura, que analisará a ocorrência das condições estabelecidas.

Art. 19º - Ficam impedidos de concorrer os espetáculos e discos produzidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Parágrafo único - Excetua-se deste impedimento às produções apenas financiadas pelas entidades governamentais citadas, por intermédio do FUMPROARTE, Lei de Incentivo à Cultura e similares.

Art. 20. Os casos omissos do presente Regulamento serão resolvidos pela Secretaria Municipal da Cultura, observada a legislação aplicável a esta modalidade especial de licitação.

Porto Alegre, 10 de setembro de 2009.

Sergius Gonzaga
Secretário Municipal da Cultura

2.7 Edital do último Prêmio Açorianos Teatro e Dança (2010)

CONCURSO Nº 02/10

**PRÊMIOS AÇORIANOS DE TEATRO E DANÇA
E PRÊMIO TIBICUERA DE TEATRO INFANTIL – 2010
PROCESSO Nº 001.064996.09.3**

REGULAMENTO

A Secretaria Municipal da Cultura/PMPA comunica aos interessados que todos os espetáculos estreados em Porto Alegre no ano de 2010, produzidos por artistas locais ou aqui radicados, condicionados a uma inscrição prévia, na forma da lei nº 8.666/93, no que couber, concorrerão aos **Prêmios Açorianos de Teatro, Açorianos de Dança e Tibicuera de Teatro Infantil**, promovidos pela Coordenação de Artes Cênicas da SMC.

CRONOGRAMA

Inscrições: prévias, na Coordenação de Artes Cênicas, de 15 de março a 03 de dezembro de 2010.

As reuniões de indicações e as reuniões finais das Comissões Julgadoras ocorrerão em datas a serem definidas posteriormente e ocorrerão no Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues.

Divulgação dos resultados das indicações: a partir de janeiro de 2011.

Cerimônia de entrega dos Prêmios: a ser definida posteriormente

DA FINALIDADE

1.1 - O **Prêmio Açorianos de Teatro e Dança** e o **Prêmio Tibicuera de Teatro Infantil – Edição 2010**, instituídos pelo Decreto nº 5.876/77, alterado pelo Decreto 11.512/96, 9.365/88 e 6.613/79, respectivamente, tem a finalidade de premiar os artistas e espetáculos estreados durante a temporada anual, previamente inscritos junto à Coordenação de Artes Cênicas, e valorizar o trabalho de profissionais que movimentam o cenário artístico da cidade.

DA ORGANIZAÇÃO

2.1 - O concurso será organizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, por intermédio da Secretaria Municipal da Cultura/Coordenação de Artes Cênicas. Informações complementares podem ser obtidas junto à Coordenação de Artes Cênicas – Centro Municipal de Cultura, Arte e Lazer Lupicínio Rodrigues – Av. Erico Veríssimo, nº 307.

DOS CONCORRENTES

3.1 - Concorrerão ao Prêmio Açorianos de Teatro e Dança e Tibicuera de Teatro Infantil todos os espetáculos estreados em Porto Alegre durante o período de 15 de março a 03 de dezembro do corrente, sejam em salas de espetáculos ou espetáculos de rua, condicionados à inscrição prévia. Os espetáculos de Teatro e Teatro Infantil deverão cumprir, no mínimo, uma temporada de 4 semanas (perfazendo no mínimo 08 apresentações) e os de Dança, um mínimo de 03 apresentações. Estes últimos, caso se apresentem em teatros ou espaços de grande porte, a critério da Comissão Julgadora de Dança, poderão concorrer mesmo com um número menor de apresentações.

Espetáculos de teatro de rua obrigatoriamente têm que cumprir uma temporada de, no mínimo, 06 apresentações, divulgadas previamente, para concorrerem ao Prêmio.

3.2 - *Concorrerão igualmente espetáculos que tenham estreado em anos anteriores e que, por qualquer motivo, não concorreram no ano de estréia.*

3.3 – *Não serão considerados, para efeitos de premiação, as remontagens de espetáculos, com mesmo nome, mesmo autor e mesma direção que já tenham concorrido em edições anteriores do Prêmio.*

3.4 – Não serão considerados, para efeito de premiação, os espetáculos que nitidamente representem trabalho de conclusão de cursos, formatura de escolas e resultado de oficinas. Também não serão considerados para efeito de premiação espetáculos que sejam de caráter recreativo ou amador.

3.5 - Os espetáculos concorrentes deverão ter sido produzidos em Porto Alegre e somente concorrerão às categorias individuais, artistas locais ou aqui domiciliados.

3.6 – Cada produção é responsável pela observância da necessidade da inscrição prévia, bem como pela veracidade das informações prestadas relativas aos espetáculos concorrentes.

DAS INSCRIÇÕES PRÉVIAS

4.1 – Para efeitos de inscrição prévia, o responsável pela produção deverá entregar na Coordenação de Artes Cênicas, em horário comercial, ou enviar via correio eletrônico com uma antecedência mínima de 15 dias da estréia do espetáculo, o seguinte material definidor da categoria a que concorrerá:

- Ficha técnica completa, que conste nome do espetáculo, autor, diretor, relação ator/personagem, pequena sinopse, nomes dos profissionais técnicos que trabalham na montagem.
- Cronograma das datas e respectivos horários das apresentações a serem cumpridas nos teatros da Capital, centros e espaços culturais, ou em parques e outros locais destinados às apresentações de espetáculos de rua. As produções ficam devidamente responsáveis em informar previamente quaisquer alterações que por ventura venham a ocorrer na ficha técnica, a fim de que essas alterações possam ser repassadas às Comissões Julgadoras.

4.2 – Para efeitos de inscrição prévia, as inscrições deverão ser endereçadas ao endereço eletrônico cac@smc.prefpoa.com.br – Assunto: INSCRIÇÃO PRÊMIO AÇORIANOS 2010 DE TEATRO OU DANÇA ou PRÊMIO TIBICUERA 2010 DE TEATRO INFANTIL, desde que observadas e cumpridas todas as exigências do item 4.1.

4.3 – A Coordenação de Artes Cênicas se reserva o direito de pedir material jornalístico comprobatório do currículo dos envolvidos com as produções a serem inscritas ou do próprio grupo a ser inscrito. Serão aceitas divulgação com textos nos jornais locais, críticas publicadas na imprensa local e demais matérias impressas, desde que não se restrinjam a somente mídias eletrônicas.

DAS COMISSÕES DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO

5.1 - Será constituída, para cada modalidade, uma Comissão Julgadora. As Comissões serão compostas por, no máximo, 09 (nove) pessoas de reconhecida capacidade ligadas à área de Artes Cênicas e/ou da Comunidade Cultural, indicadas pela Secretaria Municipal da Cultura/CAC. Serão nomeadas mediante portaria da SMC, publicada no DOPA.

5.2 - A organização dos trabalhos das Comissões será de responsabilidade da Coordenação de Artes Cênicas da Secretaria Municipal da Cultura, que promoverá reuniões periódicas de acompanhamento e avaliação do processo de julgamento.

5.3 - Cada jurado deverá fornecer seus dados pessoais para um cadastro da Coordenação de Artes Cênicas, inclusive seu fone de contato e *email*, para ser avisado das estréias e das temporadas dos espetáculos concorrentes ao Prêmio e se comprometerá a assistir a todos os espetáculos previamente inscritos. Os jurados deverão, ainda, comparecer a reuniões de avaliação quando convocados.

5.4 - Os integrantes das Comissões serão pagos para exercer suas funções com valores a serem posteriormente definidos pela CAC/SMC, de acordo com a disponibilidade orçamentária.

5.5 - O espetáculo que estiver próximo de suas últimas apresentações e que não tenha sido assistido por nenhum membro da Comissão Julgadora, deverá comunicar o fato à SMC - Coordenação de Artes Cênicas, com antecedência mínima de 10 dias, para as devidas providências.

DAS ETAPAS DE INDICAÇÕES E PREMIAÇÃO

6.1 - A escolha dos premiados dar-se-á em duas etapas:

I - Etapa 1 – Indicações - As Comissões indicarão os concorrentes em cada categoria, nas modalidades de Teatro, Teatro Infantil e Dança. O resultado será registrado em ata, que será considerada documento oficial desta etapa da premiação. O resultado desta primeira etapa será divulgado a partir de 17 de janeiro de janeiro de 2011.

II - Etapa 2 – Premiação - Concorrerão nesta etapa os indicados na etapa anterior. As Comissões definirão os vencedores em reuniões a serem definidas pela Coordenação de Artes Cênicas. O resultado constará em ata assinada pelos jurados, que será considerada documento oficial da premiação. Os resultados serão tornados públicos na cerimônia de premiação, em data a ser definida posteriormente.

6.2 - Os critérios de avaliação serão os seguintes:

I - Qualidade artística,

II - Criatividade,

III - Originalidade,

IV -Excelência na execução,

V - Rigor Técnico

VI -Coerência de linguagem.

6.3 – O número de indicações por categoria não poderá ultrapassar a 5 (cinco) indicações e às Comissões fica reservado o direito de não indicar candidatos em qualquer categoria.

6.4 - As decisões das Comissões serão consideradas soberanas;

6.5 - Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação de Artes Cênicas, observada a legislação vigente aplicada a essa modalidade especial de licitação.

6.6 – É vedada a premiação de servidores públicos municipais, exceto na hipótese de excepcional trabalho artístico, reconhecido pela crítica especializada e pelo público, submetido à aprovação prévia do Senhor Secretário Municipal da Cultura.

DA PREMIAÇÃO

7.1 - Será concedido, a critério das Comissões de Seleção e Premiação, um troféu para cada uma das seguintes categorias:

I - Prêmio Açorianos de Teatro

a)Melhor Espetáculo

b)Melhor Direção

c)Melhor Ator

d)Melhor Atriz

e)Melhor Ator Coadjuvante

f)Melhor Atriz Coadjuvante

g)Melhor Cenografia

h)Melhor Figurino

i)Melhor Iluminação

j)Melhor Trilha Sonora

l)Melhor Produção

m)Melhor Dramaturgia Original

II - Prêmio Tibicuera de Teatro Infantil

- a)Melhor Espetáculo
- b)Melhor Direção
- c)Melhor Ator
- d)Melhor Atriz
- e)Melhor Ator Coadjuvante
- f)Melhor Atriz Coadjuvante
- g)Melhor Cenografia
- h)Melhor Figurino
- i)Melhor Iluminação
- j)Melhor Trilha Sonora
- l)Melhor Produção
- m)Melhor Dramaturgia Original

III - Prêmio Açorianos de Dança

- a)Melhor Espetáculo
- b)Melhor Coreografia
- c)Melhor Bailarino
- d)Melhor Bailarina
- e)Melhor Cenografia
- f)Melhor Figurino
- g)Melhor Iluminação
- h)Melhor Trilha Sonora
- i)Melhor Produção

7.2 - É prerrogativa da Coordenação de Artes Cênicas o direito de conceder Prêmios Especiais, a seu critério.

§ único: Poderá, ainda, ser concedido, além do troféu (estatueta criada pelo artista plástico Vasco Prado), prêmios em dinheiro para as categorias abaixo relacionadas, distribuídos a critério da Coordenação de Artes Cênicas, sendo elas:

I - Prêmio Açorianos de Teatro e Prêmio Tibicuera de Teatro Infantil:

a) Melhor Espetáculo

b) Melhor Direção

c) Melhor Ator

d) Melhor Atriz

II - Prêmio Açorianos de Dança

a) Melhor Espetáculo

b) Melhor Coreografia

c) Melhor Bailarino

d) Melhor Bailarina

DA ENTREGA DOS PRÊMIOS

8.1 - A cerimônia de premiação constará de acontecimento público organizado pela Secretaria Municipal da Cultura, com ampla divulgação. Tal cerimônia, para entrega dos prêmios nas três modalidades, será realizada em março de 2011, em data a ser divulgada oportunamente.

DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA

9.1 - A despesa decorrente do presente instrumento correrá por conta da unidade orçamentária do Funcultura de nº 1003.2493-339031.

Porto Alegre, de 2010.

Sergius Gonzaga

Secretário Municipal da Cultura

3. Catálogos

Indicados ao IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas

Júri de seleção: Leandro Selister, Renato Garcia, Miriam Tolpolar, Newton Silva e Paula Ramos.

Destaque em Pintura

Cláudia Barbisan - Vem me Ver
Maria Tomaselli - Magia da Semelhança
Paulo Porcella - Paulo Porcella: Meio Século de Arte

Destaque em Escultura

Eleonora Fabre - Sob Medida
Leonardo Fanzelau e Túlio Pinto - Arte Como Questão
Lia Mena Barreto - Pele de Boneca
Túlio Pinto - Duas Grandezas

Destaque em Desenho

Flávio Gonçalves - Flávio Gonçalves: Desenhos
Marília Bianchini - Linhas e Transparências
Marina Camargo - Mundos Paralelos
Marta Penter - In Suspenso

Destaque em Cerâmica

Ana Flores - Um Dia entre Abril e Junho
Emília e Tomohiro Ehara - Será que eles Foram A Lua?
Marlies Ritter - Sem Título

Destaque em Gravura

Clara Pechansky - Projeto 2009 - Gravura Atemporal
Eliane Santos Rocha - Código Pessoal
Marta Loguércio - Obra Gráfica
Raquel Lima - Pulsações
Wilson Cavalcanti - 30 anos de Mim Mesmo

Destaque em Fotografia

Andréa Bracher, André Grassi, Jussara Moreira e Thiago Carvalho Fernandes -
Desaparecimentos
Bruno Gularte Barreto - Cemitérios da Província
Grupo Ardecidade - Artur Costa, Camila Schenkel, Rodrigo Uriartt e Sol Casal - Fotoensaio
Letícia Lampert - Escala de Cor das Coisas
Luciano Montanha - Uma Janela para o Céu

Destaque em Mídias Tecnológicas

André Venzon e Luiz Roque - Conjunto 4
Grupo Ardecidade - Artur Costa, Camila Schenkel, Rodrigo Uriartt e Sol Casal - Imagem
Miragem
Dirnei Prates e Nelton Pellenz - Infiltração
Munir Klamt e Laura Cattani - Autotético: Um Quase Filme

Destaque em Espaço Institucional, Público e Privado de Divulgação Artística.

Cultural Gallery of Arts Dante"s Foggia
ESPM
Goethe-Institut
Museu do Trabalho
Studio Clio

Destaque em Projeto Alternativo de Produção Plástica

Isabel de Castro - Bienal B
Maria Lúcia Cattani - Pinturas e Múltiplos
Rodrigo Lourenço - Desvenda
Umbelina Barreto e Flávio Morsh - Fonte
Zenilda Sartori - Doações do Corpo

Destaque em Curadoria de Exposição

Ana Zavadil - Um Dia entre Abril e Junho
Anico Herscovits - Gráfica Gaúcha III
Blanca Brittes - Total Presença
Icleia Cattani - Iberê Camargo - As Últimas Pinturas de Iberê Camargo
Mônica Zielinsky - Quero Outros Espaços

Destaque em Textos, Catálogos e Livros Publicados (Publicação)

Cemitérios da Província
Maria Tomaselli
Paulo Porcella: Meio Século de Arte
Vera Chaves Barcellos Obras Incompletas
Dédale

Patrocínio e/ou Apoio a Eventos Ligados às Artes Plásticas

Centro Cultural Érico Veríssimo - CEEE
Guerdau, Itaú, Camargo Corrêa, Vompar e De Lage Landen (Conjunto de Patrocinadores
Dédale)
Goethe-Institut
Koralle
Sinpro

Melhor Exposição Individual

Ana Flores - Um dia entre Abril e Junho
Flávio Gonçalves - Flávio Gonçalves: Desenhos
Maria Tomaselli - Magia da Semelhança
Marina Camargo - Mundos Paralelos
Marlies Ritter - Sem título

Melhor Exposição Coletiva

Fabio Zimbres, Diego Medina, Índio San e Nik Neves - Entre o Traço e o Espaço: Quatro
Ilustradores e seus Processos
Maristela Salvatori, Maria Lúcia Cattani, Sandra Rey e Paul Coldwell - Pontos de Contato
Vânia Sommermeyer, Rommulo Vieira C. e Thaigo Giora - Linhas das Bordas Periféricas de
Contorno

Artista Revelação

Emilia e Tomohiro Ehara - Será Que Eles Foram A Lua?
Leticia Lampert - Escala de Cores das Coisas
Luciano Montanha - Uma Janela Para o Céu
Marília Bianchini - Linhas em Transparência
Zenilda Cardoso - Doações do Corpo

Vencedores do IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas

Júri de Premiação: Leandro Selister, Leopoldo Plentz, Paula Ramos, Renato Garcia e Teresa Poester.

Patrocínio e/ ou Apoio a Eventos Ligados às Artes plásticas

Instituto Goethe.

Destaque em Fotografia

Letícia Lampert pela exposição Escala de Cor das Coisas, na Galeria La Photo.

Destaque em Curadoria

Anico Herscovits por Gráfica Gaúcha III, no Centro Cultural Erico Veríssimo.

Projeto Alternativo de Produção Plástica

Bienal B, em sua segunda edição distribuída em vários espaços da cidade sob a coordenação da artista plástica Isabel de Castro.

Destaque de Espaço Institucional, Público e Privado, de Divulgação Artística

Museu do Trabalho.

Destaque em Cerâmica

Ana Flores pela exposição Um Dia entre Abril e Junho, no Espaço Cultural da ESPM.

Destaque em Gravura

Wilson Cavalcante por 30 anos de Mim Mesmo, na galeria do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano.

Destaques em Mídias Tecnológicas de 2009

Infiltração, de Dirnei Prates e Nelton Pellenz, quatro mostras simultâneas nos espaços expositivos da Prefeitura, no Saguão do centro Municipal de Cultura, no DMAE, na Galeria do quartoandar e no Paço Municipal.

Homenagem Especial

Bolsa de Arte

Destaques em Textos, Catálogos e Livros Publicados

Vera Chaves Barcellos: Obras incompletas

Artista Revelação

Emília e Tomohiro Ehara, por Será Que Eles Foram A Lua?

Destaque em Escultura

Túlio Pinto por Duas Grandezas, na Galeria Iberê Camargo

Destaque em Desenho

Flávio Gonçalves pela exposição Flávio Gonçalves: Desenhos, no espaço cultural da ESPM

Destaques em Melhor Exposição Coletiva

Entre o traço e o espaço: Quatro Ilustradores e seus Processos de Diego Medina.

Fábio Zimbres, Índio San e Nik Neves no espaço cultural da ESPM.

Prêmio Especial do Júri

Torreão

Destaque em Pintura

Cláudia Barbisan pela exposição Vem me Ver, no espaço cultural da ESPM.

Melhor Exposição

Individual Magia da Semelhança, de Maria Tomaselli no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli.

Prêmio Incentivo

Marina Camargo

Artista Destaque Especial 2009

Flavio Gonçalves

4. Reportagens jornalísticas

As reportagens a seguir reproduzidas são oriundas dos acervos de três dos mais importantes jornais de Porto Alegre: *Correio do Povo*, *Jornal do Comércio* e *Zero Hora*. Estas matérias, produzidas ao longo dos quatro anos de edições do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, representam o total de informações que saíram nestes jornais específicos da cidade. As reportagens reproduzidas a seguir se encontram em ordem alfabética e por datas de publicação.

Hoje tem Açorianos das Artes

Primeira edição do Prêmio de Artes Plásticas destaca os melhores da área hoje, às 20h, no Renascença

Na cerimônia promovida pela Secretaria Municipal de Cultura serão conhecidos os vencedores em 14 categorias, que se evidenciaram em 2006. E ainda o prêmio Artista - Destaque Especial do Ano, que destinará R\$ 6 mil ao vencedor.

Concorrem a Destaques em Pintura Elizethe Borghetti ("Pinturas"),



Obra de Clara Pechansky

Júlio Giorzi ("Pinturadespinturas"), Paulina Elzirik ("Homenagem à mulher") e Vera Wüldner ("Delícia, vestido de noiva"). Em Escultura, André Verzon ("Trans"), Ena Lautert ("Pedras"), Felix Bressan, Patrício Farias e Luciano Zanette ("Mobiliário melancólico"). Em Desenho, Carlos Pasquetti ("Só desenhos") e Clara Pechansky ("Os papéis do papel"). Em Cerâmica, o prêmio pode ficar com Maia Barreto, Rodrigo Nunes ou Tânia Resmini, de "Paisagem submersa". Em Gravura, com Cláudia Sperb ("Pertences") ou Miriam



'A Santa Ceia, uma poética da pureza', de Maristela Winck

Tolpolar ("Meus mortos meus vivos"). Em Mídias Tecnológicas concorrem Ana Ligia Becker ("Paisagem provisória"), Dirnei Prates ("Relógio") e Grupo Pois ("Vídeos bastardos"). Em Individual, Carlos Pasquetti, Clara Pechansky, Cláudia Sperb e Luciano Zanette. E, em Coletiva, o grupo Passos Perdidos e Percurso. O Artista Revelação poderá ficar para Daniel Escobar, Júlia Berenstein, Juliana Bassani ou Maristela Winck, com "A Santa Ceia". Curadoria de exposição: Ana Carvalho e Neiva Bohns por "Re-visões" e "A imagem lúcida" e Paulo Gomes (A obra gravada de Pedro Weingartner). Espaço Institucional: Associação Chico Lisboa, Ecarta, Fundação Vera Chaves Barcellos, Santander e Pinacoteca Barão de



Escultura de Felix Bressan na Koralle Santo Ângelo. Produção de Textos: Paulo Silveira, Paulo Gomes, Mônica Zielinsky e Emília Viero e outros. Em Apoio/Patrocínio os concorrentes são Art Web, Gerdau/Petrobras e Santander; e, por fim, em Projeto Alternativo, A Flecha e Pelos Muros.

4.2 Reportagem publicada no jornal *Correio do Povo* (9 de maio de 2007)

CORREIO DO POVO

QUARTA-FEIRA, 9 de maio de 2007

Açorianos também premia artes plásticas

O Teatro Renascença sediou, ontem, a noite de premiação da primeira edição do Açorianos de Artes Plásticas, apresentada pelos atores Luis Tadeu Liesenfeld e Celina Nunes de Alcântara. Estiveram presentes o prefeito José Fogaça e o secretário municipal da Cultura, Sergius Gonzaga, entre outras autoridades. Além de destacar as mais importantes produções locais da área, o prêmio registra os inúmeros eventos do sistema das artes na capital gaúcha. Artistas, grupos de criação coletiva, instituições, pesquisadores, curadores e patrocinadores concorreram ao troféu criado por Xico Stockinger; o vencedor da categoria Artista - Destaque Especial também recebeu premiação de R\$6 mil.

Na categoria Destaque em Pintura, o prêmio foi para Vera Wildner; Luciano Zanette, vencedor da categoria Destaque em Escultura, também foi premiado na categoria Artista - Destaque Especial do Ano. Destaque em Desenho foi para o artista Carlos Pasquetti, também ga-

nhador da Melhor Exposição Individual. Destaque em Cerâmica foi para Tânia Resmini; Cláudia Sperb venceu Destaque em Gravura; e Ligia Becker, Destaque em Mídias Tecnológicas. Melhor Mostra Coletiva foi para a exposição "Sala dos passos perdidos"; e na categoria Artista Revelação, Daniel Escobar foi o destaque. O Santander Cultural venceu em Destaque Espaço Institucional. Ainda foram premiadas as categorias Destaque em Projeto Alternativo de Produção Plástica (grupo A Flecha); Curadoria de Exposição (Paulo Gomes); Destaque em Produção de Texto sobre Artes Plásticas Publicado (Mônica Zielinski); e Apoio/Patrocinio (Gerdau/Petrobras).

VALMOC MASCARENHAS



Luciano Zanette foi o Artista Destaque Especial do Ano

Também foram homenageados os professores e artistas Cristina Baibao e Claudio Martins Costa. O prêmio, concebido pela Coordenação de Artes Plásticas da secretaria municipal da Cultura, atende a uma antiga reivindicação da classe artística gaúcha, reconhecendo e qualificando a expressiva produção local em artes plásticas.

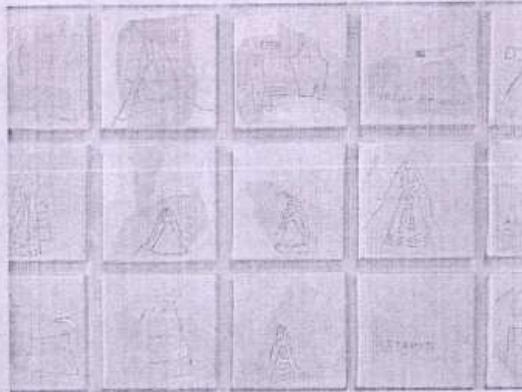
4.3 Reportagem publicada no *Jornal do Comércio* (9 de maio de 2007)

Artistas plásticos premiados

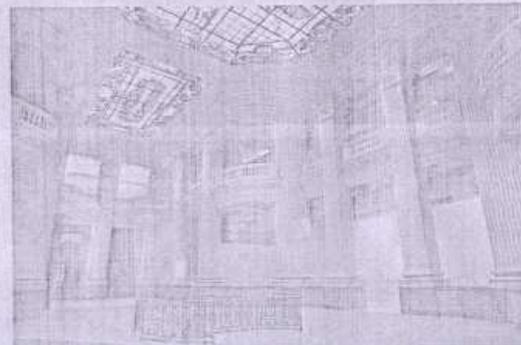
No Teatro Renascença, a prefeitura de Porto Alegre entregou ontem à noite o troféu criado por Xico Stockinger para a primeira edição do Prêmio Aporianos de Artes Plásticas. Os professores e artistas Cristina Balbão e Cláudio Martins Costa receberam homenagem especial pelo conjunto de suas contribuições às artes plásticas de Porto Alegre.

Ao todo, 26 artistas, três grupos de criação coletiva, cinco instituições, cinco pesquisadores, três curadores e três patrocinadores concorreram. No júri que escolheu os vencedores estavam: Blanca Brites, pesquisadora e professora do Instituto de Artes da Ufrgs; Gisela Waetge, artista plástica; Marilene Pietá, artista plástica e pesquisadora; Justo Werlang, presidente da Fundação Bienal do Mercosul e colecionador; e Ana Luz Pettini, coordenadora de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura, que criou o prêmio para atender "uma antiga exigência da comunidade artística gaúcha".

A entrega dos troféus no Renascença foi conduzida pelos atores Tadeu Liesenfeld e Celina Nunes de Alcântara. A solenidade também teve como atrações as intervenções artísticas Luz, Cor e Movimento, desenvolvidas pelas oficinas do Atelier Livre a partir de pesquisas de Mara Curuso nos anos 1980; além de DJs e cicloremas, que exibiram as imagens.



Delcia - Vestido de Noiva, de Vera Wildner, nas Salas Negras do Margs



Santander Cultural foi destaque como espaço institucional

Os vencedores

- ✓ **Pintura:** Vera Wildner, pela exposição *Delcia - Vestido de Noiva*, nas Salas Negras do Margs;
- ✓ **Escultura:** Luciano Zanette, pela exposição *Mobiliário Melancólico*, na Galeria Sotero Cosme da Casa de Cultura Mario Quintana;
- ✓ **Desenho:** Carlos Pasquetti, com a exposição *Só Desenhos*, na Galeria Bolsa de Artes;
- ✓ **Cerâmica:** Tânia Resmini, com a obra *Jardim da Cura*, no Campus Central da Ufrgs;
- ✓ **Gravura:** Claudia Sperb, com a exposição *Pertences*, no Espaço Cultural da Chico Lisboa;
- ✓ **Mídias Tecnológicas:** Ana Lígia Becker, com o vídeo apresentado na exposição *Paisagem Provisória*, na Galeria Iberê Camargo, na Usina do Gasômetro;
- ✓ **Exposição Individual:** Carlos Pasquetti, exposição *Só Desenhos*, na Galeria Bolsa de Artes;
- ✓ **Exposição Coletiva:** *Sala dos Passos Perdidos*, na Galeria Subterrânea;
- ✓ **Artista Revelação:** Daniel Escobar, pela exposição *Paisagem Provisória*, na Galeria Iberê Camargo, na Usina do Gasômetro;
- ✓ **Espaço Institucional:** Santander Cultural, pelo conjunto de suas realizações no ano de 2006;
- ✓ **Projeto Alternativo de Produção Plástica:** A Flecha, pelos projetos realizados no ano 2006;
- ✓ **Curadoria de Exposição:** Paulo Gomes, pela exposição *A obra gravada de Pedro Weingärtner*, do Núcleo de Gravura, nas Salas Negras do Margs;
- ✓ **Produção de Textos sobre Artes Plásticas Publicados:** a pesquisadora Mônica Zielinsky, pela obra *Iberê Camargo/Catálogo Raisonné/ volume I/Gravuras*;
- ✓ **Apoio/Patrocínio:** Gerdau/Petrobras pelo patrocínio do *Catálogo Iberê Camargo /Catálogo Raisonné/ volume I/ Gravuras*;
- ✓ **Artista Destaque Especial do Ano:** Luciano Zanette, pela exposição *Mobiliário Melancólico*, na Galeria Sotero Cosme. Além do troféu, ele recebeu o valor de R\$ 6 mil.
- ✓ **Prêmio Especial:** Art Web, pelo pioneirismo e alcance do trabalho realizado.

4.4 Reportagem publicada no jornal *Zero Hora* (8 de maio de 2007)



4.5 Reportagem publicada no jornal Zero Hora (9 de maio de 2007)

Prêmio à imaginação

Luciano Zanette conquista o título maior do 1º Açorianos de Artes Plásticas

Genócio de Esteio, 34 anos, Luciano Zanette é o grande vencedor do 1º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. A lista oficial, com os premiados em cada categoria, foi divulgada ontem.

Prêmio de da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, o Açorianos de Artes é uma antiga reivindicação de artistas porto-alegrenses. Vem se somar aos Açorianos de Literatura, Música e Teatro, distribuídos anualmente, em cerimônias no Centro Municipal de Cultura.

Luciano Zanette, além do reconhecimento como Destaque em Escultura, levou o mais ambicioso título de Destaque do Ano, uma prêmio que inclui algum pagamento em dinheiro (R\$ 6 mil, não descontando os impostos).

Os dois prêmios de Zanette são relativos à exposição Mobilidade Afetiva, que ele apresenta neste momento e durante do ano passan-

do, na Galeria Sotero Gomes, no setto andar da Casa de Cultura Mário Quintana. Ali, em uma série de instalações e seis desenhos, ele explorou uma questão subjetivada dos seres humanos: a relação que possuem a função original, mas não têm mais serventia. Alguns exemplos: o que segue a forma de uma mesa articulada sob um arco, como o tempo corrido e as pernas amadas (foto acima). O que lembra um travesseiro em um ângulo descendente ou que seria o sorriso. Das coisas se interconectam e vivem em fluxo ao lado.

Doublamos uma de suas obras, iniciada em 1998, em noveza aumentados e reestruturados pelo artista, os jogos de Mobilidade Afetiva foram desenvolvidas por Luciano Zanette no âmbito do Pivô (Instituição em Artes Visuais na UFPA). Ele defende sua diversidade de Mercado na própria exposição-tema.

Entre os demais premiados na primeira edição do Açorianos de Artes, destaca-se Carlos Paqueti. Nome reconhecido pelo sucesso de suas obras, Paqueti fez um conjunto de peças do grupo Sotero Gomes, nos anos 1950, e ditou um quadro de estudos, dois anos de trabalho no Instituto de Artes da UFRGS. Mereceu uma sala especial na última Bienal do Mercosul, em 2005. Sua lista de trabalhos inclui, de fato, com os prêmios de Destaque em Desenho e Domínio como Espetáculo Individual, ambos pela exposição 50 Desenhos, apresentada entre maio e junho de 2006, na Galeria Bola de Arte.

Compartilham o jurado do Açorianos de Artes a professora e pesquisadora Bianca Brites (UFPA), a artista plástica Gisela Waerje, a pesquisadora, artista e professora Marlene Pietá e o colecionador João Werlang, presidente da Fundação Bienal do Mercosul.

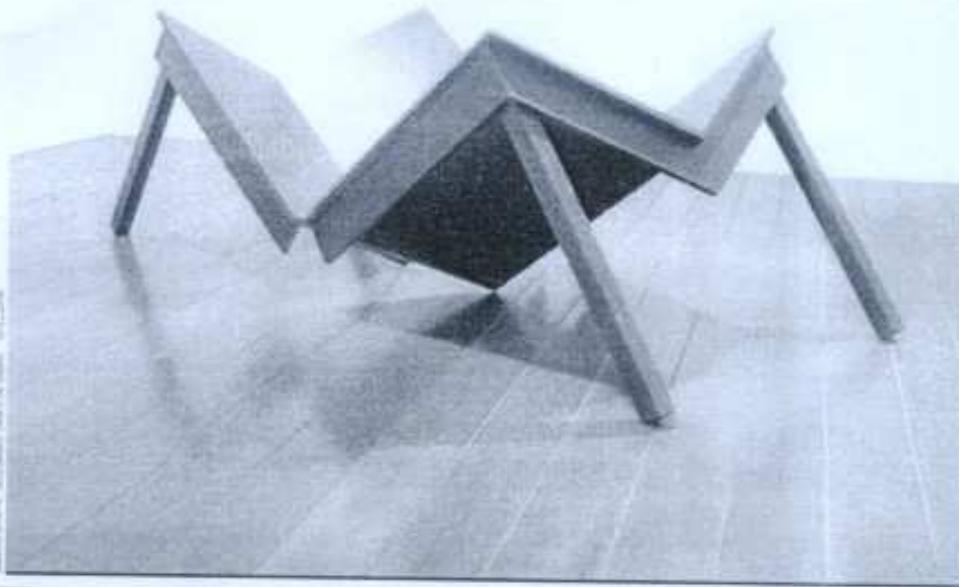


Foto: Roberto G. / Agência Zero Hora

Os vencedores

Centra quem se destacou em cada categoria do Açorianos:

PINTURA

Italo Wilson, pela exposição 50 desenhos, na Galeria Sotero Gomes.

ESCALURA

Luciano Zanette, pela exposição Mobilidade Afetiva (UFPA).

DESENHO

Carlos Paqueti, pela exposição 50 Desenhos, na Galeria Bola de Arte.



CERÂMICA

Italo Wilson, pela obra Jardim de Cera, na Galeria Sotero Gomes (UFPA).

GRAVURA

David Esmer, pela exposição Pedras, na Associação Odeon Lattes.

MÍDIAS TECNOLÓGICAS

Ana Lígia Bastos, pelo vídeo 1998, exibido na exposição Pedras, Associação Odeon Lattes.

MELHOR EXPOSIÇÃO

50 Desenhos, de Carlos Paqueti, na Bola de Arte.

MELHOR EXPOSIÇÃO COLETIVA

São São Paulo, no Espaço Sotero Gomes.

ARTISTA REVELAÇÃO

David Esmer, pela exposição Pedras, Associação Odeon Lattes.

ESPAÇO INSTITUCIONAL

Sotero Gomes.

PROJETO ALTERNATIVO DE PRODUÇÃO PLÁSTICA

Grupos A e B.

CURADORIA DE EXPOSIÇÃO

Paulo Gomes, pela retrospectiva A Mesa, na Galeria Sotero Gomes (UFPA).

PRODUÇÃO DE TEXTO SOBRE ARTES PLÁSTICAS

Mônica Zelinny, pelo Catálogo Racional de São Carlos (Volume 1).

APOIO/PATROCÍNIO

Geraldo e Petrópolis, pelo Catálogo Racional de São Carlos (Volume 1).

ARTISTA DESTAQUE ESPECIAL DO ANO

Luciano Zanette.

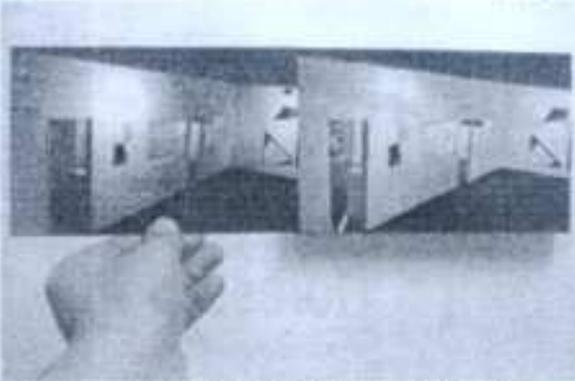
O prêmio do Açorianos de Artes contém ao site www.artesplasticas.com.br um prêmio especial para premiados e pelo sucesso de cada obra premiada.

4.6 Reportagem publicada no jornal *Correio do Povo* (8 de maio de 2008)

QUINTA-FEIRA, 8 de maio de 2008 | arteagenda@correiodopovo.com.br

Açorianos de Arte é hoje

O Teatro Renascença sedia hoje, 20h, a entrega do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Com direção de Elcio Rowlini, a cerimônia irá homenagear os 70 anos da Associação Chico Lisboa e o centenário do Instituto de Artes da Ufrgs, premiando em 15 categorias os destaques da área em 2007. Na 2ª edição do evento concorrem 69 indicados ao troféu criado por Xico Stockinger. O Artista do Ano será escolhido dentre todos os premiados, recebendo também a quantia de R\$ 6 mil. Entre os indicados aos vários prêmios estão



VERA CHAVES BARCELLOS, ZORÁVIA BETTIOL, WALMOR CORREA, TERESA FOESTER, MARILICE CORONA, ECARTA, Associação Chico Lisboa, Museu do Trabalho, Studio-Clô, Shopping DC Navegantes, Fundação Biental do Mercosul, TVE Estação Cultura, Grupo CEEE e Gerlau.

Obra de Marilice Corona, uma das indicadas

4.7 Reportagem publicada no jornal *Correio do Povo* (7 de maio de 2009)

Prêmio às artes plásticas

Após um ano avaliando mais de 500 exposições entre janeiro e dezembro de 2008, os jurados do III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas entregam amanhã os troféus aos vencedores de 15 categorias e um prêmio ao Artista Destaque Especial do ano, escolhido entre os vencedores, de R\$ 6 mil menos os impostos.

Cinco artistas concorrem à cada uma das categorias de Destaque em Pintura; escultura; desenho; gravura; fotografia; mídias tecnológicas; espaço de divulgação artística; projeto alternativo de produção plástica; curadoria de exposição; textos, catálogos e livros publicados; melhor exposição individual; melhor exposição coletiva; artista revelação, e patrocínio ou apoio a eventos de artes plásticas. Apenas no destaque em cerâmica, são três e não cinco indicados: coletiva *Invasores do Espaço Ecarta*, coletiva *Bando de Barro na Koralle e Bira Lacava Cerâmicas*, totalizando 73 indicações.

Além dos troféus, a noite também será de homenagem aos jornalistas Décio Presser e Luiz Carlos Lisboa, e ao artista Xico Stockinger, que morreu dia 12 de abril aos 89 anos. "Será uma homenagem especial ao primeiro diretor do Atelier Livre e agradecimento ao apoio que sempre concedeu à arte", explica a coordenadora de Artes Plásticas da Secretaria de Cultura de Porto Alegre, Ana Pettini. Foi Stockinger o criador do troféu Açorianos Artes Plásticas, especialmente para o evento "O fez mulher porque dizia que a arte é figura feminina", lembra Ana, que o recebeu das mãos do artista ainda em cera e este ano entregará no palco a versão final para a família acrescentar ao acervo.

Muito esperado pela classe dos artistas

plásticos, o prêmio representa, segundo a coordenadora, um reconhecimento e a valorização da atividade. O prêmio Açorianos foi criado em 1977 para o teatro e a dança. Em 1990, premia música; em 1994, literatura; e, a partir de 2006, Artes Plásticas.



Gelson Radaelli é um dos cinco indicados a Destaque em Pintura

4.8 Reportagem publicada no *Jornal do Comércio* (11 de maio de 2009)

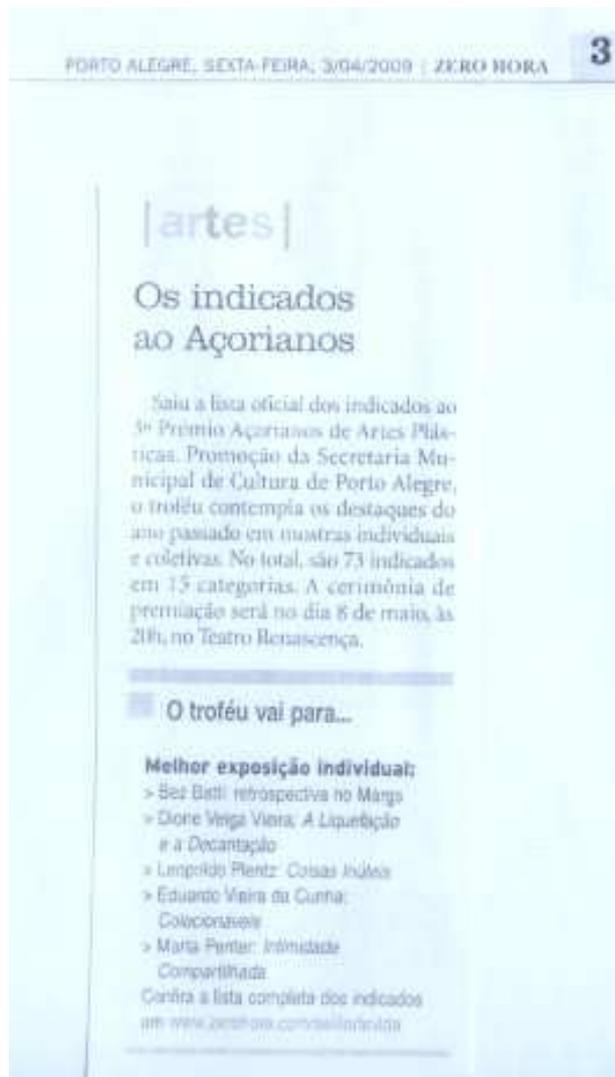


A artista plástica.

Karin Lambrecht

foi escolhida a artista destaque de 2008 do III Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. O secretário municipal da Cultura de Porto Alegre, Sérgio Gonzaga (na foto), entregou pessoalmente o troféu a Karin, que também recebeu um prêmio no valor de R\$ 6 mil. Ela ainda foi vencedora nas categorias pintura e exposição coletiva, em que dividiu o troféu com Elaine Tedesco e Lúcia Koch. Foram homenageados por suas carreiras Décio Presser, Luis Carlos Lisboa e Xico Stockinger. Outras categorias: escultura (Elaine Tedesco), desenho (Eduardo Kichhof), cerâmica (Bira Laçava), gravura (Rodrigo Pecci), fotografia (Leopoldo Pientz), mídias tecnológicas (grupo Io), individual (Bez Batti), revelação (Rogério Livi) e prêmio especial do júri para Jose Francisco Alves.

4.9 Reportagem publicada no jornal *Zero Hora* (3 de março de 2009)



4.10 Reportagem publicada no jornal *Zero Hora* (8 de maio de 2009)



4. 11 Reportagem publicada no jornal *Correio do Povo* (8 de maio de 2010)

Arte & Agenda

SÁBADO, 8 de maio de 2010 | arteagenda@correiodopovo.com.br



Tangos, boleros e sambas ganham livro

Noite para premiar as artes plásticas



Obra de Maria Tomaselli, que concorre em Pintura e Melhor Exposição Individual

Hoje, a partir das 20h, ocorre a cerimônia de premiação do Acartanos de Artes Plásticas, que destaca as melhores obras e eventos de 2009, no Teatro Renascença (Estr. Veríssimo, 307). Os 53 indicados concorrerem em 15 categorias: Pintura, Escultura, Desenho, Cerâmica, Gravura, Fotografia, Mídias Tecnológicas, Espaço Institucional Público e Privado e Divulgação Artística, Projeto Alternativo de Produção Plástica, Curadoria de Exposição, Textos, Catálogos e Livros Publicados (Publicação), Patrocínio e/ou Apoio a Eventos Ligados às Artes Plásticas, Melhor Exposição Coletiva e Artista Revelação.

A homenagem especial desta edição cabe à galeria Bolsa de Arte, que completa 30 anos de existência. O artista que for escolhido pelo júri como Destaque Especial do Ano receberá prêmio de R\$ 8 mil. O júri de premiação foi constituído por Leandro Selster, Leopoldo Fienitz, Paula Ramos, Renato Garcia e Terena Poesler. O júri que selecionou os indicados deste ano foi composto por Leandro Selster, Renato Garcia, Miriam Tolpolar, Newton Silva e Paula Ramos.

Na lista dos indicados, em Destaque em Pintura concorrem Cláudia Barfisan, Maria Tomaselli e Paulo Porcella. Em Escultura, Eleonora Faltre, Leonardo Fanelau e Tullio Pinto. Em Desenho, Flávio Gonçalves, Marília Bianchini, Marina Camargo e Marta Preter. Em Cerâmica, Ana Flores, Emília e Tomohiro Ehara e Marlies Ritter. Em Gravura, disputam Clara Pechansky, Eliane Santos Rocha, Maria Leguérre, Raquel Lima e Wilson Cavalcanti. Em Fotografia, os coletivos Desaparecimento, Cemitérios da Província, Ardecidade, Leticia Lampert e Luzitano Montanha. Destaque em Mídias Tecnológicas tem como concorrentes André Venzon e Luiz Roque, Grupo Ardecidade, Dirnei Prates e Nelson Pellente, Munir Klant e Laura Cattani. Destaque em Espaço Institucional pode ir para a Cultural Gallery of Arts Dante's Sloggia, ES-PM: Goethe Institut, Museu do Trabalho e Studio Clio. A disputa, na categoria Publicação, segue com "Cemitérios da Província", Maria Tomaselli, Paulo Porcella, Vera Chaves Barcellos e Dédale. Entre as melhores Exposições Individuais disputam a de Ana Flores, de Flávio Gonçalves, Maria Tomaselli, Marina Camargo e Marlies Ritter. E entre os artistas revelação, Emília e Tomohiro Ehara, Leticia Lampert, Luciano Montanha, Marília Bianchini e Zenilda Cardoso.

4.12 Reportagem publicada no *Jornal do Comércio* (10 de maio de 2010)

O Teatro Renascença lotou na noite de sábado para conhecer os vencedores do

IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas.

Ao todo, foram indicados 53 nomes. Nesta edição, o prêmio fez homenagem especial aos 30 anos da Galeria Bolsa de Arte. O Artista Destaque Especial do Ano, Flávio Gonçalves, recebeu um prêmio de R\$ 8 mil. O júri, constituído por Leandro Selister, Leopoldo Pientz, Paula Ramos, Renato Garcia e Tereza Poester, reuniu-se na semana anterior à cerimônia para decidir os premiados. A relação completa dos agraciados está no site www.portoalegre.rs.gov.br.



4.13 Reportagem publicada no jornal Zero Hora (8 de maio de 2010)

SegundoCaderno

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 8/5/2010 | ZERO HORA 3

| açorianos |

A noite das artes visuais

Quarta edição do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas será realizada hoje à noite em Porto Alegre

Mais de 50 artistas, coletivos ou instituições concorrem ao 4º Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, cujos troféus serão entregues hoje à noite, no Teatro Renascença, em Porto Alegre. A cerimônia de premiação, referente à produção de 2009, terá início às 20h.

A grande homenageada da temporada é a galeria Bolsa de Arte, que está completando 30 anos como um dos principais espaços dedicados às artes visuais da Capital. Entre os concorrentes de destaque, estão os artistas Ana Flores, Flávio Gonçalves, Maria Tomaselli, Marina Camargo e Marlies Ritter, que disputam na categoria Melhor Exposição Individual. O Destaque do Ano – que pode sair de qualquer categoria – receberá um prêmio de R\$ 8 mil.

No total, são exatos 53 indicados em 15 categorias, que contemplam linguagens específicas, como pintura, desenho, gravura e fotografia, e também publicações, patrocinadores, curadores e espaços expositivos. Confira alguns dos principais indicados no quadro ao lado.

Principais indicados

PINTURA <ul style="list-style-type: none">> Cláudia Barbisan – <i>Vem me Ver</i>> Maria Tomaselli – <i>Magia da Semelhança</i>> Paulo Porcella – <i>Meio Século de Arte</i>	MÍDIAS TECNOLÓGICAS <ul style="list-style-type: none">> André Venzon e Luiz Roque – <i>Conjunto 4</i>> Ardecidade (Artur Costa, Camila Schenkel, Rodrigo Uriarte e Sol Casal) – <i>Fotoensaio</i>> Dimeí Prates e Nelson Pellenz – <i>Infiltração</i>> Munir Klarm e Laura Cattani – <i>Autotético</i>	PUBLICAÇÃO <ul style="list-style-type: none">> Cemitérios da Província> Maria Tomaselli> Paulo Porcella – <i>Meio Século de Arte</i>> Vera Chaves Barcellos <i>Obras Incompletas</i>> <i>Dédale</i>
ESCULTURA <ul style="list-style-type: none">> Eleonora Fabre – <i>Sob Medida</i>> Leonardo Fanzelau e Túlio Pinto – <i>Arte como Questão</i>> Lia Mena Barreto – <i>Pele de Boneca</i>> Túlio Pinto – <i>Duas Grandezas</i>	ESPAÇO <ul style="list-style-type: none">> Cultural Gallery of Arts Dante's Foggia> ESPM> Instituto Goethe> Museu do Trabalho> StudioClio	EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL <ul style="list-style-type: none">> Ana Flores – <i>Um Dia entre Abril e Junho</i>> Flávio Gonçalves – <i>Desenhos</i>> Maria Tomaselli – <i>Magia da Semelhança</i>> Marina Camargo – <i>Mundos Paralelos</i>> Marlies Ritter – <i>Sem Título</i>
DESENHO <ul style="list-style-type: none">> Flávio Gonçalves – <i>Desenhos</i>> Marlia Bianchini – <i>Linhas e Transparências</i>> Marina Camargo – <i>Mundos Paralelos</i>> Maria Penler – <i>In Suspense</i>	PROJETO ALTERNATIVO <ul style="list-style-type: none">> Isabel de Castro – <i>Bienal B</i>> Maria Lúcia Cattani – <i>Pinturas e Múltiplos</i>> Rodrigo Lourenço – <i>Desvenda</i>> Umbelina Barreto e Flávio Morsh – <i>Fonte</i>> Zenilda Sartori – <i>Doações do Corpo</i>	EXPOSIÇÃO COLETIVA <ul style="list-style-type: none">> Fabio Zimbres, Diego Medina, Nik Índio San, Maristela Salvatori, Maria Lúcia Cattani, Sandra Flei, Paul Coldwell> Vânia Sommermeyer, Rommulo Vieira e Thiago Giora
CERÂMICA <ul style="list-style-type: none">> Ana Flores – <i>Um Dia entre Abril e Junho</i>> Emília e Tomohiro Ehara – <i>Será que Eles Foram à Lua?</i>> Marlies Ritter – <i>Sem Título</i>	CURADORIA <ul style="list-style-type: none">> Ana Zavadi – <i>Um Dia entre Abril e Junho</i>> Aníco Herscovits – <i>Gráfica Gaúcha III</i>> Blanca Brittes – <i>Total Presença</i>> Icleia Cattani – <i>Iberê Camargo</i>> Mônica Zielinsky – <i>Quero Outros Espaços</i>	REVELAÇÃO <ul style="list-style-type: none">> Emília e Tomohiro Ehara> Leticia Lampert> Luciano Montanha> Marlia Bianchini> Zenilda Cardoso
GRAVURA <ul style="list-style-type: none">> Clara Pechansky – <i>Gravura Atemporal</i>> Eliane Santos Rocha – <i>Código Pessoal</i>> Marta Loguércio – <i>Obra Gráfica</i>> Raquel Lima – <i>Pulsações</i>> Wilson Cavalcanti – <i>30 anos de Mim</i>	FOTOGRAFIA <ul style="list-style-type: none">> Vários artistas – <i>Desaparecimentos</i>> Bruno Guarte – <i>Cemitérios da Província</i>> Grupo Ardecidade – <i>Fotoensaio</i>> Leticia Lampert – <i>Escala de Cor das Coisas</i>> Luciano Montanha – <i>Uma Janela para o Céu</i>	

4.14 Reportagem publicada no jornal *Zero Hora* (10 de maio de 2010)

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 10/5/2010 | ZERO HORA 5

| arte |

Flávio Gonçalves leva o Açorianos

Flávio Gonçalves foi o artista destaque de 2009. Ele faturou o principal prêmio do Açorianos de Artes Plásticas, entregue no sábado à noite, pela exposição *Desenhos*, exibida na ESPM.

Além dele, o prêmio ressaltou o trabalho de, entre outros, nomes como Tulio Pinto (destaque em escultura), Cláudia Barbisan (pintura), Wilson Cavalcante (gravura), Leticia Lampert (fotografia), Ana Flores (cerâmica) e Dimeí Prates e Nilton Pellenz (mídias tecnológicas). A melhor exposição individual do ano foi *Magia da Semelhança*, que Maria Tomaselli apresentou no Margs, enquanto a melhor coletiva foi para *Entre o Traço e o Espaço: Quatro Ilustradores e seus Processos*, de Diego Medina, Fábio Zimbres, Índio San e Nuik Neves.

O Museu do Trabalho e o Instituto Goethe levaram os prêmios de espaço expositivo e incentivador/patrocinador, respectivamente. O júri do Açorianos decidiu ainda premiar, com um troféu especial, o espaço Torreão, fechado no ano em que passou.

Os premiados

ARTISTA DESTAQUE DE 2009: Flávio Gonçalves (exposição *Desenhos*)
MELHOR INDIVIDUAL: Maria Tomaselli (*Magia da Semelhança*)
COLETIVA: Diego Medina, Fábio Zimbres, Índio San e Nik (*Entre o Traço e o Espaço*)
DESTAQUE EM ESCULTURA: Tulio Pinto (*Duas Grandezas*)
PINTURA: Cláudia Barbisan (*Vem me Ver*)
GRAVURA: Wilson Cavalcante (*30 Anos de Mim Mesmo*)
FOTOGRAFIA: Leticia Lampert (*Escala de Cor das Coisas*)
CERÂMICA: Ana Flores (*Um Dia entre Abril e Junho*)
MÍDIAS TECNOLÓGICAS: Dimeí Prates e Nilton Pellenz (*Infiltração*)
DESENHO: Flávio Gonçalves
CURADORIA: Anico Herscovits (exposição *Gráfica Gaúcha III*)
TEXTO/CATÁLOGO: Vera Chaves Barcellos (*Obras Incompletas*)
REVELAÇÃO: Emilia e Tomohiro Ehara (*Será que Eles Foram à Lua?*)
PROJETO ALTERNATIVO: Bienal B
PRÊMIO ESPECIAL: Torreão
ESPAÇO: Museu do Trabalho
INCENTIVO: Instituto Goethe

Sumário dos Apêndices

Sobre as Entrevistas.....	75
1. Entrevista com Alfredo Nicolaiewsky.....	76
2. Entrevista com Ana Pettini.....	83
3. Entrevista com André Venzon.....	89
4. Entrevista com Anete Abarno.....	95
5. Entrevista com Bianca Knaak.....	98
6. Entrevista com Blanca Brites.....	105
7. Entrevista com Décio Presser.....	108
8. Entrevista com Eduardo Veras.....	112
9. Entrevista com Leandro Selister.....	119
10. Entrevista com Mara Caruso.....	121
11. Entrevista com Maria Amélia Bulhões.....	125
12. Entrevista com Marisa Veeck.....	129
13. Entrevista com Niura Ribeiro.....	132
14. Entrevista com Paulo Gomes.....	134
15. Entrevista com Teresa Poester.....	140
16. Entrevista com Túlio Pinto.....	147
17. Entrevista com Walmor Corrêa.....	149
18. Entrevista com Zoravia Bettiol.....	152

Sobre as Entrevistas

As entrevistas foram feitas por mim, ao longo deste semestre, com nomes do campo artístico de Porto Alegre, acerca do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. Em sua maioria, as dezoito entrevistas foram feitas presencialmente: eram gravadas digitalmente e transcritas exatamente como os entrevistados falaram. Algumas pequenas alterações foram feitas posteriormente, a pedido de alguns entrevistados.

As perguntas mudavam devido à relação que cada entrevistado tinha com o prêmio. Fiz a os todos entrevistados perguntas como: “O que tu achas do Prêmio Açorianos?”; sobre as categorias, “O que tu achas das categorias?”, e também quanto aos eventuais problemas que estes observavam na premiação “Quais problemas tu apontarias no prêmio?”. Para os artistas vencedores do Açorianos, fiz perguntas como “Quais foram as mudanças que ocorreram na tua carreira após vencer o Prêmio Açorianos?”, entre outras mais específicas de cada um. Para os júris da premiação, perguntei questões referentes aos membros, encontros do grupo de jurados e problemas ao longo das escolhas. Para membros da Coordenação de Artes Plásticas, perguntei coisas específicas sobre a produção do prêmio, sobre o *backstage* do Prêmio Açorianos e sobre os processos da escolha dos júris. Por fim, para críticos e pesquisadores do meio artístico porto-alegrense, fiz perguntas mais gerais acerca da premiação e percepções sobre o campo artístico, sempre a partir do prêmio.

1. Alfredo Nicolaiewsky

Concedida no dia 07 de abril de 2010

Artista plástico. Professor e atual diretor do Instituto de Artes da UFRGS, fez parte do júri de seleção e premiação do II Açorianos (2008) e concorreu, nesta mesma edição (2008), na categoria Exposição Coletiva e, na terceira (2009), na categoria Textos, Catálogos e Livros.

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu acho muito bom! Eu acho bom que tenha este prêmio em todas as áreas, eu acho importante para a arte, acho que é legal. Tem problemas, mas ele é muito bom.

Tu participaste da criação do edital?

Não me lembro.

Não lembra quem estava junto então, também?

Não me lembro, porque eu acho que era uma coisa mais informal. Acho que não era uma comissão.

Então vou para as outras perguntas. No II Açorianos tu participaste como júri de seleção e premiação. Quais foram os critérios usados para a seleção?

Bom, na época não tinha inscrição, então era na memória dos jurados. Fomos levantando nomes, houve discussões, mas enfim foi uma conversa, até que se levantou X nomes, eu acho que eram cinco por área que deveriam ser e foi assim, na memória que funcionou.

E todos jurados de seleção tinham assistido a todas as exposições?

Não! Este é o grande problema do Açorianos, simplesmente tem gente que não viu as exposições.

E como foi escolhido esse júri?

Pela Prefeitura.

E tu conhecia alguém ali dentro?

Sim, como eu sou muito velho, eu conheço todo mundo! Em 67 eu entrei no Atelier Livre como aluno, então todo conheço todo mundo, Ana Pettini e estas pessoas, fui conhecendo lá dentro, como estudantes ainda, tudo garotada. Mas retomando, este é o grande defeito. No meu ano tinha uma pessoa que era professora em Pelotas e que mora em Pelotas, ou seja, que vem de vez em quando à Porto Alegre e vê alguma coisa e também as pessoas não tem o hábito de ver exposições, na verdade este é o grande problema. Eu não vejo todas, com certeza, mas eu acho que eu vejo bastante.

E vocês listavam os selecionados a partir do que era importante?

Sim, tem coisas que eu vi que era um horror que eu não ia nem me lembrar. Foram mais as coisas legais.

Vocês fizeram algum projeto de mudanças para as categorias ou aceitaram as categorias?

Teve discussões quanto a instalação que não havia e que ainda continua não havendo, que daí entrava em escultura, o que eu acho que não é, que é outra coisa. Vídeu eu acho que não tem, então é fotografia e vídeo misturados, ou tudo em novas tecnologias. Naquele foi a Eny que ganhou, que era muito bom.

Então vocês não puderam mudar muita coisa?

Não, a gente até fazia críticas no sentido de coisas que não estavam contempladas. Por exemplo, a exposição do Walmor entrou na categoria de escultura, só que não era, era uma exposição que tinha desenho, tinha ploter, era uma instalação. A gente propôs, mas “não pode, não pode, não pode”. A justificativa é que então teria “512” prêmios, porque tem muitas categoriazinhas, levantou-se a possibilidade de não ter categorias e ser tudo uma coisa só, então, em princípio a organização não quis mudar.

Então tu achas que vai continuar este mesmo sistema?

Agora como mudou a coordenação, não sei. Mas acho que é uma coisa que com o tempo talvez mude, só que é um processo lento.

Ainda no II Açorianos, tu continuaste como júri de premiação. Isto foi um convite ou estava pré-estabelecido que tu continuarias?

Quando eu fui convidado, foi para as duas. O critério neste ano foi este. No 1º ano tinha sido dois júris bem diferentes e eles acharam que tinha dado problema no sentido de que não tinha ninguém que levasse a informação. Então, neste ano foi eu e a Niura que fomos para os dois, o que é uma forma de ter uma certa unidade.

E tu achas isto bom?

Acho bom, para ter uma certa lógica, explicar para os outros “pensamos nisso e tal”, mas claro pode mudar pela maioria dos votos, mas eu achei que é bom.

Teve algum critério diferente de premiação em relação ao de seleção?

O grande problema que teve, continuou tendo. Como as pessoas não viram várias coisas, por exemplo, tiveram coisas que eu vi, que pensei que deveria ganhar o melhor prêmio de pintura e ninguém tinha visto. E decidiram premiar outra coisa e se premia muito pelo nome e não pela exposição. Eu acho que tem este problema e todos eles têm, o de Literatura eu sei que tem. As pessoas não vêm e vão premiando os nomes mais conhecidos. Tem essa coisa de “fulano é ótimo”, tudo bem, fulano é ótimo, só que aquela exposição não era ótima eventualmente, ou tinha uma outra que era melhor que não era de alguém famoso.

Mas tu achas que o Açorianos traz novos nomes?

Eu acho que sim, acho que acabam aparecendo, porque tem o prêmio revelação e mesmo assim às vezes aparecem coisas. Por exemplo, a Eny não tem o trabalho tão reconhecido, apesar de ser uma ótima artista, então tem coisas que eu acho que vão entrando. Mas é complicado, tem esse lado prático que é complicado.

E tu concordas com as premiações feitas até hoje? Teve alguma que quando tu fizeste parte do júri tu discordaste?

Tem muitas discordâncias sempre.

E vocês todos do júri se conhecem? Vocês se encontram?

Sim, no nosso caso houve no mínimo dois encontros, um para seleção e outro para premiação. Não me lembro se não teve mais. E claro que se discute, alguns brigam por aquilo que acreditam, mas às vezes não adianta, pois são cinco nomes.

E tu achas que por ser um Prêmio da Prefeitura tem mais pessoas do Atelier livre envolvida?

Não, acho que não. Pelo menos oficialmente, não. Porque no 2º ano era eu, a Anete que era do Atelier, a Ângela Pohlmann que é de Pelotas, a Maria Amélia que também é daqui e a Niura que tem ligação com o Atelier. Na premiação acabava entrando eu de novo, a Ana, o Eduardo Vieira da Cunha que é daqui, a Niura e o Luciano Zanette.

Então tu achas aberto?

Acho, porque na verdade como é um número muito pequeno de pessoas e quem está concorrendo não pode participar, ou se participar, sua exposição não concorre. E daí é muito complicado. Porque se tu participaste de alguma coletiva, ou foi curador, ou não sei o que, então é difícil ter gente.

Uma das coisas que tu mencionaste foi o fato de um dos jurados ser de Pelotas, ao mesmo tempo que não podem ser dadas premiações para pessoas de fora de Porto Alegre. O que tu achas disso? A Lenir, este ano, não poder participar?

Um horror, pois era a melhor exposição do ano de pintura, fácil!

E o que tu achas sobre os jurados poderem ser de fora enquanto os indicados não podem?

A Ângela, no caso, ela também tem casa aqui, então ela teoricamente é daqui, ou também pode ser considerada, mas na prática a gente sabe que ela vem no final de semana e acaba não vendo todas exposições. Enfim, nada pessoal, me dou bem com ela. Este ano também, a Teresa Poester é do júri e ela tinha ficado em Paris, então, também perdeu muitas exposições.

Então tu concordas com a idéia de não poder premiar pessoas de fora?

Isso eu acho complicado, porque é um prêmio da Prefeitura, por exemplo, a exposição que vai abrir amanhã lá na Iberê Camargo da Mira Schendel e que deve ser uma super exposição e que não dá chance para os outros.

Mas daí não seria papel do júri fazer este balanço?

É complicado daí, saber quando pode e quando não pode, teria que ser uma coisa mais ou menos definida. Mas eu acho que artistas gaúchos e artistas residentes do Rio Grande do Sul expondo em Porto Alegre talvez fosse um critério. O que quer dizer que se eu faça uma exposição em Pelotas, não vale, mas um artista de Pelotas que faça uma exposição aqui, acho que poderia valer, sim. Porque às vezes a gente fica assim “como não pode?” Neste último ano teve a menina de Santa Maria, a Nara Amélia, que fez uma exposição de gravura espetacular e que não podia participar.

E o que tu achas de lugares menores concorrerem com espaços maiores como a Fundação Iberê Camargo, por exemplo?

Eu acho que o júri sabe balancear, pelo menos no meu ano a gente tentou fazer isso. Porque não dá pra comparar um investimento feito pelo Santander, como no ano que eu era júri, foi a exposição da Vera Chaves, que era uma super exposição com uma super estrutura, comparar com uma exposição no mesmo ano da Zoravia, no MARGS e que ela bancou sozinha, porque o Estado não dava nada. Então são situações diferentes, aí depende do júri. Porque se começar a dividir espaços médios, espaços pequenos e espaços grandes, daqui a pouco tu vais estar com um prêmio para cada exposição, pois era uma em cada lugar. Daí vem o bom senso de pesar isso, pensar “bom a exposição que aconteceu na Subterrânea é excelente” e a gente sabe que eles não têm dinheiro nenhum então tem que dar um peso diferenciado para o Santander o para a Iberê. Com certeza tem que ter muito bom senso do júri.

Tu ganhaste em conjunto a curadoria da exposição do Pedro Weingärtner, houve alguma mudança na tua carreira depois disso?

Não. Continuou tudo igual.

E tu achas que com os artistas menos reconhecidos e mais jovens muda alguma coisa?

Sim, por exemplo, para o Gérson Reichert talvez se pensar, deve ter mudado alguma coisa, mas isso tem que conversar com ele. Mas eu acho que fica um pouco mais visível e tem uma coisa que nas artes visuais não aparece, não está se fazendo ainda, diferente do teatro, da música e da literatura também, por exemplo, quando sai o lançamento do livro do fulano, está lá no seu currículo que ele foi indicado três vezes para o Açorianos e isso é importante para o leitor. Para nós não, parece que “Ah tá, ganhou o Açorianos”, não coloca no currículo e não dá destaque

para isto. Acho que é uma coisa que a gente tem que começar a fazer mais, o próprio meio não está dando valor.

Tu achas que é o fato de ser um prêmio jovem?

Acho que em parte é. Eu acho um prêmio muito legal, eu fui a todas as entregas, é uma festa super bonita, com todas as coisas erradas que acontecem. Por exemplo, aqui quando teve a exposição Total Presença, ganhou o prêmio e acabou tendo que a Blanca colocar no cd um adesivo avisando que havia ganhado o prêmio, então acho que é meio que por aí o caminho.

E quando vocês ficam sabendo que vocês serão os jurados?

A gente é convidado mais ou menos no início do ano. Então eu PODERIA ter visto todas as exposições, teoricamente daria tempo. O certo seria, se o prêmio foi hoje, amanhã a gente é convidado, mesmo que seja em sigilo, mas não aconteceu bem assim, demorou alguns meses. As reuniões foram no início do ano (janeiro) e eu teria sabido no março do ano anterior, então tinha passado um período, mas eu sabia que eu deveria ver. Concorrente todo mundo é, então todas as exposições que acontecerem em Porto Alegre em princípio são concorrentes e quem quiser ver, tem que ver tudo, por conta. E pouca gente tem o hábito de ver exposições, os nossos alunos não têm o hábito de ver exposições, o que eu acho um problema gravíssimo, independente do Prêmio Açorianos. Eu tenho o hábito de sábados sair para passear para ver galerias e exposições, não vou dizer que eu vou em todos os sábados, mas um ou dois por mês eu vou ver exposições e eu não sou júri.

E quais os problemas maiores que tu vês no Prêmio?

O mais grave é esta questão do júri de não ver, às vezes tem gente que não viu ou não vê, a premiação por nomes e não por trabalho e as categorias são complicadas.

[LENDO O CATÁLOGO DO III AÇORIANOS]

O Sandro foi meu orientando, gosto muito dele, adoro o trabalho dele. Agora, ele ter ganho do Pedro Weingärtner, só matando o júri! Porque é uma piada! E esta exposição do Weingärtner, curadoria não tinha, então apesar de eu ter ganhado o prêmio, esta exposição não teve curadoria. Nós expusemos o que nós achamos, então isso não era uma curadoria e sim uma produção, organização, qualquer coisa, curadoria não. É um problema de critérios. Eles sabiam que tinham que dar um prêmio para esta exposição, porque era espetacular, agora poderiam ter dado os dois se quisessem... mas o catálogo nosso, não dava para comparar.

E tu achas que faltam prêmios relacionados à publicação?

Na área da Literatura tem alguma coisa na área de capa e de design. Agora o prêmio patrocínio para Zaffari e Tramontina foi complicado, pois foi quem patrocinou o catálogo da Prefeitura. É um problema grave. Porque tem um critério interessante, que quem expõe por convite na Prefeitura

não pode participar, mas quem expõe por edital, que foi o caso da exposição do Sandro, pode. Ao mesmo tempo que quem bancou o ar condicionado deles pode concorrer como patrocinadores, daí é uma coisa estranha.

[LENDO O CATÁLOGO DO III AÇORIANOS]

Neste ano tiveram várias coisas!

E o que tu achas da Elaine Tedesco ter ganhado Prêmio de escultura sozinha em uma exposição conjunta?

R: Aquilo ali, pessoalmente, me dou bem com todo mundo, mas acho que foi um erro. Outro erro horroroso foi a premiação do Bira, gostava muito do Bira, era muito amigo e tal, mas a exposição era péssima, dentro da Prefeitura, não era edital, mas como ele tinha falecido e ele tinha sido professor do Atelier, fizeram uma homenagem a ele, tudo bem, mas então que botassem ele nos homenageados, que ficaria muito bem. Cria dez homenagens se quiser. E teve a homenagem para o Xico, o Xico aquele ano foi tudo. Ele ganhou homenagem, o Francisco Alves ganhou na exposição Assuntos Escultóricos – Desenhos de Xico Stockinger, foi inventado este prêmio e a exposição era ruim... Então ficaram inventando prêmios para dar mais prêmios para o Xico, assim não dá.

Então é um problema de júri ou da Prefeitura mesmo, que organiza?

Aí é complicado. Porque tem a Ana Pettini, com quem eu me dou bem, mas é uma pessoa que fica se metendo onde não devia e fica pressionando as pessoas “porque aqui não pode”, coisas que ela deveria ficar longe. E tem pessoas que tinham uma certa força de pressão sobre os representantes do Atelier, então nesse lado pessoal acaba dando muitas confusões.

[LENDO O CATÁLOGO DO III AÇORIANOS]

E este do desta institucional para a Fundação Iberê Camargo?

É esse aí é complicado. No meu ano o institucional foi pra Chico Lisbôa, que era uma homenagem também que estava fazendo um trabalho legal, de resgate. Mas a Fundação Iberê é importante? Claro que é. Mas como eu vou comparar a Iberê com a Chico? Então esses prêmios patrocinadores eu acho complicado. Então vai sempre ter uma categoria que tem algum problema, por exemplo, tapeçaria não tem categoria e se tiver uma exposição de tapeçaria maravilhosa se faz o que? Tem gente então que diz que não deveria ter categorias, já que hoje em dia as coisas não têm mais categorias, esse é o problema. O ideal seria repensar, curadoria, produção, poéticas, então dar cinco ou dez prêmios, enfim, para melhores exposições. E pode ter cinco de desenho aquele ano e nenhuma de escultura, por exemplo, não precisa ter para todas. Porque a gente sabe que tem áreas que a gente sabe que as produções não estão tão boas, tem áreas que tem mais gente trabalhando e outras áreas têm menos, então daqui a

pouco vão ter que premiar uma exposição de duas ou três de alguma área... e tem essa pressão de ter que premiar.

E o que tu achas da política cultural da Prefeitura?

Na verdade o país é todo isso. A Prefeitura só repete o modelo, porque tem lá o Atelier Livre que está meio entregue as moscas e as baratas, tem gente lá que eu gosto e são amigos. A minha formação foi no Atelier Livre, então gosto muito do Atelier, mas acho que ele caiu. Como eu entrei em 67, lá no Mercado Público ainda, depois vai para a Lobo da Costa, onde eu fiz uma exposição organizada pela Marisa Veeck, era em uma garagem, a galeria era uma garagem, que era uma galeria super boa, super respeitada na época e depois vai para o Centro Municipal de Cultura, que eu também fui junto. Fiquei sete anos no Atelier. Os artistas começaram a não ir mais lá, no começo do Atelier os artistas iam para lá, pois era uma fase ruim do Instituto.

E a Coordenação de Artes Plásticas?

Tem sido pessoas da área, mas tem essa coisa política que não adianta. A verba de cultura é pequena em todo país, sempre falta tudo, as coisas são empurradas. O problema é que as pessoas não acham importante cultura. Então o problema da Prefeitura é o problema de política cultural do país, do Estado e do município é tudo igual. A Prefeitura tem algumas coisas legais, por exemplo, tem um FUMPROARTE que é excelente, tem os Açorianos, é melhor que o Estado, é o que está melhor entre país, Estado e município, mas ainda tem muito o que fazer.

2. Ana Pettini

Concedida no dia 13 de maio de 2010

Artista plástica. Foi ex-coordenadora da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura e quem basicamente alavancou a criação do Prêmio. Ainda é membro da Secretaria e permanece dando aulas no Atelier Livre da Prefeitura.

Como foi o processo de criação do Prêmio?

Em 2001, a Marisa era coordenadora e ela fez várias reuniões, em algumas eu participei, com a idéia de estruturar o Prêmio pelas categorias, o que pode e o que não pode, enfim a organização. A Marisa acabou saindo no ano seguinte e isso ficou guardado, abandonado, porque os próximos coordenadores não tiveram interesse e nem vontade de tocar isso adiante. Quando assumiu a prefeitura o Fogaça, na primeira semana de Porto Alegre, no evento Encontros com a Arte no Paço foi assinado pró forma a criação do Prêmio, foi só um ato pró forma, na época a coordenadora era a Regina Ohlweiler. A Regina ficou mais alguns meses na coordenação e ela saiu no final de agosto, quando eu assumi. E eu fui à CATA para ver onde é que estava o regulamento, o que tinha sido feito, porque a gente lembrava da assinatura.

Isso foi em que ano?

2005. Daí então em 2006 eu retomo o processo de leitura, reorganização do edital e ali realmente ele foi criado, naquele momento que ele foi assinado. Aquela assinatura lá tinha sido só mídia, mas consta lá a assinatura. Mas ele foi criado em setembro de 2006. Na regulamentação do primeiro edital a gente fez inscrições e indicações revendo 2006. O que eu pensei foi, se eu lançar 2006, daí vai sair só 2007 e nós vamos entregar o Prêmio só lá em 2008. 2009 acabou a gestão, já está entrando outro governo e aí eu achei que o Prêmio ia ficar muito frágil, correndo o risco de um próximo prefeito cortar, achar que é bobagem. Então, desde 2006 com isso ele se fortalece, em vez de ter acontecido uma vez, já eram três e estava pronto. Eu acho que essa foi a grande sacada de recuperar, vamos dizer assim, esses destaques de 2006. Ele vem ocorrendo, na primeira edição então foram inscrições e indicações do júri, no segundo ano nós fizemos só com indicações, não houve inscrições, no terceiro também só foram indicações. Ficava sobre nossa responsabilidade, nossa, eu digo Prefeitura, computar tudo o que aconteceu de artes plásticas na cidade e a nossa equipe é micro e nos últimos anos a gente sentiu que era muito peso. Isso eu até usei na cerimônia o ano passado, dizendo que é um compromisso da classe, que a classe tem que se apropriar do prêmio, nós somos os executores dele, mas a classe ela tem que se envolver, estar participando, se inscrevendo, indicando, estar ativa e não passiva, que ela esteja mais envolvida. Exatamente até para que ele ganhe força,

para que ele ganhe responsabilidade, para que não corra o risco de daqui há alguns anos acabarem com isso porque acham bobagem. E eu acho muito importante que ele tenha sido criado em função de que o de teatro e das outras áreas, como o da música, que acho que é o mais recente, já tem quase 18 anos e nós estamos no 4° indo fazer o 5° Prêmio. Então a gente está engatinhando ainda em algumas situações e é um trabalho enorme para a gente conseguir fazer o Prêmio, porque tu tens que apresentar todo o material, há uma dificuldade dos artistas em se comprometerem com o seu trabalho. Na véspera da cerimônia eu ainda estava ligando para pessoas pedindo foto, pedindo material, porque alguns foram indicados pelo júri e não tínhamos o material. Quem se inscreveu nos forneceu todo o material, tinha foto do artista, tinha currículo, tinha foto da exposição, tinham fotos de obras, perfeito! Mas quem foi indicado pelo júri não tinha esse material e aí nós fomos buscar para as pessoas serem selecionadas, serem avaliadas pelo júri de premiação, daí eles mandaram o material, mas alguns não mandaram fotos pessoais. Então eu acho que o Prêmio vem amadurecendo, acho que a comunidade cada vez mais se envolve, se apropria e opina, eu recebo críticas ao meu ver construtivas para que o Prêmio fique cada vez melhor. Em função disso, este próximo ano, no 5° nós criamos uma nova categoria que é Acervos e Retrospectivas. Por quê? O que acontece? Nós temos exposições de acervos municipais (nós não concorreríamos), mas temos exposições do MARGS, exposição da Pinacoteca do Instituto de Artes e da Fundação Iberê Camargo que não se encaixam, porque ou o artista já está morto e tu queres premiar a melhor exposição de pintura de um artista morto. Então, pode entrar como uma Melhor Retrospectiva de Pintura, ou Melhor Exposição de Acervo e com isso a gente contempla, porque sempre ao longo das outras edições ficou difícil de encaixar. Como não indicar aquela exposição como um bom trabalho e ao mesmo tempo estar premiando um artista falecido e aí acaba ficando uma homenagem.

E como funcionam as verbas da Coordenação de Artes Plásticas?

Eu tenho uma verba anual e dentro do meu planejamento eu já tenho a verba que eu vou destinar para o Prêmio.

Que esse ano foi aumentado, não?

Ano passado. É que ano passado, me sobrou dos recursos que eu tinha planejado para o Prêmio Açorianos, porque a gente não contratou direção do espetáculo, fomos nós que fizemos. Então, eu conversei com o secretário e ele disse que a verba era minha que eu poderia disponibilizar para o que quiser e então disponibilizamos para o ano passado e para esse ano. Esse ano a gente gastou mais, mas a gente manteve essa verba, é um dinheiro que eu tirei de outra coisa para isso. Esse ano a Secretaria da Cultura nos passou uma ajuda de custo para a cerimônia, porque é tudo muito caro, porque tu tens que contratar direção, cenário, digitalização

de imagens, tudo isso tu pagas. Então, por mais simples que seja o espetáculo, ele tem um custo. E esse ano a Secretaria da Cultura disponibilizou uma verba a mais para cada coordenação utilizar na execução do Prêmio.

E como foi a criação do edital? Vocês criaram o edital ou pegaram idéias dos outros editais das outras áreas?

A gente se baseou no trabalho já iniciado pela Marisa, daí a gente analisou, fizemos algumas alterações, algumas inclusões, que não estavam previstas no edital dela. No edital que o grupo de artistas tinha feito, tinha algumas áreas que não estavam contempladas. Outra questão que a gente mudou, quanto a região metropolitana, que os artistas possam morar na região metropolitana, porque nem todo mundo mora em Porto Alegre, que mora em Viamão, Cachoeirinha, então a gente considerou isso e não abrimos mão de que seja só isso. Porque é um Prêmio da cidade de Porto Alegre para o artista da cidade, é um prêmio de incentivo à cultura da cidade de Porto Alegre e isso é uma característica de todos os Açorianos com exceção do livro.

Pois é, e a música também, tem músicos premiados no Açorianos que não moram necessariamente em Porto Alegre.

Da música eu não conheço muito, já li o edital uma época, mas agora não sei mais. Mas eu sei por exemplo o livro, no edital de literatura, basta lançar o livro em Porto Alegre, este é o critério. Basta lançar o livro em Porto Alegre e inscrevê-lo para concorrer. Se a gente começa a abrir muito, “artistas gaúchos que expõem em Porto Alegre”, a gente começa a ampliar de tal forma que tu não tens... ou por exemplo a Iberê traz lá uma exposição importante, mas que não é de Porto Alegre, então a gente mantém isso, do artista ter que ser local, morar. Isso é importante porque é um prêmio da cidade de Porto Alegre, para os artistas que trabalham e expõem, um incentivo para a área, não impede que venham ótimas exposições, que tenha a Bienal do Mercosul, mas é para os artistas produtores e expositores da cidade.

E como é escolhido o júri?

No primeiro ano a gente enviou cartas para as instituições pedindo representantes. O Instituto de Artes mandou um representante, a Chico Lisbôa mandou um representante, acho que foram três representantes de instituições e os outros foram pessoas relacionadas a convite da Coordenação e eu acho que tem que se manter o convite da Coordenação. Porque é a parte mais frágil do Prêmio, infelizmente ao longo de todos esses júris eu vejo sempre uma tendência bairrista, de todos os júris, fica numa coisa muito pessoal “o que eu gosto, o universo que eu conheço” e ficam presos nessa visão. Muitas vezes, infelizmente falta respeito por trajetórias, pessoas que estão há vinte, trinta anos fazendo um trabalho, podemos não achar que seja o

melhor trabalho, que não seja uma linguagem contemporânea, mas o trabalho é sério e consistente. Então, ao escolher o júri tu tens que ter uma abrangência de visões e de linguagens, porque se não só vão ser premiados jovens e contemporâneos e o nosso universo é muito maior que isso. Uma boa pintura, é uma boa pintura, seja ela abstrata ou figurativa, o domínio da técnica, o domínio da linguagem, uma boa exposição nem sempre é a que mais me emocionou. Então este caminho ainda é um ponto muito frágil, porque eu vejo pessoas todas individualmente super competentes, mas sempre existe uma personalidade no júri que domina as demais e isso é muito peculiar, não é só o júri de premiação, é também o júri de seleção, que muitas vezes tu tens trabalhos sérios com a sua linguagem, que não está se propondo a inventar nada, mas que está fazendo aquele trabalho consistente naquela linha de pesquisa e aí o júri olha e não valoriza, menospreza e até ignora uma trajetória de pessoas. Para mim a maior dificuldade é com o júri, sempre foram pessoas capazes (pode ver pelos nomes), mas sempre acontece... e isso me confirma mais que eu não posso ter só um júri, que eu tenho que ter dois júris e eu acho que a idéia do júri misto é ótima! Porque os que foram da comissão de indicação podem justificar as suas escolhas ali, antes nós justificávamos, a Coordenação que acabava dando explicação. A outra coisa é que nos dois primeiros anos a gente era parte do júri, até porque precisava explicar as regras e tudo, participamos do 1º e do 2º, do 3º e do 4º a gente não participou (eu, quanto coordenadora, não estava mais). Acho que a gente vem amadurecendo, acho que é uma dificuldade, acho que o júri se expõe e ele mais do que nós é questionado. Por exemplo, no edital diz que podem ser indicados até cinco, significa que não precisa indicar cinco, uma das áreas para mim mais frágil atualmente é a cerâmica e é difícil tu montares cinco da cerâmica, daí acaba ficando três, mas é o caso da cerâmica. Tem outros casos é possível complementar a lista e o júri decide que não vai completar e eu acho que isso é um desmerecimento, um não reconhecimento, porque estar indicado não quer dizer ser premiado e eu acho que quanto mais pessoas indicadas tiverem, mais rico fica o Prêmio, valoriza a produção local. Tem que ser dado os destaques da produção local, o que foi o melhor acima do gosto pessoal do júri, claro que eles são referencia, mas eles estão representando os artistas.

E sobre este ano a Teresa Poester estar no júri se ela passou o começo do ano passado fora, como foi essa escolha?

A gente convida as pessoas, algumas aceitam e dizem que vão ter um projeto e desistem, tanto que nós não publicamos os nomes antes porque temos muitas desistências. As pessoas não abrem mão de participar, vou pegar um exemplo, posso ligar e convidar a Maria Amélia e ela dizer que não pode porque o Irineu vai fazer uma exposição, então essa situação é sistemática. Então é muito difícil! A Teresa chegou em maio em Porto Alegre, logo depois do Prêmio, então

como nós temos todo o material dos inscritos e eu não tenho dúvida da competência da Teresa em poder analisar esses meses que ela não viu. A partir de um portfólio, de fotografias, ela consegue analisar uma exposição e escolher. Até ela foi uma pessoa que abriu mão da indicação, da possível indicação na categoria desenho na exposição no Museu do Trabalho e eu acho super importante as pessoas terem ações como a da Teresa, de abrir mão de uma possível indicação, pois é sempre possível, nunca é certa. Teve uma situação que se não me engano foi no 2º, o Clio, que ela estava envolvida estava na indicação e ela disse que não votaria e essa é uma postura que em algumas situações a gente conhece as pessoas. Então é muito complicado porque tu tens que abranger todas as coisas, esse ano teve um erro gravíssimo, entre muitos, Maria Lúcia Cattani ser indicada em Projeto Alternativo é piada! Porque tinha um membro do júri de indicação, que para ela não era gravura nem pintura, então não podia... aquilo é uma linguagem híbrida e se eu for criar a categoria linguagens híbridas eu acabo com as outras categorias, mas, ao mesmo tempo, eu tenho que ter o espaço e abertura de conceito.

O que tu achas das categorias? Tu achas que elas devem ser mantidas?

Para mim, artes plásticas e artes visuais, "sont la même chose". É só uma questão de nomenclatura, eu não me incomodaria de se chamar "Coordenação de Belas Artes", porque para mim, não mudaria o meu conceito de arte. Então, quando tem destaque em escultura, eu sou professora de escultura, a minha disciplina se chama Disciplina de Escultura e eu trabalho com toda abrangência de linguagens, desde macro-instalações à objetos, até pesquisas no micro-espaço. Eu tenho um conceito aberto, talvez as pessoas não tenham! As pessoas acham que tem que criar a categoria híbrida, daí vai tudo para o híbrido! Por exemplo, a fotografia dentro da Prefeitura não é uma área minha, existe a Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia, mas na atualidade é um trabalho que é muito mais ligado às artes plásticas, porque nos últimos tempos a fotografia vem tomando conta desse espaço, daí eu vou criar várias subcategorias para isso? Fotografia e pintura, fotografia e instalação, fotografia e gravura...

Tem trabalhos que são predominantes e o que é cada linguagem, né? Escultura para mim é o que lida com o espaço, não é só a talha e o modelar e aí se eu vou no conceito da escultura eu posso encarar um desenho como escultura, porque se eu pegar o papel e botar no microscópio eu vou ter o grafite entrando no poro do papel, então tudo é uma questão de dimensão. Eu estou estapolando só para explicitar.

Então tu achas que tem que limitar as categorias?

Eu acho importante que tenham essas categorias, porque tem essas linguagens que tangenciam mais a pintura, ou mais o desenho e eu acho que isso vem a qualificar. Acho que se eu criasse um prêmio sem categorias, desenho, cerâmica e gravura nunca mais seriam premiadas! Seria só

instalações, fotografia e acabou! Então tem que ter abertura para encaixar e perceber... Para mim, por exemplo, o que é o Projeto Alternativo, é um projeto de produção alternativa, Bienal B é um projeto alternativo, que ele tenha um modelo diferente e que não seja uma estrutura institucionalizada (pode daqui a pouco virar) e que vai fazer exposições em espaços ditos não regulares e oficiais. Esse projeto como o Percurso foi o ano retrasado, essas coisas em múltiplas linguagens, que não é uma só... eu sempre cito para as pessoas o Projeto Remetente, que foi um projeto desenvolvido nos anos 90, em que artista convidava outro artista, que convidava outro artista, foi feita uma corrente e montada uma exposição e ele foi um projeto de exposição, teve um conceito diferente, como o Projeto da Ilha da Pólvora e aí vai.

E existem cotas na premiação?

Nós estamos começando, vamos fazer o 5º prêmio. A gente vai sempre listar todas as pessoas que participaram, independente de terem ganho ou não e essa decisão vai sempre caber ao júri. Se o júri acha que a melhor exposição foi o “fulano de tal” que ganhou há dois anos atrás, ele vai ganhar de novo, não tem por que não, não tem porque não repetir se realmente aquela for a melhor exposição, é uma decisão do júri. O júri pondera, por exemplo, a gente teve um caso de um artista que é indicado todos os anos, teve um ano que ele teve três indicações e não levou nenhum prêmio, se fosse por cota, ele teria que ganhar, porque ele está em três áreas. Então ele teve três ou quatro indicações e todos os anos ele vem sendo indicado, se fosse por cota por pontinhos... O júri escolhe as indicações e por exemplo o livro, desde o 1º edital eu peço que sejam disponibilizados os livros e eu recebo um, não recebo para todos os membros do júri, que seria o correto, mas isso acaba não acontecendo.

A gente já está com o júri do próximo praticamente formado, faltam algumas confirmações, a gente sempre convida o premiado do ano anterior. O ano passado a Karin foi premiada e não quis participar do júri, eu sou super amiga dela e ela disse que não gosta e não quer, mas tudo bem, a gente tem feito de praxe isso, no primeiro ano o Luciano Zanette, depois o Walmor Corrêa, porque a pessoa está envolvida com a premiação, ele quer que o prêmio seja cada vez melhor. Isso é muito importante, que a gente vá qualificando, vá melhorando os indicados. Mas o júri eu sempre tento equilibrar com artistas e teóricos, para ter uma visão mais abrangente, para não ficar muito “arte contemporânea” ou só outro. Realmente, eu tenho tido boas surpresas e péssimas a cada júri! E, principalmente, me confirma que nós artistas plásticos não temos maturidade para termos um único júri, isso eu tenho muito claro que eu não posso botar na mão dos que vão indicar serem os mesmos que vão premiar, porque já fecha bastante e daí de repente acaba ficando estrangulado.

3. André Venzon

Concedida no dia 12 de abril de 2010

Artista plástico. Atual diretor da Associação de Artistas Plásticos Francisco Lisbôa, foi indicado duas vezes ao Prêmio (2007 e 2010).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu acho uma grande conquista. Apesar de ter demorado tanto para ser criado, porque nas outras áreas têm e sempre foi um prêmio que ajudou a reconhecer a importância das produções locais, acho que ele ainda é muito local, poderia ter uma categoria de reconhecimento de produções de artistas que vêm realizar na cidade para estimular a realizações de exposições de fora. Acho também que a divulgação do prêmio para fora, depois de entregue, poderia ser melhor.

O que tu achas da limitação do Prêmio para apenas pessoas de Porto Alegre? Tu achas que isso é bom valoriza as coisas daqui ou não era necessário?

Eu acho que o Prêmio é local, tem que valorizar os artistas que produzem ou vivem em Porto Alegre, que tenham nascido ou não aqui, mas a produção da cidade. Quando a gente tem uma exposição, por exemplo, do Pedro Weingärtner, que até já teve uma exposição, a gente sabe que a produção hoje pode ser indicada para 2011, mas tem patrocínio de fora do estado, ela foi inaugurada primeiramente em São Paulo, por uma produtora de lá, então é um projeto que soma várias participações que não são exclusivas daqui e eu acho que conhecer essas parcerias é fundamental para a produção crescer, para a produção de exposições em Porto Alegre crescerem. Nós podemos ver que a própria Prefeitura tem uma dificuldade em articular posições, até através do seu edital, com artistas de outros estados, porque o próprio edital não valoriza o artista, então, na medida que tu tens um prêmio que tu podes outorgar para uma produção nacional que realizou exposição em Porto Alegre, vai atrair mais produções, artistas e empresas para cidade. Eu acho que seria uma categoria que incentivaria o mercado, atrairia para cá os profissionais, pois fora isso só nas instituições privadas que estão aí e podem com seus projetos concorrer à prêmios. Uma coisa que nos chamou atenção, acho que até o momento não tem nada que prove o contrário, mas a exposição da França, no Santander, o projeto de fotografia não foi autenticada nas categorias do Prêmio, apesar de ter articulado com a Associação Chico Lisbôa, um projeto de âmbito local, quando teve a leitura de portfólios de fotógrafos de todo estado, de artistas que usam a fotografia como linguagem contemporânea e esse projeto, com parceria da Associação com o Santander poderia ter sido indicado, não foi talvez por critérios que respondam a esse tipo de regulamento.

E o que tu achas das categorias?

Eu acho que as categorias têm que ser atualizadas. Foi muito questionado no início a questão de pintura, escultura, cerâmica, gravura e a gente vê que essas categorias plásticas foram preservadas em detrimento de novas que nem são mais tão experimentais. Tem uma lá que cabe tudo, que a gente foi indicado, mas não tem uma de arte digital, que é essa que se chama “novas mídias”, mas têm artistas que produzem muito especificamente em vídeo, em performance, instalação, então eu acho querer resumir muito em uma categoria e a gente sabe que por conta disso a própria comissão julgadora não consegue reunir tudo e as coisas escapam pelas categorias plásticas e não se encaixam nesse vale tudo. Para mim foi uma surpresa quando me ligaram, eu nunca registraria aquela exposição, tanto que eu não fiz inscrição daquela exposição no Açorianos, também porque foi muito no início do ano passado, foi no dia 13 de março de 2009, mas realmente foi bastante comentada, foi algo que impactou pela solução, nós vimos muito mais como uma instalação, então como artista eu não saberia fazer a minha inscrição e eu acho que vários outros artistas ficam nessa situação, sem falar em artistas como eu que não tem um trabalho dentro de uma única técnica, que é como a maioria dos artistas que estão se formando. E eu acho que quem chega num Prêmio desses com mais chances ainda são os artistas veteranos e não os jovens.

E tu achas que eles premiam nomes, ou seja, pessoas que têm um trabalho importante por mais tempo, em vez de pessoas que tiveram um ótimo trabalho naquele ano?

Eu acho que isso varia em cada comissão. Até por já ter participado por comissões julgadoras, eu acho que sempre existe uma chance de se fazer injustiça num julgamento quando aparece um trabalho de um artista... bom, o caso do ano passado com a morte do Xico Stockinger, não se perdeu a homenagem de se fazer homenagem de dar o Prêmio especial do júri para a exposição do Chico Alves sobre os desenhos do Xico Stockinger lá na Associação. Então, sempre tem essa relação, não vou chamar de risco porque eu não acho ruim, o Prêmio é para ser uma coisa boa, então quem não ganha num ano e que realmente tem reconhecimento, vai ganhar no outro, mas é claro que tem vários indicados que estão no mesmo nível de importância, daí o júri vai priorizar usando os critérios específicos de cada júri. Normalmente, por mais técnicos que seja, sempre a subjetividade é o que pesa na decisão final da comissão, então, de repente tem um artista mais velho, que talvez esteja fazendo a última exposição dele, mas nenhum júri desses, até agora, premiou um projeto que não tivesse qualidade.

E o que tu achas que o júri fica muito preso à representantes do IA ou do Atelier Livre?

Eu acho que o júri, até onde eu sei, tem uma composição que é basicamente a mesma que a gente busca na Associação para compor os nossos júris, pessoas do IA ou do Atelier Livre, um

artista, um institucional que a gente pode convidar do MARGS, por exemplo, que normalmente é a instituição que é convidada para esse tipo de júri ou uma outra pública e uma pessoa da própria Prefeitura. A minha crítica maior é que, até para garantir a isenção do Prêmio, que ela não esteja conformada no momento que se realiza o Prêmio. Essas pessoas até onde eu sei, foram convidadas muito próximo ao Açorianos, já está na quarta edição e parece que não mudou. Eu acho que essa comissão deveria ser remunerada, eu não sei se é, porque se fosse um trabalho desenvolvido ao longo de um ano, que deveria ser, pois eles já deveriam saber que têm este papel e isso exigiria deles uma postura ética que eles têm, mas que pode ficar comprometida em função deles serem convidados muito tarde para fazer esse júri e terem sido curadores, ou produtores ou não terem visto aqueles trabalhos, não terem ido àquelas exposições. Então fica uma defasagem, ou às vezes uma defasagem que não combina com o comprometimento e é um prêmio que é anual, então nada substitui a experiência de entrar em contato com a obra e com o artista, com o público. Já até perguntei da minha indicação para algumas pessoas que não tinham visto meu trabalho e acontece das pessoas não terem ido ver. Então eu acho que isso poderia mudar, poderiam ter anunciado antes e que as pessoas soubessem e passassem a respeitar os produtores e os artistas também, porque os artistas de modo geral não se preocupam com o público e esse é um público, os que vão, esse público crítico que vai conferir as exposições, pelo menos com esses eles vão se preocupar, mas uma vez se preocupando com esse grupo, envolve uma preocupação maior com o público, com a divulgação, porque muita coisa boa não é divulgada e compromete também a Coordenação de Artes Plásticas de lembrar que existiu aquilo. Porque a inscrição funciona para quem quer se inscrever, agora se um artista não quer se inscrever, isso não quer dizer que não merece um prêmio, porque tem muita gente frustrada com a política cultural da cidade, então há outras pessoas que se inscreveram e não ganharam, mas se fosse regra só a inscrição, daí seria um risco grande porque daqui a pouco tem só meia dúzia de exposições ruins e eles vão ter que premiar isso. O que acontece muito em salão, quando tem inscrição, então pode ficar restrito, tem que fazer um trabalho maior de divulgação, desde a comissão julgadora até os inscritos para ter mais visibilidade. Não me lembro se tem voto popular, porque foi bastante divulgado, porque hoje em dia, a coisa como está na internet, se fossem divulgados, teria uma participação muito maior do público em votar na internet, um prêmio popular de todas as categorias, aquelas que mais as pessoas gostar. Mas também é perigoso, porque no momento que a Prefeitura tem um trabalho voltado para o grande público nas Artes Visuais, pode acabar que um artista mobilize um monte de pessoas para votar na sua proposta.

E no segundo Açorianos que a Chico Lisbôa ganhou Prêmio de destaque de espaço. Que ações vocês tiveram que mereceram o Prêmio?

Bom, em 2008 eu estava encerrando o 1º mandato e logo depois a gente fez a eleição e eu entrei para o segundo mandato que acaba agora em maio de novo. Naquele momento nós tínhamos a indicação no 1º e não ganhamos, quem ganhou foi... foi uma grande. Mas acho que o que mais motivou foi a nossa programação dos 70 anos, que foi o projeto do aniversário e nós conseguimos na 1ª gestão fazer um trabalho de divulgação forte, de todas essas ações, todas essas exposições, algumas que participaram do Açorianos e restaurar uma visibilidade e que a todo momento é cobrado, até agora a nossa divulgação não está tão agressiva como naquela época, mas é algo extremamente necessário para o reconhecimento.

E alguma coisa mudou desde o Prêmio?

Eu acho que em âmbito institucional melhorou. Claro que não é uma estatueta de bronze que vai nos dar mais reconhecimento, mas é o nosso trabalho mesmo, aquilo é simbólico, o nosso trabalho continua na mesma intensidade e nesse momento até maior. Porque as exposições que fizemos em 2008 eram com curadores ex-presidentes e tivemos vários critérios de escolha, primeiro com galeristas depois com instituições de artes, depois com os ex-presidentes. Nós tivemos a parceria com o Santander, que foi então uma comissão curatorial e nesse ano a gente realizou um projeto que já vem sendo trabalhado desde 2008 que é Outros Lugares, que é um circuito de exposições com as universidades, com a UFRGS, com a Feevale, com a universidade de Caxias do Sul, com a de Santa Maria e de Pelotas, com professores convidados como curadores em cada uma dessas universidades. Essa primeira exposição que é itinerante, que vai ser realizada em todas as cidades, tem a participação de dois artistas de cada uma, é uma exposição amostragem e a Associação se abriu para receber as curadorias com mais artistas de cada universidade dessas do interior em Porto Alegre. Um projeto de grande esforço coletivo, caráter totalmente independente, sem patrocínio, que estimula a produção e a reflexão do artista formado ou em formação, oferecendo espaço para expor e de circulação no estado. A gente não pode dizer tanto de produção porque não tem um patrocínio, porque daí seria perfeito e de mediação a gente tem previsto um seminário no fim do ano. Então este trabalho é feito por uma instituição que tem 70 anos, tem várias instituições bem mais novas, com muito mais condições financeiras e que não fazem isso. Então a gente tem mantido a importância histórica com esses projetos e acho que o Prêmio reconhece isso, mas nós não divulgamos, agora falando contigo me deu a idéia de ter um ícone do Prêmio 2008 no site. É que a gente tem que fazer tanta coisa... como o caso de expor na Prefeitura, por exemplo, tem que fazer tudo, até a arte do convite quando não tem que imprimir. Isso eles deveriam cuidar se tem um artista que já ganhou

um Prêmio e que volta fazer a exposição, ela deveria aproveitar para vender seu próprio peixe, colocar nos convites isso que aconteceu. Ela faz aquele catálogo, ela faz aquele catálogo que é para consumo da própria prefeitura, para os próprios artistas e para própria classe, aquilo era para ser um álbum com mais substância mesmo e dado nas escolas para saberem o que a produção artística como um todo em Porto Alegre.

E o que tu achas de ser um Prêmio em dinheiro e não outros tipos de premiação?

Acho que tem prêmio em dinheiro sempre é bom, porque a gente pode se aperfeiçoar, eu acho que a questão da pós-divulgação e mesmo da pré-divulgação ainda são muito críticas no caso do Prêmio, funciona ainda como evento, como celebração, mas não como um projeto que tem desdobramentos e eu acho que um deles poderia ser agregar mais, como tem aquele prêmio que não é certo do Grupo RBS, mas esse prêmio se um ano a RBS não quiser patrocinar não patrocina. Então eu acho que essas parcerias são bem vindas, um prêmio bolsa que tu podes ganhar uma parceria para desenvolver trabalhos. É que aqui no estado a gente não tem instituições que mantenham residência artística, mas poderia ser o caso. Ou a própria Prefeitura através do fundo... a informação que eu tenho isso não está na lei a obrigatoriedade, então se não tem dinheiro...

Tu falaste de eventos, tu achas que a Prefeitura tem mais política de eventos do que cultural?

Sinceramente eu acho que a Coordenação de Artes Plásticas sabe o patrimônio que tem, ou se sabem e preferem fingir que não sabem, para não ter o compromisso real e necessário para não fazer essa agenda cultural na área de artes visuais. Depois, tem coisas que são lei, que eles têm que fazer e não fazem e tem o lado da política que não está institucionalizada e quando a gente fala das políticas culturais públicas, que Porto Alegre tinha um orçamento participativo que ficou muito defasado nessa última gestão e que influenciava na agenda da Coordenação de Artes Plásticas, existia uma interação com o projeto de descentralização da cultura, essa integração dos projetos e a gestão da Ana, ela que conseguiu instaurar o prêmio, conseguiu a reserva técnica, mas o edital que hoje é o maior do estado, não consegue um incentivo para o artista plástico, é só a sala e os convites e a qualidade é fraca e a divulgação nem se fala. A triste realidade é essa, se eles não fizessem isso, eles cairiam na política de gabinete que Porto Alegre já se desenvolveu bastante para não deixar que isso volte a acontecer, como acontece no governo do estado, porque não tendo a opção de edital, o artista tem que ir lá na porta do diretor e pedir para ele para fazer exposição naquela sala, infelizmente é assim que acontece e se os artistas não fizessem isso, provavelmente nem isso aconteceria, sabe-se lá quem estaria expondo nestes lugares. Agora não dá para ter um edital que o artista tem que patrocinar, como

a sigla que a Maria Lúcia Cattani cunhou aquela sigla a APIC, Artistas Patrocinando Instituições Culturais, ela colocava nos convites e dava para os artistas que passavam pela mesma coisa colocar e vários convites da Prefeitura tinham esse logo. No fim o artista tem que arcar com tudo e não pode sequer vender, e essas dissonâncias entre as direções e os equipamentos, porque os critérios são diferentes, o critério é um para a Galeria Iberê Camargo e outro para a Galeria dos Arcos e são critérios muito antagônicos. E essa gestão não dialoga com os equipamentos, a Usina do Gasômetro é o maior equipamento cultural do estado e está a serviço de uma gestão que é específica, que não faz editais, concede espaço em troca de favores, como uma política de favorecimento de alguns grupos, está focada no teatro por uma questão de gosto. Eu sou bastante crítico à essa gestão e acho que isso compromete uma política que na verdade não se institucionalizou nada, algumas tentativas de leis, a lei aquela das obras de arte que é a que mais toca, está lá o cadastro andando a passos de tartaruga. Isso não se esclarece porque os artistas não tem uma cobrança da Coordenação e está se caminhando outro projeto de lei sobre a retirada de obras de arte do espaço público e tem essa situação das obras públicas vandalizadas e não tem uma crítica, uma cobrança, os artistas não se posicionam, aí tem o Prêmio e é aquela festa, aquela catarse e todo mundo esquece os problemas só porque ganhou um prêmio, uma estatueta e alguns ganham prêmio em dinheiro e a gente fica pensando assim “nem tudo está perdido”. Mas nós estamos perdendo muitas coisas, o que a gente não perde é a vontade de fazer arte, mas as pessoas estão perdendo de ver arte, os artistas estão perdendo espaços de exposição, perdendo possibilidades de mostrar o seu trabalho, estão deixando de mostrar porque estão desiludidas com os espaços públicos, principalmente. Então não adianta fazer uma alta produção e os espaços serem de má qualidade, de não ter equipe técnica para fazer iluminação, divulgação, convite, padronização...

4. Anete Abarno

Concedida no dia 19 de maio de 2010

Artista plástica. É a atual coordenadora da Coordenação de Artes Plásticas e também trabalha como professora junto ao Atelier Livre.

Como tu vêes a importância do Prêmio Açorianos para a classe artística de Porto Alegre?

Uma importância muito grande, porque há uma reivindicação de muitos anos e existe o Prêmio Açorianos nas outras áreas e os artistas vinham há muito tempo solicitando que as artes plásticas também fosse contemplada com isso, com esse prêmio. Eu acho que é importante porque valoriza o trabalho dos artistas em Porto Alegre, as exposições, as publicações, as atividades de entidades que se envolvem com as artes plásticas, então eu acho que valoriza o trabalho dos artistas de todo o entorno que envolve isso. Vai no fim também envolver toda comunidade e já existe esse reconhecimento, porque várias pessoas dizem “que bom que veio o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, valorizando os artistas”. Então, por essas coisas eu acho que é muito importante e com o tempo, a gente já vai para a 5ª edição, com o tempo isso vai ficando mais importante ainda. A gente já está fazendo alguns ajustes, criando, às vezes, uma nova categoria, porque a gente vê que isso é importante, os jurados e as pessoas envolvidas sentindo necessidade e sugerem, então é encaminhado e às vezes nós mesmos sentimos a necessidade e as coisas vão se adaptando ao longo desses quatro anos e só tende a melhorar.

O que tu achas do edital? Sobre a questão das categorias e de só poder serem premiados artistas daqui.

Existe uma reivindicação de que artistas do estado quando expõe em Porto Alegre possam também concorrer, mas como o Prêmio é da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Por enquanto, toda a parte jurídica legal não permite isso, é para artistas que vivam em Porto Alegre, não precisa ter nascido aqui, mas que vivam aqui e as atividades todas realizadas na cidade, como publicação, exposição, palestras, qualquer atividade que seja realizada aqui. Eu não te digo que no futuro isso não possa acontecer, mas por enquanto é para ser só para artistas que morem em Porto Alegre e que realizem as atividades aqui.

Quais as novidades que tu, como nova coordenadora da Artes Plásticas, gostaria de colocar a mais no Prêmio? A Ana Pettini já falou que será colocada uma nova categoria...

Sim, a categoria Acervo e Memória foi uma coisa que a gente vem sentindo ao longo dessas quatro edições. Chegava um momento em que tinha um artista com uma trajetória maravilhosa, fazendo uma retrospectiva que no fim ficava difícil inserir em alguma das categorias, quando nessa categoria já tinham pessoas que estavam fazendo especificamente aquela atividade.

Então era um problema que a gente vinha sentindo e agora já foi criada essa nova categoria. Também, uma grande exposição de acervo, como premiar isso? Como dar importância real que existe nas exposições de acervo e retrospectivas para mostrar a trajetória? Então, acho que essa nova categoria vai solucionar essa parte que estava ficando muitas vezes difícil. Tinha duas, três retrospectivas, duas exposições de acervo e acabava com dificuldades de onde encaixar e como isso ia ser colocado.

Quais os problemas gerais do “backstage” do Prêmio? Como planejamento, verbas, comprometimento das pessoas envolvidas, falta de exposições para premiar.

As exposições têm bastante. O júri, como no caso da última edição, optou por não preencher os cinco possíveis indicados, mas isso foi uma questão pessoal do júri, teria exposições, de repente as pessoas poderiam se perguntar por que não incluiu tal e tal exposição, mas isso é uma questão pertinente ao júri e o júri é soberano. Se ele achou que não preenchia as condições naquele grupo de pessoas, tem que ser respeitado. Eu acho que exposições, atividades, Porto Alegre tem bastante para preencher as indicações, categorias. Com relação ao dinheiro, existe uma verba específica para o grande prêmio e para o prêmio de incentivo, quanto a essa parte não tem problema, claro que sempre existem despesas, mas isso a gente sempre administra com os recursos da Secretaria, da CAP especificamente e a gente tem conseguido fazer belos eventos que são elogiados, inclusive esse último foi muito elogiado, como ele estava bem enxuto focalizando principalmente a premiação, dando destaque para quem tem que ter destaque, que é o premiado em cada categoria. O espetáculo enxuto, a cerimônia enxuta para realmente valorizar quem tem que ser valorizado, o destacado naquela categoria. Eu acho que é um evento que envolve muito trabalho, muita coisa, a gente se envolve, se dedica muito e o resultado compensa.

E tu foste júri do 2º Açorianos. Como foi o processo, tu foste chamada quando?

Eu fui chamada no início do ano.

Início do ano que tu irias acompanhar as exposições?

Sim, claro que sempre este contato é feito primeiro verbalmente, existe o convite, a pessoa se compromete, aceita ou não, se não está envolvida com algum projeto naquele ano, porque é sempre o pessoal da classe artística, professores artistas, teóricos... então se a pessoa aceita, tem essa disponibilidade naquele período, primeiro tem uma conversa informal, sempre é assim, porque depois existe todo o processo para publicar estes nomes, toda a parte jurídica disso aí, que demora mais um tempo, mas a pessoa já está comprometida e já começa a acompanhar. A gente procura escolher pessoas que a gente sabe que já acompanham normalmente todas atividades. Ninguém consegue ir a tudo, isso é uma realidade, mas como também a gente

sempre coleta material, disponibiliza esse material e quem se inscreve disponibiliza e como um júri é um grupo de cinco e a maioria viu, então acho que apesar de todas as dificuldades acaba todo mundo acompanhando o que aconteceu naquele ano.

E como funciona a coleta de materiais das exposições?

A própria Coordenação faz a coleta e quando tem a inscrição, os artistas e instituições disponibilizam, entregam o material. A gente, às vezes, quando não tem, no momento em que esta organizando, toda a listagem a gente solicita também, então a gente procura fazer com que este universo seja mais amplo possível, com mais materiais possível, para facilitar a ação do júri.

E tem cotas na premiação?

Não, não tem. Por enquanto ainda não aconteceu isso, o Prêmio é recente, talvez no futuro... mas eu acho que não, não há necessidade, porque o trabalho se impõe, uma bela exposição, se ela se impõe perante todas as outras vai vencer, mesmo que aquele artista já tenha ganho um Açorianos em um outro ano. Isso acontece nos outros Prêmios Açorianos, pessoas que são premiadas mais de uma vez, porque são trabalhos diferentes, anos diferentes, não vejo porque não premiar.

Tu falaste em trajetória de artista, tu achas então que tem uma preocupação de premiar nomes antes de se preocupar com a exposição?

Não, eu acho que o júri é soberano, eles analisam a produção do ano, o que foi feito, o que foi realizado, o que foi impresso se for livro, então há uma análise de tudo. Não há aquela coisa de “fulano tem que ser premiado por isso ou por aquilo”, não, é o trabalho realizado naquele ano. Eu tenho acompanhado os júris sempre.

E tens concordado com todas as premiações?

Não, todo mundo tem um momento que vai achar que um ou outro poderia ter ganho, mas o júri é soberano. A decisão é deles e eles fazem com muito rigor este trabalho, todos eles foram sempre muito rigorosos em fazer o melhor possível e ser o mais isento, até porque é uma classe que quer o Prêmio realmente funcione e tenha o valor que deve ter. Então, todo mundo acaba trabalhando muito, principalmente o júri de indicação trabalha bastante ao longo do tempo e nas reuniões que acontece essa decisão deles, então há uma dedicação bem grande.

5. Bianca Knaak

Concedida no dia 04 de maio de 2010.

Crítica de arte. Professora do Instituto de Artes da UFRGS, pesquisadora da área de relações sistêmicas da arte, foi diretora do IEAV.

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Em que sentido?

Como um todo, em relação ao campo artístico da cidade. Tu achas que legitima os artistas ou tu achas que é simplesmente um prêmio...

Ele é um prêmio importante para cidade dentro do circuito da maneira como ele se coloca, é um prêmio que entre outras coisas tem uma característica de confraternização de conagraçamento entre os pares. Já que tu trabalhas com Bourdieu, tu sabes que este tipo de premiação participa do que o Bourdieu classifica como “sociedade da admiração mútua” e o Canclini depois atualiza, inclusive, para “sociedade do aplauso mútuo”, então é uma forma de reconhecimento entre os pares, encaminhada, organizada, avaliada pelos pares e, portanto, é relevante neste contexto. Ele preenche um espaço que (antes o Prêmio Açorianos já tinha para musica, teatro e literatura) não tinha nada similar na área das artes, então há quatro anos se tem a possibilidade de ter isso institucionalizado, via prêmio oferecido pela Prefeitura. É importante também no sentido de que nós estamos completamente carentes de uma crítica de arte, sobretudo uma crítica de arte judicativa, o Prêmio com seus destaques e apontando os seus melhores acaba funcionando para um grande público como um termômetro ou um indicativo do que é relevante e do que está sendo comemorado no campo como alguma coisa meritória. Então, acaba ocupando um espaço que uma crítica judicativa não ocupa, para destacar os seus expoentes.

Como tu vêes o papel do Prêmio para os artistas e para as galerias?

Esta pergunta tu tens que fazer para os artistas. Eles é que podem te dizer depois de terem sido agraciados pelo Prêmio ou pela indicação, que também já é uma premiação, se isso repercutiu no seu volume de vendas, na sua cotação, nos seus convites para exposições tanto no Estado como fora. Então, esta é uma pergunta que eu não posso te responder e que tu tens que encaminhar aos artistas.

O que tu achas das categorias do Prêmio Açorianos?

Para te dizer bem a verdade, eu nem sei se eu sei todas, mas eu acho que ainda se mantém uma hierarquia distintiva de gênero, tipo pintura, desenho, alguma coisa por aí. Tem uma categoria que é para artista revelação, independente da sua forma de expressão e depois tem parceiros, apoios, curadores e publicações de arte. Uma coisa bastante elástica porque vai

desde catálogo (e um catálogo pode ser até um folder) até um livro, o que é uma coisa rara que aconteça aqui em Porto Alegre. A gente não tem um livro publicado por ano (infelizmente, ainda não temos). Temos catálogos, bem bons até, mas enfim, essa coisa de publicações é bem elástica e injusta, porque no ano que tiver um livro ele obviamente vai se sobrepor a todos os pequenos outros catálogos e folders que tiverem, só pela sua presença e pela sua institucionalidade. Não vamos entrar nem no mérito de conteúdo, pois se tu colocares, lado a lado, um folder e um livro, quem tu achas que vai merecer maior destaque?

Mas ano passado ganhou um pequeno livro de artista que foi do Sandro Ka competindo com o livro do Weingärtner, daí houve esta discussão.

Eu acho estas discussões saudáveis, mas uma coisa que a gente tem que ter sempre em mente, sobretudo quem trabalha na área de história e crítica de arte, é registros sobre artistas e os prêmios que se atribuem aos artistas, enfim, eles dizem muito mais de quem premia/ escreve do que de quem recebe. Então, cada prêmio tem uma comissão julgadora constituída por um número X de pessoas que entendem aquele momento e lêem aquele momento daquela forma. Por isso, então antes de saber do prêmio, eu preciso saber quem é a comissão que vai avaliar, que vai selecionar. Bom, aí eu já sei que tipo de coisas ela vai privilegiar ou não. Já fica um pouco mais previsível, mas surpresas sempre acontecem! E elas são bem vindas e movimentam bastante a imprensa e a “rádio-corredor” que são aquelas conversas paralelas, que as pessoas não se furtam de fazer, mas não tem coragem de fazer em público por um veículo oficial.

Tu achas que o Prêmio ajuda para movimentar a arte em Porto alegre?

O que poderia movimentar a arte na cidade? Quando tu dizes movimentar a arte na cidade, tu dizes no sentido de quanto os artistas produzem, dos potenciais novos artistas que surgem, das pessoas que consomem o que os artistas fazem, ou das programações que envolvem a arte daqui e de fora? Ou seja, o que seria movimentar? Não sei também te responder esta pergunta, objetivamente. Acho que quem teria que te responder são os artistas, os galeristas, os atravessadores, os marchands, enfim, que vão poder dizer desta movimentação do campo. No sentido do conagraçamento, de uma indicação de “luzes e purpurinas” para os seus indicados, sim, movimenta. Tem um evento, tem uma noite de gala, tem uma cerimônia, então, neste sentido como evento social movimenta. Cultural? Bom ele não é exatamente um prêmio cultural, ele é para destacar coisas que já aconteceram, para reconhecer um mérito a partir do que aconteceu o ano passado, sempre em relação ao ano anterior. Então, como eu te digo, não sei como repercute isso na vida profissional dos artistas, no sentido de que isso incremente suas vendas e suas oportunidades de trabalho, tanto para artistas quanto curadores, teóricos, enfim.

Tu achas que a premiação fica muito focada na produção da obra, mais do que na produção de arte como um campo?

Eu não sei qual é o objetivo do Prêmio. Na verdade, eu não sei muito bem, eu nunca li o regulamento, o estatuto que instaura o Prêmio, então eu não sei quais são os objetivos oficiais do Prêmio. Mas uma vez que ele tem uma série de categorias artísticas e ele tem possibilidades de premiar curadores, ele tem possibilidades de premiar exposições como um todo, ele tem possibilidades de premiar artistas individualmente, tem possibilidades de premiar historiadores, críticos, fora da rubrica exposição como um todo, fora da rubrica curadoria, da rubrica curatorial, ele contempla o “campo”. Ele premia até patrocinadores! Olha, premiar patrocinadores! O patrocinador já ganha dinheiro patrocinando e ainda vai ganhar um prêmio que vai trazer ainda mais publicidade para ele, (porque ele só patrocina porque ele quer publicidade, pois essa é a lógica do patrocínio) e ainda vai ganhar mais publicidade porque ele ainda patrocinou de uma forma relevante, ou patrocinou algum evento considerado relevante. Não entendo Prêmio para o patrocínio, este patrocinador dificilmente fez essa “doação” desinteressadamente (entre aspas bem grandes esta doação, porque não é uma doação). E mais, quando ele faz esse patrocínio, este apadrinhamento, dificilmente ele faz isso de uma forma direta (a fundo perdido) e normalmente está vinculado a um projeto e este projeto tem assinatura de um produtor, que pode ser, eventualmente, o próprio artista, que pode ser eventualmente o curador, mas que pode ser uma terceira pessoa que é um animador cultural, que é um produtor cultural. Então, eu entendo que quando premia o patrocinador, que está vinculado à um projeto, foi premiado também um produtor que conquistou aquele patrocinador para aquele projeto. Acaba por tabela premiando-se o produtor. Então penso que deveria ter uma rubrica, um troféu, para produtores culturais. Nem sei se já não tem, não sei te dizer, por isso que eu te digo que eu não sei os objetivos iniciais do Prêmio. Outra coisa que eu não sei: como é que se forma a comissão julgadora?

A Prefeitura mesmo, a Coordenação de Artes Plásticas que escolhe.

Escolhe como e quando?

No meio do ano praticamente, um tempo depois da premiação daquele ano.

Pois é, então já se passaram meio ano e possivelmente as pessoas que não sabiam que seriam júri, não visitaram todas as exposições do 1º semestre. Eu vi este ano que as pessoas que gostariam de participar da indicação tinham que se inscrever. O teatro, pelo que eu soube, é diferente. No início do ano já tem uma comissão estabelecida que verá todos os espetáculos do ano. É esta comissão que está acompanhando desde o início do ano, que já está anunciada lá, que vai indicar os melhores. Porque, se eu sou chamada no meio do ano para visitar exposições

que eu vou ter que avaliar, obviamente que eu, responsável (eu: qualquer pessoa que estiver nesta condição), vai visitar todas as exposições que tem na cidade, a partir daquele momento que se ficou sabendo. Até para fundamentar as escolhas, mas e as outras, que eventualmente eu não visitei e que possivelmente se inscreverão, aí eu vou ver como? Eu vou ver por foto, eu vou ver por filme, por folder? É injusto.

Uma das coisas que a partir das minhas entrevistas eu descobri é que o júri reclama das instituições não mandarem folders e programação. E tem pessoas que acham que seria melhor somente a inscrição.

É, eu até acho que as instituições podem se inscrever no início do ano, “sou uma instituição, vou receber tais exposições ao longo do ano, gostaria de fazer parte das instituições a serem visitadas para que estas exposições possam concorrer”, isto não é um problema. Ou não, “eu não quero participar disto”, ou “não participo deste compadrio”, enfim, por “n” razões por não quererem participar. A questão não é inscrever-se ou ser indicado. No meu ponto de vista, a questão mais problemática é fazer esta avaliação por forma indireta. Já que é um prêmio de Porto Alegre, para Porto Alegre, premiado e indicado por porto alegrenses, porque, se estas exposições aconteceram em Porto Alegre, ainda sim eu vou ter que olhar folder e catálogos e fotografias em um circuito tão pequeno? Essa é uma lógica de salão, mas salão tu mandas uma foto do teu trabalho para longe, onde ficaria caríssimo mandar o trabalho, mas dentro de Porto Alegre? É mais complicado ainda para as rubricas que se inscrevem como curadoria e para as rubricas exposição, porque a exposição precisa ser vista montada, não por fotos. Precisamos ver a exposição dentro da exposição. Entender uma curadoria não é ler o texto da curadoria, é entrar *na* exposição, é uma coisa que está dentro da exposição, acontece *com* a exposição. A curadoria tem que aparecer na exposição, não só no texto.

Tu achas que o fato de só premiarem artistas moradores de Porto Alegre está certo sendo que muitas pessoas do interior do Estado vêm para cá para expor aqui e acabam por não poder ser premiados?

Pois é, eu não sei qual é o objetivo do Prêmio, se ele é um prêmio municipal ou estadual.

Sim, é municipal e sendo municipal e estando em Porto Alegre, uma capital onde as pessoas do interior do Estado vêm, tu não achas que seria o fato de tentar agraciar a todos estes?

Pois é, mas daí seria um prêmio só para gaúchos? Porque Porto Alegre recebe muito boas exposições de não gaúchos. Aí entraríamos em uma outra questão: bom são as coisas que acontecem em Porto Alegre ou são as coisas que nós gaúchos fazemos? E eu também não teria uma opinião formada para te dar sobre isto. E aí também vem a pergunta, pessoas que moram

em, Viamão, Eldorado do Sul também são consideradas porto alegrenses? Tem artistas que moram aqui, atravessando a ponte do Guaíba, artistas que moram no Vale dos Sinos e estão concorrendo este ano (Lia Menna Barreto, Vânia Somermeyer e Vera Chaves Barcellos, se não me engano, não moram em Porto Alegre).

A que tu atribuirias a criação tardia do Prêmio? À Prefeitura ou à classe artística?

Bom, eu ainda estava na direção do MAC quando a Associação Chico Lisboa começou a se movimentar para se reorganizar. Uma iniciativa muito louvável da Zoravia Bettiol, da Maria Leda Macedo e de mais algumas pessoas que não me recordo agora. E eu também participei. Naquele momento deu para perceber que a classe estava muito desarticulada, muito desmobilizada, o que já é um pouco uma característica dos artistas plásticos. Os artistas não são muito acostumados a trabalhar em grupo, uma tradição de atelier, no máximo eles dividem o atelier (fora os artistas que trabalham com coletivos), enfim, tem uma tradição de um trabalho mais individual, de um ritmo mais particular, então não têm este hábito de trabalhar em grupo. Isso de alguma forma se multiplica nas suas relações sociais e de classe, que é difícil se pensar como um todo. A própria Associação é hoje um grande mosaico de artistas que a gente poderia organizar em diferentes subgrupos, enfim, mas cabem todos sob a rubrica de artistas, então eu acho (e aí eu estou especulando porque daí em diante eu me afastei completamente de Porto Alegre), que teve um dedo desta nova fase da Associação Chico Lisboa para pressionar, ou encaminhar, ou solicitar à Prefeitura esse Prêmio. Obviamente tentando se equiparar às outras categorias que já haviam estabelecido este Prêmio, num movimento de revalorização do artista (de novo!), de ocupação de espaços, de conquista, de uma certa relevância, muito embalados também pela repercussão dos novos tempos para o campo artístico porto alegre, a partir das Bienais do Mercosul. A Bienal ventila muita coisa! Depois dela uma série de espaços culturais foram abertos, com uma proposta bastante séria no tratamento das artes visuais. O primeiro deles, neste perfil, foi o Santander Cultural, que depois passou por uma reformulação, mas que em suas primeiras exposições foi muito séria e suas mostras muito bem conduzidas. Então, deu-se uma renovada e um espaço de profissionalização do campo e a Associação foi muito perspicaz em aproveitar isso e pedir este Prêmio para as artes. Especulo que tenha sido a Chico Lisboa que encaminhou, eu não fiz esse levantamento, mas se não foi a Associação foi possivelmente alguém muito próximo dela, ou muito vinculado, porque é um prêmio classista. Não faria nenhum sentido que não fosse a classe que pedisse e que lutasse por ele, não seriam os músicos que pediriam para as artes visuais, obviamente. Então é um prêmio classista e eu acho que vem dentro desta oportunidade de revitalizar, de repensar, de recontextualizar a importância, a relevância de uma produção artística, para a própria cidade. Por aqui tivemos

momentos de muita dispersão, não de pouca produção, porque tem produção visual tem muita no Rio Grande do Sul. Os artistas (e os produtores culturais emergentes para o setor) se deram conta de que existe uma mídia e de que é preciso participar dela, então criaram este Prêmio para ter mais uma oportunidade de inserção nesta mídia, potencializando patrocínios e, por extensão, hoje, visibilidade.

Como tu vê a política cultural da Prefeitura em relação às artes visuais? Tu achas que existe? Eu te pergunto isso como ex-diretora do MAC.

Bom, para eu te dizer que ela não existe, eu teria que te dizer um lugar onde ela existe. Fiquei no MAC entre 1999 e 2002, apenas 3 anos. É um museu estadual, não municipal. Fiquei durante o governo Olívio, não os 4 anos. Os sete primeiros meses foram ocupados pelo profº Paulo Gomes, eu o substituí e depois no último ano, fui substituída pelo jornalista e galerista Décio Presser.

Por essa experiência no Estado o que tu tens a falar sobre o município?

Eu trabalhei um pouco na Coordenação de Artes Plásticas do município também, mas foi bem rapidinho, foram só alguns meses. Bom, era o que eu estava te dizendo, o que é uma política cultural para artes visuais hoje? É preencher formulários de leis de incentivo, é concorrer com patrocínios, bolsas, para montar exposições, publicar livros, isso é política cultural? Não. Isso são mecanismos, são estratégias, são possibilidades de atuação no campo, política cultural é uma coisa bem mais complexa, interdisciplinar e que interfere em várias camadas, digamos assim, de constituição, de significação, de entendimento e de fomento do que se tem por cultura e por valor artístico dentro desta cultura. Eu acho que tem iniciativas que são pontuais, que tem melhores resultados em determinadas áreas para determinadas circunstâncias e tem outras iniciativas que começaram muito bem e que estão, há muito tempo, paradas. Não deram o segundo passo. Pelo que eu vejo da Prefeitura (de longe) é que ela está num momento em que ela tem que ultrapassar o que ela já conquistou. Ela já tem salas de exposição, tem o Atelier Livre, ela já tem departamentos, ela já tem uma secretaria de cultura organizada, ela tem funcionários. Bom, daí a gente sabe que cada gestor com quem a gente vai conversar vai reclamar alguma coisa do tipo “eu não tenho funcionários para isso, eu não tenho dinheiro para o papel higiênico, o ar condicionado estraga e eu não consigo arrumar” e eu sei disso, e isso é verdade! Mas enfim, já tem algumas coisas que precisam um segundo passo. Quem sabe seja comprar papel higiênico regularmente, arrumar o ar condicionado, enfim... Talvez seja abrir concurso para contratar novos funcionários, mas mais do que isso, antes seria preciso saber para fazer o que e como. Porque, se é para ter um bando de burocratas, arrumando edital, publicando edital, esperando inscrições e cumprindo cronogramas de montagem e

desmontagem de exposições, isso aí já tem. Se não tivesse, com qualquer cursinho básico de gerenciamento e com duas ou três pessoas, como as coisas já estão dadas hoje, é fácil tocar. Então a questão é: Se tem equipamentos, tem lugares a partir de onde fazer e o dinheiro está aí – pois se a Bienal consegue milhões para fazer uma exposição é porque tem milhões disponíveis para as artes – espaços, equipamentos e pessoal para fazer o que e como? Se a Bienal está captando é, também, porque outros não estão buscando, isto só prova que este dinheiro existe e está disponível. Se ela consegue todo o dinheiro, quer dizer que talvez outros não estejam buscando com a competência, ou com o objetivo ou com o pragmatismo dela. Por exemplo, no tempo da administração petista eu me lembro que tinham umas ações e estratégias políticas para a descentralização da arte, de fomento para as culturas da periferia, isso funcionava muito bem, mas também ficou em um estágio “X” e não deu o passo seguinte que seria para uma construção social maior. Parece então que, vinculada a esta questão, a cada nova gestão se reinventa a roda, se reorganiza o setor, se redistribui as pessoas para voltar a fazer as mesmas coisas ou até deixar de fazer algumas e fazer outras (até por questões de política partidária). Isso só prova que nós nunca tivemos uma política cultural, porque a partir do momento que existe uma política cultural, já implementada, o caminho é avançar. Dificilmente tu derrubas uma instituição já estabilizada. Tu podes construir outras, tu podes revisar, tu podes deixá-las inoperantes por terem sido substituídas – elas só ficam obsoletas porque tem outras que vão sobrepor-se às suas demandas. Não se derruba uma instituição sem preencher seu espaço e função social com outra.

Eu acho que ainda falta, antes da gente criticar uma política cultural municipal ou estadual, um entendimento do que é uma política cultural. Hoje temos reuniões para discutir os rumos das políticas culturais do estado e é para discutir o quê? Quais são os ajustes na Lei Rouanet. Isso é uma ferramenta de apoio, não uma política cultural, uma ferramenta de apoio ao financiamento. Acaba parecendo que quem sabe preencher estes formulários e quem sabe interpretar estas leis é o cara que entende de política cultural, mas não, é o cara que sabe usar a ferramenta, que sabe ler e interpretar, que tem criatividade para propor coisas e acaba, por isso, virando o grande produtor cultural. Mas ele é o grande captador de recursos, é quem está com o dinheiro, e ele faz o que quer com o dinheiro. Enfim, a discussão é mais ampla e mais complexa. No momento não estou habilitada a falar mais do que já falei.

6. Blanca Brites

Concedida no dia 08 de Abril de 2010

Crítica de arte. Professora do Instituto de Artes da UFRGS e uma das fundadoras do Pós-Graduação em Artes da mesma instituição, foi membro do júri de premiação do I Açorianos (2007) e venceu na categoria Curadoria na segunda edição (2008).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu acho que ele veio tardiamente para as artes plásticas, porque já havia Açorianos para música, teatro e literatura. Eu acho que é um momento de avaliação, mérito e eu acho que é interessante. Alguns ajustes devem ser feitos, mas como todas as novas propostas, ele vai sendo ajustado com o tempo. Mas acho que é uma boa iniciativa.

Tu participaste do 1º júri de premiação. Como foi que vocês escolheram e quais critérios vocês tiveram no júri?

Eu, particularmente, acho que deveria ser um júri só para os dois, porque depois fica mais fácil, já tem os parâmetros, nesse sentido.

Pois é, este foi o único que não manteve ninguém parecido.

Acho que manteve a Ana Pettini...

Mas vocês não tinham nenhuma idéia de quais eram os pensamentos do 1º júri?

Não, mas a gente viu pelo que se tinha, pelos selecionados, então se analisou e viu a obra de cada categoria daqueles selecionados e foi assim a escolha.

E tinha uma boa relação entre os jurados? Vocês discutiram? Discordaram?

Sim, tinha, sim. Não me lembro muito bem das conversas, mas que foi discutido, cada um justificava seu voto e discordava...

E tu tinhas visto todas as exposições que estavam concorrendo?

Tinha.

E tu lembras se alguém não tinha visto?

Não sei te dizer. Sei que daqueles que foram selecionados eu tinha visto.

Tu concordas com todas as categorias do Prêmio?

Pois é, é um pouco complicada a questão de categorias. Por outro lado ainda se tem exposições que, por exemplo, esta que estamos vendo do Paulo Chimendes é de desenho, então tu tens essa categoria. Então, as categorias existem como tal e que merecem, não vou dizer mantidas, mas valorizadas. Talvez, o que é mais complicado neste momento são as categorias como vídeo e meios eletrônicos que precisem mais de visões e que talvez uma equipe dentro da área que pudesse ajudar. Mas isso é uma sugestão. Ou então terminar de vez com as categorias, mas eu

acho que acompanhando bem as outras áreas, eu acho que estas categorias podem permanecer.

Tu achas que existem cotas nas premiações?

Isso é complicado! Não tem nada que diga que sim ou que não, isto não existe. Tem estas duas visões, tem pessoas que acham que se tem mérito deveria ganhar independente, então vai ganhar sempre porque tem mérito. Por outro lado, se tu ganhas três vezes, daí pode ser até um desestímulo para outros, porque “fulano vai entrar, então vai ganhar porque é um trabalho consagrado”.

Em relação a isso, tu achas que tem prêmios por nomes?

Não, acho que não. Se isso pode ocorrer eu também acho que não. É claro que eu não vou dizer que eu não sei se o nome não conta, não é o nome... Porque muitos nomes importantes também foram selecionados e não foram premiados, então não se pode dizer que se premia por nomes.

Tu foste premiada no II Açorianos, o que mudou na Pinacoteca quando tu ganhaste por Total Presença desde então?

Continua a mesma coisa. Continua a mesma coisa fisicamente, mas, evidentemente, quanto à idéia de visibilidade e reconhecimento, sobretudo visibilidade, sem dúvida. Mas as obras continuam com as mesmas precariedades, com as mesmas necessidades, nesse sentido continua igual. Agora em termos de visibilidade, claro que sim.

Tu concorda com as premiações feitas até hoje?

Tem algumas que eu diria que foram... Mas sempre entra uma questão pessoal. Teve alguns casos, que eu não estava no júri, não participei, que poderiam ter sido computadas e não foram.

E o que tu achas da falta de categorias relacionadas à publicação?

Tem a categoria de publicação. É... Mas se a gente começar a fazer premiações para todas as coisas divididas, por exemplo, pra xilogravura, para serigrafia, litografia, então se coloca gravura. Mas tudo teria que ser discutido, para não dividir de mais, não limitar, mas não confundir, o problema é que as pessoas daí se obrigam a ter que premiar qualquer um que apareça e quando não tem, não tem. Esses dados têm que ser pensados.

E tu vê outros problemas no Açorianos?

Eu acho que podem ter homenageados, como tem. Eu acho só tem uma premiação em dinheiro e acho que isto deveria ser para jovens. Acho que bolsas sempre vêm bem, viagens, sempre são positivos.

E o que tu achas da política cultural da Prefeitura?

Acho que a gente está numa vinculação... No Rio Grande do Sul, Porto Alegre, acho que a Bienal do Mercosul teve um grande incentivo, mas ao mesmo canalizou toda a visão e as verbas

para este viés. Tem o FUMPROARTE, mas também é complicado. O que falta é que a classe precisa se unir mais, se impor nestes meios. A pressão deve ser feita por todos.

E a Coordenação de Artes Plástica faz este papel?

Não. Não é o papel dela, ela não faz pressão, pois ela é membro integrante. O papel de fazer pressão é de quem está fora, de quem tem anseios e de quem quer mudanças, mas tem que discutir, encontrar maneiras e estas discussões não existe. É claro que grupos alternativos estão nascendo e estão sendo feitas coisas sem as instituições, mas pressão, não. Mas a Coordenação ta dentro do próprio esquema do governo. É uma representação política, tem que ter força política, tem que ter um secretário que saiba exigir.

7. Décio Presser

Concedida no dia 12 de abril de 2010

Jornalista e galerista. Importante nome do campo artístico sulino desde, pelo menos, a década de 1980, Décio é o diretor da Galeria Arte & Fato. Foi diretor do IEAV e homenageado no III Açorianos (2009).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Seguinte, o Prêmio Açorianos veio preencher uma lacuna que existia em Porto Alegre. É um prêmio da Prefeitura que existia para o teatro, dança e literatura, mas não existia para as artes plásticas. Eu acho que é um Prêmio importante a medida que dá destaque à artistas que durante o ano tiveram alguma participação na atividade de artes plásticas da cidade.

E o que tu achas das categorias do Prêmio?

Eu acho que tem todas estas categorias, acho interessante que todas sejam premiadas, acho que alguns anos, talvez, algumas categorias nem deveriam ganhar prêmio, pois nem existe destaque, mas eles procuram botar prêmio para todo mundo. Tenho as minhas restrições neste sentido, acho que alguns anos se não existisse prêmio para desenho, tudo bem se não tivesse uma boa exposição, não dá para pegar a única que teve só para dar prêmio.

Tu achas que deveria ter categorias ou não?

Olha, talvez até pudessem ser abolidas essas categorias, poderiam selecionar os melhores do ano e deu. Eu acho que nos últimos até cresceu o número de categorias, ficam botando sempre mais alguém e eu acho que isto não é legal e acaba sendo um prêmio para todo mundo.

E o que tu achas de espaços menores concorrerem com espaços maiores?

Acho que deveria ter um prêmio para estes mega eventos, que são no Santander, MARGS e outros, mas eu acho que deveria dar um incentivo para as galerias onde são feitas as exposições de artistas daqui, realmente. Então, deveria ser um prêmio para maior exposição do ano e não fazer esta divisão para todo mundo. Não sei se tu vais me perguntar isso, mas eu vou te dizer que eu acho a premiação muito mal dada, no sentido de quem é que escolhe estas exposições. Eu acho o seguinte, que o Prêmio veio para preencher uma lacuna, mas não está fazendo da forma certa. Dizem que se chamam comissão, mas é uma comissão fantasma, porque realmente nunca apareceram aqui na galeria para dizer “sou da comissão” e não aparece ninguém e quando termina o ano a Coord. De Artes Plásticas solicita para a galeria (um ano me solicitaram) mandar fotos das exposições revisadas, que eu acho que isto não é certo, porque eles não viram, ou pedem para os próprios artistas. Este ano eu sei que uma exposição daqui, da Umbelina, ia participar, daí ela preparou todo portfólio porque eles estavam pedindo e quando chegou lá, eles não quiseram aceitar porque a exposição não tinha durado 21 dias. Isso é outra

bobagem! Eu acho que a exposição saiu em uma semana ou duas semanas, mas não importa, se a exposição é boa, é boa! Não deve ter período, então eu acho isso muito mal feito por enquanto, não sei se vai mudar, mas tem que mudar.

O que tu achas dos premiados até hoje? Tens acompanhado?

Até tenho acompanhado, até já fui premiado, uma coisa que nem sou muito a favor dessas coisas, dessas homenagens. Eu quis cair fora, mas acabei entrando no jogo e queria fotos, mas eu não mandei, no dia apareceram mil fotos (não sei da onde eles tiraram), mas acho que isso é uma coisa provinciana, incipiente e eu acho que não tem nada disso, tão querendo deixar todo mundo bem, só que ou a pessoa é boa, ou não é! Eu acho que tem que ter alguém que vá ver as exposições e alguém competente e não ficar essas coisas entre amigos.

Pois é, tu achas que existe este jogo de relações?

Até de uma certa forma existe, pessoas que se dão bem.

E tu achas que eles premiam nomes mais do que exposições?

Não sei, nem tem tanto nome para premiar, da cidade até pode-se dizer que tenha, mas não acho que seja assim. Acho que existe até o fato de premiar nomes, porque fez isso ou aquilo ou porque trabalhou na Prefeitura.

A única vez que eu fui ao Prêmio, foi quando eu ganhei. Nos anos anteriores nunca fui, sempre fiquei de lado, porque achei que as coisas eram mal enjambradas. Sei que o outro vai ser agora, mas não vou. Já me disseram “fulano foi escolhido, vai participar” e eu pergunto “mas já saiu os nomes dos indicados?” e me dizem que ainda não, que ainda vai sair, então é uma coisa...

Eu acho que nas artes visuais é até mais fácil para o júri do que no teatro, porque eles não precisam ir às vernissages e inaugurações, tem um período de exposições. As minhas exposições aqui duram três semanas, começa na primeira quarta-feira do mês e vai até a última semana e a galeria funciona a semana inteira, então pode vir ver quando quiser. Teatro tem uma temporada que termina. Eu já fiz parte da comissão de teatro, eu sou jornalista, trabalhei em jornal, mas quando tinha uma peça eu era o primeiro a estar na estréia porque eu tinha o compromisso com o júri.

Quando tu fizeste parte do júri de teatro?

Na década de 80, ou 70. Eu trabalhava na Caldas Júnior, depois trabalhei na Folha da Tarde, depois no Correio do Povo, então eu fazia isso tudo.

E o que tu achas da mídia relacionada ao Prêmio, tu achas que eles dão valor ou não?

Uma coisa de cidade provinciana metida! Acho que não dão bola, acho que a nossa mídia esta mais preocupada com coisas de fora daqui. Não dão aquela empurrada que às vezes precisa

para fazer a coisa ficar mais prestigiada. Se vai ter a premiação aparecem os nomes dos candidatos, uma semana depois dos premiados e deu.

Tu achas que eles deveriam ter outros tipos de premiação como fazer uma exposição ou dar uma bolsa?

Poderia, né? Acho que até eles poderiam premiar com uma exposição a qual eles patrocinassem tudo, porque uma exposição sai caro. Eu acho tudo muito provinciano, apesar de ser metida a metrópole, Porto Alegre não saiu do chão ainda, comparado com São Paulo e Rio.

E o que tu achas de premiarem apenas pessoas de Porto Alegre?

É outra coisa provinciana, ninguém de lá vai querer ganhar um prêmio aqui.

É, mas, por exemplo, pessoas do interior do estado não podem participar.

Não pode? Isso eu não sabia. Nem se a exposição foi em Porto Alegre?

Não.

É isso daí é terrível. Todo mundo que participa nas exposições dessa cidade ninguém é porto alegre. O regulamento é muito furado.

O que mudou para a galeria depois de tu teres recebido o Prêmio?

Nada. É uma coisa que não adianta nada, só se fosse uma coisa bem social, se eu fizesse uma festa para mostrar o Prêmio. Não só esse, mas os outros prêmios também, não adianta ser o melhor artista do ano. As artes plásticas aqui no Rio Grande do Sul estão paradas, estagnadas, não tem o que fazer. Eu sempre digo que a nossa educação é falha, pois não há uma preocupação das crianças desde o início. Aqui, por exemplo, vê se tem uma escola que vem aqui. Quando eu abri a galeria, há 25 anos, lá na Santo Antônio, era semanalmente as escolas vindo e marcando visitas, mas naquela época não tinha Santander, ninguém lembrava do MARGS, então o papel das galerias era mais importante, eram elas que traziam os artistas de fora e hoje nem isso. É raro um artista de fora vir. Naquela época eu abri a Arte&Fato para botar gente jovem daqui porque não existia nenhuma galeria onde expor, era num barzinho, não sei aonde, foi por isso que surgiu. Naquela época as exposições eram super concorridas, os trabalhos eram produzidos, mas aquela época se foi. Aquela juventude que estava se formando, sumiu. Hoje ninguém vem à galeria, tem um público específico de alguns artistas, alguns curiosos, mas não acontece mais nada. É muito difícil hoje, as exposições acontecem, mas é aquela coisa morna. Hoje, por exemplo, tem aquela exposição no MARGS do Pedro Weingärtner, mas é uma exposição que já está há mais de cinco anos, quando eu ainda trabalhava no IEAVI (fui até já diretor do MAC), então isso já estava sendo organizado, mas ela conseguiu sair em São Paulo e no Rio grandes exposições, só que aqui em Porto Alegre vai ser os quadros que o MARGS tem, que APLUB tinha e que já foi visto, eu já nem tenho mais grande

interesse em correr lá. Então é sempre assim uma coisa meia boca, não há incentivo, não tem como querer patrocínio para artes porque não consegue.

Tu falas desta queda, mas parece que estão acontecendo muitas coisas em Porto Alegre culturalmente, por causa da Fundação Iberê Camargo, Bienal, exposições de fora...

Mas galerias mesmo diminuíram, tem poucas agora. Quando a Arte&Fato abriu eram 15 galerias pela cidade, hoje foi, foi... também ninguém sente falta, se fechar a Arte&Fato amanhã ninguém vai dar a mínima. Parece que tem um desânimo, não tem mais a vontade da coisa crescer. Não sei se é o público ou se as pessoas têm outros interesses.

E tu que já fostes do IEAVI, o que tu achas da política cultural da Prefeitura? Valoriza a arte ou é apenas um evento?

Não é valorizar, pelo menos dar um incentivo para as pessoas que fazem arte. Mas no IEAVI minha experiência foi mínima, fiquei dois anos tapando buraco entre um e outro e não pude fazer grandes coisas.

Última pergunta, tu vê problemas a mais no Prêmio?

Acho que já apontei problemas de mais, né?

8. Eduardo Veras

Concedida no dia 09 de Abril de 2010

Jornalista. Foi ex-editor chefe do Segundo Caderno do jornal Zero Hora. Atualmente, finaliza seu doutorado em História, Teoria e Crítica de Arte no PPGAV/UFRGS e é professor da área de Comunicação junto à Unisinos.

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Na verdade acho que um prêmio tem um sentido simbólico, sempre. A cultura ocidental tende a valorizar muito os prêmios, dado, por exemplo, toda importância que a mídia dá ao Oscar, que é a matriz dos prêmios midiáticos, como também é o Prêmio Nobel. Então, quer dizer que as premiações têm um papel importante na nossa cultura, agora que relevância de fato eles têm? Eles são um reconhecimento? Sim, são, mas são reconhecimentos de uma trajetória ou tem outros ingredientes em jogo. Acho que para quem ganha é determinante.

Tu acompanhas o Açorianos?

Acompanho como um curioso. Ano passado fui júri do Açorianos de Literatura, na categorias de capas e planejamento gráfico. Na verdade tem duas etapas, a 1ª que se anuncia quem vai concorrer e depois os premiados. E a gente tem acesso a isso pelos jornais e meios de divulgação. Como jornalista, em geral se negocia em sigilo porque se não tem uma defasagem de tempo para divulgação. O Oscar é sempre num domingo de noite e isso nunca é notícia nos segundos cadernos de segunda, só em outras partes, então isto só vai ser notícia em geral, vai sair bem mesmo, em terça, mas porque o Oscar é inegociável. Mas um prêmio local, é negociável, é uma cerimônia para pessoas só daquele meio. Eu consegui negociar com o Açorianos, que me revelassem com compromisso de que eu não contaria para ninguém, para não ficar uma defasagem de tempo tão grande. Isto é comum em outras áreas, às vezes as próprias instituições concedem ou não. Os segundos cadernos, em geral, no Brasil e no mundo, fecham num horário mais cedo do que o resto do jornal. Na verdade é uma questão histórica, as áreas de cultura e variedades sempre constituem este segundo caderno, ou seja, eles rodam quando a máquina está ociosa, o que é uma suposição do jornalismo de que as coisas no campo da cultura elas são mais previsíveis e menos imediatas como em outras áreas. Então, tem um horário mais restrito, tem um fechamento de edição mais recuado, então faz com que a gente consiga negociar as coisas.

E tu achas que o Prêmio tem visibilidade na mídia?

Eu acho que ele tem, sim. Se é maior ou menor, é menor que o de literatura que tem uma tradição maior. O Prêmio de literatura tem a bem mais tempo, então já está consolidado. Comparativamente não esteja tão consolidado como os outros. Talvez a gente não tenha que se

perguntar se ele tem espaço na mídia e sim o por que do Prêmio de artes plásticas ter tão pouco tempo. Eu acho que estas perguntas estão vinculadas. Talvez seja porque as artes visuais ocupem espaço diferenciado do que o de literatura na vida das pessoas, mas esta é uma questão que vem desde a antiguidade, esta tensão entre a palavra e o campo da imagem.

E qual é o tipo de publicação que se faz sobre o Prêmio?

Que eu me lembre, quando sai a lista dos concorrentes, sai uma matéria e é a mesma coisa em outras áreas. Esta matéria geralmente é menor, depois sai uma matéria anunciando quem ganhou.

E são sempre matérias positivas?

Não são positivas nem negativas, são informativas. Sem uma positividade pronunciada e nem negatividade, eles dizem os premiados, nem chega a dizer porque.

Eu sempre acho que as matérias sobre artes plásticas nunca são críticas, são sempre eufóricas em relação aos eventos.

Um palpite que eu tenho é que a gente tem que levar em conta, que em geral que quando se faz um trabalho sobre um objeto de arte, a gente não se leva em consideração não só o objeto que é mostrado em espaço expositivo, mas se leva em consideração o processo, algumas linhas de estudo levam em conta isto. Então, vai se entrevistar o artista, fazer um estudo sobre como aquilo foi construído, por diferentes maneiras. Mas algumas formas de estudar pegam o objeto pronto e é só aquilo que interessa, outras levam em conta o processo criativo. Quando a gente analisa mídia e quando se faz um estudo na área de comunicação, em geral se pega a coisa pronta, não se leva em conta como aquilo chegou ao jornal, mesmo na área de jornalismo esta questão é pouco estudada. Então, a nossa realidade, falando especificamente sobre o Segundo Caderno, no jornal Zero Hora e talvez a gente possa ampliar e pensar um pouco, porque a situação no Brasil não é tão diferente. As equipes são muito pequenas, as pessoas trabalham sobre uma pressão, uma exigência muito grande, em tese interna, dentro do jornal e externa, para o público que vai comprar o jornal, são equipes reduzidas com atribuições que extrapolam àquilo para aquilo que elas foram contratadas. Então, em razão disso, eu acho, há muitos interesses em jogo, porque o que entra no jornal não é o interesse do jornalista, o gosto dele pode até ter um peso, mas não é isso que determina o que vai ter no jornal e nem o tamanho que isto vai ter. O espaço que tem para artes visuais em um jornal não é determinado pelo interesse, mas depende de uma série de fatores que são determinados não só pelo interesse ou pelo gosto que os jornalistas atribuem às artes, mas pelo que o jornal em si atribui, pela empresa, pelos editores. Então, para a gente decidir que espaço que a cobertura de artes vai ter em um jornal, isto vai depender se tem Big Brother naquele dia, se tem show do Roberto Carlos,

se tem Planeta Atlântida naquela semana e quem patrocina o Planeta Atlântida, tudo isso interfere na cobertura que a gente vai dar para uma exposição em algum lugar. A gente vai fazer uma matéria sobre artes, a gente vai dar o mesmo espaço para uma exposição que tem na Fundação Iberê Camargo ou para uma exposição que tem em uma galeria comercial pequena? Não, os espaços vão ser diferenciados e há uma série de fatores que estão ali para determinar o que vai ser mostrado.

E pelo fato de ser a Prefeitura tem algum espaço maior ou menor?

Eu acho que não. Estas questões são tão complicadas. Alguns espaços na cidade que são espaços de legitimação para um artista, uma coisa é tu fazer uma exposição no museu do trabalho, que é um ótimo espaço, um lugar que tem uma programação contínua de muito boa qualidade e outra coisa é o mesmo artista fazer uma exposição no Santander Cultural. Poucos artistas tiveram exposição individual no Santander Cultural, me lembro agora só da Vera Chaves, então há uma consagração, pois uma coisa é ter uma exposição da Vera Chaves no Santander e outra é ter na Obra Aberta ou em uma galeria mantida por ela mesma (que agora não existe mais). Então, esta diferença também é sinalizada pelos jornais, que é outro espaço de legitimação, vai ter cobertura diferenciada, os critérios são diferenciados. Por exemplo, é equivocado tu dizeres que uma exposição no MARGS é mais importante do que uma exposição na Usina do Gasômetro? Talvez sim, mas a imprensa tem estes critérios. Alguns lugares são mais importantes do que os outros, alguns artistas e alguns prêmios.

Voltando a questão que tu falaste sobre a positividade. Tem várias áreas que estão concorrendo dentro do jornal para serem notícias. O Segundo Caderno da Zero Hora tem cinco páginas de espaço editorial, na verdade tem oito páginas, mas as outras são coluna social, horóscopo e palavras-cruzadas. Então, espaço editorial é a capa, a página três, a página central e a página seis, é só o que tem de espaço editorial. Aí tem todos estes temas que estão concorrendo, temas que ninguém daquela pequena equipe esteja interessado pessoalmente. Se for me perguntar sobre novela, eu não me interesso, não vejo novela e nem todo mundo vê novela ali, mas há um entendimento jornalístico, que eu não sei se é equivocado, talvez seja, de que a novela é algo relevante para ser colocado no jornal e vai estar disputando espaço com uma exposição de arte ou com um novo livro do Sérgio Faraco. Há uma concorrência de assuntos, o menino que cobre literatura vai dizer que o livro do Faraco é o livro mais importante em muitos anos, ou não, ou vai dizer que é um livro menor diante da obra dele que é um contista relevante. Tudo isto se discute diariamente em uma redação de jornal, os espaços são precários, as equipes são pequenas, são quatro páginas editoriais, com anúncios e que não são decididos pela redação, é a parte comercial quem decide e o anúncio para o jornal é mais importante do

que a matéria, pois é o anúncio que mantém o jornal e não o que se paga em uma banca, é ele quem dá dinheiro para a empresa. Então, por estes fatores, quando algo virar notícia, já é uma seleção e pode ser por isto que as matérias pareçam ter uma positividade. Tem um repórter, diversos assuntos, mas se tem um espaço pequeno e meia página, o que ele vai colocar naquela meia página a equipe vai decidir se vai ser noticiada uma nova exposição da Maria Tomaselli na Bolsa de Arte, ou a gente vai noticiar uma exposição que não é muito boa, mas que talvez merecesse uma crítica e o que a gente faz? Nesta escolha, às vezes se prefere a da Maria Tomaselli, por isso eu acho que pareça que há uma positividade, pois como há pouca gente, espaço precário e não há tempo, então tu acabas privilegiando, porque a gente pensa que é melhor falar da exposição do Nelson Lerner, que é um artista importante e que tem trajetória e deixamos de lado aquela outra exposição, que até merecia uma crítica, porque tem que fazer escolhas. O texto crítico envolve um investimento maior de tempo e de reflexão, o que não combina com o jornal. Eu acho que é por isto que a crítica está hoje afastada dos jornais, em grande parte, por vários motivos, entre eles equipes sobrecarregadas, pouco tempo para um exercício de reflexão que demora mais tempo e sendo que não há nenhum interesse no jornal em comentar. Há polêmicas mais tolas que são mais interessantes e vendáveis.

O que está em jogo não é o interesse das pessoas que escrevem, claro que conta, mas não está sozinho, o jornal tem uma linha editorial que está definida, em primeiro estágio pelo seu dono, em segundo pelo diretor de redação, em terceiro pelos seus editores e em máximo em quarto lugar vem os repórteres. Então, a equipe do Segundo Caderno hoje, deve ter vinte pessoas, estas pessoas têm que produzir o Segundo Caderno diário, têm que produzir também o Donna, o caderno de TV, o caderno Cultura, o caderno de Gastronomia e têm que alimentar o site, fazer plantão e seguidamente as pessoas que trabalham ali têm que ser emprestadas para outras editorias. Porque há uma filosofia de que as pessoas que trabalham na área de cultura são diletantes, elas trabalham menos, então podem emprestar gente para outras editorias quando necessário. É importante dizer que estas equipes são pequenas, são pessoas que trabalham muito, com pouco tempo para a reflexão sobre o seu próprio fazer e o interesse sobre artes que elas têm não é o determinante e há um consenso de que coisas são mais importantes do que as outras, por exemplo se comparar o Açorianos de Literatura com o de Artes Plásticas, um tem uma tradição, então é jornalisticamente mais relevante do que um prêmio que tem três edições. Este tipo de pensamento circula, talvez seja um pensamento equivocado, mas estes são os critérios do jornalismo, que são critérios diferentes dos critérios da história da arte, que tem os seus próprios critérios. São critérios diferenciados, por isso eu acho que não dá para examinar um campo com os critérios de outro campo, a gente tem que entender também como que este

campo atua. Claro que a gente pode fazer uma análise de mídia (e a maioria das análises são assim), com o que está pronto, com o que é dado e nos próprios cursos de jornalismo a análise que se faz é do produto pronto, poucas são as que levam em conta o processo.

Faz quanto tempo que tu saíste da Zero Hora?

Um mês.

E tu notaste alguma mudança nas edições?

Eu acho que é muito boa a equipe que está lá e com o que eles têm, eles seguram muito bem. Além de eu ter saído (eu estava há 16 anos na Zero Hora), saiu também o Renato Mendonça que estava há 15 anos cobrindo o teatro. Essas duas vagas foram repostas, coisa que não vem acontecendo na Zero Hora, as vagas fecham e a função tem que ser absorvida pela equipe que ficou. Ali, no caso, duas vagas foram repostas, porém se decidiu que não vai ter ninguém cobrindo artes visuais e ninguém cobrindo o teatro, estas pessoas que entraram têm que fazer matéria para tudo e cada vez que tiver uma matéria tem que se escolher na hora quem vai fazer. Isso é uma nova linha editorial, mudou a direção de redação um ano e meio atrás e o novo diretor de redação não faz fé na especialização, ele acha que um repórter tem que ser bom em qualquer coisa, um bom editor tem que ser para tudo e é nesta realidade que as pessoas trabalham lá dentro. Eu acho que em função da minha saída, há um esforço de se sair bem, acho que estão se empenhando e estão cobrindo bem. A exposição do Leon Ferrari e da Mira Schendel foi capa do Segundo Caderno de ontem e vai ter mais matéria, eu sei, no Cultura. Destas que estão em cartaz, a Maria Tomaselli teve uma boa reportagem do Roger Lerina, a passagem da Maria Bonomi pela Fundação Iberê, teve uma boa matéria do Daniel Feix, ele fez uma boa entrevista com ela. Há um esforço em tentar mostrar que não ficou uma lacuna na área de artes, mesmo não tendo uma pessoa cobrindo isso de forma específica.

O jornal recebe o release da Coordenação de Artes Plásticas? Manda fotos?

Existe uma diferença muito marcada entre as Coordenações, a Coordenação de Cinema, Foto e Vídeo faz um empenho muito grande para a divulgação, mandando release, disponibilizando material, ligando e o que é mais importante não é isso, acho que isso tem um peso, mas não é o mais importante, que é que há uma programação forte e continuada na Coordenação de Cinema, a Coordenação de Artes Plásticas, neste momento não tem uma programação forte e continuada, ela é episódica, não é bem divulgada, eles não ligam, a coordenadora não entra em contato. Se ela está errada ou certa por tudo isso, pode estar ou não, eu não estou dando um juízo de valor, mas é diferente. O mais importante não é a divulgação em si, é mais tu reconhecer naquilo que há uma programação relevante. Saindo da área da esfera pública talvez o exemplo seja mais interessante, pegando galerias comerciais, por exemplo, a Galeria Tina

Zappoli e a Galeria Gestual. A Tina Zappoli é um espaço grande e a Gestual é um espaço pequeninho, a Tina Zappoli tem mais tempo do que a Gestual, então supostamente tem mais tradição, porém, a Tina já há muitos anos não tem uma programação forte e não faz novas exposições, as exposições que ela faz não têm uma relevância maior. Já a Gestual é uma galeria pequena, com espaço físico pequeno, mas com uma programação muito inteligente, pensada, articulada, há uma linha, então a Galeria Gestual é mais notícia que a Galeria Tina Zappoli no jornal? Claro que é! É uma programação relevante, forte e contínua, mesmo que seja modesta. Então, isto é reconhecido e se tu tens alguém no jornal que está sempre acompanhando a área e a Gestual só manda, como a Tina Zappoli, o release e também não liga. Só que na Gestual eles têm sacadas boas, de juntar a Gisela Vatti, o Nick Rands e a Maria Lúcia Cattani, os três têm tudo a ver, acho que foi a Gestual que reuniu eles pela primeira vez, os trabalhos deles têm tudo a ver, tudo bem que o Nick e a Maria Lúcia são marido e mulher, mas a Gisela não é, então tem uma percepção de que estes trabalhos conversam. São duas coisas em jogo, o espaço ter uma programação densa e ter dentro do jornal alguém que perceba isso, que no conjunto de todos aqueles fatores que eu te falei, vai ter, também, o parecer pessoal do jornalista de saber que é importante e negociar com os editores. É uma dinâmica que faz sentido? Faz só o sentido que a gente der para ela.

Voltando a reportagens sobre o Açorianos e quando sai só os destaques e não sai todos os premiados? O que tu achas disso, tu não achas que desvaloriza os outros premiados? Tu achas que está certo o jornal definir os principais?

Isso é o seguinte, a gente tem que considerar. Eu não faria a pergunta em termos de certo ou errado, pois eu não acho que a minha opinião seja relevante. Vou tentar te explicar, há um mundo de coisas acontecendo todos os dias, tudo isso que esta acontecendo hoje vai estar amanhã no jornal? Não, apenas uma parcela pequena vai aparecer, então são recortes que se faz. Tem coisas que a gente considera, há um senso comum que tem que ser notícia, mas há critérios que estão em jogo que não são claros nem para os próprios jornalistas, o Lula pode dar uma bombástica hoje que vai sair na manchete, mas há coisas que são relevantes e que não vão ser noticiadas, coisas importantes, que mudam um monte de coisas e que não chegam nos jornais. Os jornais têm seus critérios e são equivocados muitas vezes. Então, há um prêmio, tem que sair a lista de todo mundo que ganhou? Tem que sair que teve um prêmio ontem e que teve resultado? Provavelmente sim, se supõe que é relevante. Tem um Oscar, tem que noticiar quem ganhou melhor filme e quem ganhou melhor roteiro? Sim. Quem ganha o prêmio de melhor diretor vai ter o mesmo peso de quem ganhou o prêmio de melhor fotografia ou de direção de arte? Não, não tem. A gente tem algo consensual que esta subentendido, vai ter foto da melhor

atriz, mas não vai ter foto de quem ganhou o prêmio de melhor roteiro original, só se por coincidência for um Matt Damon, que além de ator faz roteiros. Vai ter do lado a lista com todos os nomes, mas não vai ter o mesmo peso que os outros. Então, vamos considerar o Açorianos de Literatura, tem o melhor livro do ano e tem a melhor capa, que é o que eu julguei e vai ter o mesmo peso que o melhor romance ou o melhor livro de contos? Não. Vai ter a lista com todos os nomes. Se não for publicada esta lista é porque não tem espaço, ou por vários outros fatores. Se é certo ou errado... E por que isto tem que sair em um jornal? É para contentar as pessoas que ganharam o prêmio? Por que tem que sair a lista de quem ganhou o Açorianos? É para dar um reconhecimento para a pessoa que ganhou, para informar a comunidade, para informar as gerações futuras ou por que o jornal tem espaço? Não tem uma resposta única. Tem interesses em jogo, pessoas que vão ficar magoadas. O ponto que eu acho que os critérios de um campo têm que ser entendidos dos olhos deste, não adianta eu querer pensar filosofia com os critérios da medicina.

Eu não sei o que eu acho do Prêmio, eu tenho que pensar ainda. A pessoa trabalha pelo prêmio? Não, é algo que vem depois, eu não escrevo um livro para ganhar um Açorianos. O que muda na vida das pessoas se ganharem um Açorianos, é um prêmio em dinheiro tão pequeno, tudo bem eu quero seis mil reais, mas não muda a vida de ninguém. Tudo bem, é um reconhecimento público e tu precisas de um reconhecimento público, é isso que baliza o teu trabalho? Pode ser e acho que é legítimo, eu já ganhei prêmio como jornalista, tu botas no currículo, pode dizer para as outras pessoas que ganhou e tinha um prêmio em dinheiro que deu para pagar a calçada lá de casa na época. E quando eu fiz a matéria não era para isso. O prêmio tem reconhecimento, tem um sentido simbólico, mas tem coisas mais importantes, que às vezes é uma apreciação de alguém que tu respeitas falar do teu trabalho, que querem conversar contigo, discutir.

Eu já participei de júris, como o Salão do Jovem Artista ou de seleção. Teve um que era da Funarte em Brasília que era de seleção de quem vai expor na sala. Para quem está no júri é uma experiência tão rica, primeiro é tão bom tu veres propostas das pessoas, o que é diferente do Açorianos que olha para coisas já feitas. Esses outros júris são mais entusiasmante, que é de projetos, mas quando é um júri sobre coisas que já aconteceram, daí eu não tenho experiência. Acho mais rico quando é um júri por algo por vir, parece mais bacana.

9. Leandro Selister

Concedida por e-mail no dia 22 de junho de 2010

Artista plástico. Concorreu duas vezes ao Prêmio, ganhando destaque concedido pelo júri no I Açorianos (2007), pelo site Art Web Brasil. Foi júri de seleção e premiação da quarta edição (2010).

Como tu vê a importância do Prêmio Açorianos para a classe artística de Porto Alegre?

Há muito tempo se falava na necessidade de um prêmio para as Artes Plásticas em Porto Alegre, pois era a única classe que não tinha ainda esse tipo de premiação, assim, como existem o Açorianos para a música, teatro e literatura. Acho que é muito importante um prêmio como esse, principalmente para que tenhamos um incentivo aos artistas, instituições e também uma maior profissionalização de todos.

O Art Web foi premiado em 2007, com destaque especial do júri, como foi receber este Prêmio? O que mudou para o Art Web após a premiação?

Na primeira edição do prêmio o ArteWebBrasil concorreu na categoria Apoio juntamente com o Santander Cultural e a Gerdau. A competição era injusta, e, até brinquei com isso na época, mas o júri me surpreendeu ao oferecer um prêmio especial de reconhecimento pelo trabalho que eu vinha fazendo desde o ano de 2000. Foi importante para mim, como artista, como agitador que sou, e, principalmente pelo fato de ter um projeto no qual me dedicava intensamente reconhecido pela classe artística como um todo. Na época, antes do prêmio, e, já com 07 anos de trabalho com o site, todo bancado por mim, isso é bem importante, eu já estava achando que seria a hora de tirá-lo do ar, e, o prêmio apenas me deu um fôlego a mais para continuar com o projeto. Mas, como tudo que começa, um dia acaba, o site saiu do ar logo depois, acho que em 2008, pois eu acreditava que o papel dele já havia sido cumprido, e, o prêmio na verdade me fez acreditar nisso e ter a certeza de que o momento era de final de carreira para o site.

Tu foste júri de indicação e de premiação do último Açorianos, como foi este processo?

Quando tu foste chamado para fazer parte deste grupo?

A coordenação me convidava já há 02 anos, mas eu sempre estava envolvido em algum projeto e indicado também. Mas dessa vez aceitei o convite porque não teria com certeza nenhum projeto do qual fazia parte.

Como foram as reuniões?

As reuniões são baseadas em muita conversa, discussão e argumentação. São 5 cabeças que pensam muitas vezes de forma diferente, mas no final, o júri chegou em um resultado muito satisfatório.

Os jurados haviam visto todas as exposições?

É impossível para qualquer jurado, a não ser que não faça outra coisa na vida (o que seria muito chato), ver todas as exposições, livros, catálogos, etc... Tenta-se ver o maior número possível delas.

A Coordenação de Artes Plásticas interferiu muito nas decisões do júri ou vocês eram realmente soberanos nas escolhas?

Fomos totalmente soberanos nas escolhas. Em casos onde a questão legal era necessária, a coordenação colocava a posição para que pudéssemos decidir o voto.

O que tu achas do edital e das categorias do Prêmio?

É uma discussão em todos os anos. Sugerimos mudanças, sempre com o objetivo de melhorar e qualificar o prêmio.

O que tu achas da relação da mídia com o Prêmio?

Acredito que o prêmio é muito bem divulgado, tanto em jornais como tvs. Acho que a relação dos artistas com o prêmio sim, é que estranha muito. Percebo muitas vezes uma indiferença da parte dos artistas com o prêmio. Isso é bem triste.

Tu achas que o Prêmio tem relevância no campo ou é apenas um evento?

Qualquer prêmio é um evento, não tem jeito. Que seja então cada vez um evento mais bem organizado, com prêmios em dinheiro, enfim, com incentivos reais, financeiros aos premiados e também aos indicados. É um prêmio importante, e, pode sim abrir portas para os artistas indicados e também os premiados, basta apenas uma coisa: continuar trabalhando e honrando o prêmio recebido, afinal, o artista que ganha, foi selecionado, julgado e considerado dentro de um universo de 01 ano, o destaque em sua categoria. Que honre isso e saiba aproveitar, e não apenas colocar o prêmio na prateleira em casa e esquecer que uma carreira se constrói com muito trabalho e que os prêmios só virão na medida em que a dedicação acontecer.

10. Mara Caruso

Concedida no dia 13 de abril de 2010

Artista plástica. Professora do Atelier Livre, fez parte do júri de seleção e premiação do III Açorianos (2009).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Bom, acho um Prêmio muito importante para das destaque aos acontecimentos nas artes visuais durante o ano, é interessante porque às vezes passa uma exposição e tu não tens oportunidade de ir e naquele momento tu revês o ano, vês quais foram as coisas mais importantes, acho bom por isso.

Tu foste júri de seleção e premiação do III Açorianos, quais foram os critérios para seleção e para a premiação?

De seleção, em geral, a gente busca ver os melhores trabalhos quanto ao conceito de uma exposição. Não só os trabalhos individuais e sim ver o todo da exposição, como ela foi executada, a qualidade do trabalho, é claro e principalmente a idéia do artista, como ele pensou quando ele organizou essa exposição. E já na premiação, entre muito menos trabalhos, a gente vê qual que conseguiu atingir mais os objetivos dentro da sua proposta.

E tu foste chamada para os dois júris direto? Como foi?

Eles fazem, direto, a escolha de quem vai participar no segundo. Em geral é assim.

E tu és a favor do júri permanecer o mesmo, ou tu achas que tem que variar?

Às vezes varia, às vezes não, depende...

E qual foi o critério da premiação de publicação para o Sandro Ka?

Criatividade. O trabalho estava muito interessante e, principalmente, porque era uma coisa simples, com pouco gasto e com um ótimo resultado. Isso tudo foi importante, porque às vezes a publicação é cara, tem mais recursos, mas não atinge o resultado que ele atingiu, uma coisa tão simples e tão interessante, muito bem feito e ótima qualidade de trabalho.

Pois é, mas na verdade ele não se encaixa exatamente na questão de publicação que é para ser esta categoria especificamente, então vocês fizeram essa “balança” para escolher?

Olha, eu acho que isso aí é um livro de artista, mas é um múltiplo, ele também publicou e eu acho que está dentro de uma categoria, não só de livro de artista, mas é mais abrangente.

E o que tu achas das categorias, acha que faltam?

Bom, o pessoal do júri tenta absorver todas as categorias e ninguém procura definir muito “o que é isso e o que é aquilo”, porque a arte hoje em dia está muito misturada, não tem mais categorias, né?

E daí como é que fica?

O júri vai questionando, vai discutindo, vai chegando à conclusões, em geral a gente faz assim, com muita discussão, muito debate.

E esses debates se dão em quantos encontros?

Não me lembro muito bem, mas acho que foi um dia para a seleção e um dia para a premiação, mas às vezes a seleção tem muito trabalho e a gente faz dois dias. O ideal é pelo portfólio, eu acompanhei durante o ano quase todas as exposições, quase todas, procurei ir em tudo porque eu já sabia que eu ia ser do júri, então eu procurei ir à todas.

E todo mundo do júri tinha ido?

Não sei te dizer, mas eu procurei, porque às vezes quando tu vêes um portfólio ou um catálogo tu não tens idéia e quando tu vais na exposição é bem diferente, a sensação é bem diferente. Então, eu acho importante a gente ir em todas as exposições.

Vocês foram os primeiros a escolherem pessoas para os homenageados, como foram feitas essas escolhas?

Pessoas que se destacavam na arte no Rio Grande do Sul, pessoas como Xico Stockinger, outra vez homenageada foi a Christina Balbão, uma professora do instituto de artes que representou muito a nossa geração, foi muito importante. O Lisbôa e o Décio Presser, na nossa geração foram muito importantes, eles divulgavam muito o trabalho de artes, o que hoje em dia é muito difícil, tu sabes que tu pedes uma notícia no jornal e não sai nada. Eles não, eles procuravam a gente e faziam toda divulgação da exposição e fotos, era uma coisa incrível pro tempo de hoje... bem diferente.

Daí vocês escolheram essas pessoas...

R: Não, essas homenagens, em geral são decididas pela Coordenação. Aí tu podes dar opinião, podes dar teu parecer, opinar, podes falar sobre alguma pessoa que tu acharias interessante ser homenageada e eles vão pensar.

E o Açorianos tem cotas? Tem essa coisa de não premiar de novo quem já foi premiado outras vezes?

Eu acho que sim. Eu acredito que exista isso.

Para poder ter mais pessoas premiadas?

É, eu acredito que sim. Eu sei que o Salão de Desenho de Imprensa, eu não fui do júri, eu só ajudei a organizar, eu sei que também tem, quem já foi premiado não pode mais.

E quem decide as cotas?

A própria Coordenação. Existe um edital também, agora o Prêmio Açorianos é por edital, a pessoa se inscreve para ver se é selecionada ou não e eu acho que é justo. O primeiro não foi feito, não deu tempo, foi a própria Coordenação que fez essa seleção porque não havia tempo hábil para isso, depois então foram as pessoas que apresentaram seu portfólio, que é mais justo, mais correto e teve também que a Coordenação fez um estudo de todas as exposições do ano e ia guardando o material para depois se discutir, mas se optou por o que a gente acha mais justo que é o artista apresentar seu portfólio, se ele não é nem indicado é porque ele não se interessou.

E, por exemplo, o Prêmio que vocês deram para a Elaine Tedesco, Destaque em Escultura, que estava no meio de uma exposição coletiva, como vocês escolheram?

Isso são discussões que se tem porque o trabalho se destacou, apesar de ser uma exposição coletiva, assim como o da Karin Lambrecht que estava em uma exposição coletiva. Foi bem discutido, muito debate em torno dessa idéia de pegar uma pessoa de uma exposição coletiva, porque acham que ela se destacou e a Karin Lambrecht é um nome no Rio Grande do Sul bem evidente, uma pessoa de destaque que não tinha havido ainda nenhum destaque para ela, questão de merecimento, né?

[MOSTRANDO O DESTAQUE EM CERÂMICA, DO III AÇORIANOS: BIRA LAÇAVA]

Esse destaque foi para uma pessoa do Atelier Livre, que era uma pessoa muito especial, que tinha um conhecimento técnico muito grande e como ele morreu e tal, então se resolveu fazer homenagem.

E por que tu achas que dizem que a 3ª edição foi a mais polêmica?

Talvez por isso, eu me lembro do Prêmio do desenho, que eu lutei imensamente para que outra pessoa fosse premiada, essas coisas são polêmicas, a minha opinião era outra, então se discutiu muito e talvez as pessoas que tenham assistido tenham achado a mesma coisa, não só desse Prêmio, de vários prêmios. Sempre é assim, salão tu nunca podes dizer que seja extremamente justo porque tem mil idéias, mil pensamentos e cada um optaria por um, então, é assim, tem que aceitar a decisão do júri.

E o que tu vê de problemas no Prêmio?

Não, não. Acho que é importante dar, nos outros tinham, na literatura, no teatro e nas artes plásticas não tinha, acho que é importante.

E como tu vê o fato de ser tão tardia a criação do Prêmio?

Isso eu não sei, a Ana Pettini saberia te dizer. Foi uma luta dela muito grande até conseguir, por isso que o primeiro foi feito meio assim, sem edital, porque foi uma luta muito grande da gente

para ter. E realmente dá destaque para o que foi feito em artes visuais, estimula pessoas a bolarem exposições, coisas mais bem feitas, bem estruturadas.

Tu não achas que o prêmio em dinheiro estimula menos premiar essas pessoas com exposições?

É uma idéia. O prêmio em dinheiro em geral é para dar uma força, até teve uma menção honrosa, não sei se foi nesse ano ou se foi no outro, realmente para estimular as pessoas que lutam tanto, ainda mais que artes é tão caro, difícil de ser reconhecido, muito difícil de conseguir um bom espaço, então são muitas lutas que o artista enfrenta e se puder ajudar, às vezes só um destaque desses já faz com que a pessoa tenha mais apoio para a próxima exposição, a gente trabalha tanto, merece mais oportunidades.

11. Maria Amélia Bulhões

Concedida no dia 30 de abril de 2010

Crítica de arte. Professora do PPGAV/UFRGS, fez parte do júri de seleção do II Açorianos (2008) e concorreu, naquele mesmo ano, junto com vários artistas e críticos, pelo projeto *Interfaces Digitais*, na categoria Mídias Tecnológicas (2008).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu acho um Prêmio bem importante, considerando que nós temos muito poucas premiações na área de artes visuais, nós não temos uma tradição que existe em outros países, que eu conheço vários, onde existem premiações importantes para os artistas e principalmente regionais, porque mesmo tendo nacionais, os prêmios que existem são muito alocados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Então, eu acho fundamental que haja algum tipo de premiação local que de certa forma concorra para a legitimação desses profissionais da área aqui no Rio Grande do Sul.

Como tu vê o papel do Prêmio para artistas e galerias de Porto Alegre? Ajudam?

Tu queres dizer em termos de comercialização?

Isso.

Eu não saberia te dizer isso. Eu acho que de alguma forma as premiações sempre, digamos assim concorrem na carreira dos artistas, eu digo isso porque eu tenho observado com os meus estudos. Especificamente o Prêmio Açorianos eu não fiz um estudo ainda, cabe a ti verificar isso, por exemplo, se depois de ganhar o Prêmio o artista teve mais procura, se teve mais exposições, isso é uma coisa que tu vais ter que verificar, é muito recente eu não tenho dados para te dizer sobre isso. Mas a minha percepção, a partir dos meus estudos, é que deve concorrer de alguma maneira.

O que tu achas das categorias?

Já fui júri, já conheço mais ou menos, eu acho elas um pouco estanques. Digamos, muito por técnica, mas eu acho que de momento funciona bem, talvez no futuro possam ser revistas as categorias, porque a arte contemporânea está tendendo a cruzar categorias, a diluir categorias, então às vezes fica difícil... Eu me lembro quando eu fui júri, tinham alguns trabalhos que eu não sabia bem onde enquadrar, mas acho que de momento elas estão cumprindo, porque precisam ter algumas categorias.

E tu achas que isso também prejudica nas inscrições dos próprios artistas?

Não é só por indicação?

Tem indicação e inscrição.

Eu acho que indicação é melhor do que inscrição, acho que inscrição fica uma coisa que abre demasiado e não tem muito critério, fica a critério da pessoa procurar e se inscrever. Enquanto por indicação, sempre tem pessoas mais ou menos especialistas na área que vão estar olhando o panorama. Eu acho mais qualitativo.

Tu achas que o Prêmio tem uma política cultural bem determinada ou se assemelha mais à uma política de eventos?

Não, eu não acho que haja uma política cultural na qual o Prêmio se insira, aliás se te interessar, tive um orientando que se chama Kennedy Piau que trabalhou sobre as políticas da Prefeitura na área de artes visuais e o que foi constatado é que na verdade não existe uma política definida, então na medida em que não existe uma política fica difícil o Prêmio se inserir numa política que não existe. Por outro lado, o Prêmio criar uma política também é pedir de mais para ele. Agora, eu acho que ele vai além de um simples evento, ele marca uma tática de legitimação, de valorização, de qualificação da área que eu acho importante.

Tu achas que o Prêmio ajuda a fomentar a arte na cidade?

Eu não sei se seria fomentar o caso, porque eu acho que a arte tem outras instâncias de fomentação, eu acho que na verdade eu não vejo como fomento e sim como legitimação. O que está sendo feito, qualificado e legitimado. Eu vejo mais nessa instância do que na instância de fomento. Porque ninguém vai trabalhar para o Prêmio, não existe um trabalho feito para o Prêmio, existe o trabalho feito a partir de outros fomentos, mas o Prêmio legitima.

É a diferença do salão para o prêmio, né?

É acho que o salão tem mais um caráter de fomento, mas de qualquer forma eu acho que neste momento eu sou mais pelo prêmio, neste panorama local. Porque eu acho que existem muito poucas instâncias de legitimação aqui no Rio Grande do Sul, então o Prêmio veio ocupar o espaço vazio. E eu acho que existem poucas instâncias de legitimação no que a gente chama de “meio de carreira”, para um artista que já está com um trabalho... Acho que existe muita coisa para jovens, mas o trabalho que já está um pouco consolidado fica num patamar meio vazio, um buraco. Aliás, só para te ilustrar, não é uma coisa só do Rio Grande do Sul ou só do Brasil, eu participei de um evento internacional de crítica de arte e neste evento havia um holandês que me comentou que na Holanda tinha havido um seminário, congresso, não me lembro bem, cujo tema era sobre a legitimação e o apoio aos artistas em meio de carreira, porque é um fenômeno que está ocorrendo hoje muito. Tem muito prêmio, muito estímulo, bolsas para artistas em início de carreira. Depois tu tens os artistas que já estão consolidados que estão no mercado, então que já tem aquela consolidação, mas que já são de segunda metade de carreira, ou seja, está no fim de carreira já. E tem esse vazio no meio, que é aquele artista que deixou de ser jovem e não

chegou a ser totalmente consolidado. Então a discussão no seminário foi isso, como pensar esta faixa de produção e eu acho que o Prêmio Açorianos atende também à esta problemática. O que mais tem no Brasil hoje é o enfoque nos jovens artistas, o problema sério é o meio de carreira, para consolidar, porque se não vai estar sempre pipocando trabalhos de jovens que tu não sabes se eles vão continuar, depois tu tens os consagrados que já estão no mercado que já não precisam mais de grandes apoios, porque eles já tem todas as instâncias de reconhecimento e para sair de um para chegar no outro tem todo o meio que fica um vazio. Tanto que tem muitos artistas que começam depois param, interrompem carreiras, desaparecem por conta desse vazio profissional que se instaura.

E o que tu achas da premiação em dinheiro ser apenas para um destaque? Tu achas que deveria ter mais incentivo para este meio de carreira financeiramente?

Eu acho que para dar uma opinião sobre isso eu teria que fazer uma avaliação melhor dos recursos que dispõe, como alocar estes recursos e seria um pouco inconseqüente da minha parte dar uma opinião assim. Também acho que explodir em um monte de priminhos não é o caso, acho importante ter prêmios importantes! No sentido que o prêmio importante marca esta diferença do meio de carreira, marca a diferença de quem não é iniciante, de quem já está consolidado-se de quem já é alguém de reconhecimento público e notório. Talvez pudesse ser mais de um, mas teria que ter mais recursos para ser mais de um, porque também não adianta dar um premiozinho de nada.

E tu achas que acabam premiando nomes?

Eu acho que esta premiação maior é já por isso, por uma carreira e não por uma exposição em geral. Exatamente o reconhecimento de uma carreira, que eu acho importante, além claro dos outros todos Prêmios que daí são, claro, por exposição e que também, de certa forma, estimula a realização de exposições, acho que é importante também isso. O investimento em exposição é muito alto para o artista, então eu acho que também neste sentido o Prêmio é importante por premiar exposições porque dá um estímulo à isso, quer dizer, à este investimento que o artista faz em termos de recurso, tempo, de esforços.

Pois é, e tu não achas que então seria o caso de dar mais espaço para estas pessoas que ganharam o Prêmio para expor? Ter, por exemplo, uma exposição de premiados?

Poderia ser, mas na verdade não sei te dizer. Tudo isso exige um pouco mais de estudo, de análise do que acontece com as pessoas depois que passam pelo Prêmio, se tem alguma repercussão, poderia ter mais ou não. Não sei te dizer, eu não me dediquei a observar isso. Mas por exemplo, eu sei vários países que os artistas têm prêmios, têm reconhecimento, prêmio para exposições, por exemplo, a própria Associação Brasileira de Crítica de Arte tem a premiação e é

difícil gaúchos entrarem. Toda estrutura de legitimação está mais focada entre Rio e São Paulo, então neste sentido o Prêmio foi uma coisa muito importante.

A minha próxima questão é sobre mais ou menos isto, tu achas certo só premiarem artistas moradores de Porto Alegre, sendo que a gente está na capital do Estado e muitas pessoas do interior expõem aqui e vêm pra cá para expor?

Para dizer a verdade eu não sabia. Esta é uma limitação que não valeria a pena. Eu acho que poderia ser as exposições realizadas em Porto Alegre, mesmo que sejam artistas do interior, isso sim eu acho um erro crasso. Acaba excluindo pessoas que estão fazendo um esforço para trazer à capital uma produção que está sendo realizada em outros locais do interior do Estado. Eu acho que o interior do Estado também precisa deste estímulo.

A que tu atribuirias à criação tardia do Prêmio? A Prefeitura ou à própria classe artística?

Eu acho que à classe artística como um todo. Porque tu vê outras áreas como teatro e cinema, têm suas premiações. Então eu acho que corresponde talvez à algo que eu localizo um pouco que é esta falta de coesão de, digamos assim, sentido mais coletivo da prática de artes visuais.

Tu achas que faltou movimentos da Chico Lisboa?

Mas a Chico Lisboa teve premiações! Eu era da diretoria quando foi reativado o Prêmio Câmara Municipal de Porto Alegre, que era um prêmio que a Chico Lisboa dava junto com a Câmara, não sei se continua ativo. Então talvez o que esteja acontecendo é que esta premiação não esteja sendo suficientemente enfatizada, valorizada, não sei bem como está funcionando, vou ser sincera. Aliás, acho que até seria importante para o teu trabalho que tu cortejasses o Prêmio Açorianos com o da Chico Lisboa, já que é uma que existe e que tem muito mais tempo.

Sim. E alguma coisa a mais sobre o Prêmio que tu terias em mente para falar?

Eu acho que se pode fazer várias críticas como não poder premiar gente do interior do Estado, de repente se pode sugerir alterações no regulamento, mas eu acho que a existência do Prêmio é muito importante e a valorização que ele está tomando. Eu acho que o fato dele funcionar como um evento, ter a premiação, ter uma divulgação, ou seja, dar uma visibilidade, digamos assim, o Prêmio tem uma visibilidade, o Prêmio outorga uma visibilidade aos artistas, então acho importante. A importância do Prêmio é ter visibilidade para dar visibilidade.

12. Marisa Veeck

Concedida no dia 25 de março de 2010.

Produtora cultural. Em 2001, enquanto trabalhava na Coordenação de Artes Plásticas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, foi a mentora do Açorianos de Artes Plásticas; mais tarde, na terceira edição (2009), concorreu ao próprio prêmio, na categoria Textos, Catálogos e Livros Publicados; em 2010, o projeto *Gráfica Gaúcha III*, com curadoria de Anico Herskovits e sua produção, venceu na categoria Curadoria.

Tu criaste o Prêmio Açorianos quando tu estavas trabalhando na Prefeitura...

Em 2001, quando eu era coordenadora da Artes Plásticas. A gente começou as primeiras reuniões para estudar o regulamento, a partir dos regulamentos que já existiam dos outros Prêmios Açorianos, então eu convidei a Clara Pechansky, o Alfredo Nicolaiewsky, Anete Peres... não lembro se tinha mais alguém... Pra estudarem aqueles regulamentos pros editais e criar o nosso de Artes Plásticas. Como eu fiquei só 10 meses na Coordenação, quando eu saí este processo estava na Prefeitura, praticamente aprovados, só faltava a publicação e quando eu saí parou e quem levou adiante isto foi a Ana Pettini. Foi a Ana Pettini quem pegou este material que só faltava publicar em Diário Oficial.

Mas como surgiu a idéia da criação do Prêmio? Tu tiveste a idéia sozinha, ou teve alguma conversa em conjunto?

É que a gente já discutia há muito tempo por que existiam os outros Prêmios e não existia esse. Então era um descontentamento geral da classe. Daí quando eu fui convidada pra trabalhar na Coordenação eu pensei “Então vamos fazer isto!”.

E o que tu achas da Coordenação de Artes Plásticas hoje em dia? Tu considera que está atuando bem?

Ontem mudou, foi empossada a Anete e antes era a Ana Pettini. Eu acho que a Ana fez um trabalho excelente! Eu gosto muito do trabalho dela, ela enfrentou algumas crises financeiras nos últimos dois anos, mas eu acho que independente disso ela conseguiu fazer um trabalho muito bom. Eu acredito que com a Anete vá continuar este mesmo tipo de trabalho, pois elas já trabalhavam juntas e a Anete é uma pessoa que está dentro do Atelier Livre. Pois se tu pensares bem, dentro das Artes Plásticas em Porto Alegre, o equipamento mais forte é o Atelier Livre, é o que “comanda”, vamos dizer assim. E a Anete é uma pessoa que vive do Atelier a mais de 30 anos, ela era garota quando começou lá dentro...

E Por que escolher premiar artistas de Porto Alegre?

Porque é um Prêmio municipal.

Mas daí não acaba excluindo algumas exposições que acontecem em Porto Alegre?

[Silêncio]

Eu não sei... eu vejo assim, acho que o Prêmio é do município de Porto Alegre e que deve priorizar os artistas daqui, a não ser que criassem dentro do Prêmio uma categoria independente, que pegasse as exposições que vêm de fora ou com artistas de fora. O que eu acho inclusive, que se tu pegares exposições de fora, por exemplo, que vem para Iberê que é um espaço cultural com bastante respaldo financeiro, ele pode trazer artistas do Rio e São Paulo de nome e com toda uma estrutura, que não seria legal este tipo de concorrência com o pessoal que está começando aqui... para os espaços menores. Então se fosse criada uma categoria nova, de artistas, exposições que não são de Porto Alegre, daí tudo bem. Acho que não comporta, até porque geralmente essas ações de município, elas são em função do município.

E o que tu achas das categorias, como elas foram criadas? Foi a partir dos outros Prêmios? O que levou vocês a escolherem.

Já faz nove anos que este pessoal se reuniu e eles se reuniram especificamente em função disto. Eu acredito que fizeram em função do que mais acontecia naquele período e quais eram as categorias predominantes em Artes Plásticas. Eu acho que deveriam ser revistas estas categorias. Acho que é até uma sugestão que podemos fazer para Anete, que reúnam um grupo e revejam este tipo de coisa. Uma das coisas que eu sinto falta, que é muito importante e que está acontecendo muito por aqui que é a publicação de livros. Não tem o Prêmio pro designer deste livro. Então eu acho estranho. Não que eu queira puxar a brasa pro meu lado, mas eu, por exemplo, trabalho com produção cultural, sou produtora. Então eu fiz a produção do livro do Weingärtner, fiz mais de treze livros em termos de produção. Não existe um Prêmio para produção e nem para o designer!

E que é uma parte super importante e hoje em dia as quantidades de trabalho...

É, e talvez, quando foi feito este Prêmio, há nove anos atrás, quando a gente se reuniu para elaborar este regulamento não existia como existe hoje esta quantidade de publicação, que é uma categoria forte se tu pensares bem. Porque, por exemplo já tiveram vários livros o do Iberê que a Mônica Zielisnky fez, aquele que o Chico fez agora sobre esculturas de Porto Alegre e as outras que ele mapeou. São muito importantes! São importantes pra cidade e nunca se premia o cara que desenhou este livro. Eu acho que deveria ser revisto isso daí.

E tu achas que depois de três edições houve alguma injustiça?

Bem, tu sabes que a gente sempre acha, sempre temos preferências. Achar que fulano teria mais condições ou trabalhava melhor, mas isto é uma coisa muito particular. De um modo geral eu acho que o Prêmio está bem. Uma coisa que eu sempre falei, é quando existia numa mesma categoria concorrendo em termos de espaços expositivos, por exemplo, a Iberê concorrendo

com a Subterrânea. A Fundação Iberê pela sua própria natureza, deveria ganhar um prêmio especial pelo que está fazendo, mas não concorrer com estes espaços pequenos. Isto é uma coisa que não faz sentido. De modo geral, em termos de artistas, é tudo uma questão muito pessoal, tem pessoas que acham importante determinado artista e tu já não achas que é tanto. Mas eu sei que o que é feito no trabalho de seleção e premiação é um trabalho bastante sério. Um grupo bastante sério e é levado bem a sério.

E tu achas que existem cotas nas premiações?

Não tenho idéia, sinceramente. Não imagino como funciona, pois nunca participei do júri de premiação e seleção, até porque sempre tenho algum projeto que está concorrendo e nunca fui convidada, então não tenho idéia de como funciona. Vou te ser bem sincera, eu ao menos nunca consegui ouvir alguma coisa, de ter vazado algum resultado. Me dou muito bem com a Ana e muito bem com a Anete, que era quem coordenava esta parte toda de seleção e apesar da gente se dar super bem, ela nunca me colocou alguma coisa. É um Prêmio que o pessoal deve fazer um juramento de não deixar vazar alguma notícia. Então não sei te dizer os itens que eles fazem para escolher.

Teria algum problema a mais do Prêmio? Coisas que deveriam mudar?

Acho que deveriam ser revistas as categorias. É possível acrescentar e tirar. Como ano passado eles fizeram um Prêmio especial que foi muito interessante que foi para o Décio e para o Lisbôa, que foram pessoas importantes nas Artes Visuais no RS. Isso eu acho legal! Por exemplo, como eles fizeram pro Xico Stokinger. Então eu acho isso importante, pois eu acho que isto deveria acontecer em todos Açorianos, uma homenagem para alguma pessoa que fez algum trabalho como neste caso. Pessoas que não precisam ser necessariamente artistas, mas que foram pessoas importantes.

Então tu achas que o Prêmio tem que valorizar todos os agentes do campo, não apenas o artista ou só a galeria?

Sim! Fazer pelo menos esta homenagem para pessoas. Achei esta para o Décio e para o Lisboa, uma homenagem super interessante. Para quem viveu este período e este momento. Tem que valorizar estas pessoas que dão suporte.

13. Niura Ribeiro

Concedida por e-mail no dia 18 de abril de 2010

Crítica de arte. Professora de História da Arte junto à Feevale e ao Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, foi membro dos júris de seleção e premiação da segunda edição (2008).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

É um espaço de divulgação, reconhecimento e estímulo de pesquisas teórico-plásticas não somente dos premiados, mas também dos indicados.

Como tu entendes a importância dele no campo artístico da cidade?

A importância do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas está no reconhecimento e no estímulo às produções artísticas que se destacaram em cada ano procurando contemplar tanto a área de Teoria e Crítica da Arte como também a de Poéticas Visuais. Penso ser importante também o espaço existente para premiação tanto de teóricos e artistas de longa trajetória como também de outros(as) que estão ingressando no sistema das artes visuais.

Tu fizeste parte do júri do II Açorianos, quais foram os critérios de seleção e de premiação?

Os critérios de seleção e premiação foram discutidos entre os membros da comissão no início dos trabalhos, antes de começar as escolhas e giravam em torno dos critérios de contemporaneidade das obras teórico-plásticas e da relevância de contribuição estética do assunto abordado em se tratando de publicações, curatorias, apoio institucional, dentre outros. Embora todo processo de escolha seja excludente, muitas vezes, torna-se um dilema para o(a) jurado(a) realizar a escolha quando há mais de um(a) candidato(a) ao prêmio com trabalho de excelente contribuição.

Todos do júri viram todas as exposições?

Penso que a maioria dos jurados viu as exposições. Não me recordo se alguém comentou que não viu alguma exposição. Todos os que participam devem ser avisados com a antecedência necessária para ver as exposições.

Tu achas que existem cotas no Prêmio, ou seja, premiados não podem ganhar mais de uma vez? E tu concordarias com isso?

O que tenho observado é que alguns já receberam o prêmio mais de uma vez. Penso que os premiados podem ganhar mais de uma vez, desde que a produção seja relevante, oferecendo uma contribuição significativa para a sistematização da História da Arte. Mas, se existe mais de um trabalho com o mesmo teor de relevância numa das categorias, sou a favor que o prêmio seja dado àquele que ainda não foi premiado em edições anteriores.

O que você acha das categorias?

Alguns trabalhos podem ser enquadrados nas categorias propostas, mas outros apresentam cruzamentos de linguagens e isto dificulta a separação por categorias.

Como foi para júri de seleção do II Açorianos colocar tantas linguagens artísticas contemporâneas dentro das categorias criadas pelo edital?

As categorias do edital, por vezes, podem não contemplar determinados trabalhos como por exemplo, obras que utilizam mais de um meio, como pintura e fotografia, pintura e gravura, escultura e vídeo ou que façam uso de vários meios ao mesmo tempo. Neste caso, é preciso tentar, se possível, colocar os trabalhos na categoria que mais se aproxima.

Tu vês problemas no Prêmio? Quais?

Durante o júri que participei já sugeri, por exemplo, que a categoria escultura devia ser substituída por tridimensional ou instalação, pois há trabalhos de relevância que não são propriamente escultura e fica difícil enquadrar numa determinada categoria. O nome do prêmio deveria trocar para Prêmio Açorianos de Artes Visuais.

14. Paulo Gomes

Concedida no dia 05 de abril de 2010.

Artista plástico e curador independente. Concorreu em três edições (2007, 2008, 2009), sendo indicado, nesses anos, em cinco categorias; venceu duas vezes (2007 e 2008). Foi diretor do IEAV e atualmente é professor do Instituto de Artes da UFRGS.

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu vou dar um valor ao mérito do Prêmio, é isto?

Isto!

Eu acho popular por várias razões, primeiro porque é reconhecimento de uma categoria profissional, que é isto da legitimidade institucional. Nós não tínhamos o Prêmio de Artes Plásticas, o que era lamentável. Segundo, porque independente de qualquer distorção que possa haver, é um reconhecimento de colegas para colegas e isto é muito legal. Terceiro, o fato de ser um prêmio público e institucional dá um acréscimo de visibilidade aos trabalhos, ou seja, pelo menos das vinte e quatro horas que vem na sequência da entrega do prêmio, o trabalho da gente ganha uma espécie de sobrevida e as pessoas ficam sabendo. Então são razões bem diferentes para relevância do Prêmio. Acho uma iniciativa ótima, não sei se é o melhor formato ou a melhor maneira, mas independente de qualquer coisa eu acho bárbaro o Prêmio.

Qual histórico das tuas premiações antes do Açorianos?

Eu ganhei destaque de uma exposição dado por um jornal, mas prêmio não havia, pelo menos não com a qualidade de prêmio. A partir do Açorianos sim, fui premiado e para mim foi muito legal.

Houve alguma mudança na tua carreira depois das duas vezes que tu foste premiado?

Não, acho que houve um reconhecimento mais institucional. O fato de ganhar um prêmio repercute dentro da universidade, também junto às instâncias que tu estás trabalhando, mas não cria mais trabalho e não cria aumento de cachê (até porque não tem cachê). Então, é realmente um reconhecimento, é o lado “ego” que fica legal com o prêmio.

Quais as diferenças que tu apontarias neste edital em comparação aos outros editais que tu conheces?

Os outros prêmios no momento são por inscrição e são concorrências públicas, então não é prêmio por trabalho realizado, somente é prêmio para realização de trabalhos e nós não temos. Por exemplo, em São Paulo tem a Associação ... de Crítica de Arte que dá prêmios, eles escolhem a melhor curadoria, a melhor exposição, o melhor texto e eles selecionam, eles indicam e eles premiam. Outra coisa, os outros prêmios normalmente são por inscrição, por

exemplo, os prêmios de literatura, normalmente, são os mais tradicionais, então as pessoas vão lá e inscrevem seus trabalhos. Ou, então, no caso de concorrer a um prêmio para publicação de livro, tu vais lá inscreve teu projeto, o projeto é analisado e concorre. Então, na verdade não tem muito parâmetro, a gente não tem muito a tradição de prêmio na nossa área.

E em comparação com outros Prêmios Açorianos, tu achas que tem algum desmérito por ser mais novo?

Eu já fui júri do Prêmio Açorianos de Literatura duas vezes e ganhei Prêmio Açorianos nas três primeiras edições. Então, eu participei dos processos, a primeira que era por inscrição e/ou indicação, o segundo que era só por indicação e o terceiro que retornou o critério de indicação e inscrição, que eu acho que é o melhor critério. Têm os problemas de mecanismos internos, eu acho, por exemplo, que os jurados deveriam, obrigatoriamente, ter visto as exposições, ou estado em Porto Alegre para ver as exposições, ter compromisso, pois é uma coisa que exige, pois a idéia não é premiar pessoas, é premiar trabalhos. Então, a melhor exposição de gravura, a melhor exposição de desenho, não é o melhor pintor, ou o melhor gravador e também não pode ser um prêmio histórico: “vamos reconhecer o mérito do fulano ou do beltrano que se preze”. Então, o Prêmio Açorianos tem algumas coisas que são complicadas e que a gente vê que os resultados não correspondem rigorosamente à realidade. Outra coisa que me incomoda é uma espécie de premiação por cota, se tu ganhas Prêmio em um ano, no ano seguinte tu não podes ganhar o Prêmio, se tu ganhas um Prêmio em uma categoria, tu não podes dobrar o Prêmio. Então, por exemplo, este ano a nossa equipe ganhou o Prêmio de melhor curadoria e nós obrigatoriamente deveríamos ter ganhado o Prêmio de melhor publicação, porque não tinha publicação melhor ou mais importante do que a nossa, mas como o Prêmio já tinha sido dado para nós como curadoria, não foi dado em publicação. Então, cria uma espécie de sistema de cotas que não corresponde à realidade das coisas.

Ano passado que deram o Prêmio de Publicação ao trabalho do Sandro Ka, tu achas que tem então a ver com isto?

Adoro o Sandro, ele é bárbaro, maravilhoso, gosto muito dele. Mas o Prêmio ele deveria ter concorrido à artista revelação, a projeto diferenciado, tem uma categoria, mas não deveria ter ganhado e nem concorrido à publicação. Porque o trabalho dele não se caracterizava dentro do perfil de publicação, porque não era um trabalho reflexivo, textual, era um trabalho autoral. Ele ganhou o Prêmio e ficou um Prêmio estranho.

Mas tu achas que eles estavam tentando mudar a visão ou foi um problema de categorias?

Não, esta foi uma divisão por cotas. Porque é assim: “Você já ganhou um aqui e não pode ganhar outro ali”. É cota, é visível a mentalidade do regime de cotas que já aconteceu outras vezes. E outra coisa, por exemplo, é a questão dos jurados, eu já participei como júri do Açorianos de Literatura três vezes, uma na categoria geral e nas outras vezes na categoria de projeto gráfico. Na categoria de projeto gráfico nós analisamos todo material, então não teve problema. Da outra vez que eu participei da categoria geral, eu recebi um mês e meio antes sessenta e tantos livros para analisar e ler, daí eu analisei o que não era para ser lido e li o que era para ser lido. Li uma eternidade de coisas, li três romances, três livros de contos, três livros de novelas infantis, li três livros de poesias, três livros de crônicas e em um mês eu li todo material e quando fui conversar com uma pessoa que era do júri, e ela perguntou “mas tu leste?” e eu disse “Li”, ela me disse que ninguém lê, disse que as pessoas não leem, daí eu comecei a me dar conta do que tinha acontecido e o que depois aconteceu no ano que eu participei, as pessoas premiam nomes, elas não premiam obras. A mesma coisa na Artes Plásticas, o Açorianos de Artes Plásticas está caindo neste erro, estão premiando nomes e não premiando obras. O que não acontece nem no Teatro nem na Música, que eles premiam produção e não pessoas.

Tu que já foste jurado, tu concordas que os jurados se repitam? Ou tu achas que tem que variar?

Eu acho que tem que haver uma parte que repete. Até porque os processos de seleção têm que ser encaminhados, e nada melhor do que a pessoa que participou deles para justificar a premiação. Não que seja obrigado, mas eu acho que ajuda. Então se a proposição é cinco jurados, dois devem passar. O que eu não acho legal é que a Prefeitura monopolize a quase totalidade dos jurados, isto eu não acho bom, eu não tenho nada contra, são todos amigos e colegas, mas eu acho que pegar um monte de gente do Atelier para ser jurado não é legal, porque cria uma espécie de processo endógeno que não funciona bem e isto cria umas situações que não é legal, então tem que ser um pouco mais aberto, quanto mais aberto for, melhor resultados terá.

E tu achas que existe alguma relação de amizade que predomina na premiação?

Não, não acho que relações de amizade, mas cria uma relação de reputação. “Fulano é bom artista, então vamos premiá-lo”. Mesmo que a exposição dele não seja a melhor exposição da categoria daquele ano.

E tu achas que tem alguma coisa a ver com o Prêmio ter demorado tanto a existir?

Não, porque não faz sentido. Se não a gente ia ter que fazer tantos prêmios de Artes Plásticas que a gente ia levar vinte anos resgatando, então realmente, é uma questão de condução do

processo. As pessoas que conduzem o processo são fundamentais, porque se a pessoa que está conduzindo o edital encaminha o processo da maneira mais aberta, franca e democrática, sem interferir pessoalmente, o processo é um. Se ela começa a colocar as posições dela, o processo vira outra coisa.

E tu achas que tem alguma interferência da Coordenação de Artes Plásticas, primeiro da Ana Pettini e agora da Anete Abarno?

Da Ana tinha com certeza, eu disse pra ela e por isto que eu estou dizendo para ti.

O que tu achas das premiações feitas até hoje? Alguma te indignou?

Algumas me deixaram profundamente satisfeito. Ano passado foi um ano especialmente complicado, eu não gostei do processo de pegar uma exposição coletiva, desmanchar e premiar individualmente as pessoas, porque se ela é coletiva, é coletiva, é um conjunto. Não pode escolher o melhor escultor, a Elaine Tedesco e melhor pintor, a Karin, pela exposição coletiva. Isso não é um critério correto, isso é desrespeitar a própria escultura do prêmio, independente dos méritos reconhecidos e notados (porque elas não precisam de mim para serem reconhecidas, a Elaine e a Karin), mas aquilo eu achei absolutamente uma estratégia manipulada e equivocada, porque ficou visível. Deve ter sido proposta dentro do júri e a organização aceitou. Não sei como foi, não participei do júri, mas não ficou legal.

Quais as novidades que tu achas que o Prêmio traz para Porto Alegre? Tu achas que traz novos nomes ou fica retomando nomes?

Traz, traz à tona um monte de gente. Nos dois primeiros anos do Prêmio, eu acompanhei muito de perto e praticamente vi todas as exposições que estavam. Eu tenho um regime de exposições, eu vou ver exposições, eu trabalho com isto então eu tenho que ver. Dois sábados por mês, em um eu vejo todas as exposições e no outro todas as galerias e faço isto sistematicamente durante todo ano. Então eu vejo um número enorme de exposições, eu só não vejo aquilo que é muito fora de mão para mim, ou que é muito rápido que eu não consigo ir. Mas o Prêmio traz um monte de coisas, revela nomes, premia coisas que são legais e que merecem ser premiadas, valoriza trabalhos que são merecidamente reconhecidos. O grande problema é que a maior parte dos jurados, isto não é uma acusação, é uma crítica, não vêem ou não viram as exposições que eles mesmos selecionaram. Então não adianta premiar o fulano X por exposição tal, porque o fulano é ótimo, às vezes a pessoa é ótima e fez um show péssimo, todo mundo tem dias bons e maus. Isso tem que estar claro, o Prêmio não é por mérito de carreira, é pela produção do ano, por isso é um Prêmio anual.

Falando em produção, tu achas que está certo concorrerem alguns lugares grandes como a Fundação Iberê Camargo, com lugares pequenos como a Galeria Gestual?

Acho que o júri que tem que dimensionar isso, o júri que tem que dar o valor e reconhecer os méritos, pois o que é bom no Santander e o que é bom na Gestual, é bom, o que é péssimo no Santander e o que é o péssimo na Gestual, é péssimo também. É a questão da qualidade. Tem um critério de bairrismo no Prêmio que eu acho lamentável, por exemplo, artistas que não moram em Porto Alegre, mas que são do Rio Grande do Sul, não concorrem a prêmios, o que eu acho de uma certa maneira injusto. A gente não pode colocar Porto Alegre como um centro, mas como é um Prêmio do município a justificativa é que é um prêmio do município, então até aí eu aceito. Só que tiveram duas exposições este ano que foram excepcionais e que não concorrem ao Prêmio, que é a exposição da Nara Amélia de gravura na Prefeitura, lá na Usina do Gasômetro e a exposição de pintura da Lenir de Miranda, que é de Pelotas, no MARGS e elas não concorrem prêmio, o que eu acho injustiça. A Lenir fez a melhor exposição de pintura nos últimos dez anos em Porto Alegre. Então são os problemas dos limites municipais do Prêmio.

Tu achas que faltam categorias?

É existe um problema de categorias. Porque as categorias ficaram dentro das Belas Artes: pintura, gravura, desenho... então as categorias poderiam se tornar flexíveis. Talvez neste caso seja o edital que tenha que ser mudado, mas eu acho que o júri tem condições de modificar as categorias. Por exemplo, se não tem exposição legal este ano, não tem exposição boa de escultura, mas “temos que premiar uma exposição de escultura”, daí premia o menos pior, isto é raro. Se não é bom não premia, mas por que este prêmio de escultura não pode virar um prêmio de uma outra categoria, por exemplo, instalação, isto funciona. Mas tudo bem, o Prêmio foi pensado ainda dentro destas categorias e o modelo dele ainda é um modelo setorizado como o do Teatro e da Literatura, então de uma certa maneira limita, mas isto não impede que o júri flexibilize e atribua o prêmio de escultura a quem fez uma instalação. É só os jurados de seleção organizarem indicados e deixar que o júri de premiação organize as categorias.

E tu acha que o Prêmio Açorianos pode ser visto como uma política de eventos, mais do que uma política cultural da Prefeitura?

Isto é uma coisa complicada, porque rigorosamente falando a gente não tem uma política de cultura no Estado, nem no município. A gente tem iniciativas programadas, mas que não caracterizam realmente um Prêmio. O Prêmio talvez seja uma iniciativa de política de cultura, de reconhecer o valor e premiar os valores daquele período, mas não acredito que o Prêmio tenha muito esta orientação, acho que não chega a caracterizar uma coisa ou outra, o Prêmio é uma coisa meio “estação”, meio distante de um ano inteiro. Tu fazes um apanhado com os mais destacados do ano, que também não é o melhor, porque cada júri escolhe o que ele acha melhor, então não é o melhor, é o destaque. É o que aquele júri considera o mais destacado no

ano. O que eu acho que poderia haver é um trabalho mais sistemático com o Prêmio, no sentido dele ter mais repercussão. Por exemplo, o ano passado eu mandei uma carta reclamando para à Zero Hora ao mal tratamento que eles deram à premiação, porque eles fizeram uma matéria vagabunda no jornal com os premiados e eu reclamei. Primeiro eles não contemplaram a lista completa dos indicados e segundo não deram a lista completa dos premiados, eles pegaram um ou dois prêmios e deram todo destaque, isto é incorreto. Pois, se eles não trabalharem o Prêmio como ele deve ser trabalhado, ele não tem nenhum valor, porque o grande mérito do Prêmio é a repercussão que ele dá e este é o grande prêmio, o que ele poderia dar. Então não há uma cobertura legal da mídia. Os prêmios no Brasil não tem valor, este que é o problema. Na Europa, quando abre a temporada de prêmios literários, todas as livrarias colocam os livros indicados nas vitrines, aquilo vira assunto, as pessoas debatem, discutem, as pessoas ficam envolvidas com aquilo. Quando vem o prêmio, é uma consagração pública, mesmo que aquilo dure um ano, no outro ano vem outro prêmio e tu deixaste de ser “a rainha das piscinas” e a outra que ganha, mas durante aquele ano a coisa funcionou e aqui não. O prêmio de literatura, por exemplo, poderia dar uma cartela com selos para grudar nas capas dos livros, as livrarias poderiam botar os livros nas vitrines, as galerias poderiam botar nas vitrines. Os próprios artistas não colocam nos seus currículos que ganharam o prêmio e nem que foram indicados para o prêmio. Isto é prêmio! Se num universo como Porto Alegre, tem 400, 300 exposições por ano, eu não for considerar que a minha indicação é um prêmio... As pessoas tem que começar a valorizar isto daí, não porque é legal, mas é reconhecimento. A gente tem que começar a fazer o mecanismo funcionar e para ele funcionar, todas as engrenagens têm que funcionar em volta.

O que tu achas das premiações em dinheiro? Acha que é pouco, que é certo este sistema de premiar apenas o destaque?

Acho que deveria ter prêmio para todo mundo. Não custaria premiar todos. Acho que deveriam ser destinos financeiros à produção, mas daí talvez teria que ter outro critério, criar outra rubrica, não sei se funciona em termos de lei isso daí. Acho, realmente, muito miserável o prêmio de artes. Eu até preferia que fosse assim: os prêmios em destaque para os jovens, revelação, os três artistas revelação poderiam ganhar uma bolsa em vez de dar prêmio em dinheiro, dá uma bolsa de dez mil reais para cada um destes três artistas durante um ano, isto seria um baita prêmio. Porque eles iriam poder produzir durante um ano com o caixa da bolsa. Isto seria muito legal! Melhor do que dar prêmio em dinheiro, funcionaria muito melhor.

15. Teresa Poester

Concedida no dia 11 de junho de 2010.

Artista plástica. Professora junto ao Instituto de Artes da UFRGS, foi agraciada na primeira edição (2007) na categoria Melhor Exposição Coletiva, com a exposição *Passos Perdidos*; na segunda edição, venceu na categoria Destaque em Desenho (2008); na quarta, foi júri de premiação (2010).

O que tu achas do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas?

Acho que um prêmio é uma coisa sempre muito relativa. Esse sistema de prêmios e de salões existe no sistema de arte convencional, salões, depois prêmios, e existe hoje em modalidades diferentes em todo mundo. Por exemplo, em alguns países o prêmio é uma residência de artista, ou o prêmio é uma exposição, essa modalidade daqui é muito particular. O prêmio dá uma certa satisfação para quem ganha, um certo prestígio, mas está ainda no início e tem uma série de falhas.

Como existe o Prêmio Açoriano para Música, para Teatro e para Literatura, já é um prêmio tradicional na cidade e acho interessante que exista para Artes Plásticas também, foi uma conquista essa inclusão. Talvez a gente pudesse rever essa modalidade, mas acho bom que exista uma verba, mesmo que mínima agora, para as Artes Plásticas. Talvez seja um começo. A verba para cultura é muito pobre no Estado, é uma coisa triste de ver. Pelo menos, o Prêmio Açorianos - com todas as dificuldades e os defeitos que a gente possa colocar e que as próprias pessoas que fizeram o prêmio conhecem bem – traz consigo possibilidades de melhora. Eles fazem um pequeno catálogo com as condições que têm, que são mínimas, mas existe alguma coisa, que pode representar um pouquinho. Claro, têm pessoas que mereceriam o prêmio e não estão lá, mas a gente tem uma certa idéia, muito abrangente e muito fragmentada, mas ainda assim uma idéia, da produção daquele ano, se não, não se teria nada. O que acontece em Porto Alegre é que há quase vinte anos, não se tem uma exposição panorâmica do que se faz no Rio Grande do Sul, o que existe são alguns artistas que se reúnem, que fazem exposições individuais ou que eventualmente exposições entre dois ou três, mas uma panorâmica, como existia o Arte Sul, ou aquela exposição de desenho contemporâneo que foi até brasileiro, ou algumas exposições que aconteceram aqui na década de 80 e que abrangeram um número maior de jovens artistas e de artistas que tinham uma trajetória considerável... isso não existe mais. Então se perde a identidade de conjunto, a idéia de conjunto. Nesse sentido esse pequeno catálogo e essa possibilidade de ter a exposição depois do prêmio dão uma idéia mínima de conjunto na produção do ano. Esse é um prêmio respeitado nas áreas de música, teatro e literatura. Algumas vezes o artista visual, como não tem uma atividade coletiva, tem tendência a

achar complicado tudo que é coletivo. Claro que a concorrência é sempre chata e difícil. Esse prêmio ainda está no começo para se avaliar, pode sofrer muitas modificações mas, para isso, é preciso haver um começo, com todos os problemas.

Tu recebeste duas vezes o Prêmio Açorianos, Destaque em Desenho e Destaque em Exposição Coletiva. Como foram essas premiações? Como tu te sentiste? Quais foram as coisas que mudaram para ti depois das premiações?

Mudar, não mudou nada. Na verdade, eu tenho um trabalho mais antigo e as duas vezes que recebi o prêmio, eu estava na França na época, e, justamente, coincidiu com o primeiro e com o segundo, então eu só assisti essa premiação, só vi como era feito e só poderia te falar de alguma impressão em relação à isso nessa última vez que foi agora, há uns dois meses atrás. Achei a apresentação é excessivamente formal. A primeira vez que recebi foi com um grupo de jovens artistas, talvez para eles tenha representado algo diferente pois foi o início do Atelier Subterrânea, então isso pode ter dado algum tipo de incentivo. Isso terias que ver junto a eles. Penso que ajudou a dar uma certa visibilidade ao Atelier. Foi com uma exposição do Grupo dos Passos Perdidos, um grupo em que eu participava junto com alguns deles, a Adauany, o James, o Gabriel e o Antônio Augusto, que também começou na Subterrânea e depois montou um atelier individual. E esses cinco, antes de existir a Subterrânea, se reuniram aqui em casa quase um ano antes, discutindo desenho e desenhando juntos. Depois, quando eles alugaram aquele espaço, a gente se reuniu lá e coincidiu que, naquela ocasião eu tinha vindo à Porto Alegre, daí resolvemos fazer essa exposição. Se chamou Sala dos Passos Perdidos, que era do Grupo Passos Perdidos, esse nome tem a ver com as salas de uma “gare”, estação de trem, na França, são as salas onde as pessoas esperam, onde ficam meio perdidas como ficamos quando iniciamos um desenho de jeito que fazíamos. Era um grupo de desenho experimental que tinha uma linha muito específica. Esse prêmio, objetivamente na minha vida, não mudou nada, mas é um reconhecimento e uma satisfação, trabalhar com gente jovem. Sou professora e gosto muito disso, é uma maneira de não enferrujar .

E tu achas que foi um incentivo ou foi só uma coisa pontual que passou?

Eu acho que para a Subterrânea talvez. Penso foi legal já começar com um prêmio mas seria melhor perguntares para eles. Depois eles tiveram outros individuais. Mas acho que no momento da abertura do Atelier foi importante. Eu, como estava fora, não pude saber bem o que se passou .

Tu falaste que o prêmio seria para pessoas que já tivessem uma trajetória, também. Tu achas que o Prêmio Açorianos é uma premiação de meio de carreira?

Não, eu não falei que era um prêmio para pessoas que já tivessem trajetória. Eu falei que seria interessante haver exposições que dessem uma idéia panorâmica de artistas jovens e já com maior trajetória. O que eu disse, é que, no Prêmio Açorianos não tem só a história do prêmio, depois fazem uma pequena exposição com os premiados e isso possibilita que se tenha uma certa idéia do que está se fazendo e que se pense sobre as exposições que foram feitas. Com todos os problemas, com exposições que deveriam estar ali e que não estão, que deveriam ser premiadas e não foram e isso sempre acontece num prêmio, pelo menos existe uma exposição e um pequeno catálogo.

Agora quero saber desse ano, que tu foste júri. Como tu foste chamada? Quando tu foste chamada? No dia da premiação falaram que tu aceitaste não ser indicada para ser membro do júri, isso foi simples? Como foi o processo?

Foi o ano passado, eu tinha feito uma exposição de desenho. Agora eu não lembro se eles me chamaram antes ou depois dessa exposição. Ligaram me convidando... e, como eu participava como desenhista, pensei que não poderia ser júri. Daí pensei, posso ser júri se não ficar como indicada. Ficou uma situação um pouco difícil porque eu não sabia bem como entrar sem ser indicada pois isso deveria ficar claro. Disse que só poderia ser júri se eu não entrasse como indicada mas falei por telefone e fiquei esperando uma decisão.

Mas tu preferias ter sido indicada?

Eu fiquei em dúvida, na verdade. Deixa eu me lembrar... Eu falei que aceitava se fosse assim, sem ser indicada e que isso teria que ser claro, e a Anete Abarno ficou de ver com a Ana Pettini, na época coordenadora, que estava viajando. Depois a Ana Pettini me falou sobre isso, que havia me confirmado no momento que eu estava no vernissage de uma exposição minha, mas como nesses momentos fico atrapalhada com tanta gente e não computei. Então, para mim não houve uma resposta oficial se eu ia ser júri e eu imaginei que não. Encontrei por acaso duas pessoas que eram do júri e que disseram “Vamos nos encontrar no júri” e eu falei “Mas como assim? Eu não estou sabendo”. Logo telefonei para saber e as coisas foram se esclarecendo aos poucos. Já tinha saído no Diário Oficial e eu fui do júri, como havíamos falado no início. Não me arrependo. Já havia ganhado o prêmio uma vez de desenho. Mesmo que o Prêmio Açorianos não mude a vida da gente, é bom ganhar. É uma possibilidade talvez de abrir alguma porta para um jovem, não sei, mas, depois de tantos anos de trabalho, se as portas não são abertas, é porque aqui em Porto Alegre as portas são realmente muito difíceis.

Tu achas que a Coordenação de Artes Plásticas interfere nas escolhas do júri?

Eu acho que a gente teve bastante liberdade. Eu acho que quando se é júri, tem que se pensar não só na exposição que eu gosto mais, que eu acho legal, eu acho que tem levar em

consideração um certo respeito pela trajetória dos artistas, tem que se pesar os prós e os contras, tem que ter um equilíbrio entre o gosto pessoal, se é uma exposição bem montada, mas também na importância o evento tem para cidade. Esse júri eu achei bem alinhado, ninguém ali puxou a brasa para sua sardinha quando havia empate, porque nenhum momento houve unanimidade, sempre houve uma argumentação razoável. Às vezes tem júris que tem algumas pessoas que querem impor muito, são irredutíveis, não foi esse o caso.

E tu participaste de muitos júris?

Sim, alguns! Mais antigamente, de salões, não lembro quantos, mas pelo menos uns cinco ou seis eu já participei.

E prêmios, quais tu já ganhaste?

Eu nunca ganhei muitos prêmios, porque eu não participei muito de salões. Mas quando eu era jovem, dos poucos que participei, ganhei dois prêmios e pensei “Bom, já está bom, já tenho o suficiente para colocar no currículo”. Então não participei mais de salão. Ganhei um primeiro prêmio em um salão que se chamava Arte Sul América, uma coisa assim, cada ano era numa cidade da região sul, esse foi em Florianópolis e foi com desenho. Depois, jovem ainda, ganhei outro prêmio, que foi legal em dinheiro, eram dez artistas do Brasil e era em São Paulo, no MASP, também ganhei com desenho. Depois o Açorianos, que é um outro tipo de prêmio.

E eles fizeram diferença para tua carreira e para ti?

Acho que ajuda a gente a ter auto-confiança. Eu sempre duvidei muito da minha capacidade de trabalho. Sempre pensava “Será que o que eu estou fazendo é interessante para ser mostrado? Será que o que eu estou fazendo interessa a alguém?”. Essa insegurança a gente tem principalmente no início, quando se começa a expor o trabalho. Uma coisa é a gente fazer porque gosta, outra coisa é fazer porque acha que aquilo pode ter algum interesse para o outro, para uma terceira pessoa, e é essa condição para que o trabalho exista como um trabalho artístico. Acho que o trabalho que é só para a gente, ele não cumpre uma função de comunicação que, penso, toda obra de arte deve ter. É importante mostrar, até para ter um retorno. No início, quando eu comecei a mostrar, estudante ainda, em 78, eu era muito insegura como quase todos que começam. Mas acho importante, no que fazemos, manter uma certa dose de insegurança pela vida inteira.

E o que tu achas das categorias do Prêmio Açorianos?

Eu acho difíceis essas categorias, mas ao mesmo tempo, falando com a Ana Pettini, ela deu uma explicação meio genérica que me convenceu parcialmente porque eu não cheguei a conversar mais para poder entender melhor o porque dessas categorias. Hoje como a gente tem toda essa quebra de categorias têm trabalhos que não se encaixam em nenhuma. É

complicado, como eles fariam isso no prêmio? Para teatro tu podes premiar figurino, cenário, enfim, como seria no caso das artes plásticas? Teria que se pensar. Talvez um prêmio geral para dez exposições, não sei. Tem algumas exposições que foram indicadas como desenho, por exemplo, e que eram exposições completamente híbridas que poderiam entrar como gravura ou como pintura, etc... Projeto alternativo, o que é bem isso? Instituição alternativa tem poucas aqui em Porto Alegre, então tu fazes o primeiro prêmio, segundo, terceiro e daqui a pouco todas já foram premiadas.

Mas eu acho que, mais importante do que esse prêmio, é se dar mais importância a cultura nessa cidade e nesse Estado. O MARGS, por exemplo, a forma com que as coisas acontecem lá, o mesmo diretor acumular todos os cargos. Deveria ter alguém da área para um ser o diretor do MARGS, outro o Diretor do MAC, outro o Secretário de Cultura e ter pessoas capacitadas. Nós temos cada vez mais formados em teoria e crítica, cada vez mais pessoas especializadas em história da arte, mas pouquíssimos administradores culturais. Esses cargos que deveriam ser técnicos acabam sendo mais burocráticos e políticos. Não existe verba porque não existe vontade política. Infelizmente é assim. O MARGS, por exemplo, deveria ser o melhor museu do mundo de arte gaúcha. Quem quisesse ver arte gaúcha, como diz o Paulo Gomes, teria que ir no MARGS. Deveria se investir nisso. Como quando a gente quer ver a Escola de Los Angeles, a gente vai ver museus de Los Angeles, quando se quer ver a Escola de Nova York, vai à Nova York, a Escola de Grenoble, vai a Grenoble. Mas se eu quiser ver arte gaúcha? Ter uma idéia representativa do que se faz hoje aqui? Não vai ter lugar no mundo que mostre se isso não acontecer aqui, se o museu não mostrar o que se faz, o que se fez. Quem é que vai fazer isso? E nós temos tantos artistas excelentes.

Nós estamos falando de estado. Agora voltando a falar do município, a Prefeitura tem um acervo de doações, então a Prefeitura está fazendo um trabalho, com todas as dificuldades que eles têm, de mostrar coisas do acervo, Acho que os funcionários que ganham pouco estão fazendo o melhor que podem, mas tem que haver interesse político, verba, vontade !

Como tu pensas em relação ao fato de premiarem só artistas de Porto Alegre?

Eu sou contra, eu acho que deveriam ser artistas do Rio Grande do Sul. Esse ano nós deixamos de indicar artistas importantes porque tinha essa história. Acho também muito relativo isso. Eu, por exemplo, não sou de Porto Alegre, sou de Bagé, moro aqui, mas poderia morar no município ao lado. Acho que temos que olhar mais para dentro do Estado. Muitos artistas do interior têm uma produção importante e seria ótimo poder conhecê-los. Se a gente não se auto-valorizar e respeitar que vai fazer isso? Tem tanta coisa legal no interior do estado, tanta gente trabalhando...

Tanto o Açorianos, quanto as instituições, as poucas que tem, o difícil é manter... São instituições que poderiam trabalhar de outro jeito, mas que têm muitas dificuldades. Não adianta construir novos centros culturais se não tem gente para administrar e os que tem estão decadentes em poucos anos, se não tem verba nem projeto ideológico que possa fazer a coisa funcionar. Eu acho que os funcionários do estado e do município fazem o que podem fazer dentro das poucas possibilidades que tem. O pessoal no Gasômetro ainda resiste e faz boas coisas nas várias coordenadorias. O problema é que existem prioridades na política e a cultura não é.

Independente das falhas em todos os prêmios porque prêmio já é uma coisa esquisita, no caso do Açorianos os prós, os contras e as sugestões que poderia se dar dentro dessas limitações são as seguintes:

As falhas: é um prêmio que ainda está sendo feito de uma forma amadora. O júri deveria ser escolhido bem antes, para que os participantes vissem todas as exposições ao longo do ano, deveria ter uma verba para esse júri (essas são as condições ideais), deveria existir uma equipe específica que se ocupasse do Prêmio Açorianos. Isso evitaria alguns membros do júri ter que fazer sua escolha por material, porque é muito diferente de ver realmente o trabalho e a montagem, especialmente na nossa área. Depois, essa coisa dos artistas serem só de Porto Alegre, seria interessante se fossem artistas do Rio Grande do Sul. E ainda a escolha do júri que é complicada, deve ser muito difícil aqui em Porto Alegre escolher um júri pois tem que ser alguém da área prática, outro da teórica e muitas vezes os próprios jurados também são concorrentes, é difícil também não repetir. São poucas as pessoas que vão poder não concorrer e ser júri. É preciso achar cinco pessoas a cada ano com essas características ideais. É uma empreitada difícil esse Prêmio Açorianos!

Outra das "críticas" é essa questão das categorias, tem coisas não se encaixam em algumas categorias e como fazer para contemplar isso?

A coisa boa é o fato de que está existindo alguma verba para as artes plásticas, que antes só existiam para as outras áreas. O fato de que é um começo de algo que pode melhorar muito ainda.

Como referências existem prêmios como o prêmio Marcel Duchamp, na França, em que o artista do ano ganha uma exposição no Centro de Artes Georges Pompidou, numa sala especial. Ou, como na Espanha o Salón de los Trece, são treze artistas escolhidos no ano para uma exposição com um excelente catálogo. Se pudéssemos fazer aqui, como sugestão, algo assim como oito artistas por ano, ao cabo de seis anos teríamos cinco catálogos com a produção de uns cinqüenta artistas que seriam representativos desse período. Penso que talvez fosse mais

interessante, mais fácil de organizar e menos constrangedor do que colocar os artistas em concorrência direta num local. Mas, não sei se tenho razão. Nesse primeiro momento, acho que foi importante ter um catálogo e uma exposição, é sempre é a tentativa de se fazer alguma coisa. Não podem ser só críticas, tem que se valorizar o que existe e procurar melhorar a partir disso.

16. Túlio Pinto

Concedida no dia 14 de junho de 2010.

Artista plástico. Vencedor da quarta edição do Açorianos na categoria Destaque em Escultura (2010). É um dos artistas ligados ao Atelier Subterrânea, premiado em 2009 como Projeto Alternativo.

Como foi para o Atelier Subterrânea receber o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas no começo de sua trajetória? O que mudou desde então?

O Prêmio Açorianos que a Subterrânea ganhou em relação à Produção Alternativa, para o espaço foi uma surpresa, em função dos concorrentes. Principalmente pensando no Torreão, que era um espaço que tinha uma história de alguns anos, que tinha uma consolidação, uma legitimação no sistema, tanto local quanto nacional e para nós isso foi uma grata surpresa, por a gente ter sido escolhido pelo júri de premiação naquela categoria. Para o espaço, na verdade, o que muda é no sentido de você perceber que está num caminho certo, ou que está num caminho acertado. É um prêmio local, é um prêmio que faz bastante sentido para a cidade, não é um prêmio que tenha uma ressonância nacional. Mais pros amigos, para as pessoas próximas, para os artistas, críticos e curadores que têm contato com a gente, foi uma data feliz para todos nós.

E como foi ter ganhado o Prêmio Açorianos esse ano em Destaque em Escultura?

Em relação à minha produção, a mesma forma como da Subterrânea... ganhar na categoria de Destaque em Escultura em uma exposição que eu fiz no espaço público. Foi uma exposição que eu ganhei dentro do edital da prefeitura, fui selecionado e mostrei na Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro. Da mesma forma, foi uma surpresa, pois eu estava concorrendo com uma exposição da Lia Menna Barreto, que aconteceu na Subterrânea, foi uma exposição muito especial para o espaço Subterrânea, para a gente e é uma artista que tem uma contundência dentro do cenário nacional. Eu estava achando que ela fosse ganhar. Então foi muito bom por isso, por saber que foi um trabalho que teve uma visibilidade e acredito que o júri de seleção tenha percebido uma potência. Dentro do meu histórico como artista é muito recente para saber se aconteceu alguma mudança, na verdade não aconteceu, eu continuo trabalhando. Foi um trabalho que aconteceu no começo do ano passado, que a partir dele outras coisas foram pensadas, ele respingou para outros tipos de procedimentos, de composições e diálogos que eu procuro estabelecer entre os materiais. Já faz mais de um ano em relação à exposição, mas faz pouco tempo em relação à premiação e é uma premiação local, como eu falei, é mais para mostrar que tu estas indo num caminho, independente de certo ou errado, é um caminho que está sendo notado.

E como tu consideras o fato da tua exposição Duas Grandezas ter entrado na categoria de escultura? O que tu achas das categorias?

É eu acho que isso poderia ser revisto. Eu acho que as categorias podem ser um pouco mais abrangentes, porque as linguagens são muito multidisciplinares e acho que isso pode ser visto com um pouco mais de carinho. Não é mais escultura, gravura, desenho. Hoje em dia as coisas são muito misturadas, as mídias se misturam, as linguagens se misturam. Poderia ter uma categoria de escultura e uma categoria de instalação. Eu considero aquele meu trabalho como um trabalho de instalação, que tem algumas características de escultura. Assim como outras características que em outros trabalhos devem existir, tipo melhor montagem, melhor museografia. Mas é um prêmio muito jovem, então essas coisas se transformam com o tempo, assim como o trabalho, a produção de um artista, é com o tempo que as coisas vão se transformando e vão apontando as melhores direções.

17. Walmor Corrêa

Concedida no dia 19 de abril de 2010.

Artista plástico. Venceu duas categorias no II Açorianos (2008), e foi júri de seleção e premiação da terceira edição (2009).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

O Prêmio Açorianos acabou sendo um dos poucos incentivos a Cultura e ao Artista que vive na nossa região, portanto sua importância é incontestável.

Houve alguma mudança na tua carreira depois de premiado pelo Açorianos?

No estado do Rio Grande do Sul, o Prêmio Açorianos goza de boa reputação, sendo assim receber este reconhecimento teve reflexo sim sobre a minha carreira. Porém, mudança não.

E tu ganhou outros prêmios além destes?

Sim, ganhei alguns outros prêmios. E todos de alguma maneira direta ou indireta acrescentaram positivamente no meu trabalho.

E tu foste selecionado por indicação ou tu te inscreveste no II Açorianos?

Foi indicação. Em verdade, quando eu fui um dos vencedores, automaticamente fui convidado para ser júri do próximo Prêmio. Uma das coisas que comentamos quando eu fiz parte do júri no ano seguinte era justamente a possibilidade de abrir para inscrições, pois muitas instituições sequer mandam a lista das suas exposições. Em consequência, acho que é complicado conseguir selecionar tudo o que aconteceu durante o ano (para a Secretaria), então acho bastante pertinente que se possa fazer inscrição, o artista ou uma instituição que mande material das mostras que fez aquele ano para concorrer.

E tu és a favor da inscrição ou da indicação ou dos dois juntos?

Sou a favor dos dois, inscrições e indicações.

E o que tu achas do edital? Por exemplo, o fato de artistas que não são de Porto Alegre não poderem concorrer.

A idéia do Prêmio me parece ser direcionada ao artista que vive em Porto Alegre, que trabalha aqui, expõe aqui e que de alguma maneira contribuiu para a cultura local. Algumas coisas podem ser repensadas, e quem sabe esta é uma delas.

Já que tu tocaste no assunto, por exemplo, de lugares menores, tu achas que eles valorizam lugares menores no Prêmio, ou tu achas que dão mais enfoque, como neste último ano, três prêmios foram dados para a Fundação Iberê Camargo. Como tu, como júri desta edição, vês isso? Quais foram os critérios de avaliação?

Primeiro que é muito complicado ser júri, não sei nem se aceitaria outro convite para este Prêmio, por conta de tu seres um artista bem entrosado, conhecer muita gente e de muita gente não lembrar que tu és um dos seis jurados, tu dependes de outros cinco. Então, muitas vezes tu pensas em premiar um artista e não há um consenso e, evidentemente, vence a maioria. Porém, respondendo a tua pergunta, em nenhum momento percebi de nenhum dos jurados, qualquer tipo de preconceito entre a Iberê Camargo e uma galeria pequena. O que está sendo julgado e a qualidade da obra, e não necessariamente o espaço.

E o que tu achas desta premiação do último júri para pintura e escultura da Karin Lambrecht e da Elaine Tedesco sendo que as duas estavam na mesma exposição?

Qual o problema?

Quero saber, porque algumas pessoas falaram que o problema pelo fato de ser uma exposição coletiva, então como se poderia premiar um ou outro.

Neste caso que estava sendo julgado era a obra do artista, nas suas categorias, não a sua exposição. A exposição concorre em outra categoria.

E quais foram os critérios do júri para a escolha do Destaque de Publicação do Sandro Ka?

Lembro que a qualidade do projeto e a criatividade mesmo sem recursos financeiros, pesou bastante.

E o que tu achas das categorias? Tu achas que é falta de artistas e trabalhos ou problemas nas categorias mesmo que não se adéquem?

Me pergunto se nós teríamos exposições, artistas e obras com qualidade suficiente para preencher todas as categorias. Em alguns anos sim, mas não sei em todos. Mas concordo que algumas delas poderiam ser repensadas.

E tu achas que faltam projetos culturais para dar dinheiro ou bolsas?

Isso seria bem positivo. Aumentar o valor do prêmio para que se entendesse de uma vez que o artista sem verba seguramente tem mais dificuldade em apresentar um trabalho de qualidade. Quanto mais oportunidade de premiar o bom trabalho, melhor. Novas bolsas, novos prêmios seriam muito bem-vindos.

E houve cotas por nomes?

Não entendi sua pergunta.

Mas não ficou nada explícito para vocês do júri?

Comigo não.

Por que tu achas que dizem que o 3º Açorianos foi o mais polêmico?

Não se pode agradar a todo mundo.

Outra pergunta relacionada aos teus Prêmios, tu tens teu trabalho de pintura, desenho e escultura, tu achas que nesta premiação de Destaque em escultura foi certo eles escolherem uma coisa só?

Neste caso foi, a exposição que estava sendo julgada apresentava muitas esculturas.

Mas o que eu quero dizer é ser todo este conjunto, de desenhos e esculturas, como tu como um artista visual vê esta questão de te premiarem por uma parte disto?

Eu não vejo nenhum problema, em absoluto. Daí vem a mesma situação da Karin e da Elaine, o que tem uma coisa a ver com a outra?

E os homenageados? Foram vocês que escolheram ou foi a Coordenação de Artes Plásticas?

Alguns era o consenso de toda Secretaria, outros foram os jurados que acharam pertinentes, era uma forma de enaltecer um bom trabalho.

18. Zoravia Bettiol

Concedida no dia 26 de março de 2010.

Artista plástica. Foi membro do júri de seleção do I Açorianos (2007) e indicada a duas categorias no II Açorianos (2008).

O que tu achas do Prêmio Açorianos?

Eu acho que o Prêmio de Artes Plásticas chegou tarde de mais. O Prêmio de Teatro é um dos mais antigos, tem muitos anos. Eu fui uma das pessoas que lutou de mais para que a Chico Lisbôa se manifestasse, pois como representa os artistas deveria lutar. Então, eu acho que, muitas vezes aqui em Porto Alegre, em relação às Artes Plásticas, nada acontece a contento porque os artistas não tem um sentido político de reivindicação, de crítica, de luta, de denuncia. Então, se fosse uma classe mais esclarecida, se tomaria posições. E eu vejo que uma associação tem que ter sentido político. Uma associação de classe como a Chico Lisbôa deve ter, mas não tem. Sempre digo para as pessoas que são presidentes que a Chico Lisbôa não deve ser uma promotora de eventos, mais do que uma promover exposições, tem que lutar. Se os artistas plásticos têm algum problema, então que se manifeste.

Tu participaste do 1º júri de seleção. Quais eram os critérios para indicação?

Não me lembro muito, mas me lembro que para mim e acredito que para os outros, os critérios eram justos. E se não fossem, na hora eu já teria brigado, porque se não eu não estaria concordando. Eu agora fui convidada para fazer parte do júri de teatro e durante um ano o júri tem que ver 25 espetáculos. Porém, no 1º das Artes, alguns jurados não tinham visto todas as exposições. A Ana Pettini tinha visto, mais alguns dois ou três. Então, teve esta falha que o teatro já sanou. Se forem dez jurados eles vão ver tudo e como foi o 1º não foram visto todos. O ideal era ver tudo!

O júri de seleção no 1º foi completamente diferente do de premiação e agora estão se mantendo pelo menos duas pessoas iguais para cada um. Tu não quiseste participar do júri de premiação ou não foi convidada?

Só me convidaram uma vez e pronto. Me convidam seguido todos os anos para ser júri dos Histórias Curtas, porque eu gosto de cinema, gosto de muitas coisas, até de artes plásticas eu gosto! Mas eu acho que quanto mais se pode variar para os jurados, se areja mais. Quando eu morei nos Estados Unidos, eu pertencia à uma associação em São Francisco e cada mês tinha uma exposição de uma técnica e de um tema e os júris não se repetiam. Isso é a minha opinião, não acho bom. Só se tiver pouca gente capaz para julgar que tenha que ser assim, mas eu não acho que seja isso em Porto Alegre, eu não acho que precise.

E tu achas que tem pessoas que não querem participar do júri para evitar problemas?

Que coisa horrível! Que problema pode dar? Todo mundo é obrigado a se posicionar.

Tu achas que existem cotas para as premiações? Quem já ganhou uma vez, não pode ganhar mais. E tu achas que isto estaria certo?

Eu acho que tem duas situações. Melhor que varie, só que se uma pessoa é excelente e não dar o Prêmio para ela seria injusto, então pela excelência esta pessoa deveria ser premiada novamente porque os outros estariam muito abaixo. Talvez, numa situação excepcional, de diferença de nível e de qualidade. Mas eu sempre gosto das coisas mais democráticas, o jogo é bom quando todo mundo joga, defendo mais esta posição. O contrário seria mais como uma exceção e não como uma regra.

E tu achas que existem relações entre jurados e premiados que interferem nas premiações? Problemas de um campo artístico ser tão limitado que as relações pessoais interferem?

Eu acho que é ruim se isto ocorre. Sempre digo que eu posso ter um amigo maravilhoso e ser uma pessoa medíocre culturalmente e ter um inimigo que eu tenha que respeitar porque tem valor. Então para mim isto não pesa e não acredito que isto possa influenciar.

E tu concordas com todos os premiados até hoje?

Não me lembro todos para dizer. Nenhum fiquei indignada. Achei sempre correto e tenho assistido todos os anos.

E tu concordas com as categorias criadas ou achas que deveriam mudar?

Teria que ter mais! Eu até sugeri mais no 1º ano que participei. Para mim abriria um leque maior. Deveria ter para colecionador, para instalação... é péssimo isto! Eu não sei se é bom ou é ruim, mas sempre sou pelas coisas mais democráticas, mais abertas, mais amplas, apesar dos riscos, pois nada é perfeito. Prefiro que tenha mais categorias privilegiadas e isto seria um estímulo principalmente para pessoas jovens ou uma reafirmação de valor para uma pessoa que já tem uma carreira. Seria bom nos dois sentidos extremos. Logo na época, eu vi que deveria ter outras, mas a Ana Pettini disse que não poderíamos abrir tanto. Para mim quanto mais amplo é melhor, pois estimula mais e divulga mais. E como há no mundo a multiplicidade de linguagens, de categorias artísticas e de materiais, então o Açorianos tem que responder à esta situação.

E tu achas que o Prêmio ajuda no pensamento sobre artes em Porto Alegre, ou atrapalha pelas limitações da idéias sobre arte nas categorias pré-estabelecidas?

Acho que não. O que falta é a ampliação. O mundo tem uma rapidez brutal, as coisas se superam e mudam, então tem que corresponder ao entorno do mundo. E a resposta é baseada na mentalidade da gente. Por exemplo, eu tenho “500” anos e procuro ser uma pessoa aberta e

tem gente que tem “100” anos e tem a mentalidade fechada! Não se trata de ser jovem ou velho em idade, se trata da mentalidade mais receptiva para as coisas que acontece e sem medo de transformações.

O que tu achas da Coordenação de Artes Plásticas?

Este Prêmio é da Prefeitura, então precisa de uma coordenação, mas deveria ser um estatuto bem aberto. Convidar artistas que fazem performance, coisas diferentes. Eu acho que o teatro amadureceu muito e é importante que a gente também amadureça e tem que contratar pessoas para isto. É possível melhorar que seja até um evento interessante. Primeiro tem que ter vontade, depois investimento e por último as pessoas certas!

O que tu achas que falta? E quais são os problemas do Prêmio?

Já tocamos em alguns pontos: no júri e nas categorias. Eu acho que poderiam aumentar os prêmios em dinheiro! Tinha que ter mais. O lugar que tem menos prêmio em dinheiro é a artes plásticas e por quê? Os artistas não berram! Bem vulgarmente dizendo “quem não chora, não mama”. Temos que lutar e as associações também têm que lutar para isto! O que me ocorre agora, é que deveria ter mais premiações em dinheiro. Teatro, independente do Açorianos, seguido tem premiações em dinheiro. Artista plástico que recebe “medalhinhas”, honrarias e “estamos conversados”. Isto que estamos falando, deveria ser uma luta também para Chico Lisboa, para a Associação dos Escultores, dos Ceramistas e todas as que têm aqui para lutar. Se a gente não luta, não acontece. Eu sou uma que briga sempre pelas coisas, eu vivo “enchendo” as pessoas e é bom que tenham mais pessoas que “encham”, pois se não eu fico marcada, tem que ter mais gente reclamando!

